

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

**MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: ASPECTOS CULTURAIS
IRRENUNCIÁVEIS DE COMUNIDADES DO ENTORNO
DA LAGUNA - 2000 À 2011**

Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Florianópolis, novembro de 2011.

LAÉRCIO VITORINO DE JESUS OLIVEIRA

**MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: ASPECTOS CULTURAIS
IRRENUNCIÁVEIS DE COMUNIDADES DO ENTORNO
DA LAGUNA - 2000 À 2011**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof^a. Dra. Maristela Fantin e co-orientação, prof^o Dr. Juarez da Silva Thiesen

Florianópolis, novembro de 2011.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

**MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: ASPECTOS CULTURAIS
IRRENUNCIÁVEIS DE COMUNIDADES DO ENTORNO
DA LAGUNA - 2000 À 2011**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof^ª. Dra. Maristela Fantin e co-orientação, prof^º Dr. Juarez da Silva Thiesen

**APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 23 de
novembro de 2011**

Dra Maristela Fantin (UFSC – Orientadora)

Dr. Juarez da Silva Thiesen (UFSC – Co-orientador)

Dr. Carmo Thum – (UFRG)

Dra Telma Anita Piacentini (UFSC)

Dr. Reonaldo Manoel Gonçalves (SME – PMF)

**Prof. Dr. _____
Coordenador PPGE/CED/UFSC**

Florianópolis, novembro de 2011.

*Dedico essa dissertação aos meus quatro filhos:
Laís, Alberto, Clara e Lara.
Também a minha esposa Albertina.
Meus eternos amores.*

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho de minha altura...*

Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela existência e permanência nesse mundo, participando desta obra maravilhosa que é a vida.

À minha mãe Nininha, que sozinha não mediu esforços em sua máquina de costura para me dar estudo. Sempre sonhou em ter um filho estudado, que “falasse bonito”.

À minha esposa Albertina, pelos incentivos, pelo carinho e principalmente pela compreensão nas horas ausentes.

Aos meus quatro filhos, Laís, Alberto, Clara, Lara, que tornam a vida mais leve, mais brincante, mais amorosa.

À professora Dra. Maristela Fantin, minha orientadora, pela paciência, pelos caminhos propostos, pelos puxões de orelha, mas principalmente, pela amizade e acolhida. “Obrigado por ter me mostrado outro jeito de se fazer educação. Seus ensinamentos jamais serão esquecidos”.

Ao co-orientador, professor Dr. Juares da Silva Thiesen, pelo seu jeito simples e amigo de orientar. Paciente, sem pressa, motivador, sempre com uma palavra amiga, me aquietava nos momentos de desesperança diante das dificuldades com o texto.

Aos professores Drs. Reonaldo Gonçalves e Carmo Thum por aceitarem participar da banca de defesa desta dissertação. Também a professora Dra. Telma Anita Piacentini que por razões de saúde não pode estar presente na banca, mas sempre se mostrou muito presente na minha caminhada enquanto mestrando, grande incentivadora deste trabalho.

Aos professores, Dr. Reonaldo Gonçalves e Dra. Ana Maria Borges de Sousa, que participaram da banca de qualificação, orientando, propondo leituras, fazendo com que eu acreditasse que o mestrado era uma realidade.

Aos professores da universidade que trilharam meu caminho enquanto mestrando. Em especial a professora Ana Maria Borges de Sousa, a nossa querida Ana Baiana, pelos colos nos momentos de desespero, quando achava que não daria conta do texto, pelo carinho e ensinamentos sempre apaixonantes em seu jeito simples de ser e de educar. Também, meus sinceros agradecimentos a professora Dra. Lúcia S. Hardt, que me desestabilizou, que me ensinou a trilhar pelas entrelinhas da educação.

As minhas eternas amigas Rose e Patrícia, companheiras de caminhada. Quanta doçura, quantas risadas, quantas dicas, quantos momentos de aprofundamento nas questões da educação.

Ao Grupo Pandorga, por ter me ensinado a olhar a educação a partir dos pequenos, a provocar pequenas revoluções, a acreditar no outro.

Ao NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) da UFSC, em especial, ao professor Joi Cletison, por ensinar-me a dançar, cantar e me encantar pela cultura açoriana. “A você Joi, meu respeito, minha admiração e meu muito obrigado por tudo que tens proporcionado a mim e ao Grupo de Cultura Casa da Dindinha”.

Ao Peninha, responsável por eu estar no mestrado da UFSC. Tudo começou nele, quando conheceu nosso trabalho em 2006 no 13º Açor em Laguna. Minha profunda gratidão a esse incansável batalhador das causas da cultura açoriana.

Aos padres e seminaristas dos seminários teológicos de Tubarão e Criciúma pela acolhida aqui em Florianópolis, em especial aos padres Onécimo e Ademir, amigos de peito de longa data e também ao Pe. Pedro Paulo que me acolheu nos últimos tempos.

Ao Pe. Ednei, amigo desde adolescência e que no mestrado pode me ajudar no momento que mais precisei dele. “Muito obrigado”.

Aos educadores e educandos da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem, minha escola, que torceram por mim, que se alegraram comigo a cada etapa.

Aos velhos do distrito *do* Ribeirão Pequeno, pois sem eles, nada teria acontecido. Minha eterna gratidão, a cada velho, a cada velha, os verdadeiros mestres desta conquista.

Aos jovens e as jovens participantes do Grupo de Cultura Casa da Dindinha, filhos adotivos conquistados na caminhada de educador.

A Pauline que por mais uma vez abraçou minha causa e revisou o texto, sem querer nada em troca, apenas compartilhar o sonho de um sonhador. “Lembrar de você é lembrar-se de tudo que há de bom num ser humano”.

A Cleide, ex-aluna, que durante a etapa final do mestrado, com jeito meigo, paciente, me orientou como trabalhar com as novas tecnologias.

A todos e a todas que não foram citadas aqui, mas que de alguma forma participaram da concretude deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho apresenta a história de uma experiência educativa realizada na Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem, que atende o distrito do Ribeirão Pequeno, interior de Laguna, Santa Catarina, no período de 2000 a 2011. Alunos do Ensino Fundamental (séries finais) e Ensino Médio, a partir da disciplina de História, em torno dos saberes escolares, desenvolvem um trabalho em favor da cultura local procurando identificar, registrar e valorizar aspectos dessa cultura- de base açoriana- através de diálogos provocados pelo professor entre os velhos do entorno escolar, com suas memórias e experiências, e os jovens estudantes seduzidos pela modernidade.

Na pesquisa, confere-se centralidade aos diálogos que foram acontecendo entre os sujeitos envolvidos, à medida que os projetos “Memória: um patrimônio irrenunciável” e “Grupo de Cultura Casa da Dindinha” foram sendo desenvolvidos. Esse processo tem conferido uma reflexão sobre a cultura local.

Destaca-se que os fragmentos dessa cultura contada pelos velhos foi o ponto forte da experiência educativa. São as falas dos velhos que revelam o potencial de uma cultura vivida com intensidade, mas silenciada por pressão da visão neoliberal imposta pelo sistema capitalista que procura globalizar a cultura. Foram anos de intensa pesquisa junto a mais de oitenta velhos entrevistados, indo e vindo, procurando aprofundar suas falas.

O trabalho contempla três capítulos. No primeiro, descreve-se toda essa caminhada que culmina com a publicação de um livro, relatando fragmentos da cultura local e a formação do Grupo de Cultura Casa da Dindinha que através da dança, da cantoria, de oficinas e de um museu itinerante procura divulgar e cultivar essa cultura no distrito, no município e no litoral catarinense. No segundo capítulo descreve-se os fragmentos dessa cultura contada exaustivamente aos alunos percorrendo histórias que vão desde o nascer até o morrer do homem e da mulher desta terra. No terceiro capítulo descreve-se o lugar de onde parte a pesquisa. A intenção é situar geograficamente a cidade e o distrito em seus aspectos naturais, político, sócio-culturais, histórico, infraestrutura, passando pelas relações de trabalho, de gênero e também pela pirâmide etária para entender o processo de construção da cultura local e o processo migratório que é fortíssimo no distrito, trabalho fundamentado metodologicamente na pesquisa qualitativa.

Desse modo, o trabalho foi tecendo diálogos entre os velhos e os jovens estudantes de uma escola pública sobre o sentimento de pertença do

lugar de vivência, criando possibilidades de se repensar ações educativas no interior da escola e em seu entorno, objetivando a valorização das culturas desse lugar e proporcionando-me entender o processo dessa experiência educativa à luz de autores como Paulo Freire e Ecléa Bosi.

Palavras chaves: memória, experiência, educação e cultura popular

RIASSUNTO

Questo lavoro presenta la storia di una esperienza educativa realizzata, dal 2000 al 2011, nella “Escola de Educação Básica Manoel de Bem”, che svolge le sue attività nel villaggio di Ribeirão Pequeno nella periferia di Laguna, Santa Catarina. Alunni dello “Ensino Fundamental” (periodo finale) e “Ensino Médio”, tenendo come punto di partenza la disciplina di Storia sulle conoscenze scolari, svolgono un lavoro in beneficio della cultura locale, cercando di identificare, registrare e valorizzare aspetti della cultura proveniente dalle isole Azzorre, attraverso dialoghi verificati dal insegnante fra le persone anziane abitanti nell’intorno della scuola, con le loro memorie e esperienze, e i giovani studenti sedotti dalla modernità.

Nella ricerca furono focalizzati i dialoghi svolti fra i soggetti coinvolti, man mano che i progetti “Memória um patrimônio irrenunciável” e “Grupo de Cultura Casa da Dindinha” vennero svolti, questo processo ha conferito una riflessione sulla cultura locale.

Viene sottolineato che i frammenti di questa cultura raccontata dagli anziani fu il punto forte della esperienza educativa. Infatti sono i racconti degli anziani che rivelano il potenziale di una cultura vissuta con intensità, ma silenziata per pressione della visione neoliberale imposta dal sistema capitalista che cerca di globalizzare la cultura. Furono anni di intensa ricerca presso più di ottanta intervistati, in un continuo via vai, cercando di approfondire le loro informazioni.

Il lavoro comprende tre capitoli. Nel primo viene descritto tutto questo cammino che culmina con la pubblicazione di un libro rilatando frammenti culturali locali e la formazione del “Grupo de Cultura Casa da Dindinha che attraverso la danza, le canzoni, officine culturali specifiche e di un museo itinerante, cerca di difondere e coltivare questa cultura nella comunità locale, nella città e nella costa “catarinense”. Nel secondo capitolo vengono descritti i frammenti di questa cultura raccontata esaurientemente agli alunni in un percorso di storie che contemplano l’uomo e la donna dalla nascita alla morte. Nel terzo capitolo viene descritto il luogo da dove parte la ricerca. L’intenzione é situare geograficamente la città e la comunità nei suoi aspetti naturali, politico, socio-culturale, storico, strutturale, passando per i rapporti di lavoro, di genere e anche di età per capire il processo di costruzione della cultura locale ed il processo migratorio che è fortissimo nella comunità, lavoro fondamentato metodologicamente nella ricerca qualitativa.

In questo modo, il lavoro a intrecciato dei dialoghi fra anziani ed giovani studenti di una scuola pubblica sul sentimento di appartenenza al luogo dove vivono, creando possibilit  di si ripensare azioni educative all'interno della scuola e nel suo intorno, tenendo come scopo la valorizzazione delle culture di questo luogo e permettendomi di capire il processo di questa esperienza educativa a partire di autori come Paulo Freire e Ecl a Bosi.

Le parole chiavi sono: memoria, esperienza, educazione e cultura popolare.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 - Alunos <i>do</i> Ribeirão Grande mostrando, segundo eles, os lugares mais significativos da comunidade, dignos de serem filmados e fotografados. 2000.....	57
ILUSTRAÇÃO 2 - Alunos da Madre mostrando o sambaqui da comunidade. Orgulhosos pelo local tentavam achar objetos deixados pelos ancestrais. 2000.....	57
ILUSTRAÇÃO 3 - Alunos <i>da</i> Figueira mostrando uma nascente de água, digno de ser filmado. 2000	58
ILUSTRAÇÃO 4 - Preparação da Feira Cultural Histórica. Caçamba cedida pela prefeitura para transportar os móveis e objetos antigos. 2001	63
ILUSTRAÇÃO 5 - Entre organização e execução da Feira passou-se uma semana, pois só na organização montamos seis casas contendo: sala, cozinha, quarto, paiol, além de uma capela, uma sala do meio ambiente e o refeitório que recebeu os meios de transporte da época. 2001.....	64
ILUSTRAÇÃO 6 - Nosso primeiro contato com a dança açoriana. Tínhamos apenas um CD com a música. A coreografia foi inventada baseada nos passos da dança portuguesa. 2001	66
ILUSTRAÇÃO 7 – Demonstração de uma capoeira. Os próprios alunos organizaram a apresentação. Pela primeira vez o povo local presenciava a dança da capoeira inspirada na cultura negra. 2001	67
ILUSTRAÇÃO 8 - A professora de português ficou encarregada de encenar a lenda da procissão dos mortos. 2001.....	68
ILUSTRAÇÃO 9 - Exemplo de maquete construída pelos alunos. 2001	69
ILUSTRAÇÃO 10 - Pirâmide etária da comunidade da Figueira. Anos de 2000 e 2001	69
ILUSTRAÇÃO 11 - Aluna expondo aos visitantes o quarto de uma casa antigamente. 2001	70
ILUSTRAÇÃO 12 - Alunas apresentando os pratos típicos da culinária açoriana. Ao fundo o varal de peixe e carne seca. 2001.....	71
ILUSTRAÇÃO 13 - Praticamente em todas as casas havia um paiol que servia para guardar ferramentas e até mesmo alimentos. 2001	72

ILUSTRAÇÃO 14 - Exemplo de alguns brinquedos que eram confeccionados pelas próprias crianças ou por seus adultos. 2001.....	73
ILUSTRAÇÃO 15 - Senhoras na observância do seu passado através de pessoas, cenas e cenários retratados nas fotos antigas. 2001	74
ILUSTRAÇÃO 16 - Pannel de fotos antigas das comunidades e ao lado o histórico (biografia) de dez personalidades (pessoas que se fizeram história) por comunidade. 2001	75
ILUSTRAÇÃO 17 - Sobre a mesa às biografias e acima a foto dos homenageados. Comunidade <i>do</i> Parobé. 2001.	76
ILUSTRAÇÃO 18 - Capela com a presença de todos os padroeiros, além de objetos, apartamentos e fotos antigas das comunidades. 2001 .	77
ILUSTRAÇÃO 19 - Os meios de transporte tradicionais da época: carro de boi, canoa a vela de um pau só, carretão, etc. 2001	78
ILUSTRAÇÃO 20 - Livro contendo os principais trabalhos premiados, entre eles os que tiraram em primeiro lugar, divididos em categorias. Nós ganhamos na categoria memória. 2004	85
ILUSTRAÇÃO 21 - Dona Benta é essa primeira senhora da esquerda para a direita olhando para frente e com o livro ao colo. Foto tirada no dia do lançamento do livro. 2010.....	88
ILUSTRAÇÃO 22 - Filmagem das lavadeiras de cachoeira para o Programa Nossa Terra Nossa Gente da TVBV. 2005.....	91
ILUSTRAÇÃO 23 - Homenagem que recebemos do Rotary Club pelos trabalhos realizados em prol da cultura Lagunense. 2005	91
ILUSTRAÇÃO 24 - Organizando o estande. 2006.....	92
ILUSTRAÇÃO 25 - Visitação a exposição. 2006	93
ILUSTRAÇÃO 26 - Apresentação dos alunos com o museu Casa da Dindinha no 13º Açor que se realizou em Laguna. 2006.....	93
ILUSTRAÇÃO 27 - Um dos momentos mágicos da nossa participação no 13º Açor. Do nada, ouvimos uma cantoria antiga vinda dessa senhora de Garopaba. Sem pedir licença, movida pela memória, tomou as taquaras nas mãos e começou a bater o algodão enquanto cantava. Todos pararam para apreciar e ela mergulhada nas suas lembranças, não via que todos os admiravam. Quando parou foi aplaudida. 2006	94
ILUSTRAÇÃO 28 - Curso de dança açoriana oferecido pela prefeitura municipal de Laguna aos integrantes do novo Grupo de Cultura que estava se formando. 2007.....	95

ILUSTRAÇÃO 29 - A cada semana uma professora da escola que mora no centro da cidade ficou encarregada de oferecer um almoço aos alunos em curso. 2007	95
ILUSTRAÇÃO 30 - Grupo de Cultura Casa da Dindinha recebendo o troféu Açorianidade do NEA, na categoria Escola, pelos trabalhos prestados a cultura açoriana em Santa Catarina. Governador Celso Ramos SC. 2007.....	96
ILUSTRAÇÃO 31 - Alunas da comunidade da Madre apresentando o Pão por Deus. 2007	98
ILUSTRAÇÃO 32 - Alunos da comunidade <i>do</i> Ribeirão Grande representando uma serenata. 2007.....	99
ILUSTRAÇÃO 33 - Bandeira do Divino da comunidade <i>do</i> Ribeirão Pequeno com a participação dos alunos. 2007	100
ILUSTRAÇÃO 34 - Bloco carnavalesco apresentando pelos alunos do terceiro, ensaiados pela dona Benta, carnavalesca da comunidade <i>do</i> Ribeirão Pequeno, na época com seus 93 anos. 2007	100
ILUSTRAÇÃO 35 - Apresentação do Zé Pereira com a participação dos jovens estudantes e seus pais. 2007.....	101
ILUSTRAÇÃO 36 - Representação de um Terno de Reis de moças da comunidade <i>da</i> Figueira. 2007	102
ILUSTRAÇÃO 37 - Apresentação de um pau de fita cantado em época de carnaval ensaiado e cantado pelo Seu Braz da comunidade <i>da</i> Figueira. 2007	102
ILUSTRAÇÃO 38 - Da esquerda para a direita de amarelo aparece dona Bebê com seus oitenta anos, senhora que ensaiou os alunos as danças do chimango e da ratoeira e no meio tirando o último verso o seu Braz. 2007.....	104
ILUSTRAÇÃO 39 - Participação dos índios da Aldeia Mybiã de Imaruí na Festa da Cultura. 2007.....	105
ILUSTRAÇÃO 40 - Participação especial do Grupo Arco de dança açoriana de Biguaçu - SC na Festa da Cultura. 2007	106
ILUSTRAÇÃO 41 - Primeira apresentação do Grupo de Danças Casa da Dindinha na Festa da Cultura. 2007	107
ILUSTRAÇÃO 42 - Os velhos homenageados no do lançamento do livro “Memória: Um Patrimônio Irrenunciável. Comunidades do distrito <i>do</i> Ribeirão Pequeno por terem participado com suas memórias e experiências na produção do livro. 2010.....	110

ILUSTRAÇÃO 43 - Cada velho, cada velha foi presenteada com um livro. 2010.....	111
ILUSTRAÇÃO 44 - A comunidade prestigiando o evento. 2010	111
ILUSTRAÇÃO 45 - Mesa farta com a culinária da região. A maior parte presenteada pelas pessoas do distrito que fizeram questão de doar bolos, queijo, biju, cuscuz, café, leite, frutas, etc. 2010	112
ILUSTRAÇÃO 46 - Desfile do dia 07 de setembro com alguns membros do Grupo de Cultura Casa da Dindinha. 2007.....	115
ILUSTRAÇÃO 47 - Apresentação do Grupo no FECAP (Festa da Cultura Açoriana de Palhoça SC) no dia 29 de outubro de 2011.....	116
ILUSTRAÇÃO 48 - Parte do grupo na apresentação da encenação “República em Laguna” que acontece todos os anos na cidade com a presença de atores da Rede Globo. Na foto a presença da atriz Adriana Birolli. 2010	117
ILUSTRAÇÃO 49 - Parte do grupo na apresentação da encenação “República em Laguna” com a presença de atores da Rede Globo. Na foto a presença dos atores Murilo Rosa e Nanda Costa. 2011	117
ILUSTRAÇÃO 50 - Apresentação do Grupo na XXX Semana Cultural de Laguna em 2011	118
ILUSTRAÇÃO 51 - Mosaico mostrando os alunos representando as atividades de trabalho do tempo dos avôs. 2011	119
ILUSTRAÇÃO 52 - Apresentação do museu na Festa de Santo Antônio no centro histórico da cidade em 2008.....	122
ILUSTRAÇÃO 53 - Mesa com os pratos típicos da região no 13º Açor – Laguna 2006.....	123
ILUSTRAÇÃO 54 - Alunos apresentando o museu Casa da Dindinha no 13º Açor – Laguna SC - 2006.	124
ILUSTRAÇÃO 55 - Espaço dedicando aos brinquedos confeccionados pelas próprias crianças ou por seus adultos. Açor – Laguna – SC- 2006	124
ILUSTRAÇÃO 56 - Exposição da Casa da Dindinha no 14º Açor em Governador Celso Ramos SC. - 2008.	125
ILUSTRAÇÃO 57 – Alunos ressignificando a mão do pilão. Açor – Laguna SC - 2006.	126
ILUSTRAÇÃO 58 - Participante do grupo ensinando como se faz balaio.	127

ILUSTRAÇÃO 59 - Mãe e um aluno do grupo participando da oficina de tear oferecida pelo Grupo de Cultura Casa da Dindinha em parceria com a EPAGRI e TRACTEBEL – 2011	127
ILUSTRAÇÃO 60 - Tocata no FECAP (Festa da Cultura Açoriana de Palhoça) Palhoça SC – 2011	128
ILUSTRAÇÃO 61 - Exemplo típico de famílias numerosas na região. Aqui representada por filhos que vão casando e permanecem próximas aos pais. Constroem a suas casas nas terras do pai e continuam trabalhando junto. Na foto uma família de origem alemã.	139
ILUSTRAÇÃO 62 – As duas parteiras mais requisitadas do distrito. Conseguimos reuni-las na Feira Cultural Histórica de 2001. À esquerda dona Moraci e a direita dona Tereza. Ambas se fizeram história no distrito. Dona Moraci tem em seu colo a maletinha contendo tudo que precisava para realizar o parto com segurança.	143
ILUSTRAÇÃO 63 - A grande maioria das pessoas do nosso distrito não tem foto de quando pequenas. Era raro passar um fotógrafo e quando passava, nem todos tinham dinheiro para pagá-las. Para tirar “retrato”, os mais “endinheirados” iam até o Foto Bacha em Laguna.	147
ILUSTRAÇÃO 64 - Além de termos um exemplo típico de uma família do distrito, dá para observar as roupas que estão usando: os homens sempre de “fatiota” e chapéu sobre a cabeça, e as mulheres de vestido.	148
ILUSTRAÇÃO 65 - Através desta foto dá para se ter uma dimensão da quantidade de crianças que havia nas comunidades do distrito. Hoje, a multisseriação ou nucleação das escolas é a solução para a diminuição brusca do número de crianças nas últimas décadas. Na foto, crianças de uma única escola da comunidade <i>do Parobé</i>	150
ILUSTRAÇÃO 66 - Fotos antigas da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem <i>do Ribeirão Pequeno</i>	159
ILUSTRAÇÃO 67 - Moças da década de 40, 50.	176
ILUSTRAÇÃO 68 - Esta foto nos dá a noção da moda da época.	178
ILUSTRAÇÃO 69 - Antigo Clube Vera Cruz da comunidade <i>do Parobé</i> construído em estilo arquitetônico arte-decor	180
ILUSTRAÇÃO 70 - Jovens da década de 60. Ao fundo Pe. Carlos Wechi	181
ILUSTRAÇÃO 71 - Casamento típico da década de 60 no distrito <i>do Ribeirão Pequeno</i>	182

ILUSTRAÇÃO 72 - Pereira na comunidade <i>do</i> Parobé. Observe que os rostos são cobertos e que não há a intenção de se parecerem com as mulheres.....	185
ILUSTRAÇÃO 73 - Alunos apresentando um o bloco carnavalesco “Mexicano” de dona Benta <i>do</i> Ribeirão Pequeno que ensaiou os alunos com seus mais de noventa anos.....	187
ILUSTRAÇÃO 74 - Esta foto trata-se de um bloco carnavalesco da década de 50 na comunidade <i>do</i> Parobé. Eles estão se encaminhando para o salão.	188
ILUSTRAÇÃO 75 - Boi-de-mamão da comunidade <i>do</i> Ribeirão Pequeno.....	191
ILUSTRAÇÃO 76 - Bandeira do Divino Espírito Santo da comunidade <i>do</i> Ribeirão Pequeno na década de 50.....	195
ILUSTRAÇÃO 77 - As crianças com as bandeiras e o pedinte com a sacolinha nas mãos.....	196
ILUSTRAÇÃO 78 - Festa junina – década de 60.....	206
ILUSTRAÇÃO 79 – Brincadeira do boi na vara - Escolhia-se um boi bravo e deixava-se preso por uns dias para que ficasse enraivado e com pouca alimentação. Parobé.....	207
ILUSTRAÇÃO 80 - Foto que dá a dimensão da quantidade de crianças que havia em cada comunidade. Hoje, há comunidades que levam de dois a três anos para realizar a primeira comunhão por falta de crianças.	208
ILUSTRAÇÃO 81 - Fotos muito antigas que mostram a primeira comunhão.....	210
ILUSTRAÇÃO 82 - Primeira comunhão. Fotos que demonstram a religiosidade do povo do distrito <i>do</i> Ribeirão Pequeno	211
ILUSTRAÇÃO 83 - Frente da antiga Igreja Católica <i>do</i> Ribeirão Pequeno. Ao lado a Casa Paroquial onde o padre ficava durante as visitas a comunidade	212
ILUSTRAÇÃO 84 - Festividades da primeira missa celebrada pelo padre Carlos Wechi em sua comunidade no dia 14 de julho de 1963.	213
ILUSTRAÇÃO 85 - Seu Juca <i>do</i> Morro Grande trabalhando numa canoa de um pau só	218
ILUSTRAÇÃO 86 - Exemplo de barco de convés. Este se chamava Fortaleza e acabou abandonado na curva do rio Parobé. Por muitos anos ainda se observava parte desta canoa semi enterrada no lodo.....	218

ILUSTRAÇÃO 87 - Casa de descascação de camarão do Sr. Claesdino no Parobé.....	220
ILUSTRAÇÃO 88 - Exemplo de uma emenda. Observe que os canoieiros cercam um determinado local com suas redes e aí vão tarrafeando. O pescado é dividido entre todos, sendo que o dono da emenda leva a parte maior.....	221
ILUSTRAÇÃO 89 - Forneando. Trabalho que exigia e exige muita técnica, muito conhecimento.....	223
ILUSTRAÇÃO 90 - Lavadeiras de cachoeira <i>do Ribeirão Pequeno</i> ..	225
ILUSTRAÇÃO 91 - Seu Pedoca e a pesca de bagre no rio Tubarão. .	229
ILUSTRAÇÃO 92 - Dona Maura e a feira no centro da cidade	230
ILUSTRAÇÃO 93 - Mosaico mostrando as mulheres em diversas atividades.....	237
ILUSTRAÇÃO 94 - Durante décadas, esse foi o principal meio de transporte no distrito.....	239
ILUSTRAÇÃO 95 - Mapa localizando o distrito <i>do Ribeirão Pequeno da Laguna</i>	255
ILUSTRAÇÃO 96 - Mapa localizando Laguna no Estado de Santa Catarina	259
ILUSTRAÇÃO 97 – Mapa localizando algumas praias do município de Laguna.....	261
ILUSTRAÇÃO 98 - Principais pontos turísticos da Laguna	263
ILUSTRAÇÃO 99 - Comunidade da Madre.....	273
ILUSTRAÇÃO 100 - Comunidade <i>do Ribeirão Grande</i>	275
ILUSTRAÇÃO 101 - Comunidade <i>do Ribeirão Pequeno</i>	275
ILUSTRAÇÃO 102 - Comunidade <i>do Parobé</i>	276
ILUSTRAÇÃO 103 - Comunidade <i>da Figueira</i>	278
ILUSTRAÇÃO 104 - Comunidade <i>do Morro Grande</i>	278
ILUSTRAÇÃO 105 - Trabalhando com os alunos a cultura sambaquiana	280
ILUSTRAÇÃO 106 - A família de dona Délcia: seus pais e seus irmãos. Ela está no centro de fitinha no cabelo.....	293
ILUSTRAÇÃO 107 - Família do seu Paulo Perito	295

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	29
CAPÍTULO 1.....	47
SABERES COMPARTILHADOS:O ENCONTRO ENTRE OS VELHOS E OS JOVENS ESTUDANTES.....	47
1.1. SAUDADES	51
1.2. COMO ESSES SABERES FORAM SENDO COMPARTILHADOS NO DECORRER DO PROJETO “MEMÓRIA: UM PATRIMÔNIO IRRENUNCIÁVEL. COMUNIDADES DO DISTRITO <i>DO RIBEIRÃO PEQUENO DA LAGUNA</i> ”.....	54
1.2.1. Olhares sobre a realidade	54
1.2.2. A Feira Cultural Histórica	61
1.2.3. Novas pesquisas fundamentadas na oralidade.....	80
1.2.4. Festa da premiação Tesouros do Brasil.....	83
1.2.5. A Festa da Cultura.....	97
1.2.6. Festa do lançamento do livro “Memória. Um Patrimônio Irrenunciável. Comunidades do distrito <i>do Ribeirão Pequeno da Laguna</i>	109
1.3. GRUPO DE CULTURA CASA DA DINDINHA.....	114
1.3.1. Grupo de dança:	115
1.3.2. Museu Itinerante Casa da Dindinha:	121
1.3.3. Grupo de Oficineiros:.....	126
1.3.4. Grupo de cantadores:.....	128
1.3.5. Grupo de Palestrantes:.....	128
CAPÍTULO 2.....	133
OS SABERES DOS VELHOS	133
2.1. O QUE NOS FALAM DA INFÂNCIA	138
2.1.1. O nascimento dos bebês	141
2.1.2. As crianças	149
2.2. O QUE NOS FALAM DA ESCOLARIZAÇÃO.....	158
2.2.1. Contando um pouco da história da escolarização no distrito	158
2.2.2. O dia a dia na Escola	161
2.2.3. A escola a partir da Experiência Educativa.....	163

2.3. O QUE NOS FALAM DA JUVENTUDE.....	174
2.3.1. A adolescência	174
2.3.2. O namoro	176
2.3.3. O casamento.....	181
2.3.4. O carnaval, os pereira e os blocos carnavalescos.....	182
2.3.5. O Terno de Boi e o Boi de Mamão	188
2.3.6. Os Ternos de Reis e o Reisado.....	192
2.3.7. A Bandeira do Divino	193
2.3.8. A Serenata.....	196
2.3.9. Outras formas de divertimento: A Ratoeira, o Pão por Deus, o Abeçário, a Décima e os Pasquins	199
2.4. O QUE NOS FALAM SOBRE A RELIGIOSIDADE	207
2.5. O QUE NOS FALAM DA ALIMENTAÇÃO.....	213
2.6. O QUE NOS FALAM DA ECONOMIA DO DISTRITO.....	216
2.6.1. Economia do distrito <i>do</i> Ribeirão Pequeno por comunidade	228
2.6.1.1. Madre e Cortiçal.....	228
2.6.1.2. Ribeirão Grande	229
2.6.1.3. Ribeirão Pequeno.....	231
2.6.1.4. Parobé	233
2.6.1.5. Ponta do Daniel e Figueira.....	233
2.6.1.6. Morro Grande:	234
2.6.2. O trabalho.....	235
2.7. O QUE NOS FALAM SOBRE OS MEIOS DE TRANSPORTES	238
2.8. O QUE NOS FALAM SOBRE OS CHÁS E AS BENZEDEIRAS	243
2.9. O QUE NOS FALAM SOBRE AS SUPERSTIÇÕES E AS HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÕES	247
CAPÍTULO 3	255
A HISTÓRIA DO DISTRITO <i>DO</i> RIBEIRÃO PEQUENO DA LAGUNA	255
3.1. QUE LUGAR É ESSE?	255
3.1.1. Começando <i>pela</i> Laguna.....	259
3.1.2. O distrito <i>do</i> Ribeirão Pequeno <i>da</i> Laguna	267

3.1.3. As comunidades	269
3.1.4. O nome das comunidades.....	272
3.2. COMO FOI A OCUPAÇÃO DESSE LUGAR?	279
3.2.1. Os primeiros a chegarem.....	280
3.2.2. A chegada do homem branco	284
3.2.2.1. Os vicentinos	284
3.2.2.2. Os açoriano-madeirenses.....	286
3.2.2.3. Os imigrantes europeus	290
3.2.2.3.1. Os poloneses.....	290
3.2.2.3.2. Os alemães.....	291
3.2.2.3.3. Os italianos	293
3.2.3. Os negros.....	298
3.3. COMO SE DISTRIBUI ESSA POPULAÇÃO NESSE LUGAR?	300
CONSIDERAÇÕES FINAIS	307
BIBLIOGRAFIA.....	315
ANEXOS.....	325

INTRODUÇÃO

Todos os povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam. A dança do povo é cultura. A música do povo é cultura, como cultura é também as formas como o povo cultiva a terra. Cultura é também a maneira como que o povo tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar, enquanto trabalha (...). Cultura são os instrumentos que o povo usa para produzir. Cultura é a forma como o povo entende e expressa o seu mundo e como o povo se compreende nas suas relações com o seu mundo. Cultura é o tambor que soa pela noite adentro. Cultura é o ritmo do tambor. Cultura é a ginga dos corpos do povo ao ritmo dos tambores. (FREIRE, 1997, P.75-76).

O povo do distrito *do*¹ Ribeirão Pequeno expressa o seu mundo através da cultura. É sobre a valorização da cultura local dos quase dois mil moradores desse minúsculo cantinho de Santa Catarina do Brasil que trato nesta dissertação. Trata-se de um lugar igual a todos os lugares deste país diverso, mas com suas particularidades, com seus cheiros, suas cores, seus sabores, seus ritmos e ritos.

A proposta desta pesquisa² consiste em descrever e compreender a trajetória de uma experiência educativa a partir de várias atividades de aprendizagem³ que desenvolvo numa escola pública a partir da

¹ Faz parte da cultura local, a utilização de expressões do tipo: “vou *na* Laguna” e não “vou *em* Laguna”; “Sou *da* Laguna” e não “Sou *de* Laguna”. Portanto, por opção, em toda a dissertação utilizarei as expressões: “*na*”, “*da*”, “*do*”. São expressões que envolvem posse do lugar, forma carinhosa, íntima, familiar de falar do lugar de existência. São termos fortes que nos dão um sentido de pertencimento, de apropriação do lugar. A escola procura corrigir os alunos dizendo que “o português não está correto”. Eu, pelo contrário, faço questão de falar com esses termos.

² Este trabalho está vinculado à linha de pesquisa Educação e Movimentos Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC e dos fazeres e saberes adquiridos a partir dos cursos realizados de aprofundamento da Proposta Curricular de Santa Catarina e da minha participação desde 2007, no Grupo Pandorga, grupo de pesquisa e extensão do CED, UFSC. Nesse espaço de pesquisa, de diálogos, fui me aproximando, dialogando com o pensamento de Paulo Freire, no qual me sinto ainda um aprendiz, mas com quem busco dialogar com maior profundidade neste trabalho.

³ Entendo que “é condição para uma atividade de aprendizagem que aquele que aprende (o aluno) tenha um motivo para aprender, veja uma finalidade em aprender e sinta uma relação do aprendido com a sua vida”. Ver: SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Tempo de aprender: subsídios para as classes de aceleração de aprendizagem nível 3 e para toda a escola. Florianópolis: DIEF, 2000, p. 17.

disciplina de história, envolvemos jovens estudantes e velhos do distrito através de diálogos profundos sobre a cultura local. Esses diálogos buscam a valorização cultural desse lugar a partir de três eixos, os quais serão apresentados em três capítulos distintos denominados: 1. Saberes compartilhados: o encontro entre os velhos e os jovens estudantes; 2. Os saberes dos velhos e capítulo; 3. A história do distrito *do* Ribeirão Pequeno da Laguna.

Buscamos compreender os diálogos que foram provocados pelas ações nesses mais de dez anos de caminhada com os sujeitos envolvidos: os velhos da comunidade que partilham com os jovens estudantes suas memórias e experiências sobre a cultura local, sobre a história cultural do distrito.

A pesquisa, portanto, parte dessa experiência educativa que é desenvolvida na Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem, localizada na comunidade *do* Ribeirão Pequeno, distrito que leva o mesmo nome, interior *da* Laguna, desde o ano 2000, envolvendo os velhos, os jovens estudantes do Ensino Fundamental - séries finais - e Ensino Médio, e os profissionais da Escola - professores, equipe gestora, merendeira e servente -, que participaram, ora superficialmente, ora ativamente, das atividades propostas. Além disso, pessoas do entorno escolar do distrito partilharam do diálogo sobre a valorização da cultura local.

A motivação que me levou a tematizar e escrever sobre essa experiência educativa, numa tentativa de releitura dessa caminhada de mais de dez anos, é teorizar essa experiência trazendo Paulo Freire e Ecléa Bosi para dialogarmos sobre essa caminhada.

Nesses mais de dez anos de projeto, vou trilhando pelos caminhos da educação e da cultura. Diria que esse trabalho,

(...) que alia educação e cultura, está pautado na valorização, na revitalização e no fortalecimento da cultura popular presente nessas comunidades (...) como práticas educativas de saber-fazer, saber-brincar, saber festejar, saber-contar. (GUERRERO, 2008, p. 7).

POR UMA CULTURA DO PIRÃO COM PEIXE - TEMPO DE PROVOCAÇÃO

No decorrer de minha atuação como professor desse estabelecimento de ensino, fui percebendo que havia dois tempos distintos: um tempo dentro da escola e outro fora dela. Essa dicotomia

entre escola e a vivência da comunidade foi me inquietando, provocando mudanças profundas no meu jeito de ser educador.

O que me fez mudar minha prática pedagógica? Há alguns anos atrás fui à casa de um aluno dar um recado da escola. Quando alguém abriu a porta e perceberam que era eu ficaram todos sem jeito, envergonhados porque estavam jantando pirão com peixe. O pai tentou esconder o prato com as mãos e o menino só ria. O momento foi tão embaraçoso que só dei o recado e saí.

Saí dali perturbado com a situação, pois eles eram a representação viva do que acontecia nas outras famílias. Fui tomando consciência que se envergonhavam da própria cultura: renegavam o boi-de-mamão, mas no fundo gostavam de participar da brincadeira⁴; na hora do recreio, deixavam o lanche da escola para comer no bar cachorro-quente, salgadinho, mas em casa comiam batata doce, aipim no café. Na escola falavam de macarrão, pizza, lasanha, mas em casa o prato típico era o pirão com peixe. Ora, envergonhar-se da própria cultura? E eu, nas minhas mesmices de sala de aula: reproduzindo histórias desvinculadas de suas histórias, desvinculadas das suas culturas.

Na realidade, não existe *a cultura*, no singular, mas *culturas*, no plural, pois os sistemas de proibição e permissão, as instituições sociais, religiosas, políticas, os valores, as crenças, os comportamentos variam de formação social para formação social e podem variar numa mesma sociedade no decorrer do tempo. (CHAUI, 2009, p. 171).

Outro fato marcante foi minha ida ao velório de uma senhora de mais de oitenta anos, moradora da comunidade *do Parobé*, chamada Luzia Martins, catequista desde os doze anos. Dedicou aproximadamente setenta anos à formação religiosa das crianças da comunidade, além de ter sido coordenadora em várias pastorais. Sua dedicação à Igreja foi significativa, se fazendo história. Praticamente todos foram catequizados por ela. Na hora de baixar o caixão, pensei: *“um livro de história estava descendo ao túmulo, e eu, formado em História não parei para ouvir suas histórias, que certamente eram de*

⁴ Durante a apresentação da brincadeira do boi-de-mamão, não dá pra ver quem está brincando debaixo dos bichos e mesmo os vaqueiros, vem com o rosto coberto por um pano. Portanto, os rapazes brincam sem serem reconhecidos.

*suma importância para entender a cultura deste povo*⁵”, pois boa parte da Igreja Católica e do povo da comunidade passara por suas mãos. Quantos e quantas Luzias estariam espalhados pelo distrito, com suas vivências, com suas experiências adquiridas no decorrer da vida, porém, “esquecidas em suas velhices”⁶. Ecléa Bosi diz que na sociedade industrial já não se reconhece a existência contributiva dos velhos. Segundo ela, “A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor” (1987, p. 35).

Naqueles momentos, algo me angustiava, me tomava conta enquanto educador. Eu acreditava que partes da história cultural desse povo estariam indo embora com esses velhos. Pensava eu: *“quantas vivências, quantas experiências estariam guardadas em suas memórias que poderiam tornar-se fonte de conhecimento para os jovens adolescentes, estudantes de uma escola pública, para compreensão e valorização da cultura local”*. Mas esse era um terreno desconhecido por mim. Como fazer essa conexão entre os velhos da comunidade e os alunos estudantes?

Eu compreendia que, apesar do distrito *do* Ribeirão Pequeno encontrar-se apertadinho entre as montanhas e o mar, quase que isolado, sua cultura sempre esteve em pleno movimento, movimento de assimilação e de esquecimento, transitando entre os valores do passado e as inovações impostas ou não pelo presente.

A cultura local, naquele momento, se apresentava diante de mim como pedra preciosa a ser lapidada. Aquilo que os jovens aparentemente renegavam e que, aparentemente, alguns velhos se envergonhavam, me inquietava, me provocava, me chamava à pesquisa. Portanto, memórias a serem trabalhadas, descortinadas. Um mundo fascinante, desconhecido, desafiador se apresentava diante de mim. Fazendo-me essas perguntas encontrei no texto de Bosi,

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as

⁵ “Não foi um livro de história que se perdeu, porque essa história está com outras pessoas na comunidade. Os lugares, os objetos guardam a memória. Guardam e espalham”. Comentário da Profª Dra. Patrícia Guerreiro, no dia da minha pré-qualificação, 09 de junho de 2010 nas dependências do CED, na disciplina Seminário de Dissertação II com a profª Dra. Ana Borges de Sousa.

⁶ “Esquecidos” por jovens que já não ouvem mais as experiências e os saberes dos velhos e pelo sistema capitalista, que o descarta. Um dos objetivos desse trabalho foi exatamente aproximar jovens adolescentes à um diálogo, tendo como pano de fundo a cultura popular local.

testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (2004, p. 15).

Essa cultura, aparentemente renegada pelos jovens alunos, perpassou o século XX até meados da década de 50 a 80 sem sofrer grandes modificações. Essas modificações ocorreram quando os jovens das comunidades do distrito foram atraídos pela possibilidade de trabalharem nos grandes centros econômicos do país. Nas décadas de 50 e 60 grande parte dos jovens -não só lagunenses, mas também do sul catarinense- migraram, em razão das indústrias, para a cidade de Porto Alegre. Essa cidade chegou a ter bairros conhecidos como “bairros de Catarina”.

Diz Singer (1998):

Se se admite que a migração interna é um processo social, deve-se supor que ela tenha causas estruturais que impelem determinados grupos a se pôr em movimento. Essas causas são quase sempre de fundo econômico – deslocamento de atividades no espaço, crescimento diferencial da atividade em lugares distintos e assim por diante – e atingem os grupos que compõem a estrutura do lugar de origem de um modo diferenciado (p.52).

Já nas décadas de 70 e 80, foi a vez de São Paulo e Joinville. Naquela geralmente trabalhavam como garçons, nesta, nas indústrias. Foi uma verdadeira febre migratória! Tanto que, quando os jovens retornavam para visitar os pais, parentes e amigos -na época de carnaval- era preciso fretar dois ônibus para trazê-los ao distrito. Sem falar nas outras comunidades da cidade e de outros municípios que sofreram da mesma febre migratória.

Cabe lembrar que a roça e a pesca, no decorrer do século XX, foram a base de sustentação econômica dessas famílias. Era pouco o que tiravam da terra e do mar, mas era o suficiente para a sobrevivência. Diante da mecanização do campo e de um mercado cada vez mais competitivo, essas famílias ainda plantavam com métodos rudimentares ou extraíam do mar manualmente, sem falar nos terrenos íngremes e nas grandes quantidades de pedras existentes nos morros. Tudo isso levou seus produtos a não encontrarem mais mercado como outrora.

Para Singer (1998):

Como qualquer outro fenômeno social de grande significado na vida das nações, as migrações internas são sempre historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudança, do qual elas não devem ser separadas. Encontrar, portanto, os limites da configuração histórica que dão sentido a um determinado fluxo migratório é o primeiro passo para o seu estudo (p.29).

Portanto, de um lado, o sistema que os expulsa e por outro lado, a cultura da cidade grande que os atrai: o automóvel, o cinema, o movimento, o hospital mais próximo, os médicos, novos tipos de divertimento, a televisão, a própria energia elétrica que só chegou ao distrito *do* Ribeirão Pequeno em meados da década de 70. Também não podemos esquecer a possibilidade de trabalhar com outras atividades fora a pesca e a roça. E um dos motivos que considero importantíssimo nesse abandono do campo: a ideologia da época – que o campo era a representação simbólica do “Jeca Tatu”, do ignorante, do analfabeto, do feio. Ir para a cidade grande era libertar-se desse “triste destino”. A roça se desenhava como inferno e a cidade grande como céu.

Para Santos (2004),

O fenômeno das migrações aparece, portanto, estreitamente ligado ao da organização da economia e do espaço, vistos de um ponto de vista dinâmico. Essas migrações são uma resposta a situações de desequilíbrio permanente e contribuem para agravar esses desequilíbrios econômicos e espaciais, geralmente em favor de zonas já evoluídas. (p. 306).

Esses jovens, quando voltavam para visitar seus pais, vinham transformados, irreconhecíveis, deixando nos jovens do lugar uma vontade enorme de trilhar o mesmo caminho. Voltavam com cortes de cabelo moderno, pele clara porque trabalhavam dentro dos restaurantes pegando muito pouco sol, as mãos não eram mais grossas pelo trabalho da roça, os dentes não eram mais amarelados – tinham aprendido a escová-los, não tinham mais bicho de pé, nem piolhos, nem unhas encardidas pelo trabalho. Diferenciavam-se, portanto, dos que ficavam. Agora pareciam mais alegres, carnavalescos, esbanjando roupas diferentes, relógio no pulso e um ar de modernidade que enchia os olhos

de todos. Era o início da entrada de manifestações culturais urbanas, acrescida pela chegada da energia elétrica e da televisão. Muitos desses jovens foram e não voltaram, contribuindo para o êxodo rural. Nossos jovens continuam indo embora por falta de emprego na cidade, na região, atraídos pela cultura da cidade grande, pela fuga do carma do jeca tatu, homem da roça, do interior.

No meu entendimento, todo esse cenário crescente, de aparente rejeição pela cultura local a partir da década de 50 e 60 reflete no cotidiano escolar. É deste cenário que nasce o projeto que tinha e tem como objetivo olhar a cultura local de outros ângulos, buscando a sua valorização.

Todo esse contexto me fez tomar coragem para alçar vãos em temáticas até então desconhecidas⁷. Assim, sem ter muita clareza dos objetivos a serem alcançados, iniciei com os alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem um trabalho voltado à valorização da cultura local⁸ a partir da pesquisa oral realizada por eles, mediada por mim, junto com os velhos das comunidades que formam o distrito, que conservam ainda traços da cultura de base açoriana a qual carinhosamente chamamos de **“cultura do pirão com peixe”**. O projeto que passei a desenvolver na escola estava e está pautado na memória dos velhos do distrito. Descobrir, valorizar e cultivar o prazer em ouvir um velho, viajar por suas memórias e experiências é desvendar nossa própria identidade.

Durante o tempo em que fomos nos aproximando desses velhos em busca de relatos do que viveram, fomos descobrindo uma necessidade de falar da importância deles, porque apesar do analfabetismo aparente, apesar da finitude traçada em seus rostos, apesar de, aparentemente, não terem mais o que oferecer à sociedade, fomos descobrindo que ao contrário, precisaríamos lutar por eles, dizer ao distrito que eles estão aí e que são fundamentais para compreendermos

⁷ No ano de 2004 fui convidado a participar da reforma/revisão da Proposta Curricular (Estudos Temáticos) representando a 19ª Secretaria de Desenvolvimento Regional de Laguna. Nos diversos encontros que realizamos (professores representantes das diversas SDRs do Estado) aprofundi e me apaixonei pela temática ensino-aprendizagem, temas relacionados ao quê e como ensinar. Nessa reforma/revisão da Proposta participei no Grupo “Educação de Jovens” e suas questões contemporâneas que me deram suporte para avançar na prática do projeto que desenvolvo na Escola e também pleitear uma vaga no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC.

⁸ A base da cultura do distrito de Ribeirão Pequeno é açoriana, mas estão presentes as culturas trazidas pelos imigrantes italianos, alemães e poloneses, sem esquecer-se da forte herança cultural indígena, além da presença não tão marcante da cultura de base africana.

os fios que unem o presente ao passado e o passado ao presente, gritar à sociedade que eles são “essência”, que são “fonte de conhecimento”.

Por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamim, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. (BOSI, 1987, p.XVIII)

Também quero ressaltar que esse trabalho possibilitará aos envolvidos no projeto lerem suas histórias e refletirem sobre a cultura local que é de base açoriana, mas com forte participação das culturas indígenas e das introduzidas pelos imigrantes europeus (italianos, alemães e poloneses) e pela cultura negra.

MEU ENVOLVIMENTO NA PESQUISA

Os velhos desse distrito são guardiões de uma cultura que transpassa seus moradores ao longo do tempo. É com eles que volto meu olhar a esse jeito de ser, de se ver enquanto humano. Digo “com eles”, porque também me sinto sujeito dessa cultura. Não me coloco nesta pesquisa somente como ouvinte, mas também como narrador ao lado dos velhos. Hoje, eu sou um deles, apesar de não ter chegado à velhice, ainda. Portanto, não se trata de uma pesquisa de alguém que olha de fora, mas de alguém que olha junto *com* eles, *a partir* deles. Portanto, trata-se de uma pesquisa no campo da observação participante.

Segundo Minayo,

Definimos *observação participante* como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente. (2009, p.70).

E nesse fazer “participante” enquanto educador, o que fiz e o que faço nesses vinte anos como professor efetivo nessa escola e nesses mais de dez anos de projeto é chamar os velhos para dialogar com os jovens estudantes de uma escola pública, sobre esse tesouro que guardam em suas memórias, **a cultura do lugar**. Trata-se de um trabalho em que ensino e aprendo e aprendo ensinando. Ora me vejo ao lado dos velhos, aprendendo deles a cultura local, ora narrando a cultura local feito eles. Ora me vejo diante dos alunos enquanto pesquisador e educador dessa cultura, ora ao lado deles, como ouvinte aprendendo com eles as transformações que a cultura desse lugar vem experimentando. “Cada um de nós é uma fonte de histórias”. (GONÇALVES, 2000, p.25).

João Alexandre Barbosa, prefaciando o livro *Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos*, de Ecléa Bosi, cita Walter Benjamin dizendo: “O narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história”. (BOSI, 1987, p. XIV). E assim, vamos descortinando juntos – velhos, professor e alunos - esses fragmentos da cultura local do passado e do presente, deste lugar que nos identifica enquanto homens culturais. Portanto, nesta etapa do nosso caminhar não sei mais identificar quem são os “ensinadores” e quem são os aprendizes, pois somos sujeitos de um mesmo processo, de um mesmo “percurso”. E nesse “Itinerário em percurso”, onde vou mostrando esses trajetos percorridos e a percorrer, preciso confessar, deixar claro já nesses diálogos preliminares, que estou totalmente envolvido na pesquisa, pois como disse, meu olhar é de dentro, é com os velhos, é com os jovens estudantes.

Ainda tratando sobre a questão do meu envolvimento com a pesquisa, Nascimento (2006), em sua dissertação de mestrado, traz considerações valiosas a respeito da “questão da reflexividade”, objeto de pesquisa do sociólogo português, Boaventura de Sousa Santos, quando trabalha a estreita relação que existe entre o cientista e o objeto da pesquisa. Diz ele:

O caráter auto-referenciável da reflexividade faz com que o seu exercício esteja muito vinculado à personalidade e à circunstância do cientista social que a empreende. Mesmo assim, é possível distinguir duas linhas de orientação distintas. A primeira, mais subjetivista ou personalizante, privilegia o questionamento direto do sujeito epistêmico (o cientista social enquanto produtor de conhecimento) em confronto com o sujeito

empírico (o cientista enquanto homem comum que partilha o seu *Dasein* com os demais cidadãos). A segunda, mais objetivista ou impessoal, privilegia o questionamento do sujeito epistêmico através da conversão da sua prática científica, dos instrumentos analíticos e metodológicos de que se serve em objeto de investigação científica. (SANTOS, 1989, apud NASCIMENTO, 2006, p. 11).

Portanto, é difícil tratar de forma impessoal um trabalho de caráter científico do qual você faz parte, enquanto sujeito epistêmico e enquanto sujeito empírico, portanto, “desde logo surgiram as preocupações no sentido de reduzir a subjetividade e encaminhar o estudo para uma linha da reflexividade mais objetivista, procurando sempre ter a episteme como fio condutor”. (NASCIMENTO, 2006, p. 11/12). Faço minhas as preocupações de Nascimento ao tentar enfocar como objeto de estudo a sua avó, negra, e que era professora e proprietária de uma escola particular *na* Laguna. Essa é a minha maior preocupação, ser capaz de uma reflexão sobre os estudos de um projeto do qual coordeno há mais de dez anos. Trata-se, portanto, de uma pesquisa-ação.

Mediante a pesquisa-ação – uma concepção de pesquisa que, desde o início, se define por incorporar a ação como sua dimensão constitutiva –, o pesquisador em educação não deixa dúvidas sobre a relevância conferida à prática em seu processo de investigação. Tratar-se-ia, assim, de uma pesquisa que articula a relação entre teoria e prática no processo mesmo de construção do conhecimento, ou seja, a dimensão da prática – que é constitutiva da educação – seria fonte e lugar privilegiado da pesquisa. Além disso, a própria investigação se converteria em ação, em intervenção social, possibilitando ao pesquisador uma atuação efetiva sobre a realidade estudada. Reflexão e prática, ação e pensamento, pólos antes contrapostos, agora seriam acolhidos em uma modalidade de pesquisa que considera a intervenção social na prática como seu princípio e seu fim último. (MIRANDA; RESENDE, 2006, p. 511).

TEMPO DE EDUCADOR

Sou graduado em Estudos Sociais, Licenciatura Curta pela UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) de São Leopoldo, RS; graduado em história, licenciatura plena, pela UNESC (Universidade do Extremo-sul Catarinense) de Criciúma, SC e pós-graduado em História e Geografia do Brasil pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro, SP⁹.

A academia me ensinou “o que” ensinar, mas pouco sobre “o como”¹⁰ ensinar. Aprendi a história sob a ótica dos vencedores. O curso de história pouco me preparou para trabalhar com a história, com a cultura local. E assim, cheio de entusiasmo, reproduzi por muitos anos a história dos livros didáticos nesse estabelecimento de ensino, enquanto fora dos muros da escola fervilhava toda uma história alicerçada na cultura identificada como de base açoriana. Uma história não escrita, hoje vivenciada em fragmentos, porém, viva na memória dos velhos do distrito.

A partir de 1998 comecei a participar de cursos de capacitação continuada sobre a Proposta Curricular de Santa Catarina oferecidos pela Secretaria de Estado da Educação. A Proposta Curricular, fundamentada no pensamento de Vygotsky, me ajudou a compreender que todo conhecimento apreendido deve estar vinculado à realidade do educando. Ensinou-me a respeitar o pré-conhecimento que esse jovem adolescente traz para o espaço escolar. No meu caso, me fez perceber o valor da cultura de um povo como possibilidade de trazer essa temática para discussão dentro do espaço escolar.

⁹ Minha experiência como educador, exercendo o ofício de professor de história iniciou-se em escola particular na Grande Porto Alegre. Depois, regressei a Santa Catarina e passei a trabalhar como professor de história e geografia no Colégio São José, em Tubarão e posteriormente, no Colégio Energia, na mesma cidade. Mas sempre perseguindo o desejo de ingressar no ensino público, de preferência, numa escola do interior. Esse sonho realizei em 1990, quando através de concurso público, ingressei na rede estadual de ensino de Santa Catarina, na Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem, de Ribeirão Pequeno, interior de Laguna. Lá estou ultrapassando os vinte anos, como professor de história e de geografia, local onde moro e desenvolvo o projeto de valorização da cultura local, objeto de minha pesquisa.

¹⁰ Aqui uma crítica saudável: parece senso comum, mas ainda hoje, vejo as universidades mais preocupadas com “o que” do que o “como” ensinar. Pouco me adianta o conhecimento se não sei transmiti-lo.

PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA

A dissertação tem como foco olhar essa caminhada que iniciou no ano de 2000 e que está em pleno processo, voltando a alguns velhos e a alguns jovens que participaram da pesquisa; também os jovens que hoje participam do Grupo de Cultura Casa da Dindinha; os estudantes do ensino médio, que por estar a mais tempo na escola, participaram de grande parte nesse caminhar; alguns profissionais da educação deste estabelecimento de ensino e de algumas pessoas do entorno escolar que vem acompanhando essa atividade de perto ou de longe.

Nestes dez anos houve muitas dúvidas, muitos questionamentos me inquietaram, perguntas que se estabeleceram nas entrelinhas desse caminhar. Por isso, a partir das entrevistas busquei solucionar perguntas do tipo: é importante para os velhos e para os jovens estudantes dialogar sobre o passado? Por quê? O que se aprende? O que se ensina? O que os velhos poderiam repassar aos jovens estudantes sobre a cultura de seu tempo e vice-versa? Como a cultura local pode ser preservada pela convivência entre velhos e jovens estudantes? Os jovens valorizam a cultura de seus antepassados, ou envergonham-se do pai pescador, das cantorias e folguedos como do boi-de-mamão, terno de reis, etc? Que olhar os jovens e os velhos tem sobre o passado? Foi/é importante revirar o baú da história em busca de saberes que se encontravam ou não em esquecimento? Como era a escola no tempo dos avôs? Falava-se da cultura do distrito naquela época? A escola do tempo da *dindinha*¹¹ valorizava a cultura local? Quais as cantigas de rodas que se brincava na escola? Brincava-se de boi de mamão? O que se ensinava na escola sobre cultura? O que se aprendia? Que paralelos poderíamos estabelecer entre a escola dos avôs e a escola de hoje?

Os jovens que participaram do projeto conheciam tudo o que os velhinhos contaram? O que ouviram lhes interessou? Por quê? Que contato, hoje, esses jovens têm com esses folguedos? Quem são os envolvidos? Como se dá essa participação? Quais as manifestações culturais com maior envolvimento dos jovens? Qual a importância de fazer presente essas discussões?

Também perguntar: o que representa o lugar chamado distrito *do* Ribeirão Pequeno, tanto para os jovens estudantes como para os velhos guardadores de memórias? Qual o sentimento de pertença ao lugar? O que representa a cidade *da* Laguna para eles? Qual o sentimento de

¹¹ “Dindinha” é uma maneira carinhosa de chamar a vovó na cultura açoriana.

pertença desses velhos e desses jovens em relação à cultura local? O que se sabe sobre os povoadores do distrito?

Além das entrevistas semi-estruturadas¹², também busquei fontes documentais¹³ como: fotos, publicações, atas de reuniões e outros registros escritos.

Apesar da impossibilidade de se recuperar muitos acontecimentos, experiências e vivências do ser humano, também temos que convir que desde os tempos imemoriais os homens produziram (e ainda produzem) artefatos, documentos, testemunhos, monumentos, entre outros, que tornam possível o entendimento do homem sobre sua própria trajetória. São exatamente esses registros históricos que constituem os documentos, os testemunhos, os monumentos usados pelo historiador para se aproximar e tornar inteligível seu objeto de estudo. (LOMBARDI; NASCIMENTO, 2004, p. 156).

De posse das fontes documentais, ainda cabe esclarecer de que

(...) é preciso usar as informações (...) obtidas para que estas nos levem a novos dados, lendo “nas linhas e entrelinhas” e atentos aos indícios que levam a novas perguntas e a novas fontes – formando, dessa forma, uma rede de informações. É importante não recorrer a uma única fonte, mas sim confrontar várias fontes que dialoguem com o problema de investigação e que possibilitem (ou não) que se dê conta de explicar e analisar o objeto investigado. (LOMBARDI; NASCIMENTO, 2004, p. 156).

Mas, para se trabalhar com fontes documentais, faz-se necessário ter consciência de que,

¹² As entrevistas aconteceram em dois momentos distintos junto aos velhos, jovens estudantes e pessoas do entorno escolar: um, para o desenvolvimento do projeto “Memória, um Patrimônio Irrenunciável. Comunidades do distrito do Ribeirão Pequeno que resultou na publicação do livro e outro, agora durante a elaboração dessa dissertação com o objetivo de compreender o alcance da caminhada junto a valorização da cultura local.

¹³ Há muito pouca coisa escrita, documentada sobre a história cultural desse povo, mas das poucas existentes, debruicei-me sobre elas para maior compreensão da complexidade que é trabalhar com pesquisa qualitativa. Quanto às fotos, consegui escanear aproximadamente trezentas fotos históricas.

O documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, ele próprio parcialmente determinado por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer “a verdade”. (LE GOFF, 2004, p. 54)

Da mesma maneira, busco observar o processo¹⁴ de mudanças culturais que o distrito vem sofrendo no decorrer das últimas décadas analisando criticamente o potencial das fontes orais¹⁵ nos processos sociais e históricos do distrito *do* Ribeirão Pequeno, para compreender o que se guarda da memória e experiência dos velhos; valorizando, no decorrer da pesquisa, a voz dos velhos, convidando-os a falar de suas memórias e experiências, articulando as falas dos velhos com as práticas educativas da escola local, para situar como suas referências culturais participam do processo de ensino dos jovens estudantes.

A pesquisa tem como objetivo organizar, sistematizar todos esses achados que se encontram espalhados, bagunçados, soltos no tempo, num trabalho de mestrado no campo da educação. Em suma, filtrar toda essa riqueza pesquisada pelos jovens e mediada por mim, numa possibilidade propositiva para o campo educacional.

Trata-se de uma **abordagem etnográfica** onde procurarei estabelecer relações com os sujeitos envolvidos na pesquisa, digamos, uma “Pedagogia do Sujeito”, reconhecendo-nos, professor e alunos como sujeitos do processo educativo (PEREIRA, 2008, p. 19).

Guerrero (2008), com base no pensamento de Cardoso de Oliveira (1998), define seu trabalho de doutoramento como “encontro etnográfico”. Diz ela com base em (Eckert, 1994), que esses encontros possibilitam “uma experiência interativa de negociação de interesses, onde informações são trocadas como também afetividades (...) um verdadeiro encontro de subjetividades” (p. 27). Vejo nesse meu trabalho um encontro que envolveu e envolve velhos, jovens estudantes, profissionais da educação da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem, atingindo o entorno escolar. Sujeitos que se encontram para dialogar sobre sua cultura local.

¹⁴ A cultura é um processo dinâmico, que se altera a cada relação subjetiva. Faz-se necessário estar atento a cultura enquanto movimento, em suas idas e vindas, e como as pessoas vão percebendo essas mudanças.

¹⁵ A fonte oral teve sua base nas entrevistas realizadas pelos alunos, dos alunos junto comigo e por mim.

Através desses “encontros” com os velhos e os jovens estudantes nas entrevistas, bem como nas falas fora das entrevistas, fui registrando em meu diário de campo os apontamentos que considerava importante. De posse de um material vasto, que incluem gravações em fita cassete, entrevistas filmadas, um vasto material escrito pelos alunos, festas culturais (Feira Cultural Histórica em 2001, Festa da premiação Tesouros do Brasil em 2004, Festa da Cultura em 2007), das inúmeras apresentações do Grupo de Cultura Casa da Dindinha com seu museu itinerante e com o Grupo de Danças¹⁶ em eventos culturais e dos diversos encontros realizados na escola, pude debruçar-me sobre esse material para construção desta dissertação.

A beleza da etnografia está em não definir o outro a priori, mas olhar o outro a partir de outra perspectiva de olhar o percurso. Na etnografia olha-se a partir do outro, lá no lugar dele, na história dele, com a valorização das coisas dele, da cultura dele, dos fazeres dele, dos saberes, das relações que ele tem. E isso cabe num percurso. O percurso tem uma própria sinuosidade, e, portanto, ele tem itinerários. A palavra itinerários para a etnografia significa que vamos vendo, fazendo, observando, construindo no próprio movimento da pesquisa.

No dicionário Aurélio, **itinerário** significa: “Concernente ou relativo a caminhos. (...) Descrição de viagem. (...) Caminho que se vai percorrer, ou se percorreu. (...) Caminho, trajeto, percurso”. (FERREIRA, 1975, p. 790). E **percurso** significa: “Ato ou efeito de percorrer. (...) Espaço percorrido; trajeto. (...) Movimento, deslocação. (...) Itinerário, roteiro”. (FERREIRA, 1975, p.1067). Portanto, esta pesquisa trata de um trabalho etnográfico que “descreve uma viagem”, que teve um ponto de partida, mas que não há um ponto de chegada porque ele está em pleno movimento, onde o roteiro é constantemente modificado, onde o trajeto é constantemente alterado, são fazeres e saberes que vão se dando à medida em que vão acontecendo.

Assim, fui observando, olhando esse mundo cultural do distrito *do Ribeirão Pequeno*, primeiro através dos olhares dos alunos, depois, fui conferir de perto, novamente com eles, ouvindo os velhos e ao mesmo tempo observando o entendimento do jovem sobre o que ouvia e o olhar da comunidade sobre a sua própria cultura. Neste trabalho, relato esse “percurso”, pulverizo o ar com o aroma de se trabalhar com velhos na perspectiva de uma atividade de aprendizagem.

Chegando a essa etapa do “percurso”, que é esta dissertação, diria ainda que o objetivo maior desta pesquisa seja o de contar, recontar toda

¹⁶ Trato desses eventos culturais no capítulo 1

essa trajetória que caminha na perspectiva de estudar o processo educativo desse caminhar, em favor da valorização da cultura local. No dizer de Freire, “Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. (2007, p. 29).

E assim, nesses “encontros”, como mediador desses diálogos, enquanto observador e sistematizador desses saberes e fazeres dos velhos do distrito *do Ribeirão Pequeno*, enquanto morador e vivenciador dessa cultura, vamos trançando diálogos, diálogos esses iniciados lá pelos anos de 2000 e que não se esgotam com essa dissertação.

DIVISÃO DOS CAPÍTULOS

E aqui vou, fazendo minhas escolhas nesse percurso organizando esta pesquisa em três capítulos. São trechos dessa caminhada que considerei importante para compreender a cultura do lugar chamado Ribeirão Pequeno *da Laguna*, seus fazeres e saberes, a partir de diálogos que ocorreram nesse trajeto entre os velhos e os jovens estudantes de uma escola pública.

O primeiro capítulo, *Saberes Compartilhados: o encontro entre velhos e jovens estudantes*, contempla a caminhada dos projetos: “Memória: Um Patrimônio Irrenunciável. Comunidades do distrito *do Ribeirão Pequeno* e do Grupo de Cultura Casa da Dindinha. São mais de dez anos procurando caminhos em prol da valorização da cultura local. A cada passo, novos desafios que não se encerram nesta narrativa. Trago para dialogar comigo nessa caminhada Ecléa Bosi e Paulo Freire, entre outros, buscando desvendar conceitos como memória, experiência e concepção dialógica freiriana com o objetivo de compreender como esses acontecimentos foram importantes no desvendamento e valorização da cultura local.

O segundo capítulo, *Os saberes dos velhos*, contém os fragmentos da cultura local contada pelos velhos. O ponto forte são as falas dos velhos que revelam o potencial de uma cultura vivida com intensidade, mas silenciada por pressão da cultura urbana de massa. Foram anos de intensa pesquisa junto a mais de oitenta velhos. Trago para dialogar sobre esses fazeres e saberes dos velhos Ecléa Bosi, Paulo Freire e Telma Piacentini, entre outros. O capítulo vai desde a concepção (trabalho das parteiras), passando pela infância, adolescência, juventude, trabalho, religiosidade até a morte.

O terceiro capítulo, *A história do distrito do Ribeirão Pequeno da Laguna*, descreve o lugar de onde nasce a pesquisa, situando geograficamente a cidade e o distrito em seus aspectos naturais, político,

sócio-culturais, histórico, infra-estrutura, passando pelas relações de trabalho, de gênero e também pela pirâmide etária do distrito e das comunidades para entender o processo de construção da cultura local e o processo migratório, que é fortíssimo no distrito. Trata-se, portanto, da história do distrito, buscando tecer diálogos entre os velhos e os jovens estudantes sobre o sentimento de pertença do lugar de vivência.

CAPÍTULO 1

SABERES COMPARTILHADOS: O ENCONTRO ENTRE OS VELHOS E OS JOVENS ESTUDANTES

Deseja-se que o idoso ajude a lavar louça, a tomar conta dos pequenos, faça trabalhos por vezes pesados. Mas, se ele quiser dar um conselho para um adolescente sobre comportamento, escola, educação e uso do tempo do neto, é logo convidado a se calar. Do idoso se deseja o braço servil, mas não o conselho. Ele tem experiência, tem memória, discernimento e tudo o que é necessário para dar um conselho. Por isso fazer com que o aluno procure o tio idoso, o avô, o velho de asilo que ninguém mais visita e que se sente banido é uma experiência humanizadora. (GURGEL, 2009, P. 25).

Essa fala de Ecléa Bosi em entrevista a Luiz Henrique Gurgel na Revista Na Ponta do Lápis sintetiza nosso trabalho. O conselho dos velhos aqui traduzidos na narrativa do tempo deles oportuniza ao educando conhecer outros tempos, tempos que os antecederam tão próximos, mas ao mesmo tempo tão distantes. Conhecer um tempo tão rico quanto o presente, um tempo digno de se conhecer para se valorizar. Nossa intenção nestes mais de dez anos de projeto é aproximar o jovem estudante dos seus velhos num diálogo fraterno sobre a valorização da cultura local.

Passamos a saber por essas pessoas idosas que podem ser nossos tios, avós, mas também podem ser conhecidos que nós não dávamos a mínima importância porque eram velhas, agiam diferentes de nós, por isso chegamos a pensar que elas eram jecas, antigas e outras coisas mais. Mas com a escrita deste livro começamos a pensar diferente que alguma coisa que eles faziam é até mais interessante que as nossas¹⁷.

Lembro que essa caminhada está fundamentada na valorização da cultura local que é de base açoriana, mas com forte influência das culturas indígena e a dos imigrantes europeus italianos, alemães e poloneses, além da cultura de origem africana. Foi e é sobre a valorização da cultura local que se fundamentou e se fundamenta essa

¹⁷ Depoimento escrito do aluno Aguiar de Souza Rodrigues, na época na 6ª série, sobre as pesquisas que realizaram junto aos velhos da comunidade de Morro Grande.

experiência educativa que desenvolvo desde o ano 2000 na Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem, escola pública, tendo como mantenedora o governo do Estado de Santa Catarina, situada no interior de Laguna.

Este capítulo tem como objetivo, portanto, descrever e refletir sobre essa caminhada de mais de dez anos de projeto buscando compreender como os velhos vão compartilhando fragmentos dessa cultura local com esses jovens estudantes e na medida em que vou relatando essa caminhada, procuro dialogar com alguns autores que possam fundamentar teoricamente essa experiência.

Iniciar dizendo, reforçando, enfatizando que o centro difusor desses acontecimentos foi e é a escola, enquanto espaço de conhecimento, de formação – por que não dizer lugar de *in* e de *des*formação, lugar de acertos e de erros, de provocações, de sonhos, de esperanças e desesperanças, lugar de encontros e desencontros dos alunos das oito comunidades que formam este distrito; lugar das diferenças de classe, etária e cultural - lugar das diversidades. Aí, aprendem, ensinam, se socializam, brincam, se entendem e se desentendem, se divertem ou não. Aí se alegram e se entristecem, se condicionam e se rebelam, gritam e calam. Esse é o lugar, o cenário onde ocorre a trama, onde procuro tecer fios que amaram esses aprendizados, “translaçando” gerações, passado, presente e futuro, num mesmo lugar. Meu olhar é deste lugar, de onde chamo os velhos para dialogarmos, num processo de ensinar e aprender sobre a valorização da cultura local.

Os mestres neste projeto, detentores dos fazeres e saberes local, foram os velhos que a partir das suas experiências, nos ensinaram sobre seu tempo, sobre suas existências, suas vivências, nos falaram de fragmentos da cultura de um lugar chamado distrito *do* Ribeirão Pequeno, sendo eles e elas, os nossos velhos, as verdadeiras “testemunhas vivas desta história” (LUCENA, 1998, p. 6).

Como mencionei na introdução, me efetivei na Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem no ano de 1990. Em 1996 participei do “Curso de Implementação da Proposta Curricular” em Brusque, Santa Catarina, quando tive meu primeiro contato efetivo com a Proposta Curricular do Estado. Foram cinco dias de aprofundamento de uma proposta curricular que ao mesmo tempo em que nos deixavam apreensivos, nos motivava a uma mudança radical em nossa prática pedagógica. Retornei à escola pensando como eu enquanto historiador poderia colocar em prática o que aprendera. Confesso que é difícil mudar a prática, deixar o porto seguro para navegar em águas

desconhecidas. Foi e é um caminho longo, que se constrói dia a dia, que tem como base a mediação, caminho desafiador, porque nos coloca não a frente dos alunos, mas *com* os alunos. Deixamos de serem os únicos e exclusivos detentores do saber, para nos tornarmos motivadores da aprendizagem que parte do educando. “O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola”. (FREIRE, 2007, p. 64). Nessa construção do conhecimento você também é um aprendiz. Essa mudança radical na nossa *práxis* diária, ao mesmo tempo em que amedronta, fascina. Aqui é o ponto central da Proposta Curricular de Santa Catarina: descemos do púlpito, para caminharmos juntos com os alunos e é essa postura que venho perseguindo na minha *práxis* desde então, buscando desvendar a cultura local das pessoas do distrito do Ribeirão Pequeno num processo de conhecê-la para valorizá-la.

Cometemos um sério equívoco quando não ouvimos nossos(as) jovens, quando não respeitamos a sua condição sócio-cultural e histórica, ou os(as) vemos ainda como uma “folha em branco que precisa ser preenchida”. Segundo Margulis (1996), esta é uma questão da sociedade moderna que não superou o conservadorismo. Mesmo na academia, sempre que se escreveu sobre a juventude, o olhar partiu de uma visão adultocêntrica e só recentemente têm surgido trabalhos com a preocupação de ouvir o que os jovens têm a dizer a respeito dos enigmas e encruzilhadas que surgem durante a transição da fase de vida que atravessam. (PROPOSTA CURRICULAR, 2005, p. 90).

Lentamente fui me apropriando desses ensinamentos, mudando meu olhar sobre o “como ensinar”. Enquanto professor de História e Geografia nesse estabelecimento de ensino, na época de 5ª a 8ª série e hoje, também com o Ensino Médio, fui percebendo que havia toda uma história, uma cultura, uma geografia particular no entorno da escola a ser desvendada, que segundo meu olhar estava silenciada. E assim fui iniciando um trabalho de reconhecimento desse lugar, a passos lentos, num fazer coletivo, convidando os velhos e os educandos nessa construção.

(...) só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos

na busca de algo. Instala-se então uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1965, p. 104).

Lembro nesse processo de mudança, que uma das primeiras atividades de aprendizagem que realizei com os alunos foi o de motivá-los a descobrirem suas origens junto aos pais e avós. As respostas na época eram “decepcionantes”, pois não correspondiam as minhas expectativas. Iam desde origem “*brasileira*” ao “*não sei*” ou “*nós não temos origem*”¹⁸ ou ainda quando os alunos chegavam à sala e diziam que os pais se recusavam a responder e diziam “*pra que isso?*”. Eu ficava decepcionado pela falta de interesse dos pais e avós em participar do debate e dos alunos que não conseguiam realizar a tarefa e temiam que a nota final pudesse baixar. Passei então a anualmente, na 5ª série, montar a árvore genealógica, com o objetivo de iniciar os estudos históricos com a valorização primeira da história individual de cada um, atividade que no começo houve muita resistência, pois ninguém havia feito isso anteriormente. Eu buscava a valorização da história individual de cada aluno, enquanto sujeitos históricos, enquanto sujeitos culturais.

Minha percepção era que os alunos entendiam como história, as histórias de D. Pedro I e II, de Anita Garibaldi, Getúlio Vargas ou de Napoleão. Que só mereciam o título de história os grandes acontecimentos, os grandes chefes da história da humanidade. Minha angústia nesse momento era gritar a cada um deles que somos sujeitos sim dessa história. Que esse momento que estamos vivendo é um momento histórico e fazemos parte dele. Por isso eu iniciava pela história deles desde pequeno, passando pela importância dos seus parentes, pela importância da história local. Mas era difícil a compreensão das crianças e adolescentes e de seus familiares.

Com as crianças pequenas, na faixa dos dez aos doze anos, solicitava a ajuda dos pais e avós na realização da tarefa, que muitas vezes vinha como resposta que não sabiam fazer aquilo, que seus pais e avós já haviam morrido e não havia mais documentos sobre eles. Negavam-se a participar, certamente porque não entendiam a proposta da atividade de aprendizagem. Isso me machucava muito, mas eu não tinha mais como voltar atrás.

O tempo passou e tudo mudou. Hoje, olhando o passado entendo a reação das famílias e posso entender o quanto eu estava despreparado

¹⁸ Sobre esse tema “*nós não temos origem*” ver: FERREIRA, Sérgio Luiz. **Nós não temos origem**: populares de ascendência açoriana e africana numa freguesia do Sul do Brasil (1780 – 1960). Tese de doutorado. CFH/UFSC, 2006.

no assunto, que era consequência de um trabalho novo, diferente, que valorizava o conhecimento a partir do indivíduo, a partir da sua realidade. Hoje, a grande maioria das famílias me respeita exatamente por esse trabalho diferenciado em prol da cultura local, mas estamos ainda em pleno processo, a passos lentos, e não acredito que haja um final, trata-se de uma fonte inesgotável.

Mas de onde vem essa minha inclinação pelos saberes e fazeres dos velhos, das coisas de antigamente? Numa determinada altura de toda essa caminhada, comecei a me fazer essa pergunta e aí procurei buscar as origens desse fascínio que tenho pelas coisas, pelos saberes e fazeres antigos e que me levou a trabalhar como educador na disciplina de história, como historiador voltado à temática da cultura.

1.1. SAUDADES

Meu fascínio pelos saberes dos velhos desse lugar tem raízes profundas, certamente a partir dos meus primeiros dias de vida. O cheiro que brota da terra misturada ao cheiro do verde que cobre os morros do distrito, os ecos ritmados pela quantidade de pedras que se espalham pelas matas, vales, cachoeiras calaram fundo em minha existência. Não é melhor, nem pior que os outros cantinhos do Brasil, mas tem uma diferença, é nosso, do povo que aqui vive e viveu nesse território tão pequeno comprimido entre os morros e a lagoa Santo Antônio, com pouquíssimos lugares planos, onde os morros acabam na água. É daqui que quero vos falar das falas que fui ouvindo desde muito pequeno. Creio que o amor e o respeito que tenho por esta terra, por essa cultura em especial, nasceu principalmente a partir do meu avô, que não cheguei a conhecer e também da minha avó que faleceu quando eu tinha apenas três anos de idade.

Do meu avô, cresci ouvindo de minha mãe, tias e tios muitas histórias do “falecido papai”. Eles não cansavam de elogiá-lo. Conseguiram, em conversas diversas, incluí-lo com seus exemplos, sua ética, sua sabedoria, apesar de analfabeto. Isso me fascinava. Lembro que eu sentava à beira dos caminhos, no lugar por onde ele passava¹⁹ e ficava ali quietinho, perdido em pensamentos, imaginando ele passando perto de mim puxando o carro de boi cheio de lenha. Como ele seria? Como era sua voz? Como seria viver junto dele? Esses momentos eram cheios de nostalgia, um mergulho num passado em que eu não vivera,

¹⁹ Meus avôs se constituíram família no sertão do Parobé, uma das comunidades pertencente ao distrito do Ribeirão Pequeno.

mas que desejava ardentemente ter vivido: o mundo da roça, dos engenhos, do pirão de feijão, das brincadeiras com carretilha, das histórias de assombrações. Meu avô era esse elo que me ligava a esse passado desconhecido, fascinante, curioso, um mundo que se apresentava diante de mim, brilhante, provocador de emoções.

Outra passagem que me causava e causa profunda admiração por esse homem era o túmulo que ele mesmo mandou construir em vida, túmulo conjugado para ele e para minha avó. Desde pequeno quando eu ia ao cemitério, ficava ali, diante do túmulo, paralisado, admirando-o: *“Que coragem mandar construir seu próprio túmulo em vida, como se desafiando a própria morte”²⁰*. O túmulo está lá, imponente, na parte mais alta do cemitério, um dos mais antigos. Trata-se de uma bela construção, com sua fundamentação toda em pedra. De todos os seus onze filhos, somente minha mãe vive em idade avançada, por isso, quem “guarda” com muito respeito e honra aquele lugar sou eu. A cada dia dos finados, vou limpá-lo, colocar flores e acender vela em honra a alguém que aprendi a amar sem mesmo conhecer.

A casa que ele mandou construir no sertão era belíssima, com janelas de vidro, o que era raríssimo para a comunidade na época. Ele tinha bom gosto, gostava de folhagens, sua casa tinha “eira e beira”²¹. Na minha pequenez, a casa era enorme, uma imensa cozinha, com uma mesa muito grande. A sala com oratório de santos, o quadro deles pintado a óleo, reinava nas paredes da sala. Pela porta da cozinha, saía-se direto no engenho de farinha de mandioca. Tudo era muito belo, tudo se apresentava diante dos meus olhos muito grandioso. O fogão a lenha, o boião de café, a cuia de farinha de mandioca sobre a mesa, os potes d’água sobre as prateleiras. *“Criou onze filhos, mas nunca precisou dar um tapa, num filho sequer”*. *“Mesmo trabalhando com cachaça, nunca um filho o viu bêbado”*. Eram essas entre muitas histórias que cresci ouvindo.

De minha avó, guardo a lembrança de umas três semanas antes do seu falecimento. Já muito doente e negando a comida, minha mãe e minhas tias, na tentativa de fazê-la comer, pediram que eu levasse a comida até ela. Ela estava deitada sobre uma esteira num canto de uma pequena sala que unia a cozinha a sala maior. Quando cheguei com o prato - penso que era um caldo de galinha - estendi o prato. Ela me

²⁰ Minha admiração pela coragem dele ter construído o próprio túmulo, vinha do meu medo que eu tinha da morte quando garoto e adolescente.

²¹ A “eira” era o local junto a casa, espécie de piso, feito de cimento ou tijolos onde se secava café, batia-se feijão, etc. E “beira” era o beirado do telhado, no caso de sua casa, todo trabalhado. Não era toda casa que tinha “eira” e “beira”, somente os que tinham “posse”.

olhou e numa ternura profunda, com um sorriso cansado disse: “*vovó não quer*”. Eu havia falhado na minha missão. Tal cena perpetuou-se em minha mente. Como eu queria que ela tivesse comido aquela canja, como queria ter vivido mais ao seu lado. Como não conseguia pronunciar meu nome, me chamava de “Raeli”, nome que guardo com todo o carinho de um neto.

Cresci aprendendo a olhar esse passado com admiração, com respeito, como tempo bom de ser vivido. “Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo”. (FREIRE, 1997, p. 15). Bela frase de Freire falando de seu lugar de infância. Eu diria que essas lembranças da infância são os alicerces para a nossa formação humana, somos produtos desses momentos.

No Sertão *do* Parobé moravam dezenas de famílias que viviam da agricultura familiar, com numerosos filhos, o que dava muita criança brincando por aqueles morros de carretilha, de caxeta, de caçar passarinhos, meninas brincando de bonecas, de cozinhadinho. Tudo acabou! O sertão hoje é um deserto de gente, o engenho de cana-de-açúcar dos meus avôs, onde eles faziam cachaça, caiu abandonado. O engenho de farinha de mandioca pegou fogo, por imprudência de parentes que estavam batendo feijão perto de lamparinas. Já adolescente, ouvia meus tios dizerem que seria uma vergonha, caso a casa viesse a cair. Abandonada, servindo agora como rancho, desmancharam-na.

São fortíssimas as lembranças que guardo daquele tempo, daquele espaço. Quando subo ao sertão, pois moro próximo, na comunidade *do* Parobé, ainda ouço o “griteiro” das crianças descendo os morros nas caxetas, o revoar dos gansos, os homens e mulheres trabalhando nas roças, as mulheres lavando roupa sobre seus lavadores à beira das cachoeiras, os homens assoviando e as mulheres cantando enquanto trabalhavam.

Naquela casa, a dos meus avôs, muitas histórias de assombração eu ouvi dos meus tios acorados sobre a parede e de minhas tias sentadas nos bancos ou no baú, sentados feito índios, nas rodas de conversa após a janta, apenas iluminada por uma lamparina, conhecida como “pomboca”, o que dava todo um ar de mistério. A nós, crianças, não nos era permitido interferir na conversa dos adultos. Mas interferir para quê? Só o fato de permitirem que ficássemos ali a escutá-los, já eram o suficiente. Não nasci naquele “paraíso”, mas as visitas eram frequentes, junto aos primos e tios. Eram momentos de plena felicidade. Hoje, indo a esse sertão, só se ouve o vento e os pássaros, só se vê os

campos, os matos, a cachoeira e o gado. Ainda é possível ver os alicerces de pedras das casas desmanchadas. As pessoas? Elas foram embora.

Assim fui crescendo, aprendendo a amar, a respeitar e admirar as coisas simples da terra. Quando chegou o tempo de ingressar na faculdade, não tinha dúvidas que meu desejo era ser “professor de história” e morar no interior. Aqui penso em Freire quando diz: “Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo no texto que escrevo a experiência vivida”. (1997, p. 12). Ainda segundo Freire: “A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito”. (2007, p. 27).

Dessa inquietação, desse desconforto somado ao abrir dos olhos a partir da Proposta Curricular de Santa Catarina é que nasceu o projeto que anos depois demos o nome de projeto “Memória. Um Patrimônio Irrenunciável. Comunidades do distrito *do Ribeirão Pequeno da Laguna*” que culminou com o lançamento do livro que leva o nome do projeto em outubro de 2010 e a partir de 2007 no projeto “Grupo de Cultura Casa da Dindinha” que está em pleno processo.

1.2. COMO ESSES SABERES FORAM SENDO COMPARTILHADOS NO DECORRER DO PROJETO “MEMÓRIA: UM PATRIMÔNIO IRRENUNCIÁVEL. COMUNIDADES DO DISTRITO *DO RIBEIRÃO PEQUENO DA LAGUNA*”

1.2.1. Olhares sobre a realidade

Antes de iniciar a narrativa sobre o desenvolvimento do projeto dialogando com autores que me deem suporte teórico para essa experiência educativa, quero lembrar que as relações interpessoais, no contexto atual, não ocorrem mais em forma de pirâmide, mas em rede. Antes, a última palavra, geralmente estava com os do topo da pirâmide: o padre, o político, o pai, o professor, ou seja, nas instituições como a Igreja, o Estado, a Família, a Escola, detentores de verdades estabelecidas, inquestionáveis, estruturadas num ideal de homem construído a partir dos ideais iluministas, portanto, numa sociedade burguesa. Aos da base dessa pirâmide, cabia à obediência. Nosso olhar era para o alto, a formação vinha de cima. Hoje, os olhares estão para

quem está a sua volta²². Vivemos em plena transição entre um mundo que se relacionava na verticalidade, para um mundo que busca se relacionar na horizontalidade e toda transição percorre por caminhos incertos, que geram sofrimento, questionamentos, dúvidas, erros e acertos, “Minha obra está situada entre pilares inconclusos e cadeias provisórias de escoras...” (FOUCAULT IN GORDON 1991 apud JONES 1994, p. 111). Portanto, esse projeto que desenvolvo nessa escola pública está em meio a um processo de mudanças na educação. Tudo ainda é muito provisório, tudo é muito novo.

Cheio de dúvidas, inseguranças, me ocorreu no ano de 2000, após vários cursos realizados sobre a nova Proposta Curricular de Santa Catarina a partir de 1996, a ideia de fazer uma saída de campo onde eles pudessem me apresentar a comunidade onde viviam. É essa atividade de aprendizagem que considero como ponto de partida do projeto, atividade que desencadeou uma série de outras atividades até a publicação do livro e da formação de Grupo de Cultura permanente dentro dos muros da escola. “Aprender para nós é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”. (FREIRE, 2007, p. 69). Divido esses dez anos do projeto em momentos que passo a narrar a seguir:

O primeiro momento ocorreu a partir do mês de abril do ano de 2000, quando sem uma visão clara de onde eu queria chegar, nos finais de semana ou após as aulas, me reunia com os alunos de uma comunidade, e saíamos caminhando. O encontro era marcado nas praças das comunidades e reunia os alunos da 5ª a 8ª série. Dependendo da comunidade podia reunir em torno de 20 ou mais alunos.

O trabalho consistia em realizar um documentário visual com eles apresentando suas comunidades. Quem escolhia os locais a serem filmado eram eles. Com a filmadora em mãos eu perguntava: “*E aí, para onde vamos? O que devo filmar?*”. Interessante, que em todas as comunidades o primeiro lugar a serem filmado foi a capela, talvez, porque ela é apresentada como centro da vida deles, mesmo que muitos não a frequente.

Sempre havia uma disputa entre eles sobre o roteiro, mas a decisão sempre era deles. Decidido os locais a serem filmados saíamos desvendando a comunidade. Minha surpresa foi constatar que muitos

²² Exemplo típico que ocorre muito em sala de aula: o professor marca uma atividade, um trabalho e determina uma data. No dia proposto ouve dos alunos que não sabia que tal atividade era para aquele dia porque seu colega disse que seria em outra data, ou seja, muitos ouvem mais os próprios colegas que o professor.

alunos, em todas as comunidades, não as conheciam por inteiro - em todas as comunidades havia locais onde um aluno dizia: “*eu nunca estive aqui*”. Subimos morros, descemos por cachoeiras até encontrar o lugar que diziam “ser bonito” e que merecia ser filmado.

(...) o educador é aquele que vive seu ofício vinte quatro horas por dia. Não se mascara para lecionar. Ele é educador no dia-a-dia. Seu ofício é ensinar e por certo aprender. Sua máscara enquanto ensina é a mesma ao aprender. Fora dos muros da escola, dos Centros Comunitários, das Pastorais entre tantos outros espaços, os educando esperam falar com aquele que estimulou ao ato de aprender e ensinar “as coisas da vida”. Ao educador a difícil e necessária tarefa de ser educador nas conversas de corredores, no comer junto, no acampar, no fazer trilhas, no dançar Boi de Mamão. Nota de rodapé. (GONÇALVES, 2000, p. 38/39).

Foi através dessa atividade de aprendizagem que fui percebendo a contradição que havia nos alunos. Na escola ouvia com frequência, eles e elas dizerem que não gostavam de morar na sua comunidade, no distrito, que assim que completassem dezoito anos mudariam para uma cidade grande. Mas durante a execução dessa atividade de aprendizagem o que presenciei foi um amor profundo pelo seu lugar de vivência e existência. Lembro que na comunidade *do Ribeirão Grande*, num sábado pela manhã, os alunos me fizeram subir o morro mais alto da comunidade porque diziam que de lá a vista era maravilhosa. Em pleno meio dia, chegamos ao dito lugar. Fome, sede, cansaço, mas o orgulho do lugar estava estampado no semblante de cada um deles. E o lugar é realmente lindo, de lá dá para se ver toda a comunidade, a lagoa e o centro da cidade ao fundo. E assim foi em todas as comunidades que formam o distrito.

ILUSTRAÇÃO 1 - Alunos *do* Ribeirão Grande mostrando, segundo eles, os lugares mais significativos da comunidade, dignos de serem filmados e fotografados. 2000



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

ILUSTRAÇÃO 2 - Alunos da Madre mostrando o sambaqui da comunidade. Orgulhosos pelo local tentavam achar objetos deixados pelos ancestrais. 2000



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

No meio do trabalho, foi inevitável a história, a cultura, a memória do distrito se revelava diante dos nossos olhos: os brinquedos e

as brincadeiras das crianças, os engenhos de farinha de mandioca e cachaça, as fazedoras de tarrafa, os mestres na arte de fazer canoas de pesca, o boi de mamão, o terno de reis, a bandeira do divino, as lavadeiras de cachoeira, a culinária de base indígena e açoriana, as benzedadeiras, as ervas medicinais, as histórias de assombração, as superstições, o trabalho masculino e feminino, os carros de boi, as canoas, os caminhos, as cachoeiras, as matas, as igrejas, as praças, etc. No dizer de Brandão, “é preciso recuar longe, memórias de um passado remoto, para conhecermos como o saber terá emergido à vida e, circulando entre tipos de pessoas, terá diferenciado uma região de si mesmo como educação” (1986, p. 14). Foram diálogos itinerantes. Caminhamos pelos lugares de memórias e pela memória desses lugares. Trabalhamos com memória espacial, a ideia dos vestígios de memória, memória dos objetos.

Ali, também “fomos criando um **diálogo observador**” (FANTIN, 2005, p. 22), ali descobrimos a possibilidade de aprendizagem. Foi um tempo de reflexão. No exercício da observação dos aspectos materiais da cultura local, as comunidades se revelavam a nós e nós nos revelávamos à comunidade. Mas não só a cultura material se revelou a nós, dentro de cada espaço construído, transformado, estava impregnada de cultura imaterial, que no decorrer do projeto será nossa pedra angular, aquela que sustenta esses saberes, fazeres e experiências desse povo que escolheu esse lugar para se constituir enquanto humano.

ILUSTRAÇÃO 3 - Alunos *da* Figueira mostrando uma nascente de água, digno de ser filmado. 2000



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Em sala, passei as filmagens realizadas em todas as comunidades para todas as séries e ali pudemos perceber o quanto era belo o nosso lugar, que dependia somente de outro olhar, para descobrirmos as belezas que buscávamos ofuscar. Um aluno na época chegou a dizer que muitos dos nossos lugares podiam ser fotografados e transformados em calendário. Segundo ele: “*daqueles que mostram cidades da Europa*”. É evidente que nem todos foram tocados, mas a grande maioria se encantava com o que havíamos produzidos. Hoje, com frequência passo esse trabalho realizado em 2000 para os alunos que se divertem vendo irmãos e amigos há anos atrás e as transformações pelas quais as comunidades e as pessoas passaram. Reflito com eles, que mesmo no interior, onde há a sensação que nada muda, podemos perceber ao contrário – que pessoas e coisas mudam com o passar do tempo. Essa atividade vem ao encontro da abertura do livro de Freire sobre “A importância do ato de ler”, quando ele descreve a origem da sua leitura de mundo a partir do lugar de sua infância:

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros – o do sanhaçu (...); na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmins -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores, de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada; o amarelo-esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto. Foi nesse tempo, possivelmente, que eu, fazendo e vendo fazer, aprendi a significação da ação de amolegar. (1997, p. 13).

Nessa altura da atividade eu queria saber quantas pessoas existiam por comunidade, quantas na época tinham televisão, quantos tinham carro, o grau de instrução de cada um, idades, sexo, dados que

nunca haviam sido pesquisados. Como leciono História e Geografia na escola, na disciplina de Geografia montei um questionário, construído em sala, e dividi os alunos em equipes. Num trabalho extraclasse saíam de casa em casa fazendo o “censo do distrito”. Não foi fácil o trabalho de organização, era algo que eu nunca havia realizado - como as equipes trabalhariam pela comunidade sem que dois grupos fizessem a pesquisa numa mesma casa. Trabalho realizado com exaustão, com algumas críticas por parte dos pais, com idas e vindas no planejamento, como tabular os dados, etc. Mas creio que na época chegamos quase que a cem por cento do que nos propúnhamos. Pela primeira vez sabíamos quantos velhos, quantas crianças existiam em cada comunidade, como viviam. Em sala aproveitava a ensinar sobre as pirâmides etárias utilizando os dados do próprio distrito.

Essa primeira etapa do projeto foi um exercício profundo de observação da cultura material desse lugar. Através de diálogos observantes, num fazer coletivo, íamos descortinando a arquitetura, os espaços construídos e também os saberes e fazeres resultado de experiências acumuladas por séculos e que estava ali na nossa frente dispostas a se revelarem, pedras preciosas em processo de lapidação.

O bonito desses diálogos que permeavam nossas caminhadas pelo distrito é que sempre havia o olhar de um aluno que observava algo que os demais não tinham se dado conta e aí íamos descobrindo que a beleza de um todo está na observação dos pequenos detalhes. Foram momentos de aprendizados coletivos, saberes construídos a cada caquinho que se apresentava diante dos nossos olhos.

O pressuposto de Paulo Freire de que o diálogo é “o encontro entre seres humanos, mediatizados pelo mundo” (1987, p. 78), “um encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo ao ser transformado e humanizado” (idem, p. 79), é o ponto de partida para refletir sobre esses diferentes diálogos e seus desdobramentos. (GUERRERO, 2008, p. 153).

Essa primeira atividade revelava a cultura do distrito: as pessoas, as construções, os fazeres, os saberes, os jeitos e os trejeitos desse povo. Volto à epígrafe que percorre todo esse trabalho “Todos os povos tem cultura” e aqui não era diferente, então porque envergonhar-se dela?

1.2.2. A Feira Cultural Histórica

Passado esse que hoje chamo de primeiro momento do projeto, ficou um vazio, um questionamento: e agora, o que fazer? Como socializar os resultados? Não era uma atividade que se encerrava em si, mas uma atividade de aprendizagem que revelava o mundo da cultura, no nosso caso da cultura local, dos saberes e das experiências do homem e da mulher que tiram o seu sustento da terra e do mar, que tem sua particularidade na forma de brincar, de cantar, de dançar, de ver e viver neste pequeno chão do Brasil. Um pequeno mundo que se apresentava nos chamando a descortiná-lo, a conhecê-lo, a compreendê-lo. Era hora de a comunidade saber o que estávamos descobrindo sobre nós mesmos. A humanidade inserida em nós nos dá o direito de pesquisar, planejar, pensar, refletir, praticar, ser, sentir, saborear, agir, intervir, avaliar, ser avaliado, deliberar nossos fazeres e saberes num movimento dialógico. Diz Freire:

A possibilidade humana de existir — forma acrescida de ser — mais do que viver, faz do homem um ser eminentemente relacional. Estando nele, pode também sair dele. Projetar-se. Discernir. Conhecer. É um ser aberto. Distingue o ontem do hoje (FREIRE, 2001, p.10).

Essa apropriação do ser enquanto relacional, possível de projetar-se, capaz de ir além, criador de cultura, me estimulava nessa etapa do trabalho em avançar, mas um avançar coletivo, tendo o diálogo como forma de apropriação. Apropriação de um saber que na época me fugia à compreensão, mas ciente que o conhecimento se constrói no diálogo, extremamente necessário a uma prática pedagógica. Então, surgiu-me a ideia de uma feira onde pudéssemos expor um pouco da cultura local, tudo isso num único lugar, a escola. Mas como fazer isso?

Com base nas feiras de ciências que havia participado trabalhando em escolas particulares, me surgiu a ideia de promover uma feira “cultural”, trazendo as comunidades para dentro do espaço escolar. O ano foi passando e eu matutando como fazer essa amostragem da cultura material e imaterial do distrito *do* Ribeirão Pequeno. De uma coisa eu não tinha dúvidas – algo tinha que ser feito, não havia mais volta. Enquanto educador eu não poderia mais deixar de trabalhar questões da cultura local que na minha visão daquele momento estavam adormecidas, esquecidas, jogadas nos paíóis das comunidades e nas memórias dos velhos. Mas era um empreendimento grande demais para

minhas pernas. O medo de não dar conta do que vinha pensando em fazer me apavorava, mas ao mesmo tempo me desafiava “por que não?” O tempo foi passando e eu fui amadurecendo a ideia. Montei um mini projeto e apresentei a diretora da escola que na época embarcou na minha proposta. Aqui Freire me ensina que

(...) devemos pensar, praticar e acreditar como exercício permanente de construção de humanidade. Através do diálogo com a realidade, da problematização dos conflitos e situações emergentes, da socialização e produção de conhecimento através dos temas geradores, da codificação e decodificação dos conteúdos, da prática e vivência dos círculos de cultura e na produção das sínteses culturais, reconstruímos nossa prática educativa. (FANTIN, 2005, p. 21).

Um dos maiores entraves era pensar como a comunidade reagiria diante dessa atividade e como gerenciar os conflitos que certamente nasceriam dessa atividade. Eu precisaria não apenas dos alunos, mas do envolvimento de toda a comunidade escolar, porque deles viriam os móveis, as fotos, os instrumentos de trabalho, os meios de transporte, em fim, num espaço de uma sala de aula eu sonhava representar cada comunidade e juntando a escola como um todo, representar todo o distrito.

ILUSTRAÇÃO 4 - Preparação da Feira Cultural Histórica. Caçamba cedida pela prefeitura para transportar os móveis e objetos antigos. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Nesta caminhada nasceu o segundo momento, que foi a realização da Feira Cultural a qual demos o nome de “**Feira Cultural Histórica – nossa gente se fazendo história**”, e que aconteceu entre os dias 22 e 23 de novembro de 2001. Cada sala de aula foi transformada em uma comunidade. Trouxemos o distrito para dentro da escola, para que o distrito pudesse se mostrar a comunidade escolar.

ILUSTRAÇÃO 5 - Entre organização e execução da Feira passou-se uma semana, pois só na organização montamos seis casas contendo: sala, cozinha, quarto, paiol, além de uma capela, uma sala do meio ambiente e o refeitório que recebeu os meios de transporte da época. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Montamos ambientes representativos de uma casa antiga: uma sala, um quarto, uma cozinha, os instrumentos de trabalho, os brinquedos. Até uma capela foi montada na escola para mostrar como era o Morro Grande, a Figueira, a Ponta do Daniel, o Parobé, o Ribeirão Pequeno, o Ribeirão Grande, o Cortiçal e a Madre entre os anos de 1930 e 1960. Foram dois dias de feira divididos em três momentos. Dia 22 no período da tarde e no dia 23 nos turnos matutino e vespertino. Creio que este momento proporcionou a reflexão já antecipada por Freire (2006, p. 90): “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Envolveram-se professores, direção, funcionários da escola, dezenas de pais, velhos que participaram com suas memórias e experiências, que emprestaram objetos, fotos particulares, camas, guarda-roupas, mesas, canoa, carro de boi, etc. No decorrer da feira, muitos se emocionaram ao se depararem com a reconstrução do seu cotidiano.

Freire enfatiza que a aprendizagem se dá no coletivo e na relação dialética que o permeia. Quando Freire afirma que ‘ninguém educa

ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo’, ele está justamente reiterando a importância do coletivo na construção e consolidação do conhecimento. (FEITOSA, 2005, p. 36)

Tivemos o apoio da Coordenadoria Regional de Educação, antiga CRE, que acreditou e divulgou a iniciativa e da prefeitura que nos cedeu uma caçamba para que pudéssemos trazer os objetos para escola. Trabalho coletivo que envolveu muita pesquisa, pois muita coisa nós desconhecíamos. Em sala, coletivamente fomos fazendo levantamento dos objetos que poderíamos expor e aí ia surgindo objetos, expressões que eu nunca havia escutado, exemplo, um aluno perguntava se poderia trazer um “aguidar” e eu perguntava *“o que é isso? Para que serve?”* Muitas vezes nem o aluno sabia e aí tínhamos que voltar a pesquisar junto aos velhos.

Onze escolas públicas municipais e estaduais e duas escolas particulares da região nos visitaram. Assim que os visitantes chegavam eram encaminhados ao salão paroquial da comunidade onde ocorria a primeira parte assim distribuída:

- Abertura com a gestora da escola que desejava as boas-vindas aos alunos e visitantes seguidos do Hino Nacional Brasileiro e Hino do Estado de Santa Catarina ensaiado pelos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental;
- Depois a palavra me era passada e então eu lia um texto contando a caminhada do projeto até aquele momento;
- Passado essa etapa introdutória, quatro alunos da quinta série apresentavam **“O Homem primitivo se fazendo história na futura Laguna”** em forma de palestra, fazendo uma síntese da caminhada humana da África à região lagunar de Laguna, seguida da apresentação de uma dança indígena preparada pelas professoras das séries iniciais.
- Após a apresentação dos alunos da quinta série, era a vez os alunos da sexta série apresentar **“O Homem branco chegando em nossa região: dominação, exploração, desafios de sobrevivência”** contando a chegada dos primeiros brancos na região: os vicentinos seguidos dos açorianos e imigrantes europeus. Após a fala dos meninos havia a apresentação do boi de mamão mirim ensaiado por uma das professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental e também da apresentação de

uma dança açoriana, sob a responsabilidade da professora de Educação Física, com alunos das séries finais do Ensino Fundamental;

- Os alunos da sétima série eram responsáveis em contar a saga do homem negro com o título **“O Homem negro chega à força, dominado e explorado”** no Brasil seguindo até Laguna. A explanação dos alunos era seguida da apresentação de uma capoeira, sob minha responsabilidade e ensaiada por um aluno da escola.

ILUSTRAÇÃO 6 - Nosso primeiro contato com a dança açoriana. Tínhamos apenas um CD com a música. A coreografia foi inventada baseada nos passos da dança portuguesa. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

ILUSTRAÇÃO 7 – Demonstração de uma capoeira. Os próprios alunos organizaram a apresentação. Pela primeira vez o povo local presenciava a dança da capoeira inspirada na cultura negra. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

- Por último, os alunos da oitava série apresentavam **“Laguna hoje: problemas e soluções”**. Após a apresentação dos alunos da oitava série que faziam uma explanação dos problemas atuais que a cidade e o distrito enfrentavam naquele momento, havia a apresentação de uma encenação teatral “Procissão dos mortos”, representando uma das histórias de assombração mais comuns no distrito, sob a responsabilidade da professora de português do Ensino Fundamental, séries finais.

ILUSTRAÇÃO 8 - A professora de português ficou encarregada de encenar a lenda da procissão dos mortos. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Em seguida os visitantes eram convidados a dirigirem-se à escola para a segunda parte da Feira: visitação da exposição dos objetos antigos com a interação dos alunos.

Chegando a porta da sala de aula, o visitante era recebido(a) por um(a) aluno(a) que os recepcionava desejando-lhes boas vindas e o(a) convidava a visitar a sua comunidade.

Ao entrar na sala, o visitante era conduzido a conhecer em primeiro lugar, a maquete da comunidade, maquete essa confeccionada com antecedência pelos alunos. Cada comunidade confeccionou a sua. O visitante então recebia do aluno(a) todas as informações daquela comunidade mostrando-lhes os principais pontos turísticos, econômicos (engenhos, postos de venda de camarão, vendas), sociais (campo de futebol, cemitério, salão de baile) e religiosos (a/as Igrejas) da comunidade.

ILUSTRAÇÃO 9 - Exemplo de maquete construída pelos alunos. 2001

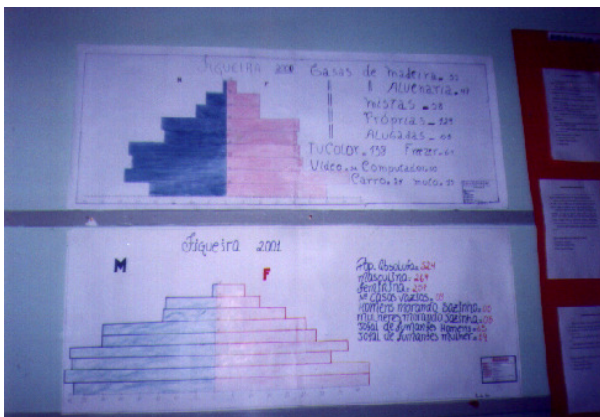


FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Acima, pregado na parede, também confeccionado por eles estava o mapa da comunidade. O que viam na maquete estava representado no mapa, acrescido da localização da casa de cada aluno ou aluna, estudante da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem.

Próximo ao mapa, estava o mapa da pirâmide etária.

ILUSTRAÇÃO 10 - Pirâmide etária da comunidade da Figueira. Anos de 2000 e 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Esse foi um dos trabalhos mais exaustivo realizado extraclasses pelos alunos junto aos moradores das comunidades que formam o distrito *do* Ribeirão Pequeno. A missão era contar as pessoas, casa por casa em toda a comunidade. Requereu muito planejamento e vontade das pessoas em receber os alunos e fornecer as respostas frente às perguntas que estavam incumbidos. Com antecedência mapeamos as comunidades e responsabilizamos cada dupla ou trio que se responsabilizavam perante uma rua ou parte da sua comunidade. Chamava a atenção pelo fato de que pela primeira vez as pessoas tinham acesso ao número de pessoas da comunidade, por sexo e por idade, as profissões, o número de televisores, automóveis, etc.

Continuando a visitação, se dirigiam ao quarto, com cama, guarda-roupa, roupas, etc. Lá outros jovens contavam como era o dormir, os trajes, as orações, etc.

ILUSTRAÇÃO 11 - Aluna expondo aos visitantes o quarto de uma casa antigamente. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Passando pela sala, que na maioria das casas era apenas um banco. Rara a casa que tinha na sala uma mesa com quatro cadeiras. Depois se dirigiam a cozinha, com mesa, banco, fogão a lenha, armário. Sobre a mesa os pratos típicos da região como o pirão de feijão e o pirão d'água, as farofas de ovo, de peixe, de banana, de morcilha, o nego deitado na chapa (bolo feito de farinha de milho sob a folha da bananeira na chapa do fogão a lenha), o biju, o cuscuz, o Mané pança, etc. Além de falarem dos pratos típicos também diziam como os antigos

chamavam os horários das refeições (zonza para o café das nove horas da manhã na roça, janta para o almoço e ceia para a janta).

ILUSTRAÇÃO 12 - Alunas apresentando os pratos típicos da culinária açoriana. Ao fundo o varal de peixe e carne seca. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Continuando a visitação, passavam pelo paiol com os instrumentos de trabalho da roça, da pesca e os realizados nos engenhos, além de ser o local onde muitas vezes se guardavam alimentos dependurados (por exemplo, amendoim, milho, etc.) por corda e com proteção de uma cuia contra os ratos.

ILUSTRAÇÃO 13 - Praticamente em todas as casas havia um paiol que servia para guardar ferramentas e até mesmo alimentos. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

As pessoas também eram convidadas a conhecerem o espaço dedicado aos brinquedos onde outros alunos(as) contavam como eram os brinquedos e brincadeiras do tempo dos avôs. Lá estavam a canoinha, o carrinho de boi com os boizinhos, as loucinhas de barro, as bonecas de pano, a arapuça, o peão, a peteca, a carretilha, as bolinhas de vidro, as comidinhas, etc.

ILUSTRAÇÃO 14 - Exemplo de alguns brinquedos que eram confeccionados pelas próprias crianças ou por seus adultos. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

E por fim o visitante passava por dois painéis que já se encontrava próximo a porta da saída: um de fotos antigas da comunidade e outro formado por dez personalidades da comunidade – homens/mulheres – escolhidas com antecedência na comunidade e que se fizeram história.

Mais de trezentas fotos antigas nos foram emprestadas para a exposição. A supervisora escolar juntamente com os alunos selecionou as fotos e confeccionou o painel para colocá-las, local onde muitos ficavam por um bom tempo revendo espaços e pessoas que fizeram parte de suas vidas.

Diz Chauí (1996), “A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais” (p.125). Certamente a observação das fotos os faziam transportar para um tempo que não volta mais, mas que de alguma maneira ainda se encontra consigo, basta um álbum de fotografias, um vídeo, uma fala, para que a memória aflore e os faça transcender a um tempo passado.

ILUSTRAÇÃO 15 - Senhoras na observância do seu passado através de pessoas, cenas e cenários retratados nas fotos antigas. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Quanto ao painel com a biografia e fotos das dez personalidades de cada comunidade, partimos do princípio que sempre trabalhamos na história com personagens que se fizeram história envolvendo os povos do Ocidente como Cristóvão Colombo, Leonardo da Vinci, os iluministas, Napoleão Bonaparte entre tantos, ou a nível nacional como Pedro Álvares Cabral, Dom Pedro I e II, Getúlio Vargas, também entre tantos. Pouco se fala das personalidades regionais como Franklin Cascaes, Anita Garibaldi, Jerônimo Coelho, e deixamos de lado as personalidades que se fazem história no nosso entorno. A intenção era mostrar que também nossos homens e nossas mulheres são dignos de serem chamadas personalidades históricas a partir daquilo que nos deixaram como legado. Não seria eu, que selecionaria estas pessoas. Nas entrevistas que realizaram junto aos velhos que resultou no livro “Memória. Um Patrimônio Irrenunciável. Comunidades do distrito *do Ribeirão Pequeno da Laguna*”, também havia a pergunta quem eles destacariam na comunidade como personalidade histórica. Os dez que mais apareceram por comunidade, posteriormente, os alunos voltaram a pesquisa em busca de suas biografias. Foi um trabalho exaustivo para

que não cometêssemos erro. Não houve uma crítica sequer sobre os que se destacaram. Os visitantes concordavam com as pessoas que ali estavam destacadas.

ILUSTRAÇÃO 16 - Painel de fotos antigas das comunidades e ao lado o histórico (biografia) de dez personalidades (pessoas que se fizeram história) por comunidade. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

O mais interessante nesse trabalho, é que poucas pessoas de posse (as chamadas ricas) se destacaram. Lá estavam as parteiras, as benzedadeiras, as catequistas, o padre até pessoas “loucas” com esquizofrenia que perambulavam pelas comunidades foram destacados importantes.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelo materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com

ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1987, p. 17)

ILUSTRAÇÃO 17 - Sobre a mesa às biografias e acima a foto dos homenageados. Comunidade *do Parobé*. 2001.



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Em cada sala de aula que representava uma comunidade, havia uma televisão onde passava o trabalho realizado pelos alunos em abril de 2000 mostrando os lugares da comunidade que deveriam ser filmados. Como a escola tinha na época apenas um televisor e um vídeo cassete, tive que pedir emprestadas mais cinco televisores e cinco videocassetes. Cada vídeo desses durava entre quinze minutos e meia hora. Portanto, a visita a cada sala/comunidade era demorada. E assim, a pessoa dirigia-se as outras comunidades até chegar a uma sala onde montamos uma capela mostrando como era a Igreja Católica antigamente.

Conseguimos que cada comunidade emprestasse a imagem do padroeiro para exposição. Duas comunidades, a *do Ribeirão Pequeno* e a *do Parobé* nos cederam as imagens que ficam no altar de suas capelas. Momento de grande responsabilidade em transportá-las e permanecer por três dias com essas imagens que lhes são caras. São peças únicas de grande valor sentimental, que representam toda a devoção espiritual dessas comunidades.

ILUSTRAÇÃO 18 - Capela com a presença de todos os padroeiros, além de objetos, aparamentos e fotos antigas das comunidades. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

As demais imagens não nos foram emprestadas uma réplica dos padroeiros.

No refeitório encontravam os meios de transporte da época: canoa, carro de boi, carretão, etc.

ILUSTRAÇÃO 19 - Os meios de transporte tradicionais da época: carro de boi, canoa a vela de um pau só, carretão, etc. 2001



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Mas o que mais nos chamou a atenção foi o orgulho dos alunos ao apresentar suas comunidades. Era de jovem estudante para jovem estudante, de jovem estudante para adulto, de jovem estudante para velho. Sem vergonha de mostrar a esteira, o aguidar onde às crianças comiam sem vergonha de falar do peixe seco dependurado sobre o fogão a lenha.

Foi surpreendente ver alunos das comunidades urbanas ouvindo nossos jovens estudantes da zona rural com atenção e respeito. “As conversas são, sem dúvida, de grande importância, pois é por meio delas que se preserva e se renova a oralidade, estreitando laços entre o narrador e o ouvinte”. (OLIVEIRA, 1999, p. 277) Por isso esse segundo momento foi tão marcante na história da escola.

Presenciamos pessoas chorarem diante daquilo que viveram quando criança ou jovem, outros que retornaram no dia seguinte, que não cansavam de admirar a casa montada. Mães que trouxeram chazinhos, docinhos, pedacinhos de queijo para oferecer aos visitantes. Outros que ao verem a exposição lembrava-se de um objeto antigo que tinham guardado e voltava em casa para trazê-lo para exposição.

Neste diálogo entre o jovem estudante e o velho que realimenta sua memória, o educador Paulo Freire nos acompanhou em cada gesto. “Pontuado pelas reflexões de Freire sobre o papel do diálogo nas relações, este trabalho traz Freire para ‘versar seu canto’ de amor ao mundo e aos homens”. (GONÇALVES, 2000, p.15/16). O diálogo foi a

mola mestra na nossa prática pedagógica. É através do diálogo, no fazer coletivo, que vamos construindo o conhecimento. Na troca das experiências fomos fortalecendo nossa prática pedagógica.

Por isso, o diálogo é uma existência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro. (FREIRE, 2006, p. 91).

Nesse fazer coletivo que foi a Feira Cultural Histórica, os sujeitos envolvidos, além de solidarizarem sua cultura transformavam e se transformavam enquanto seres culturais numa experiência de troca de saberes e fazeres, num diálogo horizontal e não vertical, no dizer de Freire, numa “vocalização ontológica, em amor, em diálogo, em esperança, em humildade, em simpatia”. (FREIRE, 2006, p. 25).

A Feira Cultural foi uma experiência profunda não só de amostragem, não só de troca de saberes e fazeres, mas de diálogos entre a comunidade e a escola e entre a escola e a comunidade. “Além de desenvolver uma prática educativa e cidadã, estávamos ensinando-os a lutar, a reivindicar e a fazer movimento” (FANTIN, 2005, p. 36). Nesta experiência que calou fundo a caminhada da escola, abríamos um movimento em defesa da cultura local. Fragmentos dessa cultura se descortinavam diante dos nossos olhos nos desafiando a lutar por ela.

Experiência aqui experimentada é algo que nos tocou com profundidade, que ressoou de alguma forma e nos transformou. Portanto, experiência é algo que cala fundo, que se perpetua, que não esquecemos, que transita pelo tempo sem perder sua essência. A experiência da Feira Cultural Histórica é exemplo desses fazeres que mesmo passado dez anos estão na memória dos que fizeram parte dessa história.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, Jorge Larrosa diz:

Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não

o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (BONDÍA, 2011)

Não foi apenas um “fazimento” de coisas. Larrosa tira a ideia da experiência, como só “fazimento”, do só fazer coisas. Larrosa vai para a compreensão da experiência, como aquilo que atravessa toda a vida do sujeito, porque é capaz de mudar o sentido, o conceito, o olhar sobre as coisas, no nosso caso, sobre a cultura. Então quando eu falo de uma experiência, eu falo de uma experiência que me toca. Seja por qualidade afetiva do toque, seja porque nos deixou marcas ou que nos fez pertencer a um território, a um lugar, a uma história, a uma cultura. Mas nem todos que viveram a experiência da Feira Cultural Histórica foram tocados por ela, portanto, não viveram a experiência, apenas participaram de um momento bonito proposto pela escola, apenas participaram com o olhar e não para a sua essência, porque não os tocou. Saíram como entraram.

A Festa da Cultura, ao mesmo tempo em que cumpria sua função de amostragem de objetos e móveis que caracterizavam fragmentos da cultura local, nos desafiava a novos caminhos. Estávamos diante de um valiosíssimo patrimônio material que falava por si só, mas que se abria a novas possibilidades.

Terminada a Feira Cultural Histórica, era hora de devolver os objetos que foram emprestados. Algumas pessoas nos doaram seus objetos ou móveis. Foi nascendo a ideia de montarmos um museu nas dependências da escola. Trataremos desse assunto mais adiante.

1.2.3. Novas pesquisas fundamentadas na oralidade

Diante da provocação que a Feira Cultural Histórica nos desafiou, de 2001 a 2004 o projeto deu continuidade com os alunos saindo novamente a campo entrevistando os velhos nas comunidades, sobre suas infâncias, fase da juventude, perguntando tudo que envolvesse a cultural material e imaterial, ou seja, a história cultural do distrito *do* Ribeirão Pequeno. A fonte da maior parte do trabalho foi a oralidade. Essa etapa do projeto fundamentou-se na oralidade e não em documentos oficiais. Aqui trago Montenegro para dialogarmos sobre a diferença entre a pesquisa realizada com fontes oficiais documentadas e as realizadas com pessoas que viveram o acontecido: “a história escrita, documentada, distingue-se do acontecido; é uma representação. E neste hiato entre o vivido e o narrado localiza-se o fazer próprio do

historiador” (1994, p. 10), ou seja, o pesquisador social trabalha com o que foi vivido e que ainda está presente no grupo social, a história, por sua vez, trabalha, constrói, reconstrói uma representação de fatos já acontecidos.

Ainda segundo Montenegro,

Afinal, compreendemos a história como uma construção que, ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro. Este operar, próprio do fazer histórico na sociedade, encontraria em cada indivíduo um processo interior semelhante (passado, presente e futuro através da memória. (1994, p. 17).

Segundo Barbosa (2009), a “história oral não pode vir desvinculada da biografia e memória” (p.58), memória como fonte permeada pelas experiências de quem viveu os “fatos” e da maneira como os viveu, sentiu, interpretou. Ainda Barbosa (2009), citando Verena Alberti (1989, p. 21), salienta que a história oral “só pode ser empregada em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos entrevistados alcance” (p. 58/59). Diz-nos Bosi: “Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época”. (2004, p. 16).

Memória aqui, não é só lembrança. A memória é todo acervo cultural, histórico, político, afetivo, inter-relacional que nós guardamos da própria existência. Não é memória no sentido cortical do que eu lembro, do que eu esqueço. A memória é tudo isso que o Bourdieu (1964) chamou de “capital cultural” que o sujeito traz ao longo de toda a vida, mas a memória não é linear. Com facilidade ela transita pelo tempo em busca de respostas às necessidades do presente. Ainda nos diz Chaui: “A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança” (1996, p. 128).

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a Igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de

atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2004, p. 15).

Eu não trouxe a memória que se deu entre 2000 e 2010. Nesse período eu estava buscando os acontecimentos que marcaram a história dessas pessoas no distrito *do* Ribeirão Pequeno. A memória é o que eles nas entrevistas, nas rodas de conversa, nos encontros, nos objetos, nas celebrações, nos ritos manifestaram e manifestam e que eu como pesquisador social fui sistematizando para compor esse texto. Essa memória precisa falar dos velhos, porque não é qualquer memória. É uma memória popular que enreda todo um contexto cultural. É uma memória que traz todo o capital cultural desses sujeitos que são os sujeitos da minha pesquisa.

Como a grande maioria, com raras exceções, dos entrevistados não passaram da quarta série primeira, eu diria que suas memórias estão livres da oficialidade histórica, portanto, falam de um tempo realmente vivido, sem fundamento teórico, sem um planejamento metodológico. “Mas não vá alguém pensar que as testemunhas orais sejam sempre mais “autênticas que a versão oficial. Muitas vezes são dominadas por um processo de estereotipia e se dobram à memória institucional”. (BOSI, 2004, p. 17).

É nossa função, enquanto pesquisadores sociais, teorizar e fazer nossas escolhas metodológicas. É nesse percurso entre o empírico e a finalização da pesquisa que acontece o que se chama “trabalho científico”. Daí a importância dos saberes empírico.

A oralidade, portanto, está intimamente ligada a memória e o que importa aqui, não são os fatos narrados em si, mas o caminho em que a memória transita, a medida em que ela vai sendo construída e reconstruída como resposta da consciência contemporânea, portanto, a memória é ativada a partir dos efeitos, acontecimentos provocados pela realidade, não como mecanismo de gravação, mas de seleção, que vai sofrendo alterações no decorrer das narrativas. (HOBSBAWN, 1988).

Destaco ainda discutindo o papel da oralidade nesta pesquisa, o conceito de História Oral na visão de George P. Browne enquanto técnica metodológica:

Segundo George P. Browne, “História Oral é a designação dada ao conjunto de técnicas utilizadas na coleção, preparo e utilização de memórias gravadas para servirem de fonte primária a historiadores e cientistas sociais”. (...) A técnica, em si, consiste de entrevistas devidamente guiadas

pelo historiador, através das quais podemos fazer com que o entrevistado explique determinados pontos ou relate fatos que a falta de outro material documental deixou obscuro. (CORREA, 1978, p. 13).

E assim na medida em que as entrevistas eram realizadas e apresentadas em sala, à cultura ia se descortinando, mas também, novas dúvidas iam surgindo, tanto em relação a aspectos da cultura local, como o que fazer com todo esse material que vinha sendo produzido pelos alunos. O que me inquietava era como socializar com a população do distrito esse rico material cultural que os alunos vinham trazendo para o espaço escolar enquanto conhecimento empírico. A pergunta era como devolvê-los, para que soubesse como elaboramos os conhecimentos que nos narraram sobre a cultura local.

Dessa inquietação nasce o sonho de um livro que desse conta de mostrar fragmentos dessa cultura local. Sem uma clareza metodológica fui sistematizando esse material por temas e o sonho do livro foi ficando cada vez mais forte. Mas onde conseguir verbas para publicá-lo?

1.2.4. Festa da premiação Tesouros do Brasil

Enquanto o sonho do livro ia tomando corpo, nas nossas andanças com alunos pelo Centro Histórico de Laguna entramos em contato com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A parceria foi inevitável.

A Gizely, funcionária do IPHAN de Laguna, tomou conhecimento do nosso trabalho e a nossa vontade de trabalhar na preservação da memória cultural do distrito de Ribeirão Pequeno. Estava selada uma amizade que se construía na afinidade da “Educação Patrimonial”. Foi quando fomos convidados a participar do Concurso Tesouros do Brasil em 2004.

Entrávamos no terceiro momento que ocorreu no final de 2004. Reunimos todo o material que tínhamos: os escritos, resultado das entrevistas²³, fotos, filmagem e montamos o projeto para ser enviado. Na corrida contra o tempo, momento em elaborar o texto, o maior cuidado era respeitar o que os alunos haviam pesquisado. Foi um trabalho exaustivo com a participação do IPHAN de Laguna que nos

²³ Foram entrevistados 82 idosos nas comunidades que formam o distrito de Ribeirão Pequeno, sendo que alguns já vieram a falecer e 106 alunos que participaram da redação final.

ajudou e muito na elaboração do projeto. E no último dia postamos o trabalho que foi enviado para São Paulo.

O tempo passou e no início de 2005 fomos informados que estávamos classificados entre os 74 melhores trabalhos. Em sala de aula a maior festa pela conquista. Já nos sentíamos vitoriosos. Nossa torcida era ficar entre os 50 melhores trabalhos. Eu lembro que frisava junto aos alunos que jamais conseguiríamos chegar entre os melhores trabalhos.

Foram 1296 trabalhos inscritos, 617 escolas participantes, entre públicas e privadas, envolvendo 13.663 alunos de todo o Brasil e o projeto “Memória. Um Patrimônio Irrenunciável”, da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem ficou em primeiro lugar na categoria memória.

Esse feito nos lembra Paulo Freire como grande referencial de educação emancipadora, “como prática da liberdade”. Liberdade aqui no sentido de “*é possível, basta que acreditamos no nosso potencial*”, liberdade no sentido de nos libertarmos da ideologia fatalista defendida pela política neoliberal. Como grande humanista que foi, nos faz acreditar que podemos mudar a ordem das coisas. Uma escola do interior desse Brasil, pública, pequena, pode sim vencer um concurso a nível nacional. Freire nos ensina a voar, a acreditar, a sonhar. Segundo Ana Maria Araújo Freire,

(...) o sonho de Paulo Freire foi, indubitavelmente, o de que todos os seres humanos, independentemente de cor, religião, raça, etnia ou sexo, possam ser gente. Gente que leia e escreve entendendo a palavra, lendo o mundo. (...) Gente que possa entender que ‘mudar é difícil, mas é possível. (FREIRE, 2005, p. 25).

Para Freire “a utopia era o verdadeiro realismo do educador” (GADOTTI, 2005, p. 12). Ainda nos diz Freire: “Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar” (FREIRE, 2007, p. 144). Confesso, que certamente revestido do pensamento neoliberal fatalista, achava que não seríamos capazes de receber esse prêmio que veio nos mostrar que estávamos no caminho certo.

O neoliberalismo é visceralmente contrário ao núcleo central do pensamento de Paulo Freire, que é a *utopia*. Enquanto o pensamento freiriano é utópico, o pensamento neoliberal abomina o sonho. Para Paulo Freire o futuro é possibilidade.

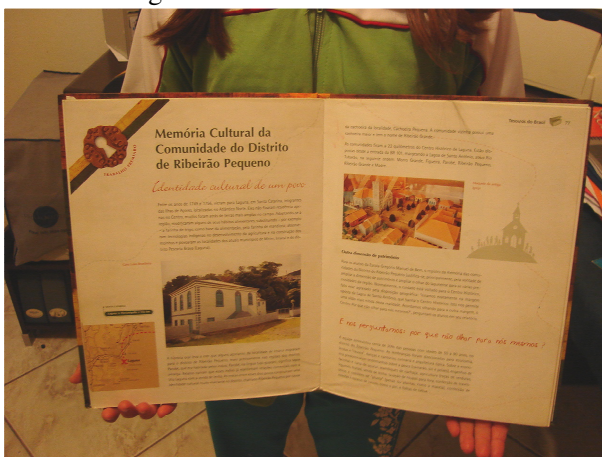
Para o neoliberalismo, o futuro é fatalidade.
(GADOTTI, 2005, p. 8).

No dizer de Fantin,

Assim, ousou afirmar que ao lado de um processo “em vias de globalização, massificação” há movimentos, resistências, rupturas, projetos, enfim o pulsar constante de vida, de busca de justiça, de relações saudáveis entre seres humanos, demais espécies da natureza no planeta, e sobretudo um pulsar de novas utopias. (1998, p. 181)

No dia 06 de maio de 2005, no Cine Teatro Mussi, localizado no centro histórico de Laguna, recebemos a premiação. Uma empresa privada no ramo de automóveis de Tubarão patrocinou a contratação de quatro ônibus para levar os alunos e a comunidade em geral ao local da premiação. Na presença de autoridades políticas e da sociedade lagunense, com a presença da imprensa, dos professores, dos familiares - os alunos e eu recebemos os certificados da premiação. Foi uma tarde de reconhecimento.

ILUSTRAÇÃO 20 - Livro contendo os principais trabalhos premiados, entre eles os que tiraram em primeiro lugar, divididos em categorias. Nós ganhamos na categoria memória. 2004



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Durante o ano de 2005, vivemos o quarto momento que foi transformar todo o material guardado, desde fitas, entrevistas, fotos, em

um projeto de livro que registrasse toda essa memória. A ideia de voltarmos novamente à pesquisa junto aos velhos para construção de um material capaz de transformar-se num livro aumentou ainda mais.

Formei equipes por comunidade abrangendo alunos da 5ª, à 8ª série com o objetivo de retornarmos a campo para tirar as dúvidas que ficaram nas entrevistas anteriores e confrontar as falas no sentido de produzir um material mais confiável.²⁴

A Feira Cultural Histórica e o prêmio Tesouros do Brasil nos deu maior visibilidade e respeito. Os velhos passam a receber os alunos com outros olhos. Até então havia desconfiança, era um tipo de trabalho que desconheciam. Por várias vezes as crianças chegavam à sala dizendo como eram recebidos pelos velhos: *“outra vez?”*, *“agora não tenho tempo”*, *“só pode ser coisa do professor Laércio”*, *“que abuso, que tanta entrevista, pra que isso?”*. Agora não. As crianças eram recebidas com alegria. Os velhos passam a se orgulhar de fazerem parte do projeto.

Os temas trabalhados nestas entrevistas foram:

- **A história do lugar** – desde a chegada dos índios, dos portugueses continentais e insulares, dos negros e dos imigrantes europeus; origem do nome das comunidades; a economia das comunidades entre os anos de 1930 e 1960; os meios de transportes.
- **A cultura:** como eram os nascimentos (trabalho das parteiras), os registros (muitos só se registravam quando iam casar), os brinquedos e as brincadeiras de criança; a educação dada pelos pais e na escola (fez-se um histórico minucioso sobre as escolas das comunidades); diversão (bailes, domingueiras, pereiras, blocos carnavalescos, carnavais, futebol, terno de boi e terno de reis, reisado, a bandeira do divino, serenatas, ratoeira, pau de fita, pão por Deus, boi na vara, etc.); os namoros nos passeios, os casamentos, os fugidos, a prostituição; as rezas (missas e terços, passando pelo histórico de cada Igreja até a chegada dos neo-protestantes no distrito); como era a vida em família; como eram as casas; os paióis, os objetos das casas e os instrumentos de trabalho; a culinária (receitas antigas de doces e salgados); o papel da mulher e o papel do homem na comunidade; as benzedeiras, os curandeiros, receitas dos chás da época; as superstições, as adivinhações e as sortes que faziam; as histórias

²⁴ Neste estágio do projeto selecionei os velhos com melhor memória histórica.

de assombração; os pasquins, os mendigos que passavam, os borrachudos (inseto que inferniza as pessoas) como parte da cultura; como era morrer naquela época.

Tanto os alunos iam até eles, como eles vinham até os alunos. Por várias vezes convidei senhores e senhoras a vir na escola conversar com os alunos, sempre com uma temática: dona Délcia da comunidade da Madre falou com os alunos sobre a colonização alemã na sua comunidade, chegando a rezar em alemão a pedido dos alunos; dona Maria Albina, da comunidade *do* Ribeirão Pequeno ensinou os alunos a descaroçar algodão e a fiar, explicando como se realizava o processo de confecção das roupas naquela época, despertando em vários alunos o interesse em aprender na roda de fiar que ela levou para a escola. Dona Maria José Figueiredo e dona Maria de Fátima Vechi, ambas também da comunidade *do* Ribeirão Pequeno, cantaram para os alunos cantigas cantadas pelas mulheres de antigamente enquanto trabalhavam na roça, lavando roupa. Dona Maura, da comunidade *do* Ribeirão Grande, falou sobre a sua comunidade no seu tempo de infância e juventude. Pe. Carlos Wechi, da comunidade *do* Ribeirão Pequeno, falou aos alunos sobre a Igreja Católica de outrora, catequese, visita dos padres, etc. Seu Nizo, da comunidade *do* Ribeirão Pequeno, foi até a escola por mais de uma vez - ensinar como se faz balaio e esteira e conversar com os alunos sobre a história do boi de mamão na comunidade. Dona Benta de 93 anos foi ensinar os alunos a apresentar na Festa da Cultura um bloco carnavalesco que ela ensaiou e apresentou nos carnavais há mais de 50 anos atrás.

A presença da dona Benta na escola por várias tardes ensinando os alunos do terceirão a dançarem e cantarem um bloco carnavalesco foram momentos marcantes. Ela se sentia tão a vontade que reclamava, repreendia os alunos que se distraíam ou que não obedeciam as suas orientações, e eles a acatavam. Era uma verdade mestre na arte do ensinar. Teria sido uma excelente educadora se tivesse tido a oportunidade quando jovem. Dona Benta toma a palavra para falar de algo que fora sua grande paixão de moça – elaborar letras e músicas de carnaval, além de coreografar os blocos que eram apresentados durante as quatro noites de carnaval na comunidade *do* Ribeirão Pequeno.

ILUSTRAÇÃO 21 - Dona Benta é essa primeira senhora da esquerda para a direita olhando para frente e com o livro ao colo. Foto tirada no dia do lançamento do livro. 2010



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. (BOSI, 2004, p. 15).

Os depoimentos dos velhos, por vezes, partem da visão do presente, para falar do passado. O caminho quase sempre é presente – passado – presente, e não passado – presente, por isso é preciso ter cuidado, pois esse passado falado pode estar impregnado, misturado com acontecimentos do presente. Não há passado conservado, ele é reconstruído quando contado. Por vezes, suas falas não são capazes de produzir o passado tal qual aconteceu porque não são mais as mesmas pessoas que fora no passado. O mundo muda e nós mudamos com eles. Como diz o ditado, “não conseguimos atravessar um rio e ser a mesma pessoa no outro lado”. “Não esqueçamos que a memória parte do

presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção “é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais””. (BOSI, 2004, p. 20). E à medida que os alunos iam trabalhando, construindo textos e socializando em sala o resultado dessas novas pesquisas, sejam elas produzidas fora da sala ou aquelas produzidas quando da visita dos velhos, íamos nos apropriando da riqueza cultural desse povo “simples” e novas janelas se abriam diante dos nossos olhos nos jogando cada vez mais nesse universo da cultura.

Para essa etapa do projeto, além das suas pesquisas, os alunos assistiram aos vídeos produzidos nos anos anteriores; em dupla transformaram esse material visual em documento escrito; leram as produções textuais realizadas pelos alunos em anos anteriores e reescreveram esses textos numa linguagem mais parecida com a deles.

Foi elaborada uma carta que foi lida nos cultos dominicais de cada comunidade a respeito dos trabalhos que aconteceriam e convidando as pessoas que quisessem participar enviando receitas, histórias de assombrações, história do lugar, de famílias, etc. Mais de uma dezena de colaboradores participaram nos enviando textos escritos a mão, que estão arquivados. Também foram coletadas mais de 300 fotos antigas referentes às pessoas e as comunidades. Selecionamos as que mais nos interessavam, estando arquivadas em CD.

O próximo passo foi transformar essas entrevistas em texto. As escritas das entrevistas eram realizadas em dupla. Posteriormente, fui sintetizando os trabalhos dos alunos em um único texto, sempre procurando respeitar o jeito de escrever deles. Essa foi certamente uma das fases mais difíceis do projeto – sistematizar todo esse material em um único texto, selecionando as escritas dos alunos, pois como eles registravam as entrevistas em dupla, eu recebia no mínimo cinco textos para cada entrevista.

No decorrer do trabalho sentimos a necessidade de registrar em vídeo algumas entrevistas. Também como valorização dos entrevistados que durante o ano de 2005 por várias vezes receberam os alunos e ficaram horas conversando com eles. Novamente, através de encontros extraclasse, nos finais de semana ou à noite, nos reuníamos em uma determinada comunidade e com a câmara em mãos íamos até a casa do entrevistado e lá os alunos e eu íamos perguntando, registrando tudo e, novamente, elaborando novos textos. Estão guardadas em vídeo entrevistas com aproximadamente 27 velhos.

Entrevistamos velhos nas suas casas, nas roças, a beira da cachoeira e chegamos a filmar o coral da comunidade *do Ribeirão Pequeno* durante um ensaio à noite. Cantaram para nós uma cantiga

comum à época enquanto as mulheres lavavam roupa à beira da cachoeira²⁵. Com todo esse material em mãos era necessário agora correr atrás do dinheiro para publicação do mesmo.

Ainda em 2005, no mês de outubro, fomos visitados por um grupo de alunas (aproximadamente 50) do curso de Pedagogia da cidade de Campos Novos SC., que vieram conhecer o nosso trabalho. Os alunos, em síntese apresentaram todo o processo do trabalho em paródias (cada turma cantando a sua terra, a sua cultura) e dois alunos por turma declamando em forma de poesia a importância da preservação da cultura regional, além das filmagens²⁶.

Também no ano de 2005, a TV Barriga Verde de Florianópolis, afiliada à Rede Bandeirantes, dedicou o seu programa dominical “Nossa Terra, Nossa Gente” a cultura lagunense do qual fizemos parte de um bloco do programa falando do nosso projeto, mostrando o boi de mamão e as lavadeiras de cachoeira.

²⁵ Destaco uma entrevista que realizaríamos na comunidade *do Parobé*. Era mais ou menos sete horas da noite. Ao chegarmos à casa de um senhor, uma de suas filhas nos recebeu dizendo que seu pai, de 92 anos na época, estava jantando, se poderíamos aguardar. Dissemos então que iríamos entrevistar outras pessoas na comunidade e que retornaríamos logo em seguida. Como nos atrasamos nas outras entrevistas achamos por bem retornar outro dia. Não houve esse outro dia, pois ele veio a falecer poucos dias depois. Esse fato marcou profundamente um grupo de alunos, em especial seu bisneto que sempre que converso com ele lamenta não ter entrevistado seu bisavô. Ele nos escreveu:

“Tudo começou em 2001 quando houve aqui na escola uma feira cultura. Quando chegou em 2004 o professor Laércio nos falou de um prêmio que tinha haver com o passado e com nossos antepassados. No começo nos achamos muito chato fazer aquele trabalho porque era muita coisa em um só trabalho, mas com o tempo nós fomos gostando do trabalho porque ia aparecendo algumas coisas que nós não sabíamos, mas nem todas as pessoas nos recebiam bem porque não gostavam de falar do seu passado ou porque diziam que era besteira falar disso ou porque isso já passou e não lembro essas coisas. É a mesma coisa que não relembrar de você quando era mais jovem, mas também tinha pessoas que colaboravam que gostavam de responder porque tinham orgulho de seu passado e não tinham vergonha de dizer que eram pobres ou que quase nunca tinham comido essas coisas. Nós também fomos tendo mais conhecimentos pelos vídeos que eram passados para nós, pelos textos e com isso nós conseguimos fazer o trabalho e mandamos para o concurso, mas o professor Laércio sempre falou: vamos colocar os pés no chão, nós não temos condições de ganhar o prêmio porque seria difícil ganhar um prêmio a nível de Brasil. Mas com muito esforço e dedicação nós conseguimos vencer. Ninguém acreditou, mas com o tempo caiu a ficha e foi só festa. E as pessoas que não colaboraram ficaram com a cara caída no chão porque nós ganhamos. Quando chegou esse ano nós tivemos que refazer o trabalho para confeccionar o livro, fomos nas comunidades fazer as entrevistas, filmamos, batemos fotos e até tiramos um senhor do bar para fazermos a entrevista. Fomos nas casas das pessoas idosas do Parobé e faltou ir na casa de meu bisavô. Quando nós chegamos lá, ele estava jantando e não deu de ir e íamos outro dia, mas meu bisavô ficou muito doente, não conseguimos falar mais e alguns dias depois veio a falecer. Mas foi isso, com vitórias e derrotas que conseguimos fazer o livro”. Carlos Alberto de Oliveira, em 2005, estava na sétima série.

²⁶ Infelizmente as fotos foram extraviadas, ficando apenas as filmagens.

ILUSTRAÇÃO 22 - Filmagem das lavadeiras de cachoeira para o Programa Nossa Terra Nossa Gente da TVBV. 2005



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Neste mesmo ano, fomos homenageados pelo “Rotary Club de Laguna”, quando participamos de um jantar e lá fomos agraciados com um quadro comemorativo.

ILUSTRAÇÃO 23 - Homenagem que recebemos do Rotary Club pelos trabalhos realizados em prol da cultura Lagunense. 2005



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Em 2006 fomos convidados pela UFSC, através do NEA participamos do **13º Açor** que aconteceu em Laguna. Participamos com

o **museu itinerante** quando pela primeira vez montamos uma “Casa da Dindinha” mostrando a culinária do distrito, além de um quarto, uma sala, brinquedos, paiol de “antigamente”, sendo que a maioria dos móveis nos foi emprestados. O museu tomava corpo, criava uma identidade. Com o apoio da Prefeitura Municipal de Laguna, através da Secretaria da Educação, praticamente metade dos alunos do Ensino Fundamental, séries finais, participaram do evento, mostrando como era a vida numa casa de descendentes açorianos do distrito *do Ribeirão Pequeno*.

Como os alunos haviam participado das entrevistas e tinham domínio do que falavam sobre a vida do homem, da mulher do distrito, as pessoas ficavam encantadas em ver jovens estudantes dominando um tema que era a cultura do tempo de seus avôs com desembaraço, leveza, alegria. Disputavam entre si, as pessoas que visitavam o estande para lhes contar o que era não lhes era motivo de vergonha, mas de orgulho: a sua própria cultura.

ILUSTRAÇÃO 24 - Organizando o estande. 2006



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

ILUSTRAÇÃO 25 - Visitação a exposição. 2006



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

ILUSTRAÇÃO 26 - Apresentação dos alunos com o museu Casa da Dindinha no 13º Açor que se realizou em Laguna. 2006



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

ILUSTRAÇÃO 27 - Um dos momentos mágicos da nossa participação no 13º Açor. Do nada, ouvimos uma cantoria antiga vinda dessa senhora de Garopaba. Sem pedir licença, movida pela memória, tomou as taquaras nas mãos e começou a bater o algodão enquanto cantava. Todos pararam para apreciar e ela mergulhada nas suas lembranças, não via que todos os admiravam. Quando parou foi aplaudida. 2006



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Até o ano de 2006 havíamos identificado os aspectos da cultura que considerávamos mais significativos. Desses acontecimentos nasceu a ideia da formação de um grupo permanente de cultura que tivesse como objetivo maior estar preparado para em datas significativas apresentar fragmentos da cultura do distrito *do Ribeirão Pequeno*.

No ano de 2007, fomos agraciados pela Prefeitura Municipal de Laguna com um curso de danças açorianas promovido pelo NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) da UFSC, na pessoa do Sr. Joi Cletison. Passei nas salas e convidei oito alunos (quatro casais) para participar do evento com o objetivo de já fazer parte do grupo de cultura que estava nascendo na escola. Os encontros aconteciam aos sábados no centro da cidade. Eu levava os alunos de carro (Van de doze lugares) e a cada sábado uma das professoras que moravam no centro da cidade recebia os alunos e os oferecia almoço. Assim aprendemos vinte músicas do folclore açoriano.

ILUSTRAÇÃO 28 - Curso de dança açoriana oferecido pela prefeitura municipal de Laguna aos integrantes do novo Grupo de Cultura que estava se formando. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

ILUSTRAÇÃO 29 - A cada semana uma professora da escola que mora no centro da cidade ficou encarregada de oferecer um almoço aos alunos em curso. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Precisávamos dar um nome ao grupo que nascia e o nome mais sugestivo foi de “**Casa da Dindinha**” representando a cultura material e imaterial do distrito. Os açorianos chamavam a vovó de “dindinha” e o

vovô de “dindinho”. Como o grupo nasceu a partir do museu itinerante, nada mais significativo que o nome do grupo fosse **“Grupo de Cultura Casa da Dindinha”**.

Ainda em 2007 recebemos o troféu Açorianidade oferecido pelo NEA (Núcleo dos Estados Açorianos) da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) como escola que divulga a cultura açoriana no Estado de Santa Catarina. E o grupo crescia com novos participantes.

ILUSTRAÇÃO 30 - Grupo de Cultura Casa da Dindinha recebendo o troféu Açorianidade do NEA, na categoria Escola, pelos trabalhos prestados a cultura açoriana em Santa Catarina. Governador Celso Ramos SC. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Assim o projeto tomava outro rumo a partir de 2007. Com a criação do Grupo de Cultura, o objetivo agora é o da divulgação de tudo que havíamos pesquisado. Entrávamos na etapa da valorização e do cultivo e para isso criamos um grupo que representasse a cultura a partir da escola.

O trabalho até então havia sido construído na oralidade. O diálogo estabelecido entre os velhos guardadores de memória e os jovens estudantes dava o tom do projeto.

As conversas são, sem dúvida, de grande importância, pois é por meio delas que se preserva e se renova a oralidade, estreitando laços entre o narrador e o ouvinte. Não são elas, porém, exclusivamente, as únicas trilhas por onde se expressa a co-educação. (...) Há espaço para

discerni-la nas brincadeiras, nos brinquedos, nos cantos, nas histórias, nas relações com os animais e com a natureza, nas relações com os meios de comunicação (OLIVEIRA, 1999, p. 277)

Os alunos sempre souberam que não sou coreógrafo, muito menos professor de dança. Sabem que sou professor de História, de história da cultura. Para aprendermos uma música nova, colocamos o CD no vídeo e vamos descobrindo junto os passos²⁷. “A esperança de que professor e alunos juntos possam aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria”. (FREIRE, 2007, p. 72).

Um dos pilares da concepção dialógica do sujeito de Freire está centrado exatamente na esperança. Quando nos proposto a problematizar um tema, depositamos nesse problema a ser desenvolvido com os sujeitos envolvidos nessa problemática a nossa esperança de transformação, de mudança radical daquilo que problematizamos. Freire ainda nos diz: “Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. (2006, p. 90).

A Feira Cultural Histórica e a formação do Grupo de Cultura Casa da Dindinha nos deram o tom da mudança de olhar sobre a cultura local em direção a valorização da mesma. Exigiu-nos novos pronunciamentos, nos exigiu novas esperanças.

1.2.5. A Festa da Cultura

A Festa da Cultura aconteceu no dia 30 de junho de 2007 no salão paroquial da comunidade do Ribeirão Pequeno. Nessa data aconteceria a tradicional festa junina da escola. Porém, desafiei a direção da escola para fazermos uma festa junina diferente, pois nessas festas apresentamos fragmentos da nossa cultura de forma pejorativa, onde, por exemplo, na quadrilha, os alunos apresentam-se com roupas com remendos, dentes pintados de preto, maquiagens mal feitas com o objetivo de fazer rir os que estão assistindo. Trata-se da representação do Jeca-Tatu, da identidade rural construída erroneamente ao longo da

²⁷ Durante muito tempo dançamos uma música para o lado errado até que num determinado dia, olhando o vídeo, durante um ensaio, um aluno percebeu o erro. Rimos muito e para corrigi-lo não foi fácil, pois todos já estavam acostumados a dançar do jeito errado. Levamos mais de uma semana para acertar o passo.

história brasileira. Prontifiquei-me a organizar uma festa com o nome de **“Festa da Cultura”**.

A ideia foi colocada aos professores numa reunião pedagógica e acatada por todos, mas a responsabilidade seria minha²⁸. O objetivo era apresentar as principais manifestações culturais do distrito numa única festa. Essas manifestações culturais seriam resultado dos sete anos de pesquisa realizada junto aos velhos do distrito. As apresentações realizadas pelos alunos e sob minha mediação tinham como objetivo mostrar a cultura local de forma respeitosa, onde os participantes pudessem sentir orgulho e não deboche por ela.

Os alunos foram separados por comunidade: a comunidade da Madre, por serem poucos alunos, ficou encarregada de apresentar o **Pão por Deus**. Eles mesmos prepararam os versinhos e declamaram no dia, pedindo presente, namoro, agradecendo os pais, falando da festa. Eles liam diante de todos e depois iam até a pessoa para entregá-la.

ILUSTRAÇÃO 31 - Alunas da comunidade da Madre apresentando o Pão por Deus. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Os alunos da comunidade *do* Ribeirão Grande, junto com velhos cantadores da comunidade, ficaram responsáveis em preparar uma encenação demonstrando como aconteciam as **Serenatas** antigamente. Por várias noites encontrei-me com os alunos nessa comunidade e junto

²⁸ Nessas horas parte do professorado acha a ideia fantástica, desde que não sejam envolvidos. A desculpa vai desde que não dominam o tema, moram na cidade e não tem como ensaiar, falta de tempo ou porque trabalham em duas ou mais escolas e por aí vai.

com dois violonistas conversamos muito sobre essa manifestação cultural que caiu em desuso e em meio à entrevista ensaiamos a serenata. Um casal de alunos representou os pais e as demais alunas representaram as filhas que receberam os pretendentes que vieram com os tocadores. Momento onde os mais velhos se viram representados nos jovens estudantes que representaram essa tradição que era tão comum no tempo dos avôs nas comunidades que formam o distrito *do* Ribeirão Pequeno.

ILUSTRAÇÃO 32 - Alunos da comunidade *do* Ribeirão Grande representando uma serenata. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Os alunos *do* Ribeirão Pequeno junto com adultos da sua comunidade ficaram responsáveis em apresentar a **Bandeira do Divino** e um **Bloco Carnavalesco** de antigamente. Esses alunos foram ensaiados por uma antiga carnavalesca da comunidade com 93 anos na ocasião. Duas vezes por semana ela ia até a escola ensaiá-los. Foi uma experiência marcante para nós e para ela que teve a oportunidade de reviver uma fase de sua vida. Quanto a Bandeira do Divino que hoje só se apresenta em ocasiões muito especiais e que são obrigados a buscarem participantes em outros municípios, deram um toque de espiritualidade ao evento.

ILUSTRAÇÃO 33 - Bandeira do Divino da comunidade *do* Ribeirão Pequeno com a participação dos alunos. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

ILUSTRAÇÃO 34 - Bloco carnavalesco apresentando pelos alunos do terceirão, ensaiados pela dona Benta, carnavalesca da comunidade *do* Ribeirão Pequeno, na época com seus 93 anos. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Os alunos da comunidade de Parobé, junto com vários pais, apresentaram o **Zé Pereira**. Também por várias noites encontrei-me com os alunos e os pais dessa comunidade para planejarmos e ensaiarmos como seria a apresentação. O mais emocionante for ver pais

e filhos fantasiados: os homens de mulher e as mulheres de homem, sempre com as caras cobertas, pulando, cantando e tocando carnaval, mostrando como eram os pereiras de antigamente. Detalhe para o Zé Pereira local: os rostos são sempre cobertos com panos para não serem reconhecidos.

A comunidade *do* Parobé tem como tradição o carnaval de salão. Até uma década atrás os pereiras, os banhos d'água eram muito freqüentes. Hoje resta apenas o carnaval de salão. Nem os pereiras, nem os blocos carnavalescos fazem mais parte da cultura. Mas continua no imaginário do povo visto pela emoção, farra que fizeram ao se apresentar.

ILUSTRAÇÃO 35 - Apresentação do Zé Pereira com a participação dos jovens estudantes e seus pais. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

A comunidade da Figueira ficou responsável pelo **Terno de Reis de Moças e pau de fita cantado**. Terno de Reis de moças eram reis cantados somente por moças. Segundo as senhoras que participaram havia mais de trinta anos que esse tipo de apresentação não acontecia na comunidade. Eu desconhecia que havia Terno de Reis cantado só por mulheres. Mas os versos, a cantoria em si estava no imaginário de cada uma delas.

Também o Pau de Fita cantado há décadas não ocorria mais. Também por várias noites me encontrei com esses alunos e com as senhoras que ensaiaram a cantoria e o seu Braz ensaiava o pau de fita tirando versos. O Pau de fita que foi ensaiado tratava-se de um pau de fita que apresentou-se na comunidade da Figueira há mais de quarenta

anos atrás. Foi sem sombra de dúvidas um momento marcante para o distrito e para elas e para o seu Braz que reviveram momentos significativos de suas juventudes. As senhoras adentraram o salão anunciando o nascimento de Jesus Cristo.

ILUSTRAÇÃO 36 - Representação de um Terno de Reis de moças da comunidade *da Figueira*. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

ILUSTRAÇÃO 37 - Apresentação de um pau de fita cantado em época de carnaval ensaiado e cantado pelo Seu Braz da comunidade *da Figueira*. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

A comunidade *do Morro Grande* ficou encarregada de apresentar a dança do **Chimango** e a **Ratoeira**, também esquecidas pelo tempo.

Voltando a época das entrevistas, lembro que quando os alunos chegaram à sala de aula com esse nome “chimango” a nossa pergunta foi: “*o que é chimango?*” Não souberam responder. Apenas disseram que alguns velhos haviam falado que no tempo deles havia o chimango. Pedi que voltassem a perguntar as pessoas que tocaram nesse nome e perguntasse a eles do que se tratava o chimango. Apareceram duas respostas: que seria um tipo de queijo e também que era uma música que dançavam nos salões há muitos anos atrás. O problema agora era descobrir quem se lembrava da música e da letra dessa dança. Numa noite, reunido com alguns alunos e o seu Braz da Figueira na casa da dona Bebê na comunidade *do Morro Grande*, perguntei a eles se sabiam o que era chimango. A resposta veio dela: “*já dancei muito chimango quando moça*”. E naquele momento de pura magia, ambos foram recordando a letra e os passos. Ora levantavam da cadeira e saiam dançando na pequena sala, relembrando passo por passo. “Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição”. (BOSI, 1987, p.3). Ainda segundo Bosi: “Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.” (1987, p. 3). Sim. Só um escutador infinito para dar conta de tudo que guardam em suas memórias. E assim ficávamos, eu e os alunos olhando eles numa alegria profunda dizendo, discutindo “*não Braz, na hora de dar o braço, era assim...*” ou, “*não Bebê, a letra não é rango é Rambo*”. E eu? Eu filmando e me deliciando com suas lembranças.

(...) dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. Os jovens nos olharão com estranheza, curiosidade; nossos valores mais caros lhes parecerão dissonantes e eles encontrarão em nós aquele olhar desgarrado com que, às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes e ausentes. (BOSI, 1987, p. 33).

Assim, duas vezes por semana, à noite, dona Bebê ensaiava os alunos no salão paroquial da comunidade o Chimango e a ratoeira. Ela mais a ratoeira e o seu Braz o Chimango. Minha preocupação era que ela é cardíaca e para chegar ao salão paroquial tem que subir escadas. Chegava cansada, sem fôlego. Tinha que descansar por uns dez minutos antes de iniciar os ensaios para dançar na roda ensinando os alunos. Eu,

o tempo inteiro perguntando se ela estava bem, se não queria parar. E ela, com seus oitenta anos sempre disposta a ensinar. Deixava seu esposo doente, que, aliás, já veio a falecer para estar conosco.

Disse-nos que não iria no dia da festa, tinha medo de emocionar-se e porque não tinha com quem deixar seu esposo. Mas no dia da Festa da Cultura, quando vi, ela estava lá, dançando e cantando com eles e eu preocupadíssimo com sua saúde, pois eram momentos de pura emoção, de reviver um passado distante. O primeiro verso da ratoeira era tirado por ela, depois dos alunos e por último do seu Braz.

ILUSTRAÇÃO 38 - Da esquerda para a direita de amarelo aparece dona Bebê com seus oitenta anos, senhora que ensaiou os alunos as danças do chimango e da ratoeira e no meio tirando o último verso o seu Braz. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Tivemos a parceria da Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina), órgão público, com representação *na* Laguna que a meu pedido conseguiu um microônibus e lanche para trazer os índios guaranis da aldeia “Mbya Reko” de Imaruí, índios que retornaram a terra de seus antepassados mais de trezentos anos depois, dançando e cantando sua cultura. Confesso que chorei no momento da apresentação desses índios, sob o olhar atento e silencioso de uma multidão que lotava o salão e que aguardava com ansiedade a apresentação deles. Muitos nunca haviam visto índios e por isso a presença deles foi tão marcante nessa Festa da Cultura. Os apresentei como os verdadeiros donos dessa terra.

ILUSTRAÇÃO 39 - Participação dos índios da Aldeia Mybiã de Imaruí na Festa da Cultura. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Também tivemos a satisfação de receber o Grupo Arco, grupo de danças açorianas de Biguaçu SC, que gentilmente vieram prestigiar nossa festa sem nos cobrar cachê. A Secretaria de Desenvolvimento Regional (SDR) da Laguna bancou o ônibus que os trouxe. Também foi um momento marcante na festa, pois a população local nunca havia assistido apresentação de um grupo desse gênero.

ILUSTRAÇÃO 40 - Participação especial do Grupo Arco de dança açoriana de Biguaçu - SC na Festa da Cultura. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Jovens estudantes e velhos cantando, dançando, celebrando pequenos fragmentos da cultura local. Centenas de pessoas estiveram presentes, incluindo o professor da UFSC Gelci José Coelho, conhecido por Peninha que se encantou com o trabalho. A presença do Peninha representou todo o respeito e reconhecimento do nosso trabalho²⁹.

²⁹ Posteriormente nos enviou a seguinte carta: “Aconteceu um fenômeno na comunidade de Ribeirão Pequeno em Laguna. Uma estradinha ruim, péssima, perigosa, contorna a lagoa de Santo Antônio dos Anjos. Indo a dentro passamos por diversas comunidades como Figueira, Parobé, Madre, enfim, chegamos a Ribeirão Pequeno. Gente, gente, muita gente de todas as gerações e de todo tipo. Destaque para os belos índios e índias guarani que provocaram emoção, admiração e encantamento. Lágrimas lavaram o salão. Foi de extrema beleza, de tanto que é todos choramos. Reuniram na festa também o exemplo de organização e esclarecimento cultural realizado pelo Grupo Arcos de Biguaçu, apresentando danças folclóricas dos Açores e os reflexos da herança cultural que se apresenta indelével em nossas almas descendentes dos açorianos. Foi lindo! Lindo mesmo. Mais lindo ainda foi o que a comunidade apresentou, com a participação das crianças, jovens, adultos e o povo da sabedoria, os avós. Estavam lá, bem satisfeitos de si e de seus rebentos. Simples, mas bonitos, educados, receptivos. Vai me explicar! É uma gente muito querida. É isso. Foi incrível a noite de 30 de junho em Ribeirão Pequeno. Todos devoram com os olhos, os ouvidos, as magníficas apresentações, as cantorias do Divino Espírito Santo, o Terno de Reis das Moças, a dança do Ximango, a Quadrilha apresentando todo o processo de confecção da farinha de mandioca, o Pau de Fitas duplo, o Pão por Deus, a Serenata, a Ratoeira, o folgado do Boi de Mamão, as brincadeiras cantadas pelas crianças, o Zé Pereira, os mascarados e tudo o mais, sem esquecer a concertada quentinha, as roscas, o beiju, cuscus, pinhão, amendoim, pamonha e uma quantidade e variedade de doces deliciosos de gritar de alegria e foi o que aconteceu. Embriaguei-me de luz, quer saber, fiquei maravilhado. Agradeço por ter vivido o momento de dizer que não precisamos de esperança, ela já é e está apresentada pela Educação. Parabéns!

Ainda falando das apresentações que ocorreram no dia da Festa da Cultura, pela primeira vez o Grupo de dança Casa da Dindinha se apresentou. Não tínhamos nem roupas típicas para a apresentação. As roupas nos foram emprestadas por um grupo de dança de ratoeira de Imbituba. Esse dia 30 de junho de 2007, dia da Festa da Cultura, foi o dia que escolhemos para batizarmos como o dia do nascimento do Grupo de Cultura Casa da Dindinha.

ILUSTRAÇÃO 41 - Primeira apresentação do Grupo de Danças Casa da Dindinha na Festa da Cultura. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

A Festa da Cultura foi uma experiência de diálogo profundo da escola com a comunidade e da comunidade com a escola. As manifestações culturais mais significativas do distrito estavam ali, sendo apresentadas através do canto, da dança, da representação. O povo pôde se *ver* a partir das crianças e também dos velhos que participaram com as crianças. Não foi apenas de jovem estudante para a comunidade, mas de jovens estudantes e velhos para a comunidade. Por exemplo, na

Felicidade para toda aquela gente daquela região de Laguna. As pessoas envolvidas na organização da noite cultural no salão paroquial da Igreja de São Brás, envolvendo todos os colégios, as comunidades, os apoios que receberam foram merecidos e merecem toda a consideração das autoridades, empresários, as igrejas, as instituições particulares e as municipais, as estaduais e as federais. Nem consigo destacar nenhum nome, pois todos foram de extremo significado e digo de novo, muito obrigado, gente amada, principalmente pelos professores abnegados e todos os estudantes e familiares de Ribeirão Pequeno, mas com uma alma imensa. Digo de novo, obrigado pela vivência". Gelci José Coelho – peninha – inverno de 2007.

ratoeira, estavam a dona Bebê do Morro Grande e o seu Braz da Figueira; no Zé Pereira, estavam vários pais mascarados dançando junto com seus filhos ou no bumbo anunciando a chegada do Zé Pereira. Não houve uma apresentação sequer sem que a presença de ambos, jovens estudantes e velhos, anunciando nossa riqueza maior: a cultura local.

Durante minha formação, por influência do marxismo acreditava nas macrorrevoluções. Achava que a salvação do mundo estava nas grandes revoluções que ocorreram no mundo no século XX de caráter comunista.

Mas, no Grupo Pandorga, entendi a importância dos pequenos fazeres. Esses provocam pequenos movimentos, que resultam em pequenas revoluções capazes de mudanças radicais nos grupos sociais envolvidos e por consequência atinge a uma parcela da sociedade. São esses pequenos fazeres que dão conta da diversidade humana. Hoje entendo que as grandes revoluções não contemplam as aspirações de todos os grupos sociais existentes. Se cada profissional da educação provocar em seu entorno uma pequena revolução, teremos centenas de milhares de pequenos movimentos sociais provocando mudanças que contemplem a todos.

A **primeira** lição foi o exercício de relativizar o tamanho das coisas que fazemos, principalmente em se tratando de coletivo. No imaginário das experiências de movimentos sociais e de fazer coletivo, prevalece ainda a idéia do coletivo associada a um grande número de pessoas envolvidas, de força, poder, capacidade organizativa, conquistas. Num fazer pequeno, singelo, fomos derrubando essa tese e descobrindo uma outra percepção das potencialidades e intensidade do coletivo, relativizando o tamanho e multiplicando seus significados. Para nós, foi possível ser coletivo mesmo sendo um grupo pequeno e sem clareza da força que teria, bem como os resultados da ação, e no fazer cotidiano experimentamos as radicalidades e limites desse fazer coletivo. (FANTIN, 2005, p. 166).

Penso que a realização da Festa Cultura foi um desses pequenos fazeres que são passíveis de transformação de um pequeno grupo, mas que fazem a diferença a quem está no seu entorno. Não fomos notícia na imprensa local, mas notícia entre as pessoas do distrito que viram no trabalho contemplado fragmentos de uma cultura silenciada,

adormecida, talvez calada pela massificação da cultura global. “O fazer coletivo através de um ato silencioso pulsou nas palavras não ditas a vontade de agir. Éramos poucos e juntos construímos o movimento como expressão simbólica do nosso fazer educativo”. (FANTIN, 2005, p. 28).

Acreditamos num fazer coletivo a sete mãos, a sete idades, ou seja, pessoas de comunidades diferentes, de gerações diferentes, de visão diferente sobre a sua própria realidade, mas que se unem numa utopia – a representação dos nossos fazeres e saberes num único espetáculo que durou aproximadamente quatro horas e meia, num fazer intenso, denso. Todos, alunos e velhos eram responsáveis pelo ato de educar e de ser educado pela Festa.

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos -, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 2006, p. 96/97).

1.2.6. Festa do lançamento do livro “Memória. Um Patrimônio Irrenunciável. Comunidades do distrito do Ribeirão Pequeno da Laguna

No dia 30 de outubro de 2010 finalmente o sonho tornou-se realidade. Às três horas da tarde no Salão Paroquial do Ribeirão Pequeno, velhos, adultos, jovens estudantes das comunidades da Madre, Cortiçal, Ribeirão Grande, Ribeirão Pequeno, Parobé, Ponta do Daniel, Figueira e Morro Grande, reuniram-se para o lançamento do primeiro livro no distrito, resultado de dez anos de pesquisa junto aos velhos sobre suas culturas. O dinheiro foi captado junto a SDR (Secretaria de Desenvolvimento Regional) da Laguna.

Fizeram-se presentes no evento: Joi Cletison³⁰ do NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) da UFSC, dra. Profª Deisi Scunderlick Eloy de

³⁰ Depoimento de Joi Cletison no dia: “As histórias que o Laércio está contando, são muito parecidas com as que existem onde eu moro, Florianópolis. É fundamental esse registro que o Laércio fez com maestria e devolver isso a comunidade. Isso que ele está fazendo hoje com o Grupo Casa da Dindinha coroando com esse trabalho maravilhoso aqui no distrito do Ribeirão Pequeno. O NEA trabalha com 45 cidades do litoral de Santa Catarina valorizando essa identidade cultural que o açoriano deixou aqui, na religiosidade, no jeito de falar, no seu

Farias, coordenadora do GRUPEP (Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia) da UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina) que prefaciou o livro, Gizely Cesconetto de Campos do IPHAN, que fez a apresentação do livro, além de autoridades civis do município e do distrito.

ILUSTRAÇÃO 42 - Os velhos homenageados no do lançamento do livro “Memória: Um Patrimônio Irrenunciável. Comunidades do distrito do Ribeirão Pequeno por terem participado com suas memórias e experiências na produção do livro. 2010



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Fui chamando um a um nominalmente, mesmo os já falecidos a comporem a mesa para darmos inicio a solenidade de lançamento. Momento de reconhecimento, de missão cumprida. Essa era a intenção desde que a ideia do livro nascera: homenageá-los enquanto detentores de saberes. Mostrar aos presentes que mesmo uma pessoa que tenha apenas as séries iniciais no seu currículo de estudantes tem sabedoria para socializar com jovens estudantes de uma escola pública sobre a cultura local.

saber fazer, no artesanato, na arquitetura. Tudo isso, que o açoriano trouxe pra cá e deixou na costa catarinense, esse é o objeto de trabalho dos professores açorianos”.

ILUSTRAÇÃO 43 - Cada velho, cada velha foi presenteada com um livro. 2010



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

ILUSTRAÇÃO 44 - A comunidade prestigiando o evento. 2010



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

ILUSTRAÇÃO 45 - Mesa farta com a culinária da região. A maior parte presenteada pelas pessoas do distrito que fizeram questão de doar bolos, queijo, biju, cuscuz, café, leite, frutas, etc. 2010



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

A pesquisa que resultou no livro percorreu caminhos onde executei uma pesquisa participante “em que o pesquisador estabelece relações com pessoas do grupo pesquisado na situação investigada”. (SILVA, 2008, p. 18).

Diz Brandão (1990) sobre a importância da pesquisa participante:

Conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele. Aprender a escrever a sua história de classe. Aprender a reescrever a História através da *sua* história. Ter no *agente* que pesquisa uma espécie de *agente* que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles para quem a *pesquisa participante* – onde afinal pesquisadores-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes – pretende ser um instrumento a mais de reconquista popular. (p. 11).

Brandão (1990, p. 12) nos diz que a pesquisa “determina um compromisso que subordina o próprio projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura, ou história se quer conhecer porque se quer agir”. Esse sempre fora o

grande objetivo do projeto que resultou no livro – agir em prol da defesa da valorização da cultura local, visto que detectei nos princípios da década de noventa, vergonha entre os jovens estudantes das suas culturas local. E esse agir também passa pelos objetivos do Grupo de Cultura Casa da Dindinha, de manter viva a valorização do que é nosso – do nosso jeito de ser enquanto brasileiros de um cantinho desse país.

É por esse “itinerário em percurso”, que Minayo (2009) se refere a “caminhos”, que fui trilhando, dialogando com autores que respondiam satisfatoriamente as minhas indagações, que fui acreditando na minha intuição, no meu olhar sobre essa temática, buscando instrumentos operacionais capazes de contribuir na organização do meu pensamento, me fundamentando na concepção dialógica freiriana, acreditando no diálogo como possibilidade de compreensão da cultura local, aprofundando a Proposta Curricular de SC., de concepção sócio-interacionista³¹.

³¹ Alguns depoimentos de alunos que participaram das entrevistas junto aos velhos em que seus escritos resultaram na produção do livro e que dão conta do quanto desconheciam da cultura local do tempo das avós e bisavós e o quanto foi gratificante ouvir as experiências de seus antepassados:

“a gente aprende coisas que não sabia. Eu achei legal os mais velhos falarem da adolescência delas, dos namoros, casamentos, brincadeiras, no vídeo da feira cultural. Conhecemos objetos de antigamente, as roupas, as comidas mais famosas não eram batata frita, x-salada, essas coisas, ao contrário, era farinha de mandioca, peixe, de todo jeito: frito, ensopado, assado e assim ia. Minha avó Otília falou na entrevista que os pais dela vieram fugidos da guerra da Alemanha, seu Braz contou ainda no tempo de natal eles faziam as festas e cantou uns cantos para nós. Eu mais gostei foi do seu Braz falando da adolescência dele como era antigamente. É importante conhecer a cultura do nosso povo porque a gente conhece a nossa cultura, que ela não seja esquecida na nossa memória, para que um dia nossos filhos saibam que a comida de antigamente era peixe, a brincadeira carretilha, peteca e não vídeo game. O importante é lembrarmos sempre da cultura”. (Michelle de Souza – Figueira – 6ª série).

“A importância de eu conhecer a cultura do nosso povo, é que eu não sabia muitas coisas, mas com esse livro do nosso professor Laércio Vitorino de Jesus Oliveira eu consegui saber um pouco mais sobre a história de nosso povo. Então temos que preservar, pois este é o nosso patrimônio, é a nossa história”. (Willian Duarte Patrício – Ribeirão Pequeno – 6ª série).

*“Foi muito legal a participação do livro na escrita e também nas casas porque nas casas fomos muito bem recebidos com muito prazer, tiramos fotos, etc. Na casa onde fomos, o seu Juca falou muitas coisas sobre canoas, redes. Os textos ficaram muito legais sobre canoas, camarão, redes, comidas, cultura, etc. É muito importante conhecer a cultura das comunidades porque eu não sabia de nada. Eu não era nascido. A luz de pomboca, o camarão era pesado em latas de querosene, eu não sabia nada disso. Vale a pena conhecer a nossa cultura. A comida era mais pirão de d’água com peixe que era servido no aguida”.*l. (João Fernandes – Morro Grande – 7ª série).

“Gostei muito de participar do texto porque ali você sabe o quanto é importante cuidar, saber de coisas que já passaram. O que eu mais gostei foi a alegria de cada pessoa, o prazer de contar, da alegria e daqueles que já passaram. O importante é saber, conhecer a cultura que tem o nosso Distrito, da nossa comunidade, de tantas coisas que já passou, brincadeiras, pereira, aspectos da cultura que eu desconhecia como ganhar criança de cócoras, quarentena,

Portanto, a pesquisa que resultou no livro tratou-se de um trabalho etnográfico que “descreveu uma viagem”, que teve um ponto de partida, mas que não há um ponto de chegada, porque ele está em pleno movimento, onde o roteiro é constantemente modificado, onde o trajeto é constantemente alterado, são fazeres e saberes que vão se dando à medida em que vão acontecendo.

1.3. GRUPO DE CULTURA CASA DA DINDINHA

A partir de 2007, o projeto centralizou-se no então recém-nascido Grupo de Cultura Casa da Dindinha. A partir dessa etapa do projeto, é o Grupo, formado pelos jovens estudantes, e a família que respondem pela cultura local na escola e na comunidade.

Os jovens são livres para entrar e sair do grupo a hora que quiserem. Não há recompensa, por exemplo, em notas, para quem participa. Estão lá por livre vontade. Fazemos o convite ou eles mesmos pedem para entrar. Também está aberto a jovens que já terminaram seus estudos e queiram permanecer ou retornar. Como praticamente todos os jovens já estudaram nessa escola, qualquer jovem ou mesmo adulto que queira entrar no grupo é um ex-aluno desse estabelecimento de ensino.

O objetivo que perseguimos desde 2007 é “identificar, registrar e cultivar os aspectos mais significativos da nossa cultura.

etc., em fim, em tudo foi muito bom saber. O importante também é cuidar dessa cultura porque os velhos vão morrendo e os novos vem com outra cultura já diferente”. (Josué de Oliveira Monteiro – Morro Grande – 7ª série).

“Gostei muito de participar da escrita do livro, pois aprendi várias coisas que existiu e existe em minha comunidade que não sabia. Entrevistamos idosos, fizemos textos, tivemos aulas na sala de vídeo, em fim, foi muito legal, mas às vezes, íamos em casa de idosos que não éramos bem recebidos pois se via pelo rosto, mas fazer o quê, sempre tínhamos um jeitinho de ir conquistando a pessoa”. (Valéria Silva Buss – Madre – 7ª série).

“Foi uma oportunidade única poder participar da construção do livro, poder conhecer melhor a cultura de meus avós e da comunidade. Conheci muitas coisas como a biajica, o jeito que se vestiam, como foi que veio o futebol para cá, e descobri em algumas entrevistas que havia uma fábrica de café dos “Irmãos de Bem”. Em todas as casas que fui era bem recebida. Conheci as igrejas antigas por fotos e ainda soube que havia uma orquestra. Fomos (eu e meu grupo) até o cemitério verificar a data de nascimento de algumas pessoas. Havia mães que não deixavam seus filhos sair para pesquisar sobre isso”. (Vivian Matias Souza – Ribeirão Pequeno – 7ª série).

ILUSTRAÇÃO 46 - Desfile do dia 07 de setembro com alguns membros do Grupo de Cultura Casa da Dindinha. 2007



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

O Grupo está dividido em subgrupos:

1.3.1. Grupo de dança:

O Grupo de dança é o carro chefe, com músicas do folclore do arquipélago dos Açores e do litoral catarinense. Através dele cantamos, dançamos a nossa cultura. Atualmente conta em média com trinta participantes entre alunos, ex-alunos e pais, incluindo eu e minha esposa que somos professores coordenadores do grupo. Por enquanto somente os alunos e ex-alunos dançam³². Há a participação de três mães, um pai e um avô que estão na tocata junto com outros alunos.

³² Talvez no futuro incluamos alguns pais que hoje estão interessados em dançar.

ILUSTRAÇÃO 47 - Apresentação do Grupo no FECAP (Festa da Cultura Açoriana de Palhoça SC) no dia 29 de outubro de 2011



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Tudo é muito precário. As nossas dificuldades para manter esse grupo de dança são imensas, passando principalmente pela parte financeira: não temos instrumentos musicais ainda. Os violões são dos próprios alunos; poucas verbas recebemos dos órgãos públicos e praticamente nada dos órgãos privados para confecção das roupas. Muitas vezes os próprios pais as adquirem com o próprio dinheiro³³.

Não é fácil manter um grupo na atual realidade. Outra grande dificuldade são os horários dos alunos que não coincidem, pois temos alunos dos dois turnos, por isso, nossos encontros para ensaios acontecem após as aulas, por volta das 17h30min, e aí temos a dificuldade de deslocamento dos alunos porque os horários dos ônibus tornam-se escassos. O último horário em direção as comunidades de Parobé, Figueira e Morro Grande é às 18h e para o Ribeirão Grande e Madre às 19h. Por isso, a cada ensaio, eu os levo até suas comunidades numa van, caso contrário tornar-se-ia impossível ensaiar por apenas meia hora. Infelizmente não aceitamos mais alunos das comunidades do Ribeirão Grande e Madre, porque o horário das 19h nem sempre cumpre seu itinerário. Dias de chuva o ônibus não vai até a comunidade da Madre.

³³ A Tractebel Energia é uma empresa privada que está interessada em patrocinar nosso trabalho. Estamos em fase de elaboração de projeto para que através da Lei Rouanet possam nos ajudar.

ILUSTRAÇÃO 48 - Parte do grupo na apresentação da encenação “República em Laguna” que acontece todos os anos na cidade com a presença de atores da Rede Globo. Na foto a presença da atriz Adriana Birolli. 2010



FONTE: www.lagunainfoco.com.br

ILUSTRAÇÃO 49 - Parte do grupo na apresentação da encenação “República em Laguna” com a presença de atores da Rede Globo. Na foto a presença dos atores Murilo Rosa e Nanda Costa. 2011



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Os ensaios acontecem nas dependências da escola. O Grupo de danças tem se apresentado em vários eventos culturais e religiosos pelo litoral catarinense. Já nos apresentamos, por exemplo, nas cidades de Sombrio, Tubarão, Imbituba, Garopaba, Palhoça, Governador Celso Ramos, além de Laguna, sendo que em algumas cidades por várias ocasiões.

A apresentação sempre se inicia com os alunos representando as antigas atividades de trabalho presente nas nossas comunidades.

ILUSTRAÇÃO 50 - Apresentação do Grupo na XXX Semana Cultural de Laguna em 2011



FONTE: www.lagunainfoco.com.br

As meninas representam às lavadeiras de roupas, as benzedadeiras, as costureiras, as donas de casa, a fiadeira no tear, a agricultura. Os rapazes representam o pescador, o fazedor de farinha, o sapateiro, o lenhador, etc.

Enquanto eles apresentam essas atividades eu vou explicando ao público como era o trabalho dos nossos homens e de nossas mulheres. Momento de reconhecimento das pessoas mais velhas com o seu passado. Faço questão, nessa etapa, da apresentação apresentar os alunos individualmente e sempre lembrando que se trata de uma atividade de aprendizagem escolar.

Após a apresentação das atividades de trabalho, o grupo passa a apresentar as danças do folclore açoriano e do litoral catarinense

ILUSTRAÇÃO 51 - Mosaico mostrando os alunos representando as atividades de trabalho do tempo dos avôs. 2011





FONTE: www.lagunainfoco.com.br e ronaldoamboni.com.br

1.3.2. Museu Itinerante Casa da Dindinha:

A ideia do museu nasceu a partir da Feira Cultural em 2001. Naquela época percebemos a riqueza de móveis, objetos, ferramentas, brinquedos antigos que existia nas casas e que muitas vezes estavam guardados no paiol e que certamente com o tempo seriam jogados fora. Prova disso é que vários objetos, fotos e até mesmo móveis nos foram doados após a Feira e assim o museu foi e vem se concretizando ano pós ano numa caminhada lenta.

O Museu em construção é itinerante em dois sentidos: na escola, porque desde 2001 ainda não tivemos um espaço próprio para o museu e quando nos apresentamos em eventos culturais pelo litoral catarinense.

Na escola, primeiro o museu esteve desmontado numa salinha depósito, junto com telhas, tijolos, instrumentos musicais da banda, livros velhos, etc. Depois, transferimos o museu para a antiga sala do pré-escolar, que foi interditado pelo Corpo de Bombeiros porque estava a ponto de desabar. A porta foi lacrada com madeiras para impedir a entrada das crianças. Convenci a gestora escolar em montar o museu nesse prédio em ruínas. A gestora aceitou desde que eu não levasse as crianças até lá. Com o tempo fui tirando os sarrafos da porta e fomos arrumando a sala distribuída em cozinha, quarto, sala, paiol, representando uma casa de família de origem açoriana/indígena. Os alunos apreciavam o museu pelas janelas do prédio em ruínas.

Com o início da construção da nova escola, o prédio do pré-escolar foi o primeiro a ser demolido para dar passagem aos caminhões com materiais de construção. Sensibilizada com nossa proposta pedagógica a partir museu, uma professora das séries iniciais nos convidou a montar o museu em sua sala de aula. Como ela tinha poucos alunos e como a sala era ampla, a metade de trás ficou o museu e os poucos alunos ficaram na parte da frente da sala. No ano seguinte, o museu dividiu espaço com a quinta série.

Uma semana antes do incêndio que atingiu um dos pavilhões da escola em 2009, havíamos migrado para outra sala de aula de outro pavilhão. Por muito pouco não perdemos todo o museu. Com a demolição desse outro pavilhão fomos parar no depósito da escola. Mesmo lá, quisemos manter o museu montado dividindo o espaço com o depósito. A sala foi dividida pelo guarda roupa e alguns armários permanecendo lá, num movimento de resistência fantástico. São dez anos de itinerância pela escola buscando um espaço exclusivo para ele. Mas nesses dez anos apesar das mudanças contínuas, continua cumprindo seu papel pedagógico. Ele é da escola, ele é dos alunos. Ele

educa. Os alunos estão sempre em contato, visualizando, trazendo novos objetos.

ILUSTRAÇÃO 52 - Apresentação do museu na Festa de Santo Antônio no centro histórico da cidade em 2008.



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

E o museu é itinerante porque por várias vezes desmontamos ele para ser apresentado pelos alunos em eventos culturais na cidade de Laguna e até mesmo no 14º Açor que aconteceu em Governador Celso Ramos no litoral norte.

Os alunos interagem com os visitantes explicando como era viver numa casa antigamente. Explicam que o fogão era chamado de trempe, que o mais antigo trempe eram apenas três pedras alinhadas em forma de triângulo e que ficava no meio da cozinha de chão batido. As panelas de barro eram assentadas sobre essas pedras ou através de uma corrente fixada no teto da casa e a panela ficava dependurada sobre a lenha.

Com a chegada dos imigrantes italianos o trempe passou a se feito de ferro, em forma de triângulo e nesta época apareceram também as panelas de ferro. Depois, os fogões passaram a ser confeccionados de barro até a chegada dos fogões a gás. Lembramos que os fogões a lenha ainda são comuns entre as famílias do nosso distrito. Sobre a mesa ficam os pratos típicos da época que são explicados um a um pelos alunos até o aguidar que fica sobre a esteira e onde as crianças comiam.

ILUSTRAÇÃO 53 - Mesa com os pratos típicos da região no 13º Açor – Laguna 2006



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

No quarto é explicado como dormiam, tipos de cobertas, os lençóis bordados, os travesseiros feitos de marcela, de pena de ganso, de capim. Também os colchões que eram confeccionados na maioria das vezes com palha de milho, capim ou folhas de bananeira. As camas eram chamadas de tarimba, feitas em casa mesmo.

Explicam aos visitantes que em dias de frio, era comum suspenderem o colchão para se cobrir e dormiam sobre as tábuas da cama. A única coberta eram as mantas feitas nos teares. Aos mais “ricos” o direito em ter um guarda roupa e aos pobres varais onde estendiam as roupas ou as guardavam em baús.

Disse-nos dona Maria de Lourdes do Parobé: “*Em dia muito frio, a gente levantava o colchão e fazia de acolchoado e ficava com o cerro na tábua dura. Ficava tudo pertinho um do outro pra se aquecer, se não encarangava*”. E solta uma gargalhada.

ILUSTRAÇÃO 54 - Alunos apresentando o museu Casa da Dindinha no 13º Açor – Laguna SC - 2006.



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Os alunos ainda explicam aos visitantes todos os objetos (ferramentas) que eram guardadas nos paióis, além dos brinquedos confeccionados pelas próprias crianças ou pelos adultos.

ILUSTRAÇÃO 55 - Espaço dedicando aos brinquedos confeccionados pelas próprias crianças ou por seus adultos. Açor – Laguna – SC- 2006



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

O museu por onde passa é um sucesso porque mostra o jeito simples de viver do homem do litoral catarinense e principalmente porque é contada por jovens estudantes.

ILUSTRAÇÃO 56 - Exposição da Casa da Dindinha no 14º Açor em Governador Celso Ramos SC. - 2008.



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

As pessoas que visitam o estande, tanto fotografam os objetos e móveis do museu como os alunos que nessas apresentações se revezam porque são horas de apresentação e mesmo assim, na maioria das vezes todos estão ali para mostrar o peixe escalado secando num varal sobre o fogão a lenha, para contar como fiavam, como trabalhavam, para falar das dificuldades, das alegrias do povo do distrito do Ribeirão Pequeno.

ILUSTRAÇÃO 57 – Alunos ressignificando a mão do pilão. Açor – Laguna SC - 2006.



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

1.3.3. Grupo de Oficineiros:

Os participantes do Grupo de Cultura Casa da Dindinha aprendem através de oficinas, como confeccionar arapucas, bonecas de pano, loucinhas de barro, pião, esteira, balaio, além da culinária, por exemplo, como se faz “nego deitado”, um bolo típico do interior feito a base de farinha de milho. O objetivo das oficinas é prepará-los como multiplicadores da cultura nas aulas de história quando requisitados e em apresentações culturais, através do museu itinerante.

Em agosto de 2011, com a participação da EPAGRI e com o apoio financeiro da Tractebel Energias foi oferecido pelo Grupo de Cultura Casa da Dindinha, nas dependências da Escola um curso de tear dividido em dois grupos. Alunos, mães do Grupo e senhoras das comunidades participaram desse curso. Jovens, adultos e velhos num mesmo espaço, num mesmo aprender. No último dia, quando as duas turmas se reuniram para se confraternizar e diante das falas, destaco o que disse dona Maria Albina:

Foi muito legal porque além da gente aprender a tecer no tear, convivemos com os alunos. Teve um dia que eu estava com dores nas costas porque fiquei muito tempo sentada e com os braços estendidos e a Vitória (aluna da sétima série e membro do Grupo) veio fazer massagem em mim. A gente não está mais acostumada com essas

gentilezas. Vi senhoras ensinando eles e eles nos ensinando. Muito legal.

ILUSTRAÇÃO 58 - Participante do grupo ensinando como se faz balaíos.



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

ILUSTRAÇÃO 59 - Mãe e um aluno do grupo participando da oficina de tear oferecida pelo Grupo de Cultura Casa da Dindinha em parceria com a EPAGRI e TRACTEBEL – 2011



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

1.3.4. Grupo de cantadores:

São os participantes da tocata do grupo: alunos e pais que com seus violões tocam nas apresentações. Uma das metas é conseguirmos verbas para contratação de professor de música para ensinar nossos alunos e pais. Também, aprendem a cantar as folias de reis, pau de fita, ratoeira, chimango.

Um dos objetivos é a integração entre a escola e a família. As duas mães, o pai e o avô de alunos participantes do Grupo são a prova concreta que podemos trazer a família para dentro do espaço escolar. Esse avô, que é o seu Braz da Figueira, é um grande contador de causos e os meninos adoram ouvir suas histórias.

ILUSTRAÇÃO 60 - Tocata no FECAP (Festa da Cultura Açoriana de Palhoça) Palhoça SC – 2011



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

1.3.5. Grupo de Palestrantes:

São alunos preparados a divulgarem a cultura local. No dia 05 de novembro de 2008, o aluno Guilherme de Bem Florentino, participante do Grupo Casa da Dindinha na época, esteve comigo na Faculdade Anhanguera em Joinville, divulgando o projeto para dirigentes educacionais da rede estadual de Ensino de Joinville e aos acadêmicos do Curso Superior de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior de Joinville – IESVILLE, atual Anhanguera. Envergonhado, teve que responder uma bateria de perguntas sobre a cultura, sobre sua participação no grupo. Encantou e ficou encantado.

O Grupo de Cultura Casa da Dindinha subdividido em cinco áreas de atuação é resultado de uma experiência acumulada por uma década que buscou nos diálogos com os velhos a compreensão da cultura local.

Nessa caminhada a experiência foi dialogando com a memória. Portanto, o centro desta pesquisa se fundamentou nos três pilares: **memória, experiência e cultura** e nos diálogos com os velhos no campo popular. Memória enquanto fonte permeada pelas experiências de quem viveu os “fatos” e da maneira como os viveu, sentiu, interpretou. Com facilidade ela transita pelo tempo em busca de respostas às necessidades do presente.

E assim vamos percebendo que esta experiência vai passando de geração a geração, de pai para filho. Gagnebin (1994), citado por Guerrero (2008), analisa a importância da experiência transmitida a partir de análise dos escritos de Walter Benjamin:

(...) primeiro a experiência se inscreve numa *temporalidade* comum a várias gerações. Ela supõe, portanto, uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma **palavra transmitida de pai a filho**; continuidade e temporalidade das sociedades “artesaniais” diz Benjamin em “O Narrador”, em oposição ao tempo deslocado e entrecortado do trabalho no capitalismo moderno. Essa tradição não configura somente uma ordem religiosa ou poética, mas desemboca também, necessariamente, numa prática comum; **as histórias do narrador tradicional não são simplesmente ouvidas ou lidas, porém escutadas e seguidas, elas acarretam uma verdadeira formação** (Bildung), válida para todos os indivíduos de uma mesma coletividade. Essa orientação prática se perdeu e explica nossa des-orientação, isto é, nossa incapacidade de dar e receber um verdadeiro conselho (GAGNEBIN, 1994 apud GUERRERO, 2008, p. 157/158).

O mundo moderno vem roubando esse elo entre o presente e o passado que se dava exatamente com o velho que transmitia para as gerações futuras os valores, as histórias, as tradições de outrora. A enxurrada de informações, de novidades do mundo pós-industrial leva a geração atual a ter seu olhar voltado ao futuro e a experiência do velho nessa ótica perde espaço, principalmente aos jovens do campo que

alimentados pelas ideologias urbanas condenam a tradição, derrubam, destrói o passado para dar lugar ao novo.

Se num distrito rural, que não chega a duas mil pessoas, onde todos se conhecem, onde todos praticamente freqüentam os mesmos lugares, vemos os jovens surpresos diante da fala dos velhos, é sinal que esses saberes-fazer já não estão sendo mais transmitidos de pai para filho. Estaria a televisão, a internet ocupando esse espaço de escuta, de narrativas das tradições, onde após a janta as famílias se reuniam ao redor da mesa, sob a luz de pomboca para ficar conversando sobre tudo, incluindo o passado?

Além de atingir as pequenas esferas da vida social, essa é uma situação que tem atingido a toda sociedade, em esfera global, em pequenas e grandes localidades. O *mundo tecnológico*, com o excesso de informação e a escassez de tempo, dentre outras coisas, tem “tomado o espaço” e restringido o tempo das histórias e dos encontros, tão imprescindíveis à formação dos indivíduos e dos sujeitos sociais. (GUERRERO, 2008, p. 159).

Ainda segundo Larrosa, análise feita por Guerrero (2008), o excesso de informação e a escassez de tempo impossibilitam a experiência.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, **pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir**, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, **suspender o juízo**, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, **cultivar a atenção e a delicadeza**, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, **aprender a lentidão**, escutar aos outros, **cultivar a arte do encontro**, calar muito, **ter paciência e dar-se tempo e espaço**. (LARROSA, 2002 apud GUERRERO, 2008, p. 160).

Na evolução humana tivemos ganhos e perdas e certamente uma das perdas foi exatamente o que Larrosa afirma acima. Hoje, enquanto o pai assiste futebol na sala e quem sabe a mãe assiste à novela diante de

uma televisãozinha na cozinha, onde estarão os filhos? Talvez em seus quartos particulares ligados na internet, nos sites de relacionamentos sociais. Um não sabe do outro, um não vê o outro.

Antes, no distrito, na maioria das casas havia apenas um quarto para os rapazes e um para as raparigas, independente do número dos filhos. Em uma única cama podiam dormir dois, três, quatro filhos que muitas vezes para caber tinham que dormir atravessado na cama. A mesa grande na cozinha acolhia a todos que faziam as refeições juntos num mesmo horário, pois todos trabalhavam na roça, todos estavam por perto. A mesa era considerada local sagrado, local de reza do terço, local de comunhão, local onde não se colocava crianças sentadas sobre elas e nem comer nelas se podia.

As crianças comiam no chão sobre a esteira, numa espécie de bacia de barro chamada aguidar. A mãe fazia um risco no pirão dependendo o número de crianças que havia para que cada um comece o seu quinhão. Colocava um peixinho em cada divisória e dizia “*é quinhão*”, ou seja, não há repetição. A criança comia seu quinhão e saía para brincar. Se batesse a fome comia frutas da época, pescava sardinha na cachoeira para assar na chapa do fogão a lenha que mantinha-se quente o dia inteiro.

Também a falta de energia elétrica fazia com que todos ficassem com todos. Terminada a janta que chamavam de ceia, conversavam um pouco e depois todos iam dormir. Os tempos hoje são outros. Fica-se até a madrugada diante da televisão ou da internet. Cada um em um quarto. O encontro entre os seus, pouco acontece. Não estamos aqui para dizer que esse ou aquele tempo era melhor. Apenas dizer que nesse tempo precisamos encontrar soluções para os encontros, para o diálogo, para a troca de experiência. Esse projeto também tem essa intenção de Larrosa: **“pensar devagar, escutar devagar, ouvir devagar, cultivar a arte do encontro”**. E para isso chamamos os velhos e os jovens estudantes para esse “devagar” se encontrar, se conhecerem, cambiar, quem sabe, suas experiências, para que a arte de narrar e de intercambiar experiências não se perca.

CAPÍTULO 2

OS SABERES DOS VELHOS

*“Não sei se agrada as minhas histórias,
mas as que guardei foram essas”*

Essa frase escrita por dona Dalvinha da comunidade *da* Ponta do Daniel é a síntese da proposta deste capítulo “Os saberes dos velhos”. A centralidade desse capítulo gira exatamente em torno dos fragmentos, diríamos “fiapos”, da cultura do lugar chamado distrito *do* Ribeirão Pequeno *da* Laguna, confidenciado a nós, professor e alunos, pelos velhos, através das entrevistas escritas e faladas, digamos, sussurradas em momentos de pura magia, falando de um passado ímpar, glorificado por eles no presente. Falas essas que foram ditas em forma de saudade, alegria, tristeza, lamento, denúncia e até em forma de esquecimento, falas que não foram faladas, mas silenciadas. Fazíamos a pergunta e o silêncio vinha como resposta – o olhar fixo no passado, mergulhado no vazio - apenas sorriam e nada respondiam. Uns até se justificavam dizendo não lembrar, outros trocavam de assunto e outros diziam não querer falar. Outros ainda respondiam com uma pequena lágrima seguida de um sorriso particular, só dele ou dela. O que fazer? Respeitar, mergulhar junto nesse silêncio.

Houve entrevista em que a emoção tomava conta de todos. Os alunos paravam de escrever e ficávamos atônicos, paralisados diante de tamanha intensidade em trazer à tona momentos tão marcantes em suas histórias. Muitas vezes, não havia a necessidade da insistência da pergunta - aquele olhar perdido no tempo cheio de saudades, já era a resposta. “No espaço de pesquisa que se propõe a individualizar os sujeitos, conseguimos coletivizar os sonhos”. (GONÇALVES, 2000, p. 3).

Quão gratificante é ouvir os velhos. Basta uma perguntinha, para que mergulhemos num mundo tão distante e ao mesmo tempo tão próximo, tão deles e tão nosso ao mesmo tempo. Os olhos brilham o sorriso se abre, a emoção flui, o olhar se perde no infinito e aí é só se deixar conduzir, se deixar seduzir pelas histórias, pelos contos narrados, materializando-os conforme nosso entendimento.

Segundo Bosi (1987) os velhos são, hoje, expectadores de um tempo já finalizado e bem delineado, visão que falta aos jovens. Por isso, os jovens têm dificuldade em lidar com as lembranças, pois estão imersos nas contradições de seu tempo presente.

As entrevistas realizadas pelos jovens estudantes de quinta a oitava série do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem, mediadas por mim, foram momentos de provocação, de encontro entre esses jovens e seus velhos, para que através do diálogo pudessem aprender e ensinar. O diálogo pressupõe uma disponibilidade para a escuta e para a fala. Diálogo não é consenso, é confronto de ideias, ainda mais entre jovens estudantes e velhos. “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. (FREIRE, 2006, p. 91).

No pensamento de Ecléa Bosi (1987), busquei compreender a função social dos velhos do distrito *do Ribeirão Pequeno*: lembrar e contar para os mais jovens suas histórias, suas experiências, sua cultura. A “função social do velho é lembrar e aconselhar (...) unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir. (1987 p. XVIII).

Diz Bosi, “o principal esteio do meu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores” (1987, p.1). Esses mais de dez anos em busca desses diálogos me tornaram confiável por eles, que se tornaram portas abertas a uma nova possibilidade de aprendizagem. Esses diálogos foram sendo construídos a favor da cultura local no campo da educação. Diz Freire que “é a confiança que vai fazendo os sujeitos dialógicos serem cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo” (1997, p.82).

Portanto, o objetivo desse capítulo é deixá-los lembrar e relembrear, falar e contar fragmentos da cultura local guardados em suas memórias que veem e sentem as transformações da sociedade, resultado dessas entrevistas que aconteceram no tempo da elaboração do projeto que culminou no lançamento do livro “Memória. Um Patrimônio Irrenunciável. Comunidades do distrito *do Ribeirão Pequeno da Laguna*”, escrito sem o rigor científico, sem embasamento teórico consistente, porque teve como alvo o povo simples do distrito que estudou na sua grande maioria até a quarta série primária. Um livro onde cada velho pudesse se enxergar enquanto ser histórico e cultural deste lugar.

Reforçar que o pano de fundo de todo esse diálogo que aconteceu entre os velhos guardadores de memória e os jovens estudantes de uma escola pública foi o relato da cultura. Mas o que dizer sobre cultura?

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de

uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é esse todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Edward Tylor, 1871, cap.1, p. 1). Com esta definição Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à idéia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos. (LARAIA, 2005, p. 25).

Pensar o conceito de cultura como se pensa hoje, para entendermos a cultura do distrito *do Ribeirão Pequeno*, precisamos nos remeter segundo Marconi (2011) a Edward Tylor, que foi quem o formulou pela primeira vez em 1871. Propõe ele: “Cultura ... é aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. (MARCONI, 2011). Na realidade, “o que ele fez foi formalizar uma ideia que vinha crescendo na mente humana” (LARAIA, 2005, p. 25), ou seja, ele, entre outros, “contribuíram para consolidar o emprego e o estudo da cultura e como desvinculá-la do conceito de civilização”. (PEREIRA, 2003, p.97). Ainda segundo Pereira, cultura é resultado das relações entre os homens, a natureza e as idéias (p. 97).

Ainda buscando o entendimento do conceito de cultura, Chauí (1995), nos diz que foi a partir do século XVIII, das indagações realizadas por Kant a respeito da relação entre o Homem e a Natureza, que a Cultura passou a significar,

(...) em primeiro lugar, as obras humanas que se exprimem numa civilização, mas, em segundo lugar, passou a significar a relação que os humanos, socialmente organizados, estabelecem com o tempo e com o espaço, com os outros humanos e com a Natureza, relações que se transformam e variam. Agora, Cultura torna-se sinônimo de **História**. A Natureza é o reino da

repetição; a Cultura, o da **transformação racional**; portanto, é a relação dos humanos com o tempo e no tempo. (CHAUÍ, 1996, p. 293).

Dizer que

(...) a cultura é o processo histórico (e portanto de natureza dialética) pelo qual o Homem, em relação ativa (conhecimento e ação) com o mundo e com os outros homens, transforma a natureza e se transforma a si mesmo, constituindo um mundo qualitativamente novo de significações, valores e obras humanas e realizando-se como homem neste mundo humano. (...) Como ser histórico o homem é um ser cultural. Compreendendo e transformando a natureza ele a humaniza; reconhecendo o outro, ele se humaniza. Assim ele cria um mundo propriamente humano que é o mundo da cultura, o mundo histórico. (AP, 1963 apud BRANDÃO, 1985, p. 22/23).

Ainda segundo Brandão (1985), a proposta da utilização do termo “Cultura Popular”, nasce no Brasil, na década de 60, a partir do *saber do povo* (popular), com o objetivo de criação de um *saber de classe*. Nasce como contraponto a “elitização da cultura e o acesso do povo aos bens culturais”. (BARBOSA, 2009, p. 48) e ainda que esse conceito seja criação da elite para diferenciar a sua cultura da cultura do restante da população.

Ela remete, na verdade, a um amplo espectro de concepções e pontos de vista que vão desde a negação (implícita ou explícita) de que os fatos por ela identificados contenham alguma forma de “saber”, até o extremo de atribuir-lhes o papel de resistência contra a dominação de classe. (ARANTES, 1981, p. 7).

Na união desses dois conceitos *cultura* e *popular*, nasceu a ideia de *conscientização política da cultura* do povo simples, da sua valorização, para provocar o embate daquilo que Marilena Chauí (1996) alertou sobre a ideia errônea que existe cultura superior e cultura inferior.

Cultura popular, portanto, é o movimento que os integrantes dos diversos movimentos sociais fizeram a partir da década de sessenta em prol do povo subalterno, visando mudança, transformação,

conscientização da sociedade das armadilhas produzidas pela classe dominante burguesa em querer dicotomizar a cultura. A citação de Fávero, transcrita por Barbosa no livro “Movimento de Cultura Popular: impactos na sociedade pernambucana” (2009) da conta do que penso sobre Cultura Popular:

Quando se fala em cultura popular acentua-se a necessidade de pôr a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses efetivos do país. Em suma, deixa-se clara a separação entre uma cultura desligada do povo, não-popular, e outra que se volta para ele e, com isso, coloca-se o problema da responsabilidade social do intelectual, o que obriga a uma opção. Não se trata de teorizar sobre cultura em geral, mas de agir sobre a cultura presente, procurando transformá-la, entendê-la, aprofundá-la. (FÁVERO, 1983, apud BARBOSA, 2009, p.47).

Esse é um dos nossos objetivos: trazer a discussão da cultura local que é popular, porque é vivenciado pelo povo todo do distrito *do* Ribeirão Pequeno para dialogar sobre ela na mesa escolar, com o objetivo de colocá-la a serviço do povo, agindo sobre ela, falando dela, teorizando-a, sistematizando-a, apropriando-nos dela. Patrícia Guerrero em sua tese de doutoramento transcreve uma citação de Canclini (1983) que explica essa apropriação por parte do povo simples “*dos bens econômicos e culturais*”:

As culturas populares (termo que achamos mais adequado do que a cultura popular) se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida. (CANCLINI, 1983 apud GUERRERO, 2008, p. 25)

Ainda buscando os fios que deem conta desse conceito “cultura popular local”, quero interligá-lo, portanto, com o da memória, em prol de uma cultura que se coloque a serviço do povo, elaborando-a e reelaborando-a, produzindo-a e reproduzindo-a, criando-a e recriando-a, sempre lembrando que cultura é processo, é dinâmica, e porque está sempre mudando, permanece.

Não sei o que a escola está fazendo que não se inspira na cultura popular em que tudo é elementar. Fácil de compreender e, a partir daí, desenvolver. Se estudarmos a cultura popular compreendendo que ali o Brasil está encoberto, puxaremos o fio do novelo que está ali. A educação do Brasil deveria caminhar por aí, não como um regionalismo, mas como algo muito mais profundo e digno de conhecimento. As crianças procedem por uma construção de conhecimento que não é pelo raciocínio lógico, não é compartimentalização. Com elas é uma consciência de inteireza, em que o sentir, o pensar e o querer fazem parte de uma unidade (HORTELIO, 2003/2004 apud GUERRERO, 2008, p. 184).

Por opção, estou utilizando em toda a dissertação o termo “cultural local” e não “cultura popular local”, por não me estar claro se esse caminhar chegou a ser um movimento de “cultura popular” no sentido político do termo. Prefiro o significado de “popular” como sendo a “cultura do povo simples”. Como suas falas não têm tempo e nem sempre um espaço específico, procurei classificar as falas por temas, divididos em subtítulos.

O primeiro dia de aula, a perda de uma pessoa amada, a formatura, o começo da vida profissional, o casamento dividem nossa história em períodos. Nem sempre conseguimos fixar tais divisões na data de um tempo exterior. Quando as marés de nossa memória já roeram as vigas, o fato deriva ao sabor das correntezas. (BOSI, 1987, p. 338).

Quando nos falamos, falamos de tudo, sem divisão em fases ou períodos vividos. Como eles mesmos dizem “um assunto puxa o outro” e eles e elas vão falando, contando, ao “sabor das correntezas”. Cabe a nós pesquisadores sociais fazermos essas separações para melhor compreensão.

2.1. O QUE NOS FALAM DA INFÂNCIA

*O mundo está tão mudado que as crianças de hoje já nascem de olhos abertos.
Naquela época era uma alegria quando a criança abria os olhos,*

era um bom sinal, representava que estava saudável. Tinha crianças que levava até dois dias para abrir os olhinhos.

Com essas palavras de dona Nininha, quero abrir essa temática sobre as lembranças do mundo infantil deles e delas a partir da criança ainda na barriga da mãe. Essa frase dá conta da distância percebida por ela, entre o presente o passado. Algo tão próximo vivido, mas, ao mesmo tempo, tão distante. Tanta coisa mudou e para dar conta dessa dimensão de distanciamento entre o presente e o passado, ela traz justamente como referência “o abrir dos olhos de um recém-nascido”. Para ela não só o mundo das tecnologias mudou, mas o mundo físico do homem também. É com esse “abrir de olhos” que queremos compreender esse mundo vivido por eles e que naturalmente comparamos com nosso tempo vivido no presente.

Iniciemos, portanto, esse olhar, dizendo que as famílias do distrito *do* Ribeirão Pequeno eram muito numerosas, o que mudou bruscamente nos últimos anos. Se naquele tempo podíamos encontrar casais com dez, doze ou mais filhos, hoje é raro o casal que ultrapasse os dois filhos.

ILUSTRAÇÃO 61 - Exemplo típico de famílias numerosas na região. Aqui representada por filhos que vão casando e permanecem próximas aos pais. Constroem a suas casas nas terras do pai e continuam trabalhando junto. Na foto uma família de origem alemã.



FONTE: Délcia Buss Cardoso

A mortalidade infantil era alta. Rara a casa onde o casal não tivesse perdido pelo menos um filho até os cinco anos de idade. “*Minha mãe, de onze filhos, criou só três*”, nos disse com tristeza, dona Maria

do Morro Grande, no dia da entrevista. “*Lá em casa eram treze, sobreviveram onze até adulto*” disse dona Nininha³⁴, mas em geral, a sombra da mortalidade infantil perpassava a maioria das casas. Ter muitos filhos, portanto, era natural, cultural. Aliás, o estranho era o casal que tivesse apenas um ou dois filhos. Hoje é rara a morte de crianças em nosso distrito. Quanto mais filhos, maior a possibilidade de mão de obra na roça e na pesca.

Ainda sobre as mortes de crianças, dona Maria Cecília segue sua entrevista contando que as crianças morriam de “*sarampo, catapora, paralisia infantil, coqueluche e até “embruxada”*”. Muitas dessas mortes eram atribuídas às bruxas que durante a noite “chupavam” as crianças. Era uma forma simples de justificar a magreza do menino ou da menina, vítimas dos vermes. Outra expressão usada nesses casos era também dizer que a criança “*morreu de ataque de bicha*”. A barriga fazia muito barulho até o ponto que sufocava a garganta sofrendo uma espécie de convulsão que a levava a óbito. Sentiam muito a perda de um filho, mas provavelmente no ano seguinte, já nasceria o próximo.

A mulher anunciar que estava grávida não era uma “grande” novidade, era mais um que vinha. Não havia pré-natal, não havia acompanhamento médico, não havia ultrassonografia para saber o sexo da criança, notícia que só se saberia na hora do nascimento. Os pais preferiam meninos para a lida da roça, as mães? Bem, para elas se viesse com saúde já estava de bom tamanho. Muitas torciam por uma menina, mas em silêncio para não contrariar seus maridos. (OLIVEIRA, 2010, p. 79).

Sempre que nos falaram das mortes das crianças vítimas de doenças que hoje nos parecem tão fáceis de cura, um semblante de tristeza, de dor tomava conta da entrevista, como se lamentassem a perda por motivo tão banal, como se nos dissessem que se fosse hoje, seria tão diferente. Mas ao mesmo tempo um semblante de consolo os envolvia, como se nos dissesse “*a vida é assim mesmo*”, querendo nos ensinar a entender os caminhos esses jovens estudantes irão trilhar durante suas vidas; como se nos dissesse “*o passar do tempo nos ensina*”.

³⁴ A família de dona Nininha era considerada uma das mais “ricas” da época na comunidade do Parobé

Na expressão de dor e de consolo dos velhos entendo que “seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador.” (BOSI, 1987, p.49) O sagrado aqui é entendimento da vida oferecida pelos anos vividos. Lá, no acontecimento, há a revolta. Os anos passam e o entendimento lhes oferece o consolo.

2.1.1. O nascimento dos bebês

Nas entrevistas ficou claro, que esse era um momento delicado, incerto, principalmente para as mães de “primeira viagem”, mas também que era raro uma dessas parteiras não conseguirem realizar sua tarefa com sucesso. Pouco ou quase nada nos falaram sobre os partos.

Dona Maria Cecília *do Morro Grande* foi uma das poucas que entrou nesse universo. Provocada por mim, com voz baixa como se não quisesse que os alunos presentes na entrevista a escutassem, falou, mas falou pouco. Percebi quanto o peso dos valores da época ainda estão enraizados em suas memórias, como se nos dissesse: não se deve falar desses assuntos perto de criança. “Quando puxarmos a rede veremos o quanto ela vem carregada de representações ideológicas” (BOSI, 2004, p. 19). Os anos passaram, mas os valores, a ideologia da época, provinda, principalmente da religião ainda está aí. Falam de tudo, mas de um tudo que envolve a sexualidade humana, não.

O que vou narrar nas linhas abaixo é resultado das entrevistas junto aos velhos e dos escritos de Liane Cardozo, nativa do distrito, graduada em Letras e que num determinado ponto de sua vida sentiu necessidade de contar sobre seu passado vivido nesse lugar e produziu um livro chamado *Ciranda da Saudade*. Também trago transcrições realizadas por três enfermeiras do município de Laguna que também sentiram a necessidade de contar em livro um pouco da história da saúde pública do município de Laguna entrando no universo das parteiras.

Início dizendo que chegando o momento do parto, recorria-se a elas, as parteiras, e não ao hospital. Em todas as comunidades do distrito havia pelo menos uma parteira, mas as mais “famosas” foram dona Moraci e dona Tereza, ambas da comunidade *do Parobé*. Sobre dona Tereza, comenta Cardozo que ela “aprendeu o ofício quando ainda era solteira, incentivada por sua mãe, Dona Chica Zelindro, a parteira que a antecedeu. Depois de casada, seus primeiros filhos, nasceram pelas mãos de Dona Chica. A partir do sexto filho, ela os teve sozinha”. (2000, p. 136). Sobre dona Moraci, o que mais impressiona é que por

suas mãos, nasceram mais de mil crianças no distrito, sem perder um parto sequer, mas por incrível que possa parecer, sua filha Elidia morreu no parto. O caso é narrado por Cardozo:

A Elidia estava grávida do seu primeiro filho. Dona Moraci em conversa: “Eu posso fazer o teu parto, Elidia. Eu fiz o da Graça” (filha mais velha). “Não, eu não quero mãe; tenho vergonha”. “Que bobagem é essa agora, guria”. A Elidia morava em Garopaba do Norte. Dona Moraci faz o convite: “Tudo bem que não queiras ganhar comigo, mas então vem pra cá, aqui é mais perto de hospital, de médico”. (Dona Moraci reside em Cabeçuda). A Elidia não quis vir. Entra em trabalho de parto, no hospital de Imbituba. Dona Moraci foi avisada pelo marido de Elidia e encaminha-se para lá. Recebe a notícia de que a filha havia ganho um menino. Pede para entrar. Não a deixam. Ela insiste. Não a deixam. Ela vai ficando desconfiada, nervosa, fala alto com o médico, com os funcionários que quer entrar, quer ver a filha. Não a querem deixar. Ela põe o pé na porta e entra. É impossível impedi-la. Vê Elidia mal, muito mal, com forte hemorragia, debatendo-se. Ela aproxima-se da filha e tenta conversar com ela. A filha quer ver o pai, pede a presença dele ali e vai falando já com dificuldade. Dona Moraci, no desejo de atender o desejo da filha, volta para a Cabeçuda para chamar o esposo João. Quando estão fechando a casa para voltarem ao hospital, chega alguém dando a notícia. Não precisa mais ir, ela acaba de falecer. (...) Desgosto, mágoa, pesar, tristeza, são objetivos que acompanham dona Moraci, desde esta data. Porém, de todo sofrimento, surge sempre algo de bom, de positivo, aqui nesse caso é o neto. Douglas de Andrade Patrício. O neto que ela criou e cria e que agora, depois da viuvez é a sua companhia. (2000, p. 140/141).

ILUSTRAÇÃO 62 – As duas parteiras mais requisitadas do distrito. Conseguimos reuni-las na Feira Cultural Histórica de 2001. À esquerda dona Moraci e a direita dona Tereza. Ambas se fizeram história no distrito. Dona Moraci tem em seu colo a maletinha contendo tudo que precisava para realizar o parto com segurança.



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Conta-nos dona Maria Cecília *do Morro Grande* que essa era uma atividade exclusiva das mulheres, a participação do homem restringia-se a sair de madrugada, em busca dessas parteiras, com ou sem chuva, com ou sem lua pelos caminhos de carro de boi que cortam o distrito.

Segundo pesquisa das enfermeiras,

Os partos eram feitos com a paciente deitada – se estivesse nervosa, Maria preparava-lhe um chá. Se a placenta ficava retida, ela a retirava com as próprias mãos. A assepsia era feita com água, sabão e álcool. Após o nascimento do bebê, ela media quatro dedos do cordão umbilical, amarrava com fio de tear e o cortava. Um paninho era colocado sobre o coto e trocado, diariamente, para não ficar molhado. Além disso, pingava leite do peito nos olhos da criança para que não inflamasse”. (...) “Se o bebê apresentava intumescimento dos mamilos, ela os espremia. ‘Sapinho na boca’ (candidíase oral) era tratado com leite materno e fralda molhada em urina. À puérpera, ela recomendava comida sem tempero por uns dez dias – acreditava-se que alimentos leves preveniam futuras ‘enxaquecas’ que, para o

povo, significavam ‘barriga inchada e dor de cabeça’. (...) Maria também ensinava remédios caseiros para apressar a descida do leite”. (...) “Era no tempo em que se usava pó de café para estancar hemorragias. As injeções eram feitas com seringas de vidro fervidas numa panela. Para curativos, usava-se Merthiolate ou Mercúrio Cromo. (VIEIRA, 2005, pág. 130).

O momento do parto era o momento pleno do poder feminino, momento em que os homens tinham que confiar plenamente no trabalho dessas mulheres. Nem mesmo entrar no quarto lhes era permitido, somente após o nascimento. Não cobravam absolutamente nada. Em troca, aqueles que podiam lhes ofertavam ovos, farinha de mandioca, banana. A qualquer hora, sem desculpa, de dia ou à noite, a pé, a cavalo ou ainda, a canoa, deixavam tudo para acompanhar o pai.

Cardozo, referindo-se a parteira dona Tereza, diz: O que acontecia muitas vezes, é que ela já sabendo da situação de pobreza da parturiente, quando ia fazer o parto, levava uma galinha para fazer a ‘canja’ ou levava panos para enrolar o neném, pois sabia que a mãe da criança não tinha nem roupinhas para o filho. (2000, p. 136).

Dona Maria Cecília ainda nos diz que as mulheres mais velhas, do início do século XX, ganhavam seus filhos de cócoras, como índias, o que confere com as enfermeiras:

(...) a parturiente era amarrada pelos pulsos na cumeeira da casa; uma pessoa idosa fazia pressão para baixo em seu ventre besuntado de banha de galinha (por cima do vestido comprido): e uma gamela com brasa era colocada bem próximo, já que se acreditava que o calor ajudava à criança a nascer mais depressa. Quando o parto complicava, as parteiras mandavam chamar Dr. Paulo Carneiro que vinha de barco acudi-las. (VIEIRA, 2005, p. 142).

Quando as parteiras não davam conta do parto, o jeito era levar as parturientes para o hospital da “cidade”. A questão é o tempo. Até a decisão de que precisariam levar ao hospital, sair atrás de um carro de boi, cangar os bois no carro, levá-las até o porto da comunidade, chamar um canoeiro, enfrentar mais ou menos uma hora de canoa a vela, um

bom tempo teria se passado. Chegando ao porto de Laguna, teriam que conseguir um carro de aluguel (os táxis) para chegar ao hospital, as chances de sobrevivência da parturiente era praticamente nulas.

Dona Maura nos conta emocionada:

A Maroca, mulher do Francisco José, o manezinho, estava grávida e quando completou “o tempo” (nove meses) levaram ela de canoa para o centro porque ela tava passando mal, a criança não nascia. Foram com ela a Maria do Neco e o seu Chico. Quando chegaram lá no “saco grande” (nome de um lugar na lagoa), em meio mar, ela começou a passar mal e morreu. Mesmo assim eles continuaram a viagem. Quando chegaram na doca em Laguna, o médico veio atender ela ali mesmo. Decidiram leva pro hospital para tentar salvar a criança. Lá no hospital tiraram a criança, mas já era tarde demais. Foi um dos dias mais tristes que se viu aqui no Ribeirão Grande: mãe filha no mesmo caixão. Elas foram enterradas no cemitério antigo do Ribeirão Pequeno.

Mas nem todas as histórias sobre partos em que a parturiente teve que ser levada ao hospital da cidade, acabaram em morte. Cardozo narra uma dessas histórias que teve um final feliz:

Estava minha tia Clara, grávida. Reservou um quarto no Hospital de Laguna, para vir ganhar o neném. Quando iniciam os primeiros sintomas, ela com tio Lélo vão até o rio para pegarem a canoa e seguirem viagem. Tia Clara muito amiga e também comadre de minha tia Sílvia, passa na casa da mesma para visitá-la que está indo para o hospital. Tia Sílvia pergunta com quem ela está indo. Ela responde que só com o marido. Então tia Sílvia recomenda: “Não, não vai sozinha. Tens que levar a parteira. E se acontece de o neném se antecipar e nascer no meio da viagem?” Minha tia responde: “Não, não vai acontecer isso. Vai dar tempo de chegar ao hospital, não precisa chamar ninguém”. Tia Sílvia insiste. “Espera um pouco, que eu vou chamar a Tereza”. E mandou. Dona Tereza veio. Embarcaram na canoa, e seguiram para Laguna. As dores do parto aumentando. Quando chega bem no meio da lagoa, Santo Antônio dos Anjos, num local denominado “Pedras Brancas”, dona Tereza comunica: “Lélo, pode voltar para casa, tua filha

acaba de nascer". Nasce em plena lagoa, dentro de uma canoa, Maria Salete Alves Perito, a Kika. Esse era o dia 17 de janeiro de 1955. O tio Lélo continuou viagem. Foram até Laguna. Chegaram no cais, a menina chorava, chorava. O tio Lélo foi atrás de um táxi para irem até o hospital. Não achou, pois nessa época existia mais carroça que automóveis. Passou um senhor e disse: "*Levem embora, o neném está chorando muito*". Dona Tereza avisa: "*Não precisa ir no hospital, não. O que tinha que ser feito, eu já fiz*". (2000 p. 137).

Uma expressão curiosa que surgiu nas entrevistas foi na fala da dona Maura do Ribeirão Grande: "*A minha mãe ganhou quinze filhos do tempo todos em casa e três fora do tempo*". "Fora do tempo" significa prematuro.

Ainda na entrevista com dona Maria Cecília do Morro Grande:

Botava sabe o quê era para sarar o umbiguinho da criança? Piri torrado, as cinzinhas do piri, torrãozinho. Tu sabe né o que é piri. Depois era amarrado com o cinto, o cinto³⁵, bem durinho. Primeiro tinha uma camisetinha, depois o cinto, aí tinha a frauda de pano, depois era enrolado num cueiro³⁶ de saca ou então de pelúcia. E depois tinha uma faixa que a gente enrolava tudo, tudo, desde o pescoço até embaixo. Ficava todo durinho. A gente pegava no colo, parecia um toquinho. Era assim que a gente usava as crianças antigamente.

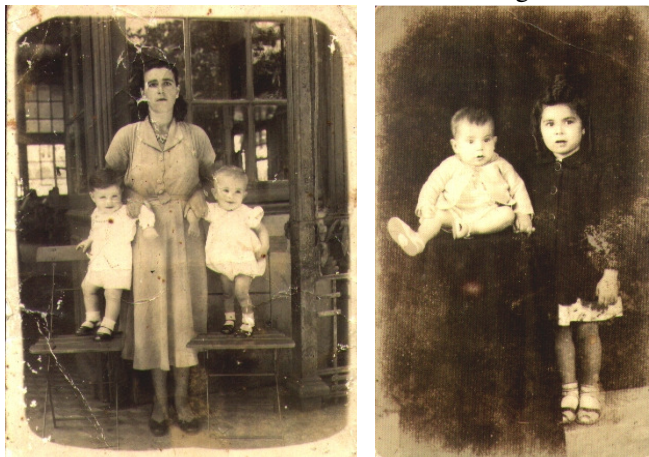
Depois, vinha a quarentena: quarenta dias em que a parturiente não podia lavar os cabelos, devia fazer muito "resguardo" com comida leve, como frango cozido, canja, pirão d'água.

Filho nascido significava mais um para trabalhar futuramente na roça ou na pesca. Os recém nascidos dormiam com os pais, depois com os irmãos. Não raro, havia famílias onde a criança dormia com os pais até grande. Ainda hoje é frequente encontrarmos essa situação.

³⁵ O cinto era uma faixa, uma tira de pano, bem enrolado sobre o umbigo da criança. Segundo dona Nininha, colocavam o cinto para a criança não se render.

³⁶ Espécie de cobertor pequeno.

ILUSTRAÇÃO 63 - A grande maioria das pessoas do nosso distrito não tem foto de quando pequenas. Era raro passar um fotógrafo e quando passava, nem todos tinham dinheiro para pagá-las. Para tirar “retrato”, os mais “endinheirados” iam até o Foto Bacha em Laguna.



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Ainda nos disseram que os pais dividiam com os filhos mais velhos a responsabilidade pela criação de seus filhos mais novos. Por exemplo, durante a noite, o menino, a menina, que acordasse para fazer xixi, chamava o irmão ou a irmã que estava ao seu lado e não os pais. Dona Nininha nos disse: *“Era o maior trabalho, porque não havia banheiro e agente tinha que fazer as necessidades na chácara, pelo lado de fora da casa, e durante a noite, muitas vezes com chuva, minhas irmãs não queriam levar a gente. Eu tinha muito medo de sapo”*.

Ainda sobre as crianças pequenas, seu Pedoca da Madre nos disse: *“Não se ficava com filho no colo toda hora. Esse negócio de ficar beijando um filho a toda hora não existia. ‘Qué’ ver homem pegar filho no colo em público. Isso era feio, era coisa pra mulher”*. E solta uma gargalhada.

ILUSTRAÇÃO 64 - Além de termos um exemplo típico de uma família do distrito, dá para observar as roupas que estão usando: os homens sempre de “fatiota” e chapéu sobre a cabeça, e as mulheres de vestido.



FONTE: Almerinda Lea

Concluindo essa temática da importância das parteiras e do cuidado com os recém-nascidos e dos pequenos, que nos foram passados nas entrevistas junto aos velhos, quero tão somente refletir que apesar das dificuldades encontradas tanto na hora do nascimento como nos primeiros anos de vida de uma criança, havia e há um cuidado coletivo de um com os outros, tanto no nível da família como da comunidade.

Em nível da família, em parte porque as famílias eram muito numerosas – os filhos iam casando e ficando próximas e se ajudando e também em nível de comunidade, porque se não fossem parentes na segunda ou terceira geração, sentiam-se parentes pelo fato de pertencerem à mesma comunidade, pela relação afetiva que se constrói nas relações subjetivas. Mesmo nos dias de hoje sabemos que podemos contar uns com os outros na maioria das vezes que necessitarmos do outro. Ainda hoje, por exemplo, se alguém morre, há os que, mesmo não sendo parente, fazem questão de velar o defunto pela noite adentro em respeito aos familiares. Indaga-nos Bosi:

De onde vem, ao grupo familiar, tal força de coesão? Em nenhum outro espaço social o lugar do indivíduo é tão fortemente destinado. Um homem pode mudar de país; se brasileiro, naturalizar-se finlandês; se leigo, pode tornar-se padre; se solteiro, tornar-se casado; se filho,

tornar-se pai; se patrão, tornar-se criado. Mas o vínculo que o ata à sua família é irreversível; será sempre o filho da Antônia, o João do Pedro, o "meu Francisco" para a mãe. Apesar dessa fixidez de destino nas relações de parentesco, não há lugar onde a personalidade tenha maior relevo. Se, como dizem, a comunidade diferencia o indivíduo, nenhuma comunidade consegue como a família valorizar tanto a diferença de pessoa a pessoa. (1987, p. 346)

A família é a base de qualquer sociedade e aqui entendemos que viver numa comunidade pequena como são as que formam o distrito nos dá a sensação que pertencemos a mesma família, pois além da família carnal há a família comunitária. Se estiver necessitado, certamente serei socorrido porque sou filho de fulano, que é filho de sicrano, que é meu parente ou porque vive na minha mesma comunidade.

2.1.2. As crianças

*“Era aquela farra,
mas era tudo muito divertido,
tudo na santa paz.
Ninguém brigava, era a coisa mais linda”*

Através dessa frase de dona Maria Cecília do Morro Grande e de tantos outros velhos que falaram dessa temática, dizer que pelo fato das famílias serem numerosas, havia muitas crianças e que brincavam muito. Mesmo que a partir dos sete ou oito anos já começavam a trabalhar em pequenas tarefas, como exemplo, levar comida aos mais velhos na roça ou ir à venda fazer compras, nas horas de folgas e nos finais de semana a criançada se juntava e a imaginação corria solta. Ia desde brincar de balanço, pular corda (de cipó), batizado de bonecas, cuzinhadinho, até bola de futebol feita de pita de bananeira.

ILUSTRAÇÃO 65 - Através desta foto dá para se ter uma dimensão da quantidade de crianças que havia nas comunidades do distrito. Hoje, a multisseriação ou nucleação das escolas é a solução para a diminuição brusca do número de crianças nas últimas décadas. Na foto, crianças de uma única escola da comunidade *do Parobé*.



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Nas entrevistas nos disseram que não havia brinquedos comprados, todos eram confeccionados pela própria criança ou pelos pais muito presentes nessa tarefa. Para confecção desses brinquedos utilizava-se aquilo que Telma Piacentini chama de “lixo da história” baseando-se em Benjamin:

(...) brinquedos feitos pelas crianças, usando o “lixo da história” benjaminiana, aqui mais palhas e bambus, frutas e raízes, que traduzem criatividade e alegria: cavalinho de bambu, parelha de bois e ramas de mandioca, zorra com bois de banana e rodas de laranja, cavalinho de palha de palmeira, carro de bois de banana e rodas de laranja e carrinho de madeira com roda de carretel de linha. (1995, p. 285).

Disseram-nos também que havia brincadeiras e brinquedos de meninas e brincadeiras e brinquedos de meninos, mas havia aquelas que envolviam ambos os sexos. “Correria, gritaria, muita imaginação e criatividade envolviam as brincadeiras e os brinquedos. Meninos e meninas brincavam juntos”. (OLIVEIRA, 2010, p. 82).

Uma das brincadeiras preferida pelas meninas era brincar de casinha. Nessa brincadeira não faltava às bonecas de pano de todos os tipos: as feitas de espiga de milho, as feitas de uma simples trouxa de

pano ou as confeccionadas, com cabeça, pernas, braços feitas com enchimento utilizando a palha de milho, a folha de bananeira, capim ou areia. Desse tipo de boneca feita de enchimento, os olhos, o nariz e a boca eram feitos de carvão, essas duravam mais.

Essas brincadeiras ocorriam no terreiro ou nas chácaras próximas a casa. “*Nós não cansava de brincar com as nossas bonecas, nós brincava de batizado*”, nos afirma dona Nininha do Parobé. Esse depoimento reforça a reflexão de Piacentini a partir do pensamento em Walter Benjamin:

Sabemos que a repetição é para a criança a essência da brincadeira, que nada lhe dá tanto prazer como ‘brincar outra vez’. (...) A essência da representação, como da brincadeira, não é ‘fazer como se’, mas fazer ‘sempre de novo’, é a transformação em hábito de uma experiência devastadora. (BENJAMIN, 1928 Apud PIACENTINI 1995, p. 229)

Outra brincadeira que fazia parte do brincar de casinha era o “cozinhadinho”. Meninas reunidas era o momento de planejar como seria a brincadeira: quem é quem – quem serão as mães e quem serão as filhinhas –; se haverá batizado das suas bonecas; o que será a comida.

A comidinha podia ser de verdade (levavam de casa com o consentimento da mãe) ou de mentirinha – na maioria das vezes, matinho que se encontrava no próprio local da brincadeira, como laranja azeda, frutinhas, etc. As panelinhas poderia ser o engajo da bananeira ou as loucinhas de barro confeccionadas por elas mesmas ou compradas em olarias do distrito³⁷.

Segundo Piacentini,

(...) as crianças têm uma inclinação particular de criar, elas mesmas, o seu próprio mundo de coisas, “um pequeno mundo num grande mundo”. Isso se dá porque elas não reconstituem simplesmente as obras do adulto, mas estabelecem

³⁷ Diz dona Nininha: “*Nós ia pra cachoeira ‘pegá’ sarda, camarãozinho. Sempre tinha sarda, camarãozinho nas ‘berada’ da cachoeira. Aí nós fazia fogo perto da cachoeira, botava as panelinhas de barro no fogo e aí nós comia, né? Fazia os nossos pirãozinho e comia. Nós brincava de manhã. As panelinhas nós comprava na olaria dos Araújo. Era tão gostoso brincar de cozinhadinho*”. Pergunto por que era gostoso brincar de cozinhadinho: “*Porque nós cozinhava nas panelinhas de barro*”. Pergunto se elas mesmas faziam fogo. Respondeu: “*Nós fazia fogo, botava quatro pedrinhas, botava as panelinhas em cima e botava fogo em baixo*”.

relações com os dejetos (o lixo da história), diante dos quais criam relações mútuas, renovadas e modificadoras. Mais ainda, a fantasia das crianças anula a diferença entre as coisas inanimadas e o mundo dos seres vivos. (1995, p. 295).

Dona Lucinda da comunidade da Ponta do Daniel lembra que abriam a laranja azeda em gomos e fingiam que era peixe escalado e colocavam nos cipós presos às árvores próximas, como se estivesse secando peixe, atividade muito comum entre as mulheres das comunidades do distrito, porque não havia geladeira na época, portanto, para armazenar o peixe, era necessário secá-lo ao sol.

A existência do mundo adulto permeando o mundo infantil não é novidade. O que interessa, nesta abordagem, é a possibilidade de a criança (re)elaborar situações vividas através do brincar, muitas relacionadas com aspectos da vida adulta. A criança é essencialmente lúdica, utiliza o brincar como um *aprendizado sociocultural*, ao produzir seus próprios brinquedos, registra neles suas histórias e a história de suas famílias. Esse desejo de conhecer justifica seu grande interesse pelos restos da história. (FLORES, 2005, p. 2).

A maioria das brincadeiras era uma representação da vida adulta: brincar de batizado de bonecas, de cozinhadinho, de carrinho de boi, de arapuça. Cabe aqui lembrar uma fala da professora Dra Telma Piacentini, que tivemos nas escadarias do CED (Centro de Educação da UFSC), que se os meninos brincassem de boneca, certamente estariam mais preparados para serem pais³⁸.

Ela, em sua tese escreve sobre as brincadeiras como imagens sociais e culturais da Ilha de Santa Catarina que são semelhantes as do distrito de Ribeirão Pequeno *da* Laguna:

(...) meninos brincando de Engenho de Açúcar, brincando de fabricar farinha de mandioca, imitando boi no engenho de farinha, brincando de cachorro e de urso no Boi-de-Mamão e malhando o judas. Fazem parte deste grupo as relacionadas com o mundo do trabalho, em que as crianças

³⁸ Não cabe aqui nessa dissertação, mas fica o registro de que grande parte dos brinquedos e brincadeiras praticadas pelas crianças não representam mais o cotidiano adulto, principalmente os brinquedos (jogos) propostos pelos games.

acompanham os pais e preparam-se para atividades futuras: menino ajudando na pesca, ajudando na confecção de corda de cipó, menina rendeira preparando o enxoval, menino grajeiro no carro de boi (Engenho tipo Cangalha), menina raspando mandioca (Engenho tipo Chamarrita), menina levando peixe na gamela para escamar, menino engraxate e vendedor de jornal. (1995, p. 285).

Já os meninos brincavam muito de carretilha. O terreno inclinado dos morros chamava à brincadeira. Confeccionada pelos próprios meninos podendo ter a participação de um adulto, como o próprio pai, nessa brincadeira a rapaziada se juntava e desciam os morros em um, dois, três, até quatro numa mesma carretilha, com ou sem freio. O ruim é que tinham que subir o morro para novamente iniciar a brincadeira. Segundo Flores em seu artigo “A criança em Walter Benjamin e Florestan Fernandes”,

Fernandes, ao observar o mundo infantil, percebe a existência de uma cultura infantil, que é constituída por elementos exclusivos das crianças caracterizados pela natureza lúdica, cujo suporte social está no grupo infantil em que a criança se apropria, pela interação, dos diversos aspectos do folclore infantil. (FLORES, 2005, p.2).

Ainda nos falaram das bicicletas de pau, semelhantes às atuais, porém, toda feita de madeira e sem freio; caçavam com o bodoque³⁹ e depois as fundas⁴⁰ e arapucas⁴¹. Também o brincar de bodoque ou funda era uma imitação dos moços que freqüentemente caçavam com cachorro - macacos, tatu, lebre, jacaré, araquãs, capivara, etc. Hoje é raro ver meninos ou mesmo homens caçando, o que vem a contribuir lentamente no repovoamento de pássaros e animais que já não existiam mais em nossos morros, como exemplo, as aranquãs; guaxinins, lebres.

A brincadeira com bolinha de vidro era muito comum entre meninos e meninas nas nossas comunidades, assim como o pião.

³⁹ Instrumento de caça semelhante a um arco, só que no lugar da flecha vai a pedra.

⁴⁰ As fundas vêm substituir os bодоques no momento em que surge material elástico. É os estilingues, comuns em nossa região serem chamadas de fundas.

⁴¹ As arapucas eram chamadas de “aripuca ou orupuca” e eram confeccionadas com bambu trançado para pegar passarinho.

As crianças faziam muita arte: abriam porteiras, faziam armadilhas para outros caírem, roubavam chapéu e escondiam e depois devolviam; montavam em terneiros pequenos, em cavalos que não eram deles sem os pais saberem; jogavam picão nos outros; brincavam de briguinhas de mão fechada; assustar o gado; quando voltavam da escola brincavam de guerrinha de barro pelos caminhos. (OLIVEIRA, 2010, p. 87).

Dizer que,

(...) as práticas culturais relacionadas com o lúdico são tidas como: [...] espaços no interior dos quais os indivíduos compreendem a si e ao mundo [...] Os brinquedos, enquanto elementos da vida social que se configuram determinados sentidos para as crianças, oferecem oportunidades para que elas percebam a si e aos outros como sujeitos que fazem parte do mundo social, e acabam por se constituir em estratégias através das quais os diferentes grupos sociais usam a representação para fixar a sua identidade e a dos outros (BUJES, 2000 apud FLORES, 2005, p. 3).

Os boizinhos dos carrinhos de boi podiam ser feitos de sabugo de milho, de pita de bananeira, de madeira talhada, em fim, quanto mais técnica, mais bonito ficava o brinquedo e mais desejado pelos outros meninos, por isso, você encontrava na época de nossos avôs verdadeiras obras de arte.

O brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los. Duplicando diversos tipos de realidades presentes, o brinquedo metamorfoseia e fotografa a realidade, não reproduz apenas objetos, mas uma totalidade social. ((PIACENTINI, 1995, p. 156).

Também brincavam de carrinho de boi, de canoinha, de bola feita de pita de bananeira ou de roupa velha, que enrolavam bem e amarravam ou colocavam dentro de uma meia e saíam brincando⁴².

Ainda nas entrevistas apareceram brincadeiras como: a peteca, feita de penas de galinha; ré de pegar; cambalhota, mais conhecida aqui na região como carambota; pular corda (de cipó); passar anel; taco; ovo choco; roda de elástico; fita; capote; barquinho de marrequinha; anel do pulo; de reis; de tento; de boi de mamão; bandeira; de adivinhações; de ratoeira; de roda; etc.

Era muito legal também brincar de caxeta. Escolhia-se a melhor folha seca do coqueiro e em grupo descia-se morro abaixo em cima dessas caxetas. O pior era quando a caxeta ficava no caminho e desciam o morro com a bunda no pasto. Tudo era muito divertido. Podia ser um por caxeta ou vários em uma única caxeta. Arranhões, risos, choros faziam parte da brincadeira. (OLIVEIRA, 2010, p. 86).

Segundo Piacentini (1995), isso nos faz lembrar Walter Benjamin quando afirma que não é o brinquedo que determina a brincadeira, mas a brincadeira que determina o brinquedo.

⁴² Seu Favico da comunidade de Ribeirão Pequeno nos conta o que aconteceu quando surgiu a primeira bola de couro em sua comunidade e a tentativa de um jogo de futebol com regras. Ele era ainda garoto: *“Ninguém conhecia o futebol aqui em nossa comunidade. Então o Sr. Canuto Menezes falou para os rapazes que ele ia ensinar para eles o futebol. Todos começaram a se perguntar ‘futebol o que é isso?’ Então o Sr. Canuto Menezes falou que ia na Laguna comprar uma bola. Ele chegou na venda do Gregório Manoel de Bem e falou para os rapazes que ele havia comprado a bola e que ia na casa dele pegar a bola para mostrar para eles. Quando ele trouxe a bola à venda do Gregório Manoel de Bem encheu de gente, não cabia mais ninguém. O Sr. Canuto explicou que com aquela bola se jogava o futebol e chutava com o pé. O primeiro campo foi ali no terreno onde hoje é o terreno do Sr. Osvaldo e Ana Maria. Então o seu Canuto fez duas traves de bambu, arrumou o campo e chamou os rapazes. Colocou onze de um lado e onze do outro, colocou cada um em sua posição e explicou para eles que embaixo da trave ia ficar um rapaz que ia ser o único que podia botar a mão na bola e não deixar a bola passar pela trave e se o outro jogador sem ser o goleiro botasse a mão ia ser falta e que depois ele ia explicando com o tempo. Então ele disse que quando ele apitasse (que ele também havia comprado um apito) era pro time tentar botar a bola dentro da trave, isto é, o time de um lado botava a bola do outro lado e o time do outro lado botava a bola no outro lado. Quando ele apitou todos foram pra cima da bola, uns ficaram machucados porque como eles estavam descalços e naquele tempo era muita falta de higiene, a unha era grande e cortava a canela dos outros. Mas esse era só o primeiro treino, depois do segundo, do terceiro eles melhoraram e chamaram times de fora para jogar contra eles, muitas vezes eles ganhavam. O time tinha uma banda de hino na hora do jogo as moças e moços cantavam e torciam”*.

Duas brincadeiras que me dava medo (segundo dona Nininha), era quando eu era pequena lá no sertão nos fins de tarde, eu, meus irmãos, meus primos, vizinhos, nos sentávamos na frente da casa, na eira, para olhar as nuvens e ver que bicho dava. Quando alguém conseguia ver o bicho, já gritava “olha lá” apontando dizia o bicho, que nem sempre a gente conseguia ver o que o outro tava enxergando. O medo era se o boitatá⁴³ aparecesse para um de nós transformado em nuvem. Lembro que havia criança que ia embora com medo. Outra brincadeira que me dava muito medo e que tinha a participação dos mais velhos era a do bicho pepeta. Com as mãos, o adulto reproduzia bichos na parede da casa a partir da sombra da pomboca. Era uma verdadeira arte. Havia os que conseguiam fazer bichos com as duas mãos onde o bicho da mão esquerda, por exemplo, comia o bicho da mão direita. O pior era que o bicho era comido aos poucos, uma orelha, depois a outra. Esse tipo de brincadeira era feita com crianças desde de colo. Os adultos riam que se matavam, quando a gente se agarrava neles com medo, ou quando um abria a boca a chorar.

O seu Marfísio da comunidade da Madre⁴⁴ contou que entre a comunidade da Madre e Cortiçal havia uma malha de aroeira fechada e sobre ela havia uma trepadeira conhecida como Tajuja que deixava o mato fechado. A brincadeira consistia em um grupo ir por cima das aroeiras e um grupo ir por baixo:

Rapaz, nós brincava nesses matos aí, ‘trepava’ em galho de pau, Laércio. Quando chegava domingo, nós se ‘ajuntava’ lá e ‘vamo’ ‘brincá’ de macaco? ‘Vamo’. Macaco e cachorro. Trepava uma turma por cima das aruera, mais uma parte por baixo que era os cachorro. Cachorro por baixo e a macacada por cima, né Laércio, entende? Pulando de galho em galho. Sabe o que é rapaz, né? As aruera era fechada, saltava daqui e pulava lá. Quando caíam no chão, a cachorrada avançava. Oh... formava uma gritaçada. Era só o tempo de ‘grudá’ na aruera. Nós ia até o poço do Curtiçal. Lá terminava. Chegava lá tava tudo arranhado, tudo suado, roupa rasgada, mas que bom né, e assim era nosso brinquedo né? E muito mais rapaz, se eu

⁴³ Na realidade ninguém sabia como era o boitatá, porque segundo a crença na região, ele aparecia de várias formas. Nós crianças só sabíamos que era um bicho feio.

⁴⁴ Essa foi uma das entrevistas mais marcantes, talvez pelo fato de ter ocorrido em plena roça. Na época seu Marfísio tinha 87 anos, um senhor de uma simpatia de encher os olhos. Tivemos que deixar a estrada geral e ir até ele, que estava arrumando uma cerca, trocando os moirões velhos por novos. Parou de trabalhar e entregou-se a falar do passado. Nem lembrou mais da cerca. Por ele ficaria o dia inteiro, ali, falando do seu tempo de criança, de moço.

fosse te contar. A gente na hora esquece Laércio. (silêncio). *Ao anoitecer brincávamos de ré de esconder, hoje estão todos pegados na televisão.*

Dona Maria Cecília da comunidade de Morro Grande falou de seu pai por várias vezes, o que demonstra toda a admiração que ela tinha por ele. Contou-nos que

Quando ele ia no morro e trazia palhinha de coqueiro, folha de coqueiro e fazia o cavalinho de coqueiro. Então ele ‘apendurava’, era lá no campo do jogo, ele ‘apendurava’ as rosquinhas, ele dizia que era as argolinhas. Os meninos saiam na corrida de lá, do fim da trave na outra. Saia correndo com os cavalinhos e quando chegava lá, jogava a varinha por dentro da argolinha. Quem acertasse por dentro daquela argolinha, ganhava um prêmio: era rosca de polvilho ou era balinha e todo mundo se divertia e ficava muito feliz.

Essa história ela lembra que acontecia próximo ao natal. Era uma forma de dar pequenos presentes as crianças da comunidade de Morro Grande. A fala de dona Maria Cecília do Morro Grande e da dona Hilda da comunidade de Parobé, nos revela a pobreza num tempo, em que se tinha que usar da criatividade para verem as crianças felizes. Dona Hilda conta que,

(...) na véspera de natal as crianças levavam um prato com flores até os vizinhos para que no dia seguinte ganhassem um presente. Adivinhe que presentes ganhavam? Balas, bolachas, o que era uma felicidade. Tinha pais que não gostavam de ver seus filhos pedindo presente na vizinhança. (OLIVEIRA, 2010, p. 87).

Segundo Flores, “Walter Benjamin ao falar das crianças, não o faz de forma *romântica*, entende-as como alguém que está na *história*, inserida numa classe *social*, parte da cultura e produzindo *cultura*” (2005, p. 1), portanto a criança como sujeito cultural. E para concluir essa temática, reforço a brincadeira e os brinquedos ligados aos fazeres da vida adulta na fala de Telma Piacentini:

Podemos ainda separar as brincadeiras como códigos culturais e sociais que apresentam diferença de gênero e encontramos meninos e meninas transformando as tarefas domésticas e de lazer, ao acompanhar o pai e a mãe, em atividades lúdicas: o menino brinca de engenho de açúcar,

brinca de fabricar farinha de mandioca, imita boi no engenho de farinha, ajuda na pesca, ajuda na confecção de corda de cipó, é grajeiro no carro de boi, brinca de cachorro e de urso no Boi-de-Mamão, malha o judas nas festas da Quaresma e toca tambor na Festa do Divino; a menina, com mãe e avó e tias, faz rendas e crochê, raspa mandioca entre mulheres e bebês nos engenhos e leva o peixe para escamar, acompanhando a mãe. (1995, p. 290).

Esta é uma pequena amostra do ser criança no distrito *do* Ribeirão Pequeno de outrora. Emoção, brilho nos olhos, uma criancice estampada nos rostos dessas velhas senhoras, foi o que vimos e sentimos durante as entrevistas.

2.2. O QUE NOS FALAM DA ESCOLARIZAÇÃO

2.2.1. Contando um pouco da história da escolarização no distrito

O distrito *do* Ribeirão Pequeno, nesse início de 2011, conta com três escolas públicas municipais e uma escola pública estadual. O distrito já teve dez escolas, hoje são apenas quatro, sendo que as municipais, a cada ano, com menor número de alunos. O futuro das escolas municipais das comunidades de Parobé, Figueira e Morro Grande são incertos.

A principal escola do distrito, e que também sofre os efeitos do êxodo rural e da radical diminuição do número de nascimentos por família, é a Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem, pública, mantida pelo governo do Estado de Santa Catarina. Está localizada na comunidade *do* Ribeirão Pequeno, recebendo alunos de nove comunidades: Madre, Cortiçal, Ribeirão Grande, Ribeirão Pequeno, Parobé, Ponta do Daniel, Figueira, Morro Grande e Bananal que pertence ao distrito de Pescaria Brava.

A Escola fica distante aproximadamente 22 km do centro da cidade, sendo ainda considerada escola rural⁴⁵. Oferece o Ensino Fundamental (1º a 9º ano) e o Ensino Médio (1º ao 3º ano). A escola conta hoje com aproximadamente 220 alunos. O fantasma da municipalização dessa escola é a tônica da última década. Os rumores se

⁴⁵ Fica difícil hoje estabelecer as fronteiras entre o “rural e o urbano”.

encaminham na direção de centralizar toda a educação do distrito nesta escola e a entrega da mesma ao governo municipal.

ILUSTRAÇÃO 66 - Fotos antigas da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem *do* Ribeirão Pequeno.



FONTE: Arquivos da Escola.

A escolaridade em Ribeirão Pequeno surgiu no ano de 1916⁴⁶, pelo professor Manoel Miguel da Silva, que segundo consta ministrava suas aulas na sua própria casa, onde o fogão a lenha servia como mesa

⁴⁶ Foi o que nos afirmaram a maioria dos entrevistados.

do professor. A falta de carteiras fazia com que muitos alunos sentassem em sacos de farinhas de mandioca. Eram as chamadas “escolas isoladas”, de uma turma única. Com o tempo, devido o aumento do número de alunos o grupo foi dividido em duas turmas, uma de meninos e outra de meninas, as chamadas “Escolas Desdobradas” e multisseriadas (várias séries num mesmo local). Os alunos entravam na escola no chamado livro ABC, que corresponde mais ou menos o antigo Pré-Escolar, dividido em duas sessões – A para os alunos já alfabetizados e B para os não alfabetizados. Pelas palavras de dona Benta da comunidade *do Ribeirão Pequeno*, o livro ABC durava um ano. Depois, ingressavam na Cartilha, que era equivale ao primeiro ano do Ensino Fundamental.

Em 1957 passou a chamar-se Escola Reunida Gregório Manoel de Bem⁴⁷, sob a direção da senhora Daír Gaberlotti de Bem. Em 1967, foi construído um prédio escolar na comunidade, sendo inaugurada pelo então governador do Estado, o Sr. Ivo da Silveira, quando a escola passou a chamar-se Grupo Escolar Gregório Manoel de Bem. Em 1976, passou a funcionar de primeira a oitava série, recebendo o nome de Escola Básica Gregório Manoel de Bem, até a 8ª série. Em 2006 foi implantado o ensino médio, uma grande conquista, visto que muitos alunos deixavam de continuar os estudos devido às dificuldades de deslocamento até o centro⁴⁸. Foram anos sonhando e lutando para a sua implantação. Utilizando do discurso da descentralização do atual governo estadual e também embasados na forte corrente nacional de fixação do homem no campo, conseguimos tornar realidade esse sonho de anos.

Conquistado o Ensino Médio, a luta concentrou-se na reforma ou construção de uma escola nova o que foi conquistado a partir de 2008, construção executada a passos lentos. Mas no dia 06 de março de 2009, um dos pavilhões antigos pegou fogo durante uma madrugada quente e de ventos fortes o que ajudou a alastrar o fogo. Todos os arquivos da secretaria e a biblioteca tornaram-se cinza, além de quatro salas de aulas. A partir daí, intensificou-se a construção da nova escola. Tendo turmas espalhadas pela comunidade (salão paroquial, casa do apostolado da oração e no campo de futebol) passamos o ano de 2009, considerado por nós professores e alunos como o pior ano da escola, que além de todos os transtornos provocados pela construção não aceitavam nossas

⁴⁷ O nome da escola foi atribuído a um comerciante da comunidade que cedeu o terreno por um valor abaixo do mercado.

⁴⁸ Estrada em péssimas condições e a falta de horário de ônibus.

sugestões desde a elaboração do projeto até a distribuição das salas. O projeto foi cópia de outra escola construída e que não satisfazia nossas necessidades. Desejávamos uma “escola diferente”, que fosse a cara do nosso distrito, do nosso jeito, que atendesse as nossas utopias, porém, fomos vencidos pela imposição da cultura escolar.

2.2.2. O dia a dia na Escola

Por tratar-se de escola rural, ainda hoje é frequente dizer-se que os alunos da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem “são educados”, “disciplinados”⁴⁹. A disciplina escolar sempre fez parte do dia a dia desses alunos, mas mesmo assim sempre houve aqueles que fugiam as regras.

Aos alunos de décadas atrás, o castigo com a palmatória, cascudos e ficar de joelhos sobre pedregulhos ou milho era frequente, até mesmo vara para bater nas costas dos mais “rebeldes” foram usados por professores e que estão ainda no imaginário de quem apanhou. Se o menino reclamasse em casa, apanhava por duas vezes: na escola do professor e em casa dos pais. “*Só hoje, percebo o quanto os mais bagunceiros eram humilhados*” disse dona Lucinda da Ponta do Daniel, como quem dissesse que naquele tempo bater, humilhar para disciplinar era normal.

Não havia incentivo para as crianças irem à escola. Lugar de rapaz era na roça e de moças, além de trabalhar na roça, era casar. Dona Nininha do Parobé contou-nos que tinha muita vontade de estudar, mas que seu pai não permitia. Num belo dia ela fugiu e foi para a escola. Seu pai acabou permitindo que ela continuasse a frequentá-la, o que despertou ciúmes nas irmãs mais velhas que não estudaram.

Segundo dona Délcia da comunidade da Madre “*a escola era longe, ficava do outro lado do rio. Saíamos de casa às sete horas da manhã e íamos descalços. Não havia merenda, a gente levava de casa uma fatia de pão. Era uma professora para todas as turmas. A pasta era uma bolsa de pano feita em casa. Nós voltava para casa, almoçava e depois ia prender os terneiros para tirar leite no dia seguinte e depois ia para a roça. Na volta da*

⁴⁹ Não cabe nessa dissertação a discussão dos conceitos como: “educados, disciplinados”. Cito-os porque é frequente o uso desses termos, para diferenciar a escola do Ribeirão (rural) das escolas do centro da cidade (urbana). Ainda é comum dizer que os alunos do interior são mais “educados”.

escola se houvesse alguma briguinha os colegas de escola chamavam para nós de papa pão, pois como nós somos descendentes de alemães comíamos muito pão de casa, coisa que não fazia parte do cardápio dos descendentes de açorianos”. (OLIVEIRA, 2010, p. 91).

As escolas não ofereciam lanche. Se quisessem comer teriam que levar de casa, rosca, banana, biju, etc e os estudos iam somente até o quarto ano do primário. Se alguém quisesse continuar os estudos teria que morar na cidade, o que era uma raridade. Havia muito piolho. Dona Vivile da comunidade do Ribeirão Grande disse:

Com uma régua a professora levantava o cabelo dos alunos para ver se tinha piolho que chegava criar ferida na cabeça das crianças. A gente sempre dizia - Deus é grande, um dia isto vai melhorar e a gente nunca perdeu a esperança, pois Deus não abandona ninguém.

Nem todos tinham caderno. Muitas mães o faziam em casa costurando papel de pão. Os lápis eram gastos até quase o final. Todo aluno deveria ter o tinteiro, que era um vidrinho de tinta que se comprava nas vendas. A caneta era pena de galinha mergulhada no tinteiro. Dona Nininha conta que “*era o maior trabalho, a tinta saia pingando, borrava todo o caderno. As primeiras linhas as letras saíam grossas e depois a tinta ia acabando e aí a gente tinha que mergulhar a pena no tinteiro e começar tudo de novo. Que trabalho.*” Dona Rosalina da comunidade de Parobé diz:

As crianças sentavam na escola em sacos de farinha. Na escola não havia cadernos, as crianças escreviam em pequenas lousas. Havia um professor que gostava de tomar um “traguinho”. Deixava os alunos escrevendo e ia pra venda. Sabia quando ele estava voltando pelo barulho do tamanco. Dentro da sala de aula tinha um boião de barro que ele levava água para os alunos beberem. Um dia um grupo de alunos fez xixi dentro. E agora para descobrir quem fez? Por fim todos pagaram pela “estripulia”. Ficaram de castigo no “arião” perto da porta da escola onde as pessoas passavam. Ficaram umas duas horas de joelho. O joelho ficava todo furado, além de bater nas mãos com a palmatória. A mão fichava inchada.

O professor Laércio nos contou uma história a respeito de uma tia sua que estudava e que aprendeu na escola que o nome correto era: sol e não “soli”, sal e não “sali” e que deveriam chamar

de Manoel e não “Manueli”. Ora, ela tinha um irmão com esse nome e ficou muito surpresa em descobrir que a pronúncia do nome de seu irmão estava errada. Subiu o sertão feliz da vida para contar a novidade principalmente para seu irmão que se chamava Manoel. Qual foi sua decepção quando seus irmãos riram dela, inclusive o Manoel, dizendo: “*Sai daí sua grossa, você vai pra escola pra aprender a falar errado?*”. (OLIVEIRA, 2010, p. 92).

Conversando com dona Vivile do Ribeirão Grande, achamos interessante quando disse que as professoras “*eram muito inteligentes e católicas*”, como que “ser católica” as credenciasse enquanto mulheres do bem e aptas a exercerem o magistério.

Concluindo a temática da escolarização do distrito, diria que a geração dos analfabetos de escola ou que chegaram até a quarta série primária do nosso distrito estão acabando. São os últimos velhos e velhas que partem sem conhecer o mundo das letras e dos números ou que conheceram apenas o suficiente para leituras mais pausadas, mas nem por isso, deixaram de transmitir conhecimentos feito mestres. São esses velhos e velhas que desde o ano 2000 vem dialogando conosco sobre a cultura local, cada um, mestre em sua especificidade. A mínima educação escolar que receberam nas escolas multisseriadas do distrito, em nada os impossibilitou de nos ensinarem.

No dia do lançamento do livro, quando os chamei até a frente para receberem um exemplar, os chamei de “mestres” e assim foram aplaudidos um a um de pé pelos netos, filhos, vizinhos, amigos ali presentes. “Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor” (BOSI, 1987, p. 399). O valor no nosso caso foi à transmissão da cultura local. Tanto o livro, quanto a existência do Grupo de Cultura Casa da Dindinha, quanto à concretude desse trabalho devemos a eles e elas, que com sabedoria transmitiram seus saberes, suas experiências, independente de terem ou não passado pelos bancos escolares.

2.2.3. A escola a partir da Experiência Educativa

Aqui um parêntese para algumas considerações importantes no que tange meu pensamento a respeito da escola que busco pôr em prática

no meu dia-a-dia enquanto educador de uma escola pública do interior da Laguna.

Início essas considerações dizendo que a experiência educativa realizada a partir da disciplina de história com os alunos do Ensino Fundamental (séries finais) e Ensino Médio da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem, desde o ano de 2000, refere-se a um fazer centrado no fazer da escola. Isto é fato. E, tratando-se da escola, procuro comparar a escola de hoje com a escola do tempo dos entrevistados, isso é inevitável. A partir dessa constatação, podemos considerar que passamos de uma escola que tinha seu olhar mais focado no futuro, onde o discurso era o amanhã, preocupado em preparar para o trabalho, para uma escola que hoje, também busca viver o tempo presente. Hoje buscamos um tipo de escola que não é mais vista somente como ‘meio’ para preparar ao o trabalho, mas como ‘lugar de vivência’, de uma escola que não forma para a sociedade, pois ela é a sociedade. E para isso,

(...) essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. (...) Os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (FREIRE, 2007, p. 26).

Se a sociedade está em mutação, a escola não é diferente. As leituras que tenho feito no campo da educação me fazem pensar que o foco central da escola, que era vista como espaço de conhecimento científico por excelência, hoje, se discute a escola também como espaço de vivência juvenil, com suas contradições, com suas verdades, com seus erros e acertos, com suas experiências, com seus retrocessos e avanços - uma escola que se permite ser mais aberta aos acontecimentos do seu entorno.

Existe uma nova sociabilidade atravessando as relações sociais, que não toma como referência as pautas transmitidas da experiência passada como elementos de ordenação e domesticação do futuro, que contradiz o modelo fundado em máximas portadoras de utopias (no caso conservadoras) a serem seguidas (PERALVA, 1997)

Essa nova sociabilidade que perpassa os espaços da escola abre espaço para outros conhecimentos, permite outros mestres além dos professores, uma escola onde todos são aprendizes. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 2007, p. 23). A experiência educativa explicitada nesse trabalho se adéqua nessa “nova” escola. Por isso, tanta resistência no início do projeto, porque era um fazer diferente que o povo do distrito não estava acostumado. No dizer de Freire (2007), de uma escola bancária para uma escola dialógica, onde o conhecimento é construído com a participação de todos os envolvidos com a educação.

Outra questão que considero importante, que me preocupa muito enquanto educador, que caminha na contramão da escola “tradicional” é o discurso de que agora temos que ser modernos, que o chique agora é mostrar-se como professor que despreza o tradicional, mas, que por falta de um embasamento epistêmico consistente, fica-se muitas vezes só no discurso, porque a prática fica confusa. Pessanha em seu artigo “Filosofia e modernidade: racionalidade, imaginação e ética” nos adverte que “às vezes nos dizemos modernos e até pós-modernos, mas na verdade somos o resultado de uma tradição. (...) Algo que se configurou, afirmou, sacramentou e se solidificou de tal maneira que não percebemos que é uma tradição”. (1997, p. 15). Até queremos mudar, mas nossas raízes nos condenam. Apropriamo-nos de um discurso, não de uma prática, ou pior, nos apropriamos de um discurso que não acreditamos por isso nossa prática continua a mesma e perdemos a oportunidade de continuar fazendo bem feito aquilo que acreditamos. Fazemos “uma opção por uma certa forma de discurso. Elegemos um discurso como sendo o legítimo, o científico e o verdadeiro. Mas há outros discursos, outras maneiras também racionais de se falar da verdade”. (PESSANHA, 1997, p.16). A dialogicidade com velhos que tem no máximo a quarta série primária é exemplo disso. Dizemo-nos modernos, mas não acreditamos que os velhos possam ter conhecimento para ensinar dentro da escola.

Não cabe aqui julgar se essa escola é a melhor ou se a “outra” - nem tão pouco dizer que abandonamos o tradicional. Queremos tão somente dizer que há outras possibilidades, mil possibilidades, de se fazer educação com qualidade numa escola pública. Queremos tão somente abrir o leque, sem excluir tudo de bom que se vem construindo desde o tempo dos nossos velhos, mesmo porque somos resultados dessa época. Trata-se de percebermos que esse tempo é tão rico quanto. Dizer

que há educadores na Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem que está se propondo a experimentar novas metodologias, novos fazeres.

Parto de uma escola onde cada um possa ser visto como indivíduo, onde caibam seus sonhos, uma escola onde possamos transitar sem máscara, sem personagens⁵⁰, “onde os alunos nos surpreendam, inventando possibilidades para tornar belo o que não está”.⁵¹ É importante “assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de reconhecer-se como objeto”. (FREIRE, 2007, p. 41). Uma escola onde a experiência da arte possa nos abrir o mundo, novos horizontes, ampliar nossas incompreensões, uma experiência da arte que possa revelar o ser⁵²

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feita por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma coisa ser um objeto de arte, e não a nossa vida?”. (FOUCAULT, 1995, apud LAPONTE, 2003, p. 75).

Outra questão que também considero importante na discussão da escola desse tempo presente e que Nadja⁵³ em seu artigo “Razão e sensibilidade: notas sobre a contribuição do estético para a ética” nos convida, é a experiência do estético em nossas práticas pedagógicas. Segundo ela as éticas tradicionais fundamentadas na razão estão em declino, portanto, devemos buscar o conhecimento pela sensibilidade, e a estética como possibilidade de compreender a pluralidade que sai da clandestinidade que aflora com a modernidade. Ela nos convida a

⁵⁰ A professora Lúcia Schneider Hardt em suas exposições nas aulas de Teorias da Educação nos convidava, com base no pensamento Nietzscheano, a vivermos sem máscaras, sem personagens. Segundo ela, não raro, pregamos, defendemos idéias que nem sempre concordamos. Ela nos instiga a quebrarmos as amarras que nos prendem a discursos pré-estabelecidos, a verdades preconcebidas; um convite a sermos nós mesmos, de termos coragem de pronunciar nosso pensamento sem medo de estarmos na contramão do senso comum. Esse é sem sombra de dúvidas um desafio fascinante.

⁵¹ Frase utilizada pela profª. Lúcia Schneider Hardt na aula no dia 19 de agosto de 2009 na disciplina de Teorias da Educação.

⁵² HERMANN, 2002, p. 16

⁵³ HERMANN, 2002, p. 16/17

substituir o cientista pelo artista. Eu diria mais, que o cientista seja artista e diria ainda: que a escola seja uma obra de arte.

“... a experiência estética traz o estranho, a inovação e a pluralidade que não podem ser desconsiderados no plano da interpretação e problematização do agir moral”. (...) “Friedrich Nietzsche foi o filósofo que provocou escândalo ao afirmar que “só como *fenômeno estético* a existência e o mundo podem ser *justificados*” (GT, 1988, p.47). Para ele, a arte é a afirmação da vida que pode limitar o instinto desenfreado do conhecimento. A ciência é incapaz de dar beleza e sentido à existência, somente a arte trata a aparência como aparência e não como um mundo verdadeiro”. (HERMANN, 2002, p. 13 e 14).

A experiência da dialogicidade entre os velhos e os jovens estudantes caminha nessa direção – transformar em arte o que aprendemos a partir das entrevistas, seja através do canto, da dança, das oficinas.

A mudança, portanto, pode começar por nós educadores, nos (des)construindo, nos despiendo de crenças fechadas, de caminhos “por aqui”, de modelos cristalizados. “Detrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, há um amo mais poderoso, um guia desconhecido, que se chama “o próprio Ser”. Habita em teu corpo; é teu corpo”. (NIETZSCHE, 2008, p. 51). Nietzsche⁵⁴ nos desafia a criar o Além-Homem, ou seja, nos superarmos, desabrocharmos para um novo homem livre de tudo supostamente correto e posto. É possível.

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, 2007, p. 58).

Quem sabe fazer a experiência de enxergar essa escola, essa cultura juvenil de dentro e não de fora da escola? Por que não

⁵⁴ NIETZSCHE, 2008, p. 76

exercitarmos a escuta, a observação? Valorizar, trabalhar a identidade que perpassa cada sujeito que vive e sobrevive na escola. Ora, a identidade é cultura que esses garotos, que essas garotas, que esses profissionais da educação trazem para dentro do espaço escolar. Faz sentido sim, trabalharmos a partir de seus signos, que são produtos da sua história social. Muito do que se trabalha na escola está descolado da sua realidade, e aí, muitas vezes vem a revolta. Será que aquilo que parece indiferença, não são suas resistências? Naquilo que nos parece passividade, não pode estar uma nova forma de ativismo? Precisamos vê-los como sujeitos de seu próprio tempo, com potencial capaz de promover sua emancipação social, de aventurar-se, de produzir ele, por ele mesmo, o conhecimento. Nosso papel enquanto educadores é o de mediar. “O educador que, ensinando geografia, “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica”. (FREIRE, 2007, p. 56/57). Diz ainda Freire:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (2007, p. 59/60).

Podemos pensar ainda numa escola que permita a desestabilização, uma escola que nos tire o chão concreto e nos faça trilhar sobre caminhos desconhecidos, que nos permita “desbatizar o mundo”⁵⁵, quebrar os modelos que nos parecem a primeira vista como perpétuos. Permitir o diferente. Que sonho real! Uma escola que caiba todos os diferentes e que possamos crescer em cada diferença.

Não sabeis que só se estica um arco quando há necessidade e que, depois que foi usado, precisa

⁵⁵ Expressão utilizada pela prof^a. Lúcia nas aulas de Teoria da Educação no dia 21 de outubro de 2009.

ser afrouxado? Se nós o mantivermos sempre tenso, ele arrebentará e não poderemos mais utilizá-lo quando for necessário. Ocorre o mesmo com o homem: se ele permanecer sempre voltado para as coisas sérias, sem relaxar e sem se entregar aos prazeres, tornar-se-á, sem perceber, louco ou estúpido. O riso é incomparável com o exercício do poder? (MINOIS, 2003, p. 46).

Sim, uma escola que permita o riso, que permita o esticar e o afrouxar os arcos do conhecimento, que troque a epistemologia, sisuda, pesada, construída no sofrimento pela episteme construída na e com leveza, com alegria. Que o riso seja “um método para ensinar, para formar o espírito: O riso pode ser um instrumento a serviço do pensamento. O riso não é a forma suprema do pensamento, mas já é o pensamento, é parte do pensamento sério”. (MINOIS, 2003, p. 65). Ainda segundo o autor “A moral da vida é “deixar passar rindo a maior parte dos acontecimentos sem levar nada a sério”, nem a terra nem o céu nem o inferno”. (p. 66). Não há dinheiro que pague ver a alegria dos alunos do Grupo de Cultura Casa da Dindinha, antes, durante e depois das apresentações. Ver a alegria das pessoas que assistem e aplaudem por entenderem que é possível jovens adolescentes representarem danças antigas. Os velhos sentem-se valorizados, quando se vêem no menino, na menina que dança que representa ou que fala de seu tempo.

Ainda trilhando por essas considerações, pensarmos numa escola que se permita o conhecimento como criação, que permita a invenção⁵⁶, que nos faça alçar vãos pelo desconhecido. “Amar é ensinar o outro a voar. Minha prática está permitindo o voo?”⁵⁷. Uma escola que nos dê prazer. Uma escola que permita seus discípulos superarem seus mestres, sim, uma escola onde o aluno possa surpreender o professor. Isso horroriza muitos professores que tem medo de perder o poder.

O que que tem no meu *pensée*? Uma porção de imagens, de idéias, algumas até inconfessáveis, mil representações e, no meio delas, alguns pontos claros. Tenho representações vindas dos meus sentidos, da minha imaginação bastante efervescente e tresloucada, da minha vontade também descontrolada, mas tenho algumas

⁵⁶ SILVA, 2001, p. 9

⁵⁷ Expressão utilizada pela prof^a. Lúcia no dia 09 de setembro de 2009 nas aulas de Teorias da Educação.

representações maravilhosas. (PESSANHA, 1997, p. 29)

Américo Pessanha em seu artigo “Filosofia e Modernidade” convida-nos a quebrar o absoluto, a questionarmos as palavras que começam com letra maiúscula, que exprimem uma verdade absoluta, fechada, que expressam poder. Que nossos alunos diante dessas situações possam se colocar como desmistificadores, (des)construtores desses conceitos tradutores de verdades dogmáticas. Que possam propor vírgulas ao invés de pontos finais e nos lugares onde as frases terminem com pontos de exclamação que caibam pontos de interrogação. Uma escola que “recobrando com isso a liberdade de ousar e de dizer “não” ao oficial, ao tradicional, ao imposto como definitivo, ao sacramentado como se fora absoluta e intransformável Verdade”. (PESSANHA, 1997, p. 34). Uma escola que enfatize, que insista, que priorize, que não se canse “no e do portanto-portanto-portanto”; que a cada descoberta se pergunte “e se e se”⁵⁸.

(...) preciso de uma razão múltipla, plural, democratizante, feita de ambigüidades e de litígios, em que eu tenha que ser o tempo todo, e com todo risco e responsabilidade, aquele que arbitra. (PESSANHA, 1997, p. 32).

Uma escola que possa trabalhar com o “lixo da história”⁵⁹, ou seja, com tudo aquilo que não foi considerado importante por aqueles que constroem o conhecimento dito científico, os saberes, as experiências que ficam na periferia. Uma escola onde possamos (re)moldar o contexto social⁶⁰, que possa des-ritualizar o mundo⁶¹. “Que outra coisa é um sistema educacional afinal, senão uma ritualização do mundo?”(FOUCAULT, 1972 apud PIGNATELLI, 1994, p.149). Ora, as crianças dos tempos passados do nosso distrito são exemplo disso: brincavam com o “lixo da história” segundo concepção benjaminiana.

A tarefa do conhecimento consiste precisamente nisso: primeiro, passivamente registrar a presença das coisas; depois, sair em busca daquilo que está por detrás dessa presença, em busca da identidade

⁵⁸ PESSANHA, 1997, p. 29

⁵⁹ PESSANHA, 1997, p. 28

⁶⁰ PIGNATELLI, 1994, p. 146.

⁶¹ PIGNATELLI, 1994, p.149.

que, ao se desdobrar, manifesta-se justamente como diferença. (SILVA, 2001, p. 9).

Torna-se também interessante podermos pensar numa escola com currículo aberto⁶², que permita os desvaneios, que dê conta da diversidade, da pluralidade. Segundo a professora Lúcia⁶³ a unidade não dá conta da diversidade. Como querer que todos pensem igual? Como querer que todos acreditem num único modelo educacional? A palavra chave aqui é liberdade. Um currículo onde todos os segmentos da escola se enxerguem enquanto sujeitos. Faz-se necessário ressignificar o currículo no plural, onde possamos traçar nossos passos pedagógicos⁶⁴ a partir de tudo que está estabelecido, um currículo que dê conta do hoje e não de uma idealização futurista.

No mundo da educação, de posse do conhecimento de como deve ser a “sociedade perfeita”, neo-escolásticos, portadores da boa nova, criam o currículo como a projeção da “cidade ideal do bem”, e as disciplinas e os projetos definem a sua prática diária, o cotidiano nessa “cidade perfeita”. (...) Currículos e projetos parecem propor, a todo instante, a “cidade ideal”, a “cidade de todo bem”, inalcançável, pois não é deste mundo... e devemos continuar a derrubar, reformar e construir igrejas, isto é, escolas.. (ALMEIDA, 2005, p. 33).

Segundo Tomás Tadeu da Silva uma teoria do currículo deveria discutir: 1. a questão do conhecimento e da verdade; 2. a questão do sujeito e da subjetividade; 3. a questão do poder; 4. a questão dos valores⁶⁵.

⁶² Dado o enfoque desse trabalho e tendo claro que o conceito de currículo exige uma explicação maior e considerando que a perspectiva não envolve uma disciplina, que não envolve uma proposta de um trabalho em escola, optamos por não aprofundar o conceito de currículo, que é um conceito complexo, por opção e dado o enfoque da pesquisa, considere melhor não entrar nessa discussão.

⁶³ Expressão usada pela prof^a. Lúcia no dia 09 de agosto de 2009.

⁶⁴ Paulo Ghiraldelli Jr. Em “Filosofia e História da Educação Brasileira” esboça um quadro comparativo geral das teorias-pedagógico-didáticas na página 233 entre os pensadores: Herbart, Dewey, Freire e Salviani e ele próprio. Nesse quadro comparativo, Ghiraldelli faz uma análise crítica dos passos pedagógicos desses pensadores e propõe os seus, abrindo-nos a possibilidade de, além da crítica analítica que ele faz construirmos os nossos próprios passos. (2003).

⁶⁵ SILVA, 2001, p. 2.

Ao denominá-las “questões” e ao enfatizar sua “discussão”, estamos já, de uma perspectiva pós-estruturalista, colocando alguns desses termos entre parêntese (“sujeito”, “verdade”, “valores”), definindo-os como objetos de uma problematização e não como pontos finais de uma busca pela essência. (SILVA, 2001, p. 2).

Ainda segundo Silva “todo currículo “quer” modificar alguma coisa em alguém, o que supõe, por sua vez, alguma concepção do que é esse “alguém” que deve ser modificado” (2001, p. 3). Portanto, cabe se perguntar a quem interessa o currículo? Quem são seus construtores? Ainda repensando a possibilidade de um currículo na perspectiva pós-estruturalista baseado no pensamento nietzschiano, Silva nos chacoalha a nos convidar a sermos um imoralista da moral.

O genealogista é um imoralista. O moralista diz: “deves”. O imoralista pergunta: “quem diz que deve?”. O moralista pretende atribuir a opção por determinados valores a um universal “nós”. O imoralista pergunta: “nós quem?”. Ao menor questionamento da “moral”, o moralista evoca o perigo, o risco, a ameaça – à humanidade, à civilização, à cultura, à família. O moralista é o arauto do pânico – moral, é claro. (...) **O moralista paralisa(-se). O imoralista dança.** (grifo meu). (SILVA, 2001, p.8).

Portanto, “(...) todo currículo carrega, implicitamente, alguma noção de subjetivação e de sujeito: “quem nós queremos que eles e elas se tornem? (...) o que eles e elas são?”. (SILVA, 2001, p. 3). A estupidez está em pensar que o que foi lido e dito dá conta de tudo, que não necessita questionamentos. “O pensamento estúpido é nosso próprio pensamento quando o que pensa em nós é nossa própria estupidez” (LARROSA, 1998, p134). O Código da Estupidez está na nossa ação, na ação da escola. Não ver na estupidez uma ofensa, mas nossa fragilidade. “É necessário certo mal-humor para enfrentar-se aos monstros que se escondem detrás das máscaras sorridentes”. (LARROSA, 1998, p. 148).

O importante está em desarranjar a mesmice, a monótona paisagem, para instigar diferentes formas de ver e ser visto. Inventar formas de problematizar a sólida e persistente monotonia de formas rotinizadas e pensar sobre o que é possível é a forma pela qual o poder, na forma de controle

técnico e práticas auto-normalizadoras, pode ser revertido. (PIGNATELLI, 1994, p. 145)

Ainda dizer que somos resultados das nossas leituras, do nosso meio, do nosso tempo. Não podemos esquecer que a cultura juvenil que perpassa nossas escolas é uma verdadeira aula de conhecimentos que pouco se encontra na teoria, mas que aprendemos na nossa prática pedagógica de sala de aula. Lembrar que “na pós-modernidade, tudo é questionado, tudo é provisório e todo indivíduo é assombrado pelo arrependimento de ter perdido o que poderia ter sido”. (JONES, 1994, p. 122). Porém cabe lembrar que nesse emaranhado de possibilidades não podemos cair no relativismo, achando que tudo é possível, tudo é permissível. Não. É tão somente permitirmos “as possibilidades”, os portantos-portantos-portantos, de pensarmos a cada conceito, a possibilidade de um “e se”. “Por isso mesmo, toda conclusão é provisória, todo estancamento artificial e efêmero. E o Fedro somente pode terminar convidando para novas caminhadas”. (PESSANHA, 1987, p. 102).

O projeto que resultou no livro “Memória. Um Patrimônio Irrenunciável. Comunidades do distrito *do* Ribeirão Pequeno” e no Grupo de Cultura Casa da Dindinha, não têm a pretensão de ser uma receita a ser seguida, pelo contrário, trata-se de atividades de aprendizagem com suas falhas, com seus acertos. O diferencial desta experiência educativa é o risco, a persistência, a paixão, o propósito. Ainda não chegamos, apenas partimos. Estamos em plena caminhada, ora percorrendo por estradas asfaltadas, ora, por caminhos pedregosos, ora por trilhas enlameadas. Há momentos que a estrada parece chegar ao fim, há momentos que precisamos parar retornar até encontrar outros desvios. O desânimo, a euforia, a raiva, o sentimento de estar, ora, na trilha certa, ora, na trilha errada, tudo isso experimentamos nesses dez anos de caminhada.

O grupo vem passo a passo criando uma identidade na escola e na comunidade. Vejo na reação das pessoas satisfação, orgulho pela existência do mesmo. Já fazemos parte do calendário de eventos que ocorre como festa junina, festa dos padroeiros, teatro ao ar livre “República em Laguna” e principalmente nossa presença na Semana Cultural Lagunense que ocorre todos os anos na segunda quinzena de julho, quando se comemora o aniversário da cidade.

Termino essas considerações com o pensamento de Teresa Cristina Rego, que baseada no pensamento de Vygotsky nos propõe,

(...) uma escola em que as pessoas possam dialogar, duvidar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Onde há espaço para transformações, para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade. Uma escola em que professores tenham autonomia, possam pensar, refletir sobre seu próprio processo de construção de conhecimentos e ter acesso a novas informações. Uma escola em que o conhecimento já sistematizado não é tratado de forma dogmática e esvaziado de significado. (REGO, 1997, p. 118).

2.3. O QUE NOS FALAM DA JUVENTUDE

*“Só agora que percebo que o mundo mudou muito.
Depois que a gente cresce sabe que aquele tempo não
volta mais, nunca mais.
A gente casa vem os filhos e assim a vida da gente vai
passando por nós”.*

Seguindo o pensamento inicial sobre as crianças, trago para abrir este diálogo a fala da dona Zair da comunidade da Figueira que ao falar do seu tempo de juventude, lamenta a “perda” do seu tempo. São eles, os velhos e as velhas narrando seu tempo de adolescência e de juventude. Falaram de tudo, do trabalho, da história do lugar, do tempo de criança, mas quando nos falaram do tempo da juventude, uma alegria maior irradiava em seus rostos, brilho nos olhos e uma satisfação imensa em falar de um tempo singular, mágico. A sensação que nos passaram é que se pudessem voltar no tempo o aproveitariam ainda mais. E muitos, sem medo de serem censurados ou censuradas, nos confidenciaram pecadinhos cometidos, pecadinhos hoje que não os consideram mais como tal, por isso, se pudessem retornar, aproveitariam de forma melhor esse tempo tão especial na vida de cada ser humano, o tempo das descobertas do outro, tempo de novas experiências, tempo de tomadas de decisões que perseguirão nossa existência.

2.3.1. A adolescência

Início falando dos jovens na fase da adolescência. Segundo as entrevistas, todos disseram que iniciaram os trabalhos na roça muito cedo, antes mesmo da puberdade. A entrada na puberdade já

representava a passagem da “ajuda” ao trabalho real, contínuo, uns na roça, outros na pesca, quando se não – na roça e na pesca.

Falar de sexo era algo que não fazia parte no relacionamento entre pais e filhos: rapazes que não sabiam o que era masturbação, nem meninas-moças o que era menstruação. “Esses assuntos” sabiam-se pelos amigos mais velhos, nunca pelo pai ou pela mãe. Há relatos de moças que ficaram menstruadas e que se apavoraram no momento por não saber do que se tratava. Mesmo nas entrevistas, sentimos dificuldade de tratar desses assuntos com os velhos. Quando falavam, era num tom mais baixo, como se ninguém devesse ouvir ou porque estavam diante dos alunos.

Entre os rapazes e moços, a masturbação era vista como ato pecaminoso, que devesse ser confessada ao padre, que, mesmo após a absolvição e a volta do ato, sentiam-se mal, em estado de pecado. Nem mesmo entre eles esse assunto era mencionado. Praticava-se a masturbação, se pecava e se silenciava.

Para os rapazes, colocar calças compridas representava inserção no mundo adulto, ritual de entrada ao mundo dos homens. “*Eu ainda lembro o dia em que usei calças compridas, lá pelos dezessete anos. Era uma emoção*”, comenta seu Zezo do Parobé e sorri. Tudo isso resultado de uma educação rígida, fundamentada nos preceitos religiosos impostos pela Igreja Católica, visto que todos eram católicos. Seu Nizo da comunidade do Ribeirão Pequeno diz que,

Hoje eu considero melhor porque jovens e adultos podem frequentar os mesmos lugares. Antigamente se quando era jovem se ia comprar pão na venda e o pai lá estive levava um tapa no rosto porque era proibido ao jovem ficar perto de adulto num local de lazer, era falta de respeito.

Por isso a educação em casa não permitia muita abertura. Havia uma verticalidade visível, onde os mais novos deveriam obedecer aos mais velhos - os filhos aos pais, as pessoas à Igreja e assim sucessivamente. A não obediência podia resultar em surras, castigos, penitências. Mas algo que consideramos interessante nas entrevistas é que muitos pais não batiam em seus filhos, apenas o olhavam. Quem batia geralmente eram as mães. O olhar de um pai era mais temido que um tapa da mãe. Talvez isso acontecesse porque a cultura era a da não desobediência. Quem não cumpria as regras impostas pela sociedade não seria bem visto, nem pelos pais, nem pela Igreja, nem pelas pessoas da comunidade. Havia uma normalidade que pairava no ar, em qualquer parte que se estivesse. Ao encontrar um tio, uma tia na estrada dever-se-ia pedir a bênção; tirar o chapéu quando pronunciasse o nome de Deus

ou de alguém falecido na família; pedir a bênção ao deitar; levantar da cadeira caso chegasse na casa alguém mais velho; “meter-se” na conversa de gente grande; mãe colocar criança de colo sentada na mesa; criança comer na mesa junto aos adultos; irmãos brigar na frente do pai, etc. Eram normas coletivas e não individuais.

ILUSTRAÇÃO 67 - Moças da década de 40, 50.



FONTE: Délcia Buss Cardoso

E assim esses jovens cresciam trabalhando na roça, na pesca e na criação de gado durante a semana e nos finais de semana, era o momento de se encontrarem enquanto jovens, para namorar, jogar bola, ir a bailes e domingueiras, participar de ternos de reis, boi de mamão, ratoeira, ir ao terço e as missas quando o padre vinha na comunidade. “*Filho criado, trabalho dobrado*”, diz o ditado, principalmente numa época em que não se admitia o “erro” da juventude.

2.3.2. O namoro

Tantos os homens, quanto às mulheres nos disseram que o namoro era respeitoso, mas indo mais a fundo verificamos que os namoros eram “respeitosos” porque as moças eram muito vigiadas. Essa era uma tarefa atribuída às mães. Aliás, a educação dos filhos era atribuição mais das mães que dos pais. Diante de um “passo errado” cometido pela filha ou pelo filho a cobrança recaía mais sobre elas.

Para se ter uma ideia da responsabilidade das mães sobre suas filhas, vale dizer que os salões das comunidades do distrito tinham duas

portas: uma para os homens e outra para as mulheres. Mesmo um casal de namorados, na hora de entrar no baile, deveria entrar por portas separadas. Próxima a porta das mulheres ficava uma ou duas filas de cadeiras de onde as mães ficavam durante todo o baile observando suas filhas enquanto seus maridos ficavam no bofê⁶⁶ conversando e bebendo com os amigos. Como não havia banheiros nos salões, no intervalo, muitos saíam da sala de baile, portanto, esse era o momento de completa atenção das mães que tinham que estar atenta as saídas de suas filhas. Caso o namorado saísse pela porta dos homens e a namorada pela porta das mulheres, era hora da mãe sair e vigiar a filha. As outras mães imediatamente se entreolhavam como se desaprovando, como se dissessem “*safada essa filha da fulana*”. Mas por mais que vigiasse, por mais que colocasse medo nas filhas⁶⁷, por mais que assustasse com histórias de assombração⁶⁸ as “safadezas⁶⁹” sempre ocorriam. Mas nas entrevistas que fizemos com os velhos das comunidades sempre prevaleceu a ideia de “namoros respeitosos”⁷⁰.

⁶⁶ Bofê é a parte do salão onde são vendidas as bebidas, hoje conhecidas como bar.

⁶⁷ Por exemplo, o namorado colocar as mãos nos seios das moças, certamente as mães saberiam por que era dito que ao toque dos homens os seios ficavam mais flácidos.

⁶⁸ Certamente as histórias de Assombração tinham também como objetivo, consciente ou inconsciente, de amedrontar os jovens a não saírem a noite sozinhos.

⁶⁹ “Safadezas” no sentido de romperem com as normas da época: um beijo roupadito; relações sexuais que quando descobertas resultavam em casamentos; etc.

⁷⁰ Veja alguns depoimentos sobre os namoros: Seu Pedoca da Madre: “*Os namoros eram muito respeitadores perto do pai e da mãe, mas sempre se tentava achar uma maneira de fazer as coisas escondidas. Quando se conseguia dar um beijinho na namorada isso tinha que ser longe dos pais. O que os homens no meu tempo mais admiravam nas mulheres eram as pernas. As mães viviam vigiando as filhas. Era um trabalho*”. Seu Zezo do Parobé: “*No namoro a moça não podia dar o “passo errado” senão ficaria “mal falada”. Se uma delas desse o passo errado os pais proibiam suas filhas de saírem com essa moça. Se a moça engravidasse o rapaz deveria casar, caso contrário poderia até ser preso. Bastava ver um casal de namorados ou não saindo da chácara já era motivo para providenciar o casamento. Mas se o moço fosse trabalhador e religioso, daí era mais fácil o pai aceitar o namoro. Freqüentar a casa da namorada, só depois de noivos. Dona Eugênia do Parobé: “A juventude aquela época era maravilhosa. O moço que a gente namorava era um cavalheiro, bem comportado, respeitava as moças como elas queriam. O divertimento era maravilhoso com uma gaita que nos divertia muito”. Dona Lucinda da Figueira: “quando as mães do Morro Grande iam levar suas filhas no baile da Figueira a pé iam de tamanco e com a “pomboca” acesa para clarear os caminhos. Perto do salão escondiam as “pombocas” e os tamancos e calçavam sapatos. As raparigas da Figueira aproveitavam para misturar os tamancos e esvaziar as “pombocas” de querosene e fazer xixi dentro. Aí, elas ficavam escondidas só para ver a reação dessas mães que na volta ficavam furiosas porque os tamancos estavam tudo trocado e as pombocas sem querosene, no escuro era o maior trabalho. Mas, como descobrir quem foi o autor da brincadeira que segundo elas teria sido de muito mau gosto? (pausa) Continua dizendo: “Nós não tinha liberdade para namorar. Era tudo feito escondido, mas o namoro não era igual à hoje. Por isso muitas mulheres fugiam com seu namorado e custavam a voltar para ver a família, pois tinha vergonha”. Ela suspira e diz: “as coisas mudaram muito”.*

ILUSTRAÇÃO 68 - Esta foto nos dá a noção da moda da época.



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Um dos aspectos mais interessantes relacionados aos namoros eram os “passeios”. Tratava-se de um espaço nas comunidades, junto à praça e à Igreja Católica, onde as moças passeavam indo e vindo, por várias vezes, sempre em grupo, de braços dados, conversando, enquanto os moços ficavam parados, escorados nos bares, na Igreja ou sentados nos bancos da praça, também geralmente em grupo, conversando com os amigos e observando as moças. Era comuns, moços e moças frequentarem os passeios de outras comunidades. São nesses locais que ocorriam as paqueras, futuros namoros e casamentos. Uma piscadinha, um sorriso, um olhar era o sinal para que os moços tomassem o lado da moça e comesçasse a conversar com ela. Se a mãe não estivesse por perto, pedia aos filhos mais velhos que olhassem suas irmãs. A ida aos terços nos domingos era a justificativa perfeita para depois ficarem no passeio.

Nos depoimentos sobre os passeios, sempre percebemos uma alegria imensa em recordar esses momentos. Como trabalhavam na roça e na pesca durante a semana o domingo era sagrado para esses encontros⁷¹.

⁷¹ Seu Pedoca da comunidade da Madre diz “no passeio os namorados andavam juntos e os solteiros sozinhos ou em pequenos grupos. Andavam pra lá e pra cá”. Dona Dêlcia da comunidade da Madre: “Não se pegava na mão quanto menos beijo”. Dona Maura da comunidade de Ribeirão Grande: “O namoro acontecia no passeio. No encontro é que acontecia a paquera. Os rapazes faziam sinal para as moças e ‘pegavam’ o seu lado”. Seu Zezo da comunidade do Parobé: “No passeio quando uma rapariga aceitava ser o moço tomasse seu lado, os outros moços amigo daquele que pegou o lado da moça ficavam rindo, vaiando, gozando”. Nesse momento ele soltou uma gargalhada, certamente imaginando um desses momentos. Dona Dalvinha da comunidade da Ponta do Daniel: “As moças de um lado e os moços do outro. Enquanto as raparigas iam para um lado, os moços iam pro outro e eles

Também nos disseram que em seu tempo de mocidade não havia salões nas comunidades e que os bailes aconteciam em casas de família⁷². Somente na década de trinta foram surgindo os primeiros

ficavam se olhando e fazendo gestos. Era um verdadeiro desfile. Tinha umas moças assanhadinhas que usavam as mãos fazendo mímica para marcar encontros. Tinha mãe que percebia. Era muito divertido. Eles se olhavam e quando a moça dava uma piscadinha de leve era o sinal para o moço chegar e iniciasse a conversa. Os pais não gostavam de ver suas filhas namorando pessoas de fora, desconhecidos. Mesmo depois de noivos sempre ficava alguém por perto, pois se deixasse uma moça sozinha mesmo que fosse com o noivo ela poderia ficar falada”.

⁷² Seu Marfísio da comunidade da Madre que é de 1918 nos disse: “*Nós se divertia tocando gaita. Se tinha um baile às pessoas passavam nas casas avisando o dia, a hora e em casa de quem. Esses bailes começavam por volta das oito horas da noite. Havia muito respeito naquela época. Dançavam muito. O ingresso era chamado cota. A bebida era a gasosa no máximo o vinho. Os mais velhos bebiam cachaça. Essas pessoas mais velhas ficavam na cozinha tomando café com rosca. Os jovens quase não tomavam bebida alcoólica. Dançavam sem tomar uma cerveja ou um gole de cachaça. Na entrada do baile tomávamos um copo de vinho e durante o baile se bebia gasosa. Mas bebia-se pouco porque o dinheiro era escasso. Havia muitas brigas nesses bailes. Esses bailes aconteciam em casas que tivessem sala grande. No teto faziam um cruzeiro com os lampiões. e o baile começava. Vinham pessoas de várias localidades. Havia muito respeito”.*

Dona Maura da comunidade do Ribeirão Grande disse que “*Vendiam café com rosca nos bailes*”. Já dona Nininha da comunidade do Parobé fala que “*no baile se um homem convidasse uma mulher para dançar ela era obrigada a aceitar, mesmo que o homem fosse casado ou estivesse bêbado caso contrário poderia ser castigada ficando algumas “marcas” sem dançar ou mesmo ser expulsa do salão. Não tinha idade pra gente começar a dançar, dependia de cada uma. No seu tempo de juventude a orquestra costumava uma ou duas vezes durante a noite anunciar que a próxima “marca” era a vez das damas tirarem os cavalheiros para dançar. Elas chamavam de “marca com bis”, porque no final da primeira “marca” todos aplaudiam e pediam “bis”. A orquestra repetia a música”.*

Dona Dalvinha da comunidade da Ponta do Daniel: “*A mocidade gostava de dançar bem embaixo dos lampiões porque ficava mais escuro. Quando um casal ficava muito tempo embaixo do lampião era chamada a atenção pela diretoria caso insistisse poderia até ser tirado do salão. Se uma moça saísse com o namorado umas três vezes para a rua não podia mais entrar no salão e já ficava mal vista pela sociedade, “falada”. Se não se comportassem os pais não deixavam ir de novo ao baile. As mais belas marchas e sambas abrilhamtavam uma orquestra ou um bom sanfonista. Não usavam roupas indecentes, a bebida era a saudosa gasosa. Para os mais pingüços um licor”.*

Seu Pedoca da Madre falando das domingueiras diz: *Hoje é muito diferente. Não se pode nem entrar dentro de um salão de tanto barulho. Não se entende o verso das músicas de tão alto que é o som. Não dá para se conversar dentro do salão. Tem que berrar e olhe lá. Pena que tudo acabou.*

Dona Hilda da comunidade do Parobé nos confidencia: “*Eu e minhas colegas, principalmente a Nininha, a Angélica, a Iva e a Dida descíamos sempre mais cedo aos domingos para a praça do Parobé. Isso porque morávamos no sertão e fugíamos para a domingueira que acontecia no Ribeirão Pequeno. Íamos correndo, visto que tínhamos que chegar antes do terço acabar e nossos pais não podiam saber. Todo esse trajeto era feito sem os calçados para conservá-los bastante e durar um bom tempo. Quando o terço acabava íamos desfilar na praça para mostrar o vestido de chita. Que saudade!”.*

Dona Lucinda da comunidade da Ponta do Daniel nos fala do que aprontavam quando moças: “*Naquele tempo a juventude não tinha liberdade. Para ir aos bailes era escondido. Quando*

clubes, sendo que os dois clubes mais famosos eram das comunidades *do Ribeirão Pequeno*, o *Ribeirão Futebol Clube* e dois no *Parobé*, o *Clube Vera Cruz* e o *Clube Valmiré*. Esses clubes, segundo os entrevistados, “*eram chiques*”, os homens dançavam de ternos e as mulheres em seus melhores vestidos. Ambos tinham orquestra própria, sendo que ainda existem instrumentos musicais e fotos que mostram que realmente havia todo um “*glamour*” nessas sociedades bem organizadas pelas diretorias formadas pela população local. Com o tempo, todos esses clubes foram se tornando salões paroquiais, mais populares, pertencentes à Igreja Católica. Também era comum nos domingos acontecerem às domingueiras que depois passou a ser chamado de *soirée*.

ILUSTRAÇÃO 69 - Antigo Clube Vera Cruz da comunidade *do Parobé* construído em estilo arquitetônico arte-decor



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

tinha festa no Morro Grande, no Bananal, íamos as domingueiras fugidas. Nós lavava as louças depois do almoço, já que não podia sair sem primeiro limpar a casa e retornava antes do anoitecer. Dava muita gente nessas domingueiras tocadas a sanfona. Quando tinha baile era o momento dos homens aproveitarem para brigar. Dava de tudo, desde tiro, cadeirada até garrafada. Quando tinha baile no Parobé ou na Figueira os rapazes atacavam os moços da outra comunidade para não passar. Quando o baile era na outra comunidade acontecia ao contrário”.

ILUSTRAÇÃO 70 - Jovens da década de 60. Ao fundo Pe. Carlos Wechi



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

2.3.3. O casamento

*A festa de casamento era tudo de bom.
Faziam galinha caipira criada com milho.
Ensopavam a galinha com batatinha inglesa, cozida no fogão a lenha.
Faziam pirão de feijão preto, feijão colhido aqui e a farinha de mandioca feita
nos engenhos daqui.
Serviam num aguidal, umas peças de prato grandes feita de barro que eles
pronunciavam aguidale, depois serviam pão-de-ló feito com ovos de galinha
era uma delícia com gasosa um tipo de refri.*

A partir da escrita enviada por dona Terezinha de Jesus Silva, da comunidade *do Ribeirão Grande*, dizemos que os casamentos nas comunidades do distrito eram raros, talvez pela falta de dinheiro ou porque o comum mesmo era “fugir”. Fugir era ir embora com o namorado, geralmente nos finais de bailes e principalmente na terça-feira de carnaval. A moça ia ao baile, despistava a mãe e fugia. Na maioria das vezes uma amiga ajudava na empreitada. Muitas por vergonha demoravam semanas para retornar a casa dos pais. Depois, legalizava o casamento junto ao cartório e a Igreja⁷³.

⁷³ Disse-nos dona Antônia da comunidade *do Parobé* sobre os casamentos: “*Nos casamentos serviam pandeló, broa de polvilho. Havia quatro testemunhas. Os presentes que ganhavam eram simples. A bebida servida era gasosa e bebida feita em casa. Os pais escolhiam o noivo*

A fuga era a pé ou de canoa. Era um momento de ansiedade, de pura emoção. O coração batia mais forte. Era uma entrega total ao namorado que a esperava. Confiavam no homem que amavam e que certamente as fariam felizes. Fugiam apenas com a roupa do corpo ou com apenas uma malinha com algumas mudas de roupas. As mães quando descobriam choravam muito, mas fazer o quê se nessa altura a sua filha já tinha perdido a sua honra? (OLIVEIRA, 2010, p. 129).

ILUSTRAÇÃO 71 - Casamento típico da década de 60 no distrito *do* Ribeirão Pequeno.



FONTE: Hormecinda Batista de Bem

2.3.4. O carnaval, os pereira e os blocos carnavalescos

O carnaval (...) era constituído pelas brincadeiras de rua, com blocos de foliões e desfile de carros alegóricos, e pelos bailes. Eram sociedades que formavam os Clubes de bairro, no Magalhães, no Campo de Fora e no Centro. Os clubes organizavam as festas que aconteciam nas ruas, ou seja os desfiles com os carros alegóricos, além dos bailes. (LUCENA, 1998, 81).

para suas filhas e como os filhos eram obedientes, casavam porque queriam agradar seus pais”.

A epígrafe citada por Lucena (1998) sobre o carnaval do final do século XX na Laguna a partir dos escritos do pesquisador lagunense Ulyssea mostra que a cidade é historicamente carnavalesca. Faz parte da sua cultura o carnaval de rua e de salão. Até hoje continua atraindo milhares de foliões todos os anos. Mas aqui precisamos separar o carnaval que ocorre no centro histórico e no bairro Mar Grosso, do carnaval que acontecia e acontece no interior do município, no nosso caso, o distrito *do Ribeirão Pequeno*.

Antigamente, por falta de acesso, os foliões do interior não frequentavam o carnaval da cidade. O mesmo ainda acontece nos dias de hoje, sendo poucos os jovens do interior que vão brincam de carnaval na cidade. Nas entrevistas junto aos velhos do distrito em nenhum momento apareceu o carnaval *da* Laguna. Portanto, são dois carnavais que ocorrem em espaços distintos. E é do carnaval, principalmente dos pereiras que os velhos vão nos contar⁷⁴.

⁷⁴ Dona Bercides da comunidade *do Morro Grande* se irradia de alegria ao lembrar-se do tempo de carnaval da sua época: “*No tempo de carnaval os homens saíam de pereira. Ai era o dia todo, as casas era tudo trancada que eles entravam dentro de casa, encharcaram tudo. O primeiro que eles encharcavam era as camas das mulheres que agarravam. o mato, era só grito de crianças*”. E solta uma gargalhada.

Dona Dêlcia da comunidade da Madre nos enviou esse relato por escrito: “*Eu Dêlcia vou contar um acontecimento verdadeiro. Campos Verdes, antes chamada Carniça a 60 anos atrás era um campo todo aberto cheio de baixadas bem fundas e quando chovia aquelas baixadas ficavam cheias de água. Havia uma comunidade pequena, as casas a maioria eram de palha, mais uma gente muito festeira. E lá morava uma senhora alemã chamada Eliza Peppler que era muito amiga de nossa família. Um certo dia minha mãe falou para nós eu e o meu irmão Neno, no sábado nós vamos em casa da comadre Eliza na Carniça. E chegou sábado. Era sábado magro como chamavam um sábado antes do carnaval. Eu deveria ter sete anos e o meu irmão Neno cinco anos e lá fomos nós em casa da dindinha Eliza como nós a chamávamos. Depois do almoço quando olhamos lá vinha um burbutão de gente como se fosse um arrastão. Era o Perera. Entravam nas casas e tiravam as pessoas para a rua e levavam para as lagoas de água, formadas pela chuva e molhavam todas, nem as crianças escapavam. Eram todos mascarados de carvão e tinta e os homens vestidos de mulher. Quando eles seguiram em direção a casa da dindinha Eliza ela falou fechem a porta. Ela era doente das pernas, não podia andar, parava só sentada numa cadeira. Mas eles empurraram a porta. Eu e o Neno quando vimos aquilo corremos e se metemos em baixo da cama. A cama era muito baixa e tinha um baía pinico. Nós levamos tudo por diante, ficamos bem quietinhos. O coração parecia que ia explodir de tanto medo. Nós nunca tínhamos visto tal coisa. A nossa mãe eles pegaram levaram até a primeira lagoinha, uns molhavam ela e outros passavam carvão e tinta. Quando ela voltou, perguntaram por nós. A gente estava chorando bem baixinho para que ninguém escutasse. A nossa mãe teve que vestir as roupas da dindinha que eram muito largas e curtas, pois ela era uma mulher baixa e bem gorda e nossa mãe era muito alta e magra. Passaram-se sessenta anos e ainda lembro direitinho da casa. Esta é minha história*”.

Veja o comentário do seu Brás Sebastião da Figueira sobre os pereiras: “*Nós fazia uma cabeça de boneco de papelão geralmente fazia duas cabeça, uma de boneco e uma de boneca se reunia um grupo de homens e mulheres e com tambor, pandeiro, saía pelas ruas arrastando*

Eu cheguei a alcançar os bons tempos do pereira. Ainda adolescente lembro que acompanhei um pereira que saiu da comunidade *do Parobé* e foi brincar na comunidade *do Ribeirão Pequeno* que fica distante aproximadamente dois quilômetros. Batucada, muita bebida, os homens vestidos de mulher e as mulheres acompanhando a brincadeira. Chegando lá, abriram o salão e a festa continuou. Na volta, já tarde da noite, a maioria bêbados, ao passar por um bananal, um dos foliões, rolou por entre as bananeiras num precipício. Da estrada não dava para vê-lo. Os foliões nem pararam. Alguém disse, “*amanhã ele acorda e volta para casa*”. Eu fiquei preocupado, mas creio que não aconteceu nada grave, pois no outro dia não se falou mais disso.

todos que gostavam de folia, não podia ter gaita nem violão, pois corria perigo de estragos, porque as pessoas jogavam água, carvão com banha, farinha de trigo e urucum no rosto daqueles que estavam na brincadeira, muita pinga e a marcha de carnaval era a preferida, e assim eles brincavam o dia inteiro e iam até a noite. Um versinho que cantavam e que ainda lembro era assim: ‘Viva o Zé Pereira que ninguém fez mal. Viva o Zé Pereira no dia do Carnaval’. Depois eles tomavam banho e iam para o salão aonde se apresentavam nos blocos de carnaval: existia grupos de homem e mulher que tinham seus braços todo fantasiado e brincavam no salão. Era muito legal”.

ILUSTRAÇÃO 72 - Pereira na comunidade *do* Parobé. Observe que os rostos são cobertos e que não há a intenção de se parecerem com as mulheres.



FONTE: Isabel Medeiros

Durante o dia não se podia passar nas praças das comunidades porque se corria o risco de alguém sair detrás de uma casa com uma lata ou balde d'água e sem a maior piedade jogar sobre quem estivesse passando, independente da roupa ou da idade. Os casais de namorados eram os preferidos. Muitos não entendiam a brincadeira e aconteciam desentendimentos, chegando à violência física, mas não adiantava, não se respeitava ninguém. Por isso, quem não quisesse participar, era melhor ficar em casa.

Os foliões do pereira se arrumavam em uma casa, geralmente na casa de um deles. A expectativa na praça era grande, aguardando a chegada deles. Vinham pintados, outros mascarados, geralmente vestidos de mulher. O barato da brincadeira era descobrir quem era o pereira. Para isso qualquer

detalhe: o pé, as pernas, as mãos, o andar, a altura poderia se tornar uma pista. Até a alguns anos atrás essa brincadeira era forte nas comunidades do distrito. Hoje, raramente acontece e quando acontece, é totalmente diferente do pereira do passado. (OLIVEIRA, 2010, p. 110).

Outra manifestação cultural que ocorria no tempo do carnaval e que era planejada com muita antecedência eram os Blocos Carnavalescos. Em cada comunidade havia aqueles que mais se dedicavam a essa brincadeira, pois se tinha que escolher a fantasia e a cantoria, que ia desde a letra à melodia que a cada ano vinha com um tema diferente. A disputa geralmente era entre dois grupos da mesma comunidade. Não havia um júri para escolher o melhor bloco. Ao final da apresentação dos blocos que aconteciam durante os bailes de carnaval, pelos comentários sabia-se quem se saiu melhor. Dona Benta Miranda Felix, hoje com mais de noventa anos, foi uma das mais dedicadas na formação de blocos de sua comunidade, Ribeirão Pequeno. É dela, blocos inesquecíveis, como o zarde, Girassol, Mexicano, leque, bandeira branca, ainda vivos na memória dos mais velhos.

ILUSTRAÇÃO 73 - Alunos apresentando um o bloco carnavalesco “Mexicano” de dona Benta *do* Ribeirão Pequeno que ensaiou os alunos com seus mais de noventa anos.



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

De todos e todas que falaram sobre os blocos carnavalescos⁷⁵, certamente a mais empolgada foi dona Rosalina da comunidade *do* Parobé:

O carnaval no Parobé acontecia ao mesmo tempo nos dois clubes, no Vera Cruz e no Varmiré. No Vera Cruz, no carnaval a fantasia era roupa amarela, verde e branca. Vermelho não podia entrar porque era a cor da fantasia do Varmiré. Era muito bom. O ensaio dos blocos acontecia escondido um do outro para que um não descobrisse a fantasia do outro. Até os fiapos de roupas que ficavam nos vestidos das costureiras eram bem batidos, pois um fiapo podia dar pistas de como

⁷⁵ A dona Maria da comunidade do Ribeirão Grande toda emocionada nos fala de um carnaval que tem guardada na memória: “Os carnavalescos vieram em um carro de boi todo enfeitado com papel crepom colorido com uma criança dentro. Quando chegaram na praça soltaram uma pombinha. Foi uma cena muito linda, inesquecível. As pessoas cantavam e atiravam fogos”.. Dona Maria é uma senhora com voz calma, serena, que encanta ao falar. Suas entrevistas foram de pura magia. Os alunos chegavam a esquecer de escrever, de tão envolvidos que ficavam diante de suas histórias.

Dona Vivile *do* Ribeirão Grande narra um bloco carnavalesco que guarda em sua memória: “Um ano houve dois blocos, eram dois irmãos um contra o outro. A fantasia era um vestido, tingia e costurava um babado de outra cor e um lenço ou uma fita na cabeça, e era bem divertido, não existia luxo, e os homens também com roupas pintadas, um chapéu enfeitado, as vezes bombachas, e todos gostavam. Faziam pereira com roupas velhas, um tambor e cantoria e saíam nas ruas”.

seria a fantasia para o bloco rival. Vinham pessoas de Tubarão, Capivari, Imaruí e das comunidades vizinhas. O carnaval do Parobé desde essa época era famoso. Depois da apresentação dos blocos o carnaval ia até altas horas da madrugada. Também no Vera Cruz e no Vamiré havia muita briga. Eram raros os bailes carnavalescos sem brigas tanto a soco como uso de armas desde faca até espingarda. Durante o baile alguns entravam com faca escondida. Nem todos os fiscais revistavam os homens.

ILUSTRAÇÃO 74 - Esta foto trata-se de um bloco carnavalesco da década de 50 na comunidade do Parobé. Eles estão se encaminhando para o salão.



FONTE: Nininha Vitorino de Jesus

Dona Dalvinha da Ponta do Daniel nos narra sobre os “belos carnavais”:

Não sou tão velha mais já dancei de tamanco e vestido de chita, um dos mais belos carnavais na casa de senhor Manoel, lá onde hoje é o potreiro do meu sobrinho. Não sei se agrada as minhas histórias, mas as que guardei foram essas. Sinto saudades do tempo difícil, mas pura e com muito respeito, amor e simplicidade.

2.3.5. O Terno de Boi e o Boi de Mamão

O boi de mamão é uma ação cultural para além da simples reprodução cultural, é um descobrir, um criar e recriar “jeitos” de viver a vida dentro dos bonecos, dentro da cantoria, dentro do jogo dos personagens, enfim, dentro da brincadeira. (GONÇALVES, 2000, p. 151)

A brincadeira do boi-de-mamão é uma das expressões culturais de base açoriana mais forte no distrito, principalmente na comunidade do Ribeirão Pequeno. Ela tem todo um enredo, possui um ritual sequencial que conta não apenas a morte e ressurreição do boi, mas as mortes e as ressurreições do povo, formas de criar e recriar jeitos de viver a vida a partir da brincadeira.

Há dois tempos harmônicos no brincar de boi: dos que cantam e dos que brincam. Trata-se de uma brincadeira coletiva onde cada brincante, onde cada boneco torna-se personagens de uma história. O puxador de versos, o que bate no bumbo, os que atçam o boi, os que brincam dentro dos bichos e os que assistem, são todos partes de um enredo que se confunde o cotidiano. Por isso, deve ser entendido como ação de um fazer coletivo e não apenas de uma mera reprodução cultural.

Dizer que foi a aparente negação dos alunos em relação à brincadeira do boi de mamão que me ajudou e muito no mergulho sobre a cultura local. Eu não entendia porque em sala de aula os alunos rejeitavam tanto a brincadeira do boi. *“Que abuso, o boi de mamão vai se apresentar de novo?”*. Mas indo a festa junina, durante a apresentação do boi, lá estavam os jovens brincando debaixo dos bois ou com as caras mascaradas atçando o boi. Comecei a perceber que a cultura de massa urbana os conduzia a vergonha, mas que no fundo gostavam de brincar. Por que então envergonhar-se da cultura? Por que envergonhar-se do pirão com peixe? Envergonhar-se das raízes indígenas e açorianas? Foram essas as perguntas que me inquietaram e que me levaram a trabalhar na valorização da cultura local, conforme analisei na parte introdutória desse trabalho.

Voltando a questão da brincadeira do boi de mamão, foi o seu Nizo da comunidade do Ribeirão Pequeno quem mais nos contou sobre essa brincadeira:

Antigamente se dizia mais “terno de boi” porque era composto por três vozes principais, hoje não se diz mais terno de boi, mas, boi de mamão. Outra diferença está no por que da brincadeira. Quando eu era jovem se uma pessoa mudava de casa era comum irem até lá fazer a cantoria do boi. Ao novo dono da casa cabia oferecer um trago e algo para comer. Iniciava a brincadeira pelo o que eles chamavam de reizado (festa pagã) pedindo boas vindas e sorte aos novos moradores. Depois entravam com os bois. Um Terno de Bois contava com vinte e cinco bichos. O terno de boi era uma reza em forma de brincadeira, que tinha um cunho de boas vindas. Podia acontecer em qualquer tempo, mas o

mais comum era entre os meses de maio, junho e julho, principalmente no tempo das festas de São João, Santo Antônio e São Pedro, na época da colheita do café e até perto do carnaval. Hoje o boi de mamão acontece mais nas festas juninas e festas culturais folclóricas, (como resgate cultural) perdendo o caráter de familiar de boas vindas. Antigamente eles arqueavam uma vara e colocavam uma cabeça de boi e colocavam uma esteira por cima e os arco baleado em forma de um boi, e aí um grupo de cantores, tirava os versos e cantava e o boi dançava e atropelava o vaqueiro, dando suas aspadas na esperança de pegar o vaqueiro. Depois matavam o boi e chamavam o médico, que era outro vaqueiro caracterizado, dava cachaça e o boi levantava e começava a brincar de novo, em seguida chamavam o cavalinho que com um laço laçava o boi e levava para o seu destino. Depois eram chamados outros bichos, como a cabra, o urso, o sarandi, o macaco e eles dançavam um por vez. Depois, os cantores com seus tambores cantava a despedida e terminava a brincadeira”. Continuando sua fala: “a brincadeira surgiu com as crianças fazendo careta de boi em mamões verde, abriam dois furos para os olhos e colocavam dois paus fincados que serviam como chifres e saiam brincando. Com o tempo foi se modernizando⁷⁶.

⁷⁶ Dona Vivile do Ribeirão Grande também nos fala da brincadeira: “Nas casas, os ternos de boi se fazia um boi, com lascas de bambus e cobria com um pano pintado ou estampado, faziam uma cabeça igual a do boi, e um homem dançava debaixo, fazia também um cavalo de pano, e o homem dançava, laçava o boi, e havia também a bernúncia, um bicho grande coberto com alinhagem e tinha uma boca bem grande, engolia um menino e outros bichos, era muito divertido, os homens tocavam tambor, gaita pandeiro e cantavam e havia muita bebida”.

Dona Bercides e dona Maria Cecília do Morro Grande também nos disseram que, “eles cantavam dentro da casa e assim eles iam a várias casas durante a noite inventando versos na hora ou cantando versos mais antigos em troca de dinheiro. Alguns usavam duas máscaras. Uma mulher cujo nome era Jejeca e um homem que colocava a máscara de pereira”.

ILUSTRAÇÃO 75 - Boi-de-mamão da comunidade *do* Ribeirão Pequeno.



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

A brincadeira do boi de mamão está muito associada à cachaça. No momento em que o boi morre é o momento em que alguém da diretoria oferece um copo de cachaça, hoje também comum oferecer cerveja, a quem está debaixo do boi. Se for um adolescente oferece-se um copo de refrigerante. Também as pessoas da cantoria, enquanto cantam e tocam o copo com cachaça, cerveja vai passando entre eles. Na fala de Gonçalves “a cachaça representa, para Pequeno, uma forma de limpar sua voz e não a de **perder o pensamento**, pois perder o pensamento faz com que o Boi de Mamão se perca na cantoria, se perca na própria apresentação, se perca”. (2000, p. 20). A cachaça estava presente não somente na hora da folia, mas na hora de pescar, antes do almoço e janta, nas rodas de conversa no bar. Penso que a cachaça ajudava não somente a não “perder o pensamento”. A cachaça ajuda a “limpar” não somente a voz, como a memória. Ao tirador de verso não cabe o erro, ele não pode falhar na rima. Infelizmente a cachaça passou a ser freqüente não apenas nesses momentos de cantoria, mas em muitos outros levando várias famílias do distrito a dor, ao sofrimento. Da cachaça passaram a cerveja e hoje muitos de nossos jovens a outros tipos de droga, que continuam causando dor e sofrimento a muitas famílias do distrito *do* Ribeirão Pequeno.

Mas gostaria de aproveitar a narrativa dos velhos para dizer o quanto a brincadeira do boi de mamão pode transformar-se em atividade de aprendizagem nas escolas ribeirinhas e litorâneas dessa Santa

Catarina. A brincadeira perpassa a interdisciplinaridade, podendo ser trabalhada nas várias áreas do conhecimento. “O boi-de-mamão deve ser entendido como um espaço de socialização de saberes, de dores, de alegrias, de resistências, de confiança, de combinações, de muitos ensaios”. (GONÇALVES, 2000, p. 10). A batida, o ritmo do tambor bate na alma de quem a escuta, na alma de quem aprende de forma lúdica⁷⁷.

E para concluir, a fala do seu Braz da Figueira: *“ao saber da brincadeira de boi de mamão vinha gente de todos os lados, pois é uma brincadeira de cantorias e toques de tambor. As pessoas se divertiam ao ver o boi”*.

2.3.6. Os Ternos de Reis e o Reisado

Outras festas sendo estas mais populares, de tradição açoriana, comemoradas no interior e na cidade, segundo ULYSSEA (1943:69), eram o *“Terno de Reis”*, realizado durante as festas de fim de ano (com orquestras de cordas, que saíam a visitar as casas...) e o *“Boi-de-Mamão”*, também realizado principalmente durante as festas de final de ano. (LUCENA, 1998, p. 81).

São manifestações culturais significativas herdadas dos ilhéus dos Açores que identificam o ser cultural do catarinense litorâneo, tanto o boi de mamão como os ternos de reis e os chamados reisados.

A cantoria de Reis é a manifestação cultural que anuncia o nascimento do Senhor Jesus Cristo. De casa em casa, pela madrugada afora, em época de natal, lá vão os cantadores cumprindo a sua missão de mensageiros, de anunciadores da Boa Nova: “Cristo vive entre nós”, tudo em forma de versos, tirados na hora, dependendo do momento vivido em cada casa. Os entrevistados nos falaram dos Reis com profunda saudade e pesar que esta manifestação tão rica de símbolos religiosos tenha acabado. Mas, nas entrevistas, era só começar a falar dos Reis, que lá estavam às músicas por completo em suas memórias, incluindo versos inesquecíveis que se perpetuaram em suas existências.

Trata-se de uma manifestação que envolve o religioso e o profano. Primeiro se canta, se anuncia o nascimento de Jesus e depois se

⁷⁷ Para maior aprofundamento dessa temática do boi de mamão enquanto forma de aprendizagem, ver GONÇALVES, Reinaldo Manoel. **Cantadores do Boi de Mamão**. Velhos cantadores e educação popular na Ilha de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências da Educação – UFSC – Florianópolis/Santa Catarina – Nov.2000

celebra com café, com uma cachacinha, com rosca, broa, cuscuz, em fim, com o que lhes oferecerem pelos donos da casa, tudo em forma de celebração, de comunhão.

Não há mais reis passando nas casas com suas cantorias anunciando o nascimento de Jesus Cristo no distrito. Com raridade, o Coral da comunidade *do Ribeirão Pequeno* passa por alguma casa dos coralistas ou por outras a pedido⁷⁸.

2.3.7. A Bandeira do Divino

Podemos afirmar, com muita segurança que uma das marcas mais expressivas que a cultura portuguesa legou ao Brasil é a religiosidade. Esta religiosidade se manifesta de várias maneiras, mas o Culto ao Divino Espírito Santo, com devoção à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, é a expressão religiosa desta cultura que está presente praticamente em todos os recantos do nosso país, com traços comuns, bem demarcados e fortemente conceituada. A fidelidade a estes cultos remonta a origens medievais. (CLETISON, 2011)

Outra manifestação cultural que de uns vinte anos para cá já não se pratica mais no distrito, a não ser quando solicitados em eventos religiosos ou culturais, mas ocorrem com muita raridade. Certamente esta foi uma das manifestações trazidas pelos portugueses dos Açores

⁷⁸ Seu Nizo do Ribeirão Pequeno nos fala com emoção: “Quando se tratava da cantoria fora do natal costumava-se dizer “reizado”, cantoria pagã e que na época de natal, o reizado chamavam de terno de reis, com cantoria voltada “as coisas” da Igreja Católica. Foram os açorianos quem trouxeram o Reis Cantado nas casas. Era um grupo de cantores com viola, violão, violino, gaita, tambor, faziam suas cantorias no dia vinte e quatro de dezembro e terminavam lá pelo dia quinze de janeiro, dia de Santo Amaro. Essa cantoria poderia começar de agosto em diante após as cantorias do terno do boi. Esses grupos de pessoas visitavam as casas a noite, para comemorar o nascimento de Cristo, cantando versos. Normalmente era cantado somente por homens. Também era costume o dono da casa, que recebia a cantoria oferecer bebidas, café, bolo, rosca, quentão”.

Seu Braz da Figueira nos disse: “A folia de rei eram as famílias que se organizavam para cantar na casa dos compadres amigos e toda casa tinha um clima de harmonia e felicidade. Então o povo chegava geralmente pela meia noite ou uma hora da madrugada. O essencial é que o dono da casa estivesse dormindo. Pois bem, eles chagavam devagar sem fazer barulho. Cantavam versos para acordar o dono da casa que geralmente acordava e abria a porta. Então os cantores entravam e continuavam a cantar dentro da casa. Após a cantoria o dono da casa oferecia um café para todos. Geralmente era feita do mês de dezembro até o mês de fevereiro”.

que mais calou fundo no ser catarinense do litoral. Em Laguna, somente no bairro *do* Magalhães ainda se pratica anualmente a Festa em honra ao Divino Espírito Santo. No distrito *do* Ribeirão Pequeno nem mesmo a bandeira pedinte passa mais nas casas.

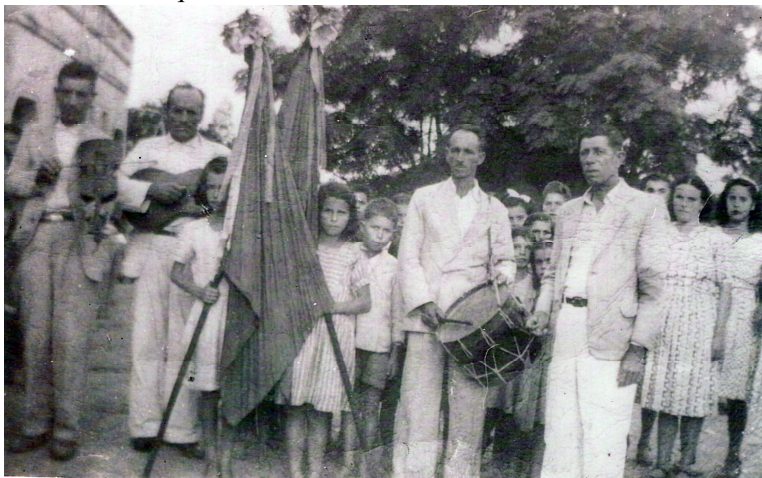
Não é nossa intenção aqui detalhar esta festa, mas tão somente dizer que a Festa em honra ao Divino Espírito Santo fazia parte do calendário religioso do distrito, o que não ocorre mais. A última vez que a Bandeira por aqui passou já passa dos dez anos.

Seu Braz da comunidade da Figueira é mestre em Bandeira do Divino. Em suas entrevistas sempre deixou claro seu amor por essa manifestação cultural que lhes deixou marcas que chegou ao distrito através das mãos dos primeiros açorianos⁷⁹.

⁷⁹ “A Bandeira Surda era um senhor que levava uma bandeira do divino na mão. Essa bandeira tinha um mastro, tinha uma pombinha e era cercada de fitas que era oferecida nas casas onde a bandeira entrava. Outro senhor trazia uma sacola da cor da bandeira, toda vermelha e moldurada em amarelo e outro senhor trazia um tambor, para chamar atenção do povo nas casas onde entravam. Recebiam ofertas como galinhas, ovos, dinheiro, ou outro tipo de oferta para ajudar na festa. A bandeira de cantoria era mais bonita, pois ocupava mais gente e era muito bonita e atrativa com seus versos, e era assim: A bandeira era a mesma da surda, só mudava os personagens, que era o fineiro que alguns chamavam de tripa, o tamboreiro, que fazia a segunda voz e o tirador de verso e entrava a segunda voz, e o fineiro acompanhado pelo violino pelo violão e pelo tambor. Era muito bonito e arrastava muitos seguidores. Quando existia duas bandeiras que se cruzava numa comunidade, elas se encontravam em frente à Igreja e as duas bandeiras se cruzavam e entravam na Igreja em frente da cruz e cada cantor tirava seu verso em frente do altar e as pessoas davam suas ofertas, quanto mais eles ofertavam mais o cantor agradecia”.

Ainda sobre a folia da Bandeira do Divino, continua seu Braz: “Foi numa casa que os cantores cantaram e a dona da casa nada tinha pra dar e pediu desculpas, pois nada tinha para oferecer, a não ser esse casal de gêmeos que eram dois meninos com quatro anos, e o cantor agradeceu a oferta, pois tratava de dois inocentes, com certeza Deus vai ficar contente, se despediu e saiu. Ao cantar em outra casa, veio a notícia que as duas crianças tinham morrido e a mãe estava em desespero, ao saber da notícia o cantor foi de novo na casa desta senhora e de fato as crianças estavam mortas, e o cantor começou a cantar de novo no sentido de acalmar a mãe e também agradecer a Deus por estar presente na hora da oferta. Outra senhora nada tinha para dar, pôs um punhado de feijão na sacola do divino e eles plantaram esse feijão, e no nascer veio um feijão diferente do outros, ele era chatinho em forma de uma pombinha, que esse feijão durou muitos anos e por isso que antigamente tinham muito respeito pela Bandeira do Divino.

ILUSTRAÇÃO 76 - Bandeira do Divino Espírito Santo da comunidade do Ribeirão Pequeno na década de 50.



FONTE: Pe. Carlos Wechi

Por mais de uma vez seu Braz teve que parar a entrevista porque a emoção lhe tomava conta ao lembrar a beleza das Bandeiras. Sem vergonha diante de nós, professor e alunos, as lágrimas os impedia de falar. Respeito total de nossa parte nesses momentos, o silêncio tomava conta de todos até que recuperado da emoção ele continuava a navegar por entre as lembranças. Em quase todos os depoimentos escritos pelos alunos desta comunidade apareceu os ensinamentos do seu Braz⁸⁰.

⁸⁰ Selecionei o do Wesley Willian de Souza, que na época estava na 8ª série que sintetiza um pouco esse momento: *“Eu achei legal porque eu aprendi histórias que eu não sabia como a da mulher que não tinha nada para dar para a bandeira do divino, então ela deu seus filhos e algum tempo depois os filhos dela morreram e quando a bandeira voltou e a mulher não estava triste, estava feliz porque Deus tinha aceitado seus filhos. Também a vez que a bandeira da Figueira e a do Ribeirão se encontraram na frente da Igreja da Figueira e o seu Brás falou que foi muito bonito e que todos se emocionaram e que todos choravam, que só as pedras não choraram porque não tinha coração. O trabalho foi muito bom porque ninguém conhecia as histórias e nem as comunidades e agora com esse trabalho vai motivar as pessoas para ver as nossas comunidades”*.

ILUSTRAÇÃO 77 - As crianças com as bandeiras e o pedinte com a sacolinha nas mãos.



FONTE: Maria de Fátima Vechi

Aqui neste momento trago as belas palavras de Ecléa Bosi, quando fala da importância da memória dos velhos enquanto mediadora de conhecimento entre o presente e o passado:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2004, p. 15).

2.3.8. A Serenata

Para falar da serenata selecionei a entrevista que aconteceu em preparação a Festa da Cultura em 2007. Os alunos da comunidade *do* Ribeirão Grande ficaram responsáveis em apresentar neste evento como eram as serenatas de antigamente. Marquei um ensaio com eles à noite

na comunidade, na casa do avô de uma das alunas. Quando cheguei, os alunos, os tocadores e familiares já me aguardavam cantando - seu João no violão e seu Luiz, o cantador.

Seu Luiz falou sobre as cantorias que faziam nas casas e seu João, de pouca conversa, com o violão em punho, durante a entrevista ficava sempre riscando as cordas do violão, apenas escutava enquanto seu companheiro nas serenatas antigas, apaixonado pelas cantorias não parava de contar às façanhas que faziam pelas comunidades do distrito, demonstrando satisfação em falar do seu tempo de moço, de namorador que era das belas serenatas que participou.

Iniciamos o ensaio com eles demonstrando como era a serenata: os alunos pelo lado de fora da casa com o violeiro e o cantador e as alunas dentro de casa com os demais presentes. Primeiro cantaram umas duas músicas. Aí um aluno representando o dono da casa, abriu a porta e nos convidou a entrar. As alunas, todas de braços trançados uma nas outras pareciam nervosas como se estivesse vivendo o tempo representado, tudo era novidade para elas. A cantoria continuou dentro de casa. Depois da representação da serenata de antigamente, sentamos ao redor da mesa e iniciamos a roda de conversas⁸¹.

⁸¹ As perguntas partiram dos alunos de acordo com suas curiosidades e seu Luiz foi respondendo:

Como era a serenata no tempo de vocês? (pergunta o aluno Luciano): *“No nosso tempo, a serenata era o seguinte: nós se reunia na beirada do morro aí escondido ensaiava as músicas pra cantar numa serenata. Ali nós combinava qual a casa que nós ia. Primeiro lugar era discutido onde que tinha mais mulher, mais moça no caso, então ali nós se reunia e combinava e ia nessa casa ou aonde a dona fazia rosca, broa, bolo nós tava lá”*. (Marina) *“Em que época acontecia às serenatas?”* *“A época era muito simples, cada um na sua idade. No tempo do meu parceiro (apontando para o seu João), ele tem dez anos a mais que eu, era lá pelos anos 40, né? Seu João responde: Mais ou menos. Seu Luiz continua: É, quarenta ou cinqüenta. Eu já fui lá pros anos sessenta, porque eu cheguei depois dele, mas desde novo eu já estava com eles”*. (Jaqueline) *“Já tinha um grupo pra fazer a serenata ou era combinado na hora?”* *“Era assim: combinava-se pra fazer uma serenata. Então quem tivesse na hora acompanhava. O principal era o instrumento que era o violão. Tendo o tocador, a serenata saía. Às vezes era muita gente que cantava - às vezes tinha quatro pra cantar, às vezes seis às vezes só com dois nós já ia. Naquele tempo tinha muito boteco na nossa comunidade e tinha muita gente. Então, às vezes, nós até fugia dum bocado de gente e se encontrava com uma meia dúzia pra não acumular muita gente na casa, mas mesmo assim depois, iam atrás. Descobriam aonde a serenata tava”*. (Marina): *“Vocês eram bem recebidos? Como era isso?”* *“A história variava muito porque era assim: às vezes quando o dono da casa não queria muito, nós sempre tinha alguém de fora que tava visitando o Ribeirão e quando tinha alguém de fora era recebido como doutor, então quando a gente via que não queriam abrir a porta, a gente falava o nome do fulano que era de fora e imediatamente a porta era aberta”*. (Marina): *“Quando vocês faziam essas serenatas é porque vocês já estavam de olho em alguma menina da casa ou porque vocês gostavam era mesmo de cantar?”* *“Primeiro lugar de olho na menina moça, segundo lugar porque nós gostava de cantar e terceiro porque escolhia a casa que fazia rosca, bolo, pra tomar café”*. (todos riem). (Caroline) *“Aqui no Ribeirão Grande houve algum*

A partir dessa roda de conversa ficamos sabendo que os cantadores, os farristas, muitas vezes, iam até o amanhecer do dia acompanhado de viola, violões, violinos e até cubanas, foram o que nos disseram outros velhos em outras entrevistas. Por varias vezes durante a entrevista, seu Luiz pediu a confirmação dos mais velhos presentes buscando a confirmação de suas histórias o que reforça o pensamento de Bosi quando diz,

A comunidade familiar ou grupal exerce uma função de apoio como *testemunha e intérprete* daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado. (2004, p. 54).

Essa experiência de juntar velhos cantadores de serenata e jovens adolescentes que desconheciam por completo o jogo de sedução que ocorria no tempo de juventude de seus pais e avós torna-se rico em conhecimento, em troca de experiências. Um ensina e aprende com o outro e ao ensinar/aprender se constrói um espaço de respeito de um pelo outro, de horizontalidade.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a *confiança* de um pólo no outro é

casamento por causa das serenatas que vocês faziam?” “Olha, com certeza não foi nem um, nem dois, foram muitos. Quando a gente ia numa casa, geralmente a gente ia numa turma grande, a gente se criou tudo junto. Então cada um já tava de olho numa lá da casa. As vezes tinha sete mulheres, às vezes seis, cinco. Até o violeiro foi casar lá no sertão grande, o sertão dos Maria. Trouxe a mulher de lá. Não sei se ela casou com ele porque ele era bonito ou por causa do violão”. (todos caem na gargalhada, inclusive a esposa do seu João, o violeiro, que estava presente. Ela balança a cabeça confirmando sem definir se era pela beleza ou se pelo violão e ele, riscando as cordas do violão). “Já passaram dos cinquenta anos de casados”, continua seu Luiz. (Luciano): “Tinha alguma data especial para fazer a serenata?” “A data especial era nós que criava. Era dar certo, combinar, vamos embora, vamos fazer a serenata. Mas o melhor era no tempo de lua. A lua convidava a gente a andar nos morro porque era tudo no escuro. Muitas vezes a gente caía na lama. Agora, fim de ano, nós quase não fazia serenata, era mais Reis, Tinha o terno de boi. Isso aqui era muito divertido. Tinha muita atração. Isso aqui vinha gente de longe. Isso era lugar que tinha mais freqüência de gente do município. Por isso a serenata não tinha data definida. A definição era no dia, na hora. Vamos em tal lugar? Chegou alguém de fora? Tem moça bonita? Vamos lá cantar pra ela”. (Marina): “Nunca houve uma loucura de uma mulher fazer uma serenata pra um jovem?” “Na época, as mulheres, as moças, elas não tinham acesso a lugar nenhum sozinhas. Se elas iam em algum lugar, elas iam acompanhadas do pai. Então não existia essa parte, porque era sempre o homem que tomava a dianteira, porque isso era tradicional. Antigamente não existia o caso da mulher andar como hoje.

consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. (FREIRE, 2006, p. 94).

É no diálogo que as diferenças, as distâncias entre gerações vão desaparecendo e, na medida em que se dá essa “aproximidade”, o amor vai se estabelecendo, amor aqui no sentido de respeito, de confiança, de esperança de um pelo outro. “Não existe, tampouco, diálogo sem esperança. A esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca” (FREIRE, 2006, p. 94/95). Neste encontro de gerações a máscara do autoritarismo, da hierarquia, da incompreensão, da inaceitação do outro, cai por terra, estabelecendo-se um clima de respeito pelo jeito de ser do outro.

E quando nos demos conta, a hora já estava avançada. A vontade era de varar a madrugada ouvindo as histórias e as cantorias do seu Luís que nos fez viajar por um mundo desconhecido por nós, professor e alunos.

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim o narrador transforma sua matéria, a vida humana. (BOSI, 1987, p. 49).

2.3.9. Outras formas de divertimento: A Ratoeira, o Pão por Deus, o Abeçário, a Décima e os Pasquins

Vários entrevistados falaram das ratoeiras, brincadeira de roda comum no distrito, que poderia acontecer durante um baile, ou num domingo à tarde, em plena praça. Segundo o seu Braz da comunidade da Figueira:

Era um desafio de namorados, era um jogo de conquista. Eram conquistas feitas e respondidas em verso. Uma forma de namoro, carinho e agrado. A época para ratoeira coincide com as festas de São João. Normalmente era cantada somente por mulheres, uma puxava o verso e as outras respondiam. A ratoeira se ajuntava oito ou dez pessoas e fazia a roda segurando um na mão do outro e o gaiteiro

puxava a gaita e fazia o refrão e todos cantavam, parava a gaita e um dos jovens da roda dava o primeiro verso, então o gaiteiro puxava a gaita de novo e dava o refrão novamente e outro jovem tirava outro verso e o gaiteiro tocava a gaita e o refrão e assim ia indo até alta madrugada. Era uma alegria para quem estava assistindo, um jogo de inteligência. Muitos se sentiam desafiados e acabavam entrando na brincadeira. Terminando a ratoeira vinha outra dança como valsa, rastapé, bailão, bolero, rancheira. A dança era sempre homem com mulher. Suas danças eram, bem ligeiras e seus braços bem abertos. Os corpos quase não se tocavam. Cada qual mostravam seus talentos e suas conquistas. Havia um intervalo no baile lá pelas duas horas da madrugada e todos iam tomar café com pão da roça, beiju, cuscuz e rosca ou saborear uma garrafa de gasosa.

Outra manifestação cultural do distrito em plena decadência no distrito é o Pão-por-Deus. A brincadeira está somente na memória dos mais velhos.

O Pão – por – Deus, referido e descrito por vários autores brasileiros, como sendo de proveniência açoriana, ainda persiste nas nossas ilhas, nos dias 1 e 2 de novembro, respectivamente de Todos os Santos e Das Almas, data em que se aproveita a oportunidade para se presentear com objetos ou dinheiro as pessoas ligadas por relações de parentesco e amizade ou os serviços permanentes. (PEREIRA, 2003, p. 107)

Dona Margarida da comunidade *do* Ribeirão Pequeno era uma apaixonada por essa manifestação cultural. Até sua morte há aproximadamente oito anos atrás continuava a fazer seus bilhetinhos, perfumando-os e entregando-os a quem quisesse bem. Por várias vezes me convidou para ir a sua casa para conversarmos sobre o Pão por Deus. Eu sempre dizia, “*Dona Margarida ainda não deu, mas pode deixar que qualquer dia desses eu vou, prometo*”. De um dia deixava para o outro e assim numa bela manhã, com seus mais de noventa anos, ao ir à farmácia da comunidade chegando à porta caiu e despediu-se dessa vida, serena, calma, encantadora como sempre o fora. Em mim, ficou a saudade e a culpa por não ter partilhado com ela esse gesto tão bonito, tão amoroso que é distribuir pequenos bilhetinhos em forma de coração com versinhos tirados da alma a quem se quer bem. Podiam ser versinhos pedindo um presentinho, uma declaração de amor ou de amizade. Novamente a inteligência flui ao construir versos rimados

iniciando na maioria das vezes com a frase “Pão por Deus”. Não é nossa intenção debruçar-se sobre esse tema, tão somente dizer que ele existiu e que fez tantas pessoas sorrirem ao receberem essa manifestação de carinho ou de amor. O mundo evoluiu e hoje continuamos de outras formas demonstrando nosso bem querer a quem amamos, seja através das redes sociais proporcionadas pela internet, seja através do celular, etc.

Eis alguns versinhos enviados pelo seu Braz Sebastião da comunidade da Figueira:

Lá vai meu pão por Deus
Já que eu não posso ir
Como eu gosto de você
Pão por Deus quero pedir

Lá vai meu coração
Todo cercado de flor
Eu lhe peço um anel
Com carinho e amor

Lá vai meu pão por Deus
Perfumado e bonitinho
Peço para você
Um bonito tamanquinho

Por eu ser um bom rapaz
Vou indo bem na escola
Peço no meu pão por Deus
De presente uma bola

Sobre o “Abeçário”, numa manhã há alguns anos atrás, em pleno desenvolvimento do projeto, recebi em minha casa um envelope contendo os versos abaixo. Perguntei quem me enviara: “*A pessoa não quer se revelar faz parte da brincadeira*”, foi o que me responderam. Por meses fiquei na curiosidade, tentando descobrir quem era o autor ou a autora daquela maravilha. Por fim, num dia qualquer, visitando dona Rosalina da comunidade do Parobé, descendente legítima de italianos, para nova entrevista, me disse: “*e aí gostasse do “abeçário” que recebeste?*”. Eu respondi: “*não acredito que foi a senhora que me enviou*”. E aí ficamos por um bom tempo conversando e ela me contando que quando moça, costumavam enviar um “abeçário” às amigas de forma oculta. Quem recebia tinha que descobrir quem a enviou. Segundo ela os versos tinham que ir de A a Z. Dona Rosalina já é falecida, mas o fato dela ter me presenteado com essa forma de comunicação do seu tempo de juventude, demonstra o quanto essa manifestação cultural lhe era cara. Ainda segundo ela, esses tipos de versinhos costumavam mandar a uma amiga que tivesse sido traída pelo namorado.

A

Atendo ingrato tirano
 As mágoas de um coração que
 nem
 Pensei, pra mim usaste
 ingratidão

B

Buscaste outro amor
 Nada tive o que dizer
 Tanto andei indagada
 Que até cheguei, a saber,

C

Como foi escolha tua
 De mim não há de queixar
 Conheci os teus rigores
 Fiquei triste a superar

D

Deixaste de mim por outra
 Eu a ti a mais ninguém
 Peço a Deus vivo contente
 Há males que vem pra bem

E

Eu era quem queria ser
 Um amor de ser só teu
 Não quiseste ser só meu
 Que te proíbo cruel sou eu.

F

Fizeste gosto de me deixar
 Que te proíbo cruel
 Mas amas ou menos sabes
 O mundo que sempre fui fiel.

G

Gira sol era seguida
 Girando era amor perfeito
 Quisera ser um mal-me-quer
 Pra ferir o meu peito

H

Hoje meu coração recorda
 As tristezas e falsidade
 Cada vez que me lembro
 Me torna as tristes saudades

Hoje que imagino apesar
 Que me fizeste
 Te amei com tanto gosto
 Tanto gosto me deste

I

Inda não me esqueci
 Deste desgosto ingrato
 Hoje que tu me fizeste
 As até a paixão me mata

J

Já sei amor ingrato
 Que o tempo todo passou se
 Até o mesmo amor
 Que para nós acabou

K

Cá no coração
 Recordo as tristezas falsidade
 Cada vez que me lembro
 Me torna as tristes saudades

L

Lamento as tristes tardes
 Que eu contigo passeava
 Até a mesma conversa
 Que eu contigo conversava

M

Meu amante querido
 Já te esqueceste de mim
 Tanto que me garantiste
 Para que me fingiste assim

N

Não posso contar tudo
 O que tenho na vontade
 Só se eu falasse contigo
 Para te dizer a verdade

O

Ó meu amor ingrato
 Não sabes o meu coração
 Apesar que me fizeste
 Eu sofrer tanta paixão

P

Passo meus dias sozinha
 Chorando sem ter alívio
 Por me ver tão desprezada
 Ter neste mundo o que vivo

Q

Quero agora te contar
 O fim de nossa amizade
 Que eu nunca pensei
 Que pra mim usaste falsidade

R

Rompe o dia cresce aurora
 Nesta triste solidão
 Cada vez mais serenada
 A dor do meu coração

S

Saudades lembranças a Deus
 Satisfaz o posto teu
 Me responde ingrato
 Ao menos me dar Deus

T

Tanto bem que te queria
 Vou dar-te a saber
 Que passei a mão na pena
 Até não pude escrever

U

Um favor agora eu peço
 Para um verso responder
 A B C de tuas mãos
 Desejo a receber

V

Vai papel mal escrito
 Vai A B C tão querido
 Vai ver se faz lembrar
 De quem de mim está esquecido

X

Chorando te digo a Deus
 Entre suspiros e ais
 Eu por ti dando suspiro
 Tu por mim não suspira mais

Z

Zelo este A B C
 Que é dado por uma amante
 Diga que sempre fui
 Um amor firme e constante

Também há alguns meses atrás visitando seu Braz Sebastião da Figueira ele me veio com uma “Décima” perguntando-me se eu sabia do que se tratava. Respondi que não. Então ele me entregou e disse: *“leia e diga o que você acha”*. Ao ler fui pensando: *“são tesouros colocados em nossas mãos”*. Como um senhor que estudou até a quarta série primária, há tantos anos atrás, com tanta troca de letras, era capaz de descrever em detalhes o incêndio que aconteceu na escola no dia seis de março de dois mil e nove⁸² em versos? Senti-me pequeno diante dele. Terminando de ler apenas disse: *“eu não seria capaz disso”*. E aí ele me presenteou com um sorriso, como diz: *“você pode ser bom em história, mas em décima quem é mestre sou eu”*. São momentos de pura magia, de confirmação de um caminho certo em busca de outras formas de se produzir conhecimento. Vontade de gritar ao mundo que tão próximo as nossas escolas, podemos encontrar outras formas de conhecimento, e que nossa cegueira, nossa arrogância não nos permite perceber. Estão ali no nosso entorno, pedindo licença para invadir o espaço escolar, como no dizer de Dione Raizer em sua dissertação de mestrado *“Ó dono da casa dá sua licença pro meu boi dançar na sua presença [...]”* (RAIZER, 2008, p. 10).

Eis o exemplo de uma décima escrita pelo seu Braz:

⁸² Era por volta das duas horas da manhã quando uma mãe me ligou e chorando disse que a escola estava pegando fogo. Num primeiro momento achei que se tratava de trote porque que não conseguia identificar que estava ao telefone, mas de minha casa dá para ver a escola ao longe. Fui até a janela e vi o clarão confirmando o que estava acontecendo. Imediatamente, fui para lá onde permaneci até o amanhecer. Seu Braz, através da décima, dá conta dos detalhes ocorridos naquela noite. Mas, o que mais nos decepcionou enquanto educador, é que ninguém da gerência da educação da 19ª SDR (Secretaria do Desenvolvimento Regional), apareceu na escola, somente o pessoal técnico da SDR. O mais revoltante é que a própria comunidade escolar com o apoio das diretorias sociais e religiosas da comunidade do Ribeirão Pequeno teve que encontrar locais que pudesse ser transformado em salas de aula. Assim, o salão paroquial, a sala de catequese, a casinha do Apostolado da Oração e a sede do campo de futebol foram transformadas em salas de aulas improvisadas, inadequadas, longe da escola. E a Gerência de Educação não compareceu na escola durante todo o ano de 2009.

No dia 06 de março
 Foi um dia assinalado
 O que aconteceu no distrito
 Esse dia foi marcado.
 Tirou de minha memória
 Uma parte da história
 Que estava bem guardado.

Foi um grande alvoroço
 Isso foi de madrugada
 O povo tava dormindo
 Um pouco estava acordada
 Vendo um enorme clarão
 E o colégio em carvão
 Não sobrando quase nada.

O colégio era velho
 Já pensavam desmanchar
 Foi feito solicitação
 Veio ordem pra derrubar
 Fazer um colégio novo
 Para a alegria do povo
 E o ensino melhorar.

Foi feito a concorrência
 Começaram a trabalhar
 Veio gente de todo lado
 A essa obra comandar
 Por causa de um fogão
 Que a brasa caiu no chão
 A causa pra incendiar

O fogo foi alastrando
 Fez um enorme clarão
 Queimando toda parede
 E derrubando no chão
 Tinha gente que chorou
 E outros que desmaiou
 Quando caiu a armação

E ele atendeu ao pedido
 Vou dar a sustentação
 Vou acelerar as obras
 Em nome da educação
 Eu sou o governador
 Homem sério e de valor
 Vou cumprir minha missão

Só vou dar um recado
 Em nome do meu estado
 Eu vou à inauguração
 Queria estar no vosso lado
 Aceite de coração
 O meu aperto de mão
 E o meu abraço apertado

Vou encerrar meus versos
 Já cumpri com meu dever
 São males que vem pro bem
 Eu nunca vou me esquecer
 Só peço pra São Brás
 Que não deixa nunca mais
 Novo incêndio acontecer

Biografia

Sou casado e seis filhos
 Todos aprenderam a ler
 Tenho 66 anos
 Vivo feliz com prazer
 Tenho o quarto ano primário
 Do tempo do ABC
 Hoje sou aposentado
 Faço meu verso rimado
 Pra ler pra você
 Braz Sebastião Domingos

Os pasquins era outra forma desses moradores do distrito em se comunicar através de versos. Era uma espécie de jornal escrito a mão e que não ia o nome do autor. Tratava-se de denúncias, de vingança a uma determinada pessoa ou a uma família. Eram soltos durante a madrugada pela comunidade. “Naquela época quem não tinha coragem de criticar uma pessoa ao vivo, criticava no pasquim. Era um meio de criticar sem ser “descoberto (...) como eram várias cópias espalhadas não tinha como abafar”. (OLIVEIRA, 2010, p. 202)⁸³.

Outra forma de divertimento que era comum foi o pau de fitas cantado e também era tirado em versos. Podiam acontecer em festas juninas e até mesmo durante o carnaval.

ILUSTRAÇÃO 78 - Festa junina – década de 60



FONTE: Maria de Fátima Vechi

A passagem de circos era comum no distrito, que se fixavam principalmente na comunidade de Parobé.

Outra brincadeira que acontecia esporadicamente era o “Boi na Vara”, semelhante à Farra do Boi, porém, o boi ficava preso a um pau comprido enterrado no chão. Atiçado pelos farristas, o boi corria até certo ponto quando era segurando pela corda. O problema era quando o pau ou a corda arrebentasse, aí era aquela correria de homens e

⁸³ Seu Favico do Ribeirão Pequeno contou que havia um senhor em sua comunidade que “*tinha facilidade de escrever em versos segredos de família que eram estampados nesses pasquins. O pasquim causava muita polêmica, ou seja, dava pano para manga. Na passagem de um avião Zepelim a mais ou menos setenta a oitenta anos atrás o Sr. Antônio Araújo fez um pasquim. Fazia aquilo por brincadeira, mas ofendia as pessoas e chegava a causar brigas, afinal ele trazia a tona segredos de família, mas não tinha como descobrir ou provar quem tinha sido o autor da denúncia. Nesse dia em que o avião Zepelim sobrevooou o distrito de Ribeirão muita gente se assustou. O que deu de gente se escondendo nas roças, em tocas de pedra*”.

mulheres. Essa brincadeira sempre ocorria em campo aberto e mais comum também na comunidade *do* Parobé. Cheguei a participar dessa brincadeira, a mais ou menos vinte anos atrás quando a brincadeira aconteceu pela última vez.

ILUSTRAÇÃO 79 – Brincadeira do boi na vara - Escolhia-se um boi bravo e deixava-se preso por uns dias para que ficasse enraivado e com pouca alimentação. Parobé



FONTE: Isabel Medeiros

Nas sextas feiras santas, outra brincadeira praticada pelos moços e que a maioria das pessoas não gostava, era o roubo de galinhas para comerem após a meia noite. Muitos nesse dia escondiam as galinhas em outros locais ou ficavam vigiando. Hoje, a galinhada após a meia noite de sexta feira santa continua, porém, com galinhas compradas, são raros os roubos.

Para concluir, dizer que os velhos nos contaram de tudo, mas que falar do tempo de juventude certamente foi o tema que mais lhes irradiava alegria, satisfação no contar um tempo de rebeldia, de descobertas, de experiências e diria de enfrentamentos as normas da época.

2.4. O QUE NOS FALAM SOBRE A RELIGIOSIDADE

Mais de 80% dos moradores do distrito *do* Ribeirão Pequeno são católicos, mas poucos frequentam a Igreja com assiduidade. Nas

entrevistas realizadas, com frequência nos diziam que “*antigamente as pessoas eram mais católicas, que frequentavam mais a Igreja*”. Constatamos uma meia verdade nesse discurso que povoa o imaginário da maioria dos moradores idosos do nosso distrito. Na verdade, participavam mais por hábito, medo ou por falta de onde ir. O que fazer nos domingos? Ir aos terços e nas missas quando tinha. Ir a Igreja podia transformar-se num bom pretexto para depois ficar no passeio ou conversando com os amigos, quem sabe paquerando ou jogando um dominó na venda.

ILUSTRAÇÃO 80 - Foto que dá a dimensão da quantidade de crianças que havia em cada comunidade. Hoje, há comunidades que levam de dois a três anos para realizar a primeira comunhão por falta de crianças.



FONTE: Isabel Medeiros

Segundo os escritos de Antônio Silva⁸⁴ da comunidade *do Ribeirão Grande*, já à época do Império havia sacerdotes que

⁸⁴ Antônio Silva, ex-seminarista, foi um dos poucos homens do distrito que teve a preocupação em deixar por escrito os acontecimentos da religião da sua comunidade. Através desses apontamentos tem-se uma visão mais ampla da sua época (décadas de 40 a 60). A família digitou esses seus manuscritos em forma de um pequeno livreto e deixou na sacristia da Igreja. Na época das pesquisas junto aos velhos das comunidades, fiquei encantado com a preocupação desse homem em deixar para gerações futuras registros do dia-a-dia da sua comunidade. Veja como ele inicia seus relatos: “Para fazer constar em documento histórico a época de Ribeirão Grande, com rápida vista sobre o passado não muito remoto, fazemos ver que em 1900 havia nesta localidade umas 50 casas e hoje um total de 157, sem contar as de Cortiçal e Sambaqui; onde se contam agora mais de 70, pertencentes a esta capela. Em 1900 não estavam arruadas; porém distribuídas pelo meio das propriedades. Faziam-se carreiras desde o regato até o morro ao lado da capela em construção. Os morros da encosta de cá, já se encontravam desmatados em 1900”. E assim ele prossegue seus apontamentos, inclusive com uma consciência ecológica, que não fazia parte das preocupações da população de sua época.

periodicamente celebrava missas nas casas de moradores do futuro distrito. Mas a inauguração da primeira capela deu-se no dia 18 de julho de 1905 na comunidade *do* Ribeirão Pequeno, com a bênção sobre a pedra fundamental. A segunda capela foi construída na comunidade *do* Parobé e a terceira, na Figueira, ambas na década de 30.

As Igrejas do distrito foram construídas a partir de pequenas doações como, ovos, bolos, galinhas. Com as doações faziam-se rifas, somadas ao dinheiro arrecadado nas festas o que permitia a construção das capelas, num fazer coletivo, envolvendo a maioria das famílias das comunidades.

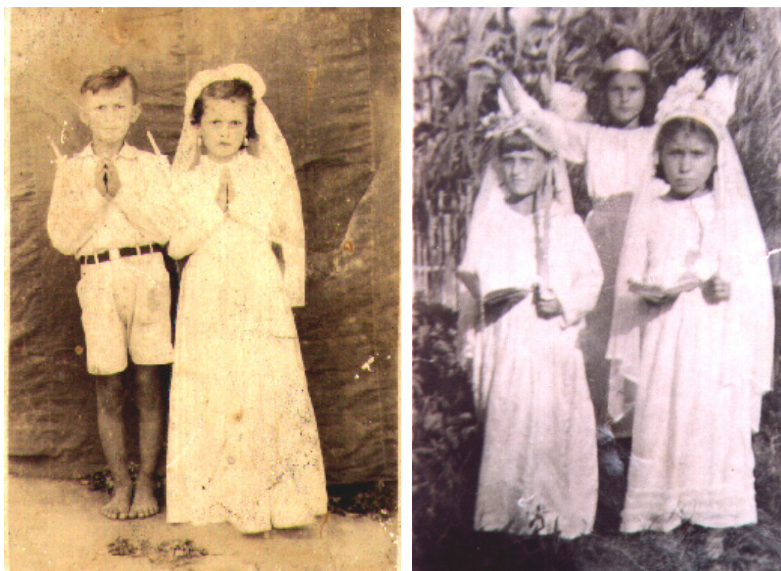
Brincadeira ou não do padre Carlos nos disse que *“o ovo que a galinha botava no sábado era para a Igreja”*. Ainda nos disse que quando rapaz, os pescadores de emenda *“tiravam um quinhão do que pescavam para a Igreja”*, ou seja, parte do que pescavam doavam em benefício da construção dessas capelas.

Em conversa com as pessoas mais velhas as três pequenas comunidades da época do início do século XX, Ribeirão Grande, Ribeirão Pequeno e Parobé desejavam ter a sua capela, mas a distância entre elas não ultrapassa os dois quilômetros e diante da imensidão da Paróquia Santo Antônio dos Anjos *da* Laguna, uma capela nesta região estaria de bom tamanho. Então, o povo *do* Ribeirão Grande e *do* Parobé deveria frequentar à capela *do* Ribeirão Pequeno. Nos escritos do capelão da comunidade de Ribeirão Grande, o Sr. Antônio Silva, o povo da sua comunidade acatou tal decisão, mas a *do* Parobé não aceitou e com o tempo resolveu construir sua própria capelinha, mesmo sem a autorização do bispo, forçando com o tempo, o pároco abençoar a capela “rebelde”.

Capela em caminho de ser benta, onde o povo vive completamente divorciado da disciplina eclesiástica fazendo suas festas sem assistência de sacerdote algum com a celebração de novenas e bailes: tudo promovido pelos negociantes do lugar que aproveitam estes ajuntamentos da mocidade para faltar vendas de bebidas e doces. Aconselha a prudência benzer-se a capela embora em linha reta não diste 1 Km da *do* Ribeirão. Já se entrou em acordo com os administradores da capela para passar a escritura pública. (...) Depois disso o vigário da paróquia terá a autoridade necessária

para coibir os abusos por ocasião das festas. 12.03.1926. Foi o que escreveu o padre José, vigário da época e responsável pelos católicos do Distrito de Ribeirão Pequeno⁸⁵. (LIVRO TOMBO)

ILUSTRAÇÃO 81 - Fotos muito antigas que mostram a primeira comunhão



FONTE: Maria de Fátima Vechi

Sobre a construção da terceira capela do distrito, nos contou seu Braz:

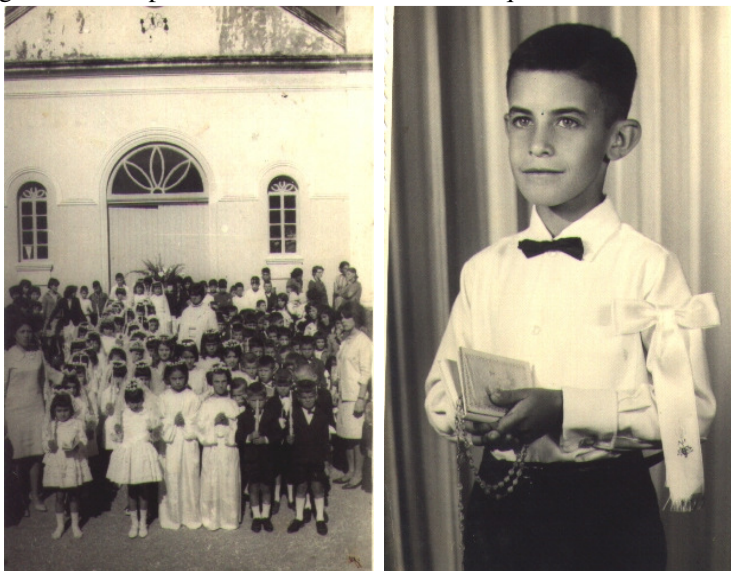
Pois bem, Ribeirão Pequeno quis construir uma Igreja e os moradores da Figueira ajudaram na construção e depois os “Figueiranos” se combinaram e fizeram a nossa Igreja que é feita só de barro e pedra, pois na época não existia cimento e o povo do Ribeirão também mostrou sua gratidão e ajudou a construir nossa igreja.

A religião fazia e faz parte do povo desse distrito, através das missas, dos cultos aos domingos, das festas dos padroeiros e também pelos salões paroquiais presente em todas as comunidades que oferecem periodicamente baile a juventude. Todos os salões pertencem à Igreja

⁸⁵ O livro Tombo encontra-se na Paróquia Santo Antônio dos Anjos da Laguna. Não é paginado.

Católica, incluindo os cemitérios locais que são comunitários, mas que tiveram suas construções a partir de diretorias ligadas à Igreja Católica. Portanto, mesmo que o jovem ou o adulto ou o velho não participe da Igreja ou que pertença a outra grêmiação religiosa, está ligado a Ela que é responsável, além dos eventos religiosos, é responsável também pelos principais eventos sociais, culturais, esportivo. O espírito religioso, ligado aos valores pregados pela Igreja Católica paira sobre os todos e todas.

ILUSTRAÇÃO 82 - Primeira comunhão. Fotos que demonstram a religiosidade do povo do distrito *do Ribeirão Pequeno*



FONTE: Pe. Carlos Wechi

As missas, antes, eram rezadas em latim. O padre vinha primeiro, uma vez por ano, depois as visitas passaram a cada seis meses, depois a cada três meses. Hoje, cada comunidade tem em média duas visitas do padre por mês. Havia uma casa paroquial nas principais Igrejas do distrito onde os padres ficavam durante essas visitas pelas comunidades do distrito⁸⁶.

⁸⁶ Segundo depoimento da dona Antônia do Parobé, “*todos eram católicos. Cada família tinha de 12 a 15 filhos. Nas festas vinha muita gente. Eram construídas muitas barracas. Tinha festa de São Sebastião em janeiro e da Santa Cruz em maio e São Miguel no seu dia. Eram feitos arcos de flores e bandeirolas na frente da Igreja. Havia muito nordeste. Vinha banda de músicas para tocar nas festas. Os músicos vinham de canoa. Havia muito respeito e fé. Nas*

ILUSTRAÇÃO 83 - Frente da antiga Igreja Católica *do* Ribeirão Pequeno. Ao lado a Casa Paroquial onde o padre ficava durante as visitas a comunidade



FONTE: Pe. Carlos Wechi

Em entrevista como o seu Marfísio da Madre contando sobre a religiosidade da sua comunidade, cada vez que invocava o nome de Deus ou a algo sagrado, levantava o chapéu em sinal de respeito. Aliás, até pouco tempo se você encontrasse uma pessoa na rua, os homens costumavam levantar o chapéu para cumprimentar. Tirava-se o chapéu ao entrar numa casa, venda e Igreja.

Apesar de toda religiosidade estar entranhada nas pessoas, há apenas dois sacerdotes filhos dessas terras – Pe. Carlos Wechi e Pe. Pedro de Oliveira da comunidade *do* Parobé.

festas a Igreja ficava pequena de tanta gente. Faziam mesas na rua e ali mesmo comiam. Não tinha torre nem sino. O que existia era uma sineta para chamar o povo. A primeira Igreja do Parobé era bem pequeninha, feita de barro. Havia uma imagem de São Miguel pequena em torno de trinta centímetros que durante muitos anos percorria as casas antes das festas”.

Disse-nos Pe. Carlos: “Os padres vinham de canoa e ficavam três dias na comunidade onde era celebrada a missa. Nesses três dias, além de celebrar a missa, também davam a catequese, realizavam casamentos, batizados, visitava os doentes. Atendiam a todas as necessidades espirituais do lugar. Eles eram recebidos no porto. O canoeiro na época na comunidade de Ribeirão Pequeno era o Sr. Generoso, mas cada comunidade tinha os seus”.

Comenta dona Vivile do Ribeirão Grande: “A gente tinha que ta em jejum pra comungar. Desde a meia noite a gente já não comia mais nada e a missa às vezes era às 10h da manhã. As pessoas tinham muito medo de pecar. O padre ficava a maior parte do tempo de costas para o povo e de frente para o sacrário. A gente só comungava de véu. Tinha que abrir bem a boca pra hóstia não bater no dente. Também nos escreveu: “existia muita fé, o povo ia até a Figueira, Parobé, Ribeirão Pequeno. Aqui (Ribeirão Grande) não tinha Igreja, era uma casa de família e ali se rezava o terço aos domingos e a via sacra na quaresma iam as missas no Ribeirão Pequeno, o povo tinha muita fé, não perdia a esperança”.

O primeiro padre ordenado, filho do distrito de Ribeirão Pequeno, foi o Padre Carlos Vechi no dia 14 de julho de 1963 às nove horas da manhã, na matriz Santo Antônio dos Anjos. A primeira missa do padre Carlos, aconteceu na comunidade de Ribeirão Pequeno, no dia 21 de julho. A comunidade havia preparado tudo para fazer a celebração ao ar livre, porém, choveu e tiveram que fazer a missa dentro da Igreja. (OLIVEIRA, 2010, p. 142).

ILUSTRAÇÃO 84 - Festividades da primeira missa celebrada pelo padre Carlos Wechi em sua comunidade no dia 14 de julho de 1963.



FONTE: Pe. Carlos Wechi

As Igrejas protestantes só chegaram ao distrito na década de 70 do século passado. São elas: a Assembléia de Deus que está presente nas comunidades de Ribeirão Pequeno, Parobé e Ponta do Daniel com pequenas igrejas; a Congregação Cristã do Brasil que se encontra nas comunidades *do* Ribeirão Pequeno e Morro Grande e as Testemunhas de Jeová que têm seu Salão na comunidade *do* Morro Grande.

2.5. O QUE NOS FALAM DA ALIMENTAÇÃO

A base da alimentação do povo desse distrito sempre foi à farinha de mandioca, de onde se faz o prato típico do litoral catarinense, o pirão de feijão e o pirão d'água.

Dona Antônio *do* Parobé nos fala da alimentação:

Ao levantar entre quatro e seis horas da manhã se tomava o 'mata bicho' ou seja, um pouquinho de café puro tirado de debaixo do coador. Antes de ir para a roça tomavam café com o que tivesse 'magrinho'.

Podia ser pão caseiro, pão de milho, rosca, broa de polvilho. Entre nove e dez horas já na roça tinha o café que chamava de ‘zonza’. Café, leite, pão caseiro. A maioria comia pirão de feijão. Ao meio dia acontecia a ‘janta’ que para os descendentes de açorianos era pirão com peixe levado pelas crianças entre sete e dez anos. A noite tinha a ‘ceia’. Também era pirão. As pessoas mais velhas comiam mais era pirão d’água. Quando não tinha peixe, comiam farofa de banana.

Em praticamente todas as refeições aparecia a farinha de mandioca. Nos cafés, as farofas – de ovo, de banana, de peixe, de ova ou moela de peixe, de camarão, farofas de mursilha, tripa de porco ou de boi e para os descendentes de alemães, farofa de manteiga. Se não fosse farofa, seria cuscuz, beiju, batata doce, aipim, rosca, broa, nego deitado, biroró, mané pança, bijajica, paçoca, tapioca ou “pomba de grilo” que é farinha de mandioca torrada com açúcar. Também se dizia que se ia tomar café com coruja, que são bolinhos feitos com farinha de mandioca, além dos bolos feitos no forno do fogão a lenha ou nos fornos de barro construídos no terreiro. No almoço, que chamavam janta, e na janta que chamavam ceia, comia-se o pirão de feijão. Também era frequente se comer camarão e siri, pescados na lagoa de frente ao distrito.

O peixe podia ser comido de várias maneiras: frito, ensopado, aferventado - cozido em água -, assado na boca do fogão a lenha. Para preparar o peixe, em primeiro lugar, “se conserta”, para depois escalar, salgar e pôr ao sol para secar. A água em que o peixe é aferventado é aproveitada para fazer o pirão d’água. Esse hábito ainda é muito freqüente em nossas comunidades. (...) “Consertar peixe” é o mesmo que “limpar o peixe”; “escalar o peixe” é abri-lo pelas costas, transformando-o numa peça inteira. Tem ainda a “meia escala”, em que o peixe é aberto em duas partes, ligado apenas pela cauda. (OLIVEIRA, 2010, p. 161).

Até na hora de comer fruta, se comia com farinha de mandioca: abacate com farinha, laranja com farinha, melancia com farinha.

A mesa era lugar sagrado, de reunião da família. Ali se almoçava, se jantava, se planejava o dia seguinte, se avaliava os trabalhos feitos na roça, se ria, se xingava quem tinha que ser xingado, se rezava.

Crianças não comiam na mesa, mas no chão, sob uma esteira, reunidos ao redor de um aguideal, pote de barro, onde comiam em média de duas a quatro crianças. Depois de feito o pirão, a mãe riscava o pirão, uma parte para cada criança. Tocava um peixinho para cada filho e dizia “*é quinhão*”, ou seja, era só aquilo que havia para comer. Não se repetia a comida, aliás, as crianças já acostumadas com a parte que lhes cabia, terminava de comer e saía. Se sentissem fome, comiam as frutas da época, ou beliscavam alguma sobra. Criança sentada na mesa com os adultos era falta de respeito. Não cabiam as crianças “se intrometer” nas conversas de “gente grande”. Até podiam ouvir, mas já mais participar.

Carne de gado, só aos domingos, quando tinha. Era raro se comer carne vermelha, somente quando alguém carneava por perto, no mais era charque, carne salgada e secada ao sol. Muitos criavam porcos e na hora de matá-los, serviço coletivo onde todos trabalhavam, faziam ‘mursilha’ e o torresmo. A banha do porco tinha várias utilidades, inclusive para conservar a carne fresca.

Comer fruta, somente as da época. As frutas mais comuns no distrito eram e são: jabuticabas, tucum, ingá, ‘maracarun’, goiaba, laranjas, banana, etc.

Rara a casa que não tivesse um galinheiro, onde se criava galinhas, gansos, patos, marrecos, peru. Em dias de “rebojo”, vento sul com frio e chuva dizia-se que eram dias de “papa frango”, ou seja, como não dava para pescar, comia-se galinha de casa.

O discurso que percorreu a maioria das entrevistas quando se tratava de alimentação é que a vida era muito difícil, de que havia muita pobreza – sempre falavam na expressão “dividir um ovo para dois” para nos dar a dimensão do que passavam para sobreviver.

Já para os descendentes de italianos a comida era um pouco diferente:

Nossa alimentação era muito queijo e polenta, pois além de meus pais serem descendentes de Italianos, era um tipo de comida mais barata. A polenta era feita em fogão a lenha em um caldeirão de ferro, esquentava-se a água e logo após colocava-se a farinha de milho, também cultivada por nós. Fervia pelo menos uma hora e meia sempre mexendo com uma colhe de pau e uma pitada de sal. (dona Hilda do Parobé).

Ao levantar tomavam um café com o que tinha e depois, às nove horas era o café reforçado com polenta, que eles chamavam ‘loro do manharé’ Ao meio dia podia-se comer desde minestra, batata, canja de galinha ou galinha ensopada, macarronada ou até inhoque e muita

verdura, principalmente radichi. Os “brasileiros” quase não comiam verdura, foram aprendendo com os italianos. À noite geralmente era polenta. Dormiam cedo para acordar cedo no dia seguinte. (dona Rosalina do Parobé).

2.6. O QUE NOS FALAM DA ECONOMIA DO DISTRITO

A base da economia da Laguna é a pesca, reconhecida pela alta produção de camarão, além de peixes e siris e o turismo com suas belas praias, história, e a cultura. Como o município é formado por lagunas, a sua vocação para o mar foi e é inevitável, incluindo o distrito do Ribeirão Pequeno, que também ainda tem como base econômica a pesca. Digo ainda, porque a decadência dessa atividade econômica é vista a olhos nus, pela falta de políticas públicas, pela falta de valorização da atividade e pelos próprios pescadores que não a consideram profissão, faltando-lhes organização.

A pesca predatória das décadas de 70 e 80 teve como consequência a brusca diminuição do pescado. O peixe e o camarão foram embora e junto com eles muitos pescadores da cidade e do distrito, que hoje engrossam as periferias das grandes cidades, como Joinville, Criciúma, Blumenau, São Paulo, como já foi comentado.

Diríamos que uma grande parcela da população distrital vive hoje, dos seus aposentos, outros do defeso⁸⁷, e outros de uma vasta gama de profissionais de várias áreas e é muito comum homens casados e solteiros irem trabalhar fora, praticando a migração sazonal, retornando de tempos em tempos. A família fica, mas seus homens partem em busca do sustento.

Mas num tempo não tão distante a realidade era outra, economia familiar, vivendo em pequenas propriedades. Colhia de um tudo que necessitasse: a mandioca, alimento base do distrito, a banana, o aipim, o amendoim, o milho, a cana para fazer açúcar e melado e alimentar o gado, as frutas da época. Sem uma consciência ecológica, que a época não exigia,

As atividades agrícolas desenvolveram-se por meio de uso e ocupação do solo de forma desordenada, principalmente nas margens do rio, encostas íngremes, entorno de nascentes e topos

⁸⁷ Época da procriação de peixes e crustáceos, como o camarão e bagre. Durante esse período que dura aproximadamente três meses, o pescador é convidado a não pescar e como forma de recompensa, recebe do governo federal um determinado salário.

de morros, sem um planejamento adequado com substituição da cobertura vegetal original em sua maior parte por pastagens e culturas cíclicas, predominando a inserção de espécies de gramíneas do gênero *Brachiaria* spp., como alternativa, para o aumento da produtividade da pastagem para o gado. (REBELO, 2006, p 33)

Sempre que possível criavam uma vaquinha de leite e de tração animal. Hoje não se cria mais bois para tração, mas para corte, de forma extensiva, sem grandes cuidados e o pior, nos morros que não é ideal para criação de gado, pois tanto o gado engorda com o pasto como emagrece em busca de água subindo e descendo os morros.

Na comunidade da Madre, nas últimas décadas muitas senhoras engrossavam a renda familiar fazendo queijo. Mas o medo da fiscalização por falta de registro fez com que muitas famílias abandonassem essa atividade. Era famoso o queijinho da Madre. Os “filhos da terra”, quando retornavam para visitar seus familiares iam até essa comunidade para comprar o “queijo da Madre”. Aliás, cabe aqui uma reflexão: comum a esses “filhos da terra” levar para suas moradias nas grandes cidades, além do queijo, o torresmo, a farinha de mandioca e a cachaça do Ribeirão, como que um elo que os mantinha ligados a sua terra de origem, como se a cada pirão de feijão, a cada pedacinho de queijo e torresmo saboreado, a cada aperitivo consumido, os fizesse lembrar o passado, lembrar as suas raízes.

Quanto à pesca, trata-se de uma atividade que exigia e exige muita técnica, desde a fabricação da canoa, seja ela de um pau só, seja ela canoa de convés ou canoa grande como a chamavam na época, ou a batera, tipo de barco muito comum hoje. Essa técnica também perpassava a arte da confecção dos instrumentos de pesca como tarrafas e redes.

As canoas de um pau só, raramente são construídas nos dias de hoje principalmente pela falta da madeira, o que se vê é a manutenção das mesmas que estão se tornando raridades e de alto valor comercial. Hoje resta apenas um senhor no distrito, seu Juca da comunidade *do Morro Grande*, que ainda domina a técnica, considerado mestre em confeccionar canoas de um pau só. Hoje ele trabalha apenas na manutenção das que já existem, aprendeu o ofício com seu pai. Contou-nos que iam longe, chegando até a região de Urussanga, se embrenhando mata adentro, infestadas de onças e índios a procura da madeira certa.

ILUSTRAÇÃO 85 - Seu Juca *do* Morro Grande trabalhando numa canoa de um pau só



FONTE: José Bráulio Fernandes

As canoas de convés não existem mais. Não sobrou nenhuma em todo o município de Laguna, mas foram muitas no passado. “*A diferença de uma canoa comum para uma canoa de convés estava no tamanho que era bem maior e também no fato de que ela tinha um porão que servia para transportar todo tipo de mercadoria*”, nos disse seu Juca do Morro Grande.

ILUSTRAÇÃO 86 - Exemplo de barco de convés. Este se chamava Fortaleza e acabou abandonado na curva do rio Parobé. Por muitos anos ainda se observava parte desta canoa semi enterrada no lodo



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

À época das entrevistas, nos impressionou a fala do seu Zezo, contando a dificuldade que era manejar esse tipo de embarcação.

Laércio, esses barcos eram remados por quatro remadores que iam se revezando. Dois remavam e dois descansavam porque cansava muito. Empurravam o remo pela lateral da canoa, da proa até a popa. Enquanto um remador estava chegando na proa, o outro estava chegando na popa. Remavam de costas por um corredor que havia de cada lado do barco. Quando o barco estava navegando no fundo eles içavam a vela. Se houvesse vento procuravam as partes baixas no mar para remar.

A fala da dona Dalvinha da Ponta do Daniel, sintetiza a admiração que as pessoas tinham por esse tipo de embarcação:

Ah era muito legal. Quando essas canoa grande passava aqui na Ponta do Daniel, a gente saía correndo até a beira da lagoa pra ver. Elas eram a vela, carregava muita gente, tinha banco pras pessoas sentar. Embaixo eles carregavam farinha, cachaça, de tudo, até pedra.

Hoje o que se vê na região é as “bateras” e os botes, barcos confeccionados com tábuas. Também é uma arte a confecção dessas embarcações. Encontramos no distrito vários homens mestres na construção desses barcos.

Quanto à forma de se pescar o mais comum é com tarrafa que dependendo da malha se pega determinado peixe ou o camarão que exige a “malha miudeira”. O camarão hoje é pescado com “aviãozinho⁸⁸”. Antigamente no lugar do liquinho, pescava-se com tocha de fogo o que exigia que o pescador ficasse pescando a noite inteira.

⁸⁸ Aviãozinho é um tipo de pesca onde ao anoitecer o pescador vai até a lagoa em locais já determinados e demarcados por bambus fincados no fundo. Lá armam a rede em forma de um coador com a boca bem larga. Sobre o bambu, amarram um liquinho aceso que atrai o camarão que entra nesse funil e não consegue mais voltar. Pela manhã ou ainda na madrugada, o pescador retorna para recolher o camarão. Quem passa pela BR-101 à noite na localidade de Cabeçuda, junto a ponte das Laranjeiras tem a impressão que está diante de uma cidade pela quantidade de luzes acesas dentro da lagoa.

ILUSTRAÇÃO 87 - Casa de descascação de camarão do Sr. Claressdino no Parobé



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Outra forma de pescar comum até os dias de hoje, é a “emenda” que se trata de uma pescaria coletiva onde se escolhe o local, cerca-a com rede e ali dentro os pescadores ficam tarrafeando⁸⁹.

⁸⁹ Selecionei três depoimentos relacionados à pesca de emenda. Através de suas falas, vamos compreendendo o dia-a-dia do pescador em nossa região:

Dona Maria Cecília do Morro Grande: “Uma vez eles deram um ‘lanço’ de miraguaia pra lá da ponte que se chama mar de cima e pegaram um temporal de vento e granizo que quase morreram todos vieram tudo cheio de hematomas por causa das enormes pedras, mas se salvaram todos graças a Deus. Também pegava muito ‘camarão de espera’. A espera fincava um pau no mar e amarrava a canoa e ia uma lata no barco da canoa com uma luz de querosene dentro para fazer o clarão na direção certa para tarrafiar no clarão, era o chamado camarão de espera”.

Seu Juca do Morro Grande: “Não havia motor, as canoas eram a remo e à vela. Ia-se até Imaruí sempre em duas ‘canoas de rede’ (as que levavam as redes) e três ‘canoas de bater’ (que levam o peixe em direção à rede) para cercar o peixe no ‘bатуке’. Eles cercavam o peixe. Faziam uma roda de rede e batiam os pés e o bambu na água e o peixe ia em direção da rede e malhava. Pulava um pescador na água, pegava a ‘roda’, em um certo tempo a roda estava fechada e o peixe todo malhado. Eles chamam a roda de ‘rede de lanço’ ou rede de encontro. O lanço era feito com duas canoas de convés” comentou seu Juca que continua nos explicando: “Antes as canoas de convés chegavam muito carregadas de bagre. Nos ‘lanços’ eles tinham que ver o ‘peixe matando água’. Nós enchia até 30 canoas de peixe”.

Dona Dalvinha da Ponta do Daniel: “Os fios de linha que eles usavam na confecção das redes da emenda eram feitos de chumbo de barro embaixo, que mantinha a rede no fundo e as cortiças tiradas do banhado que ia acima da rede. As cortiças serviam como bóias e mantinham a outra extrema da rede flutuando. As tarrafas de camarão ou eram feitas de ‘linha tubo itaui’ ou de folhas desfiadas de tucum, pé de fruta muito abundante na época em nossos morros. Essas folhas eram colhidas, curtidas, e as mulheres desfiavam e faziam os fios. A pesca do camarão era de tarrafa. Quando pescados eram colocados em latas de querosene. Não havia naquela época arte de pesca como aviãozinho ou coca. As canoas eram à vela e

ILUSTRAÇÃO 88 - Exemplo de uma emenda. Observe que os canoieiros cercam um determinado local com suas redes e aí vão tarrafeando. O pescado é dividido entre todos, sendo que o dono da emenda leva a parte maior



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Quanto à agricultura, o que sempre vimos no distrito é a agricultura familiar desenvolvida em pequenas propriedades nos morros. O plantio da mandioca era o carro chefe. Garantir a farinha da mandioca para o ano era a prioridade entre as famílias. Quem não tinha engenho, “fazia” sua farinha nos engenhos dos outros. Aliás, ninguém deixava de fazer farinha por falta de engenho.

Muitas famílias não tinham o seu próprio engenho, por essa razão fazia parte da cultura da população permitir que outras pessoas também usassem os seus engenhos através de vários tipos de pagamento: uns não cobravam nada, outros arrendavam o engenho, outros através da terça, ou seja, uma terça parte da farinha produzida ficava com o dono do engenho e outros cobravam em serviço. Portanto, a preocupação de qualquer família era garantir o plantio da mandioca, pois

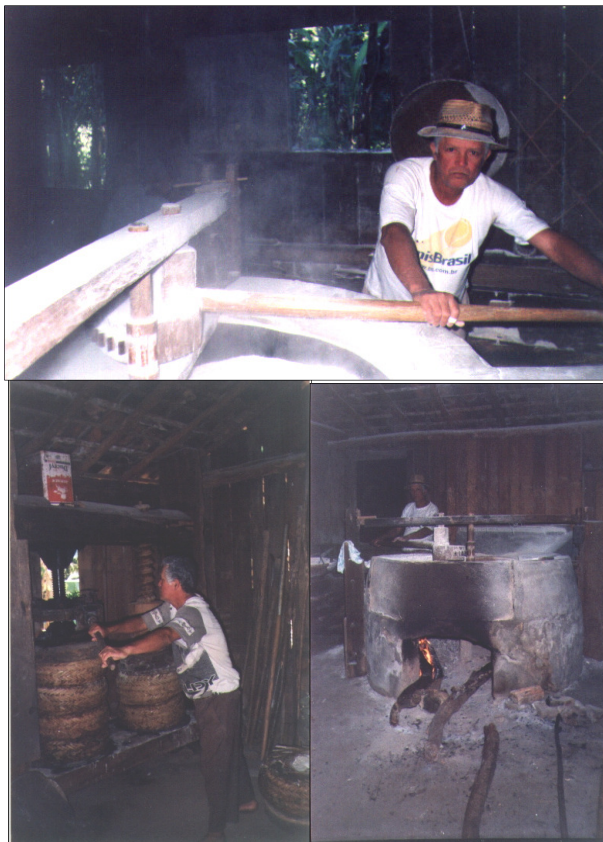
eles já pagavam impostos. Quando o vento era muito forte, não saiam para pescar. Os maiores compradores de camarão foram o Sr. Clarisdino, o Braizinho, o Patrício e o Sr. Migue”l.

engenho não chegava ser um problema.
(OLIVEIRA, 2010, p. 50).

Dona Hilda do Parobé nos escreveu contando como era processado a farinha de mandioca entre os italianos adaptados a cultura local⁹⁰. Esse engenho que dona Hilda se refere existe até hoje. Anexado a ele, existe uma serraria, que são tocados a água, técnica trazida pelos italianos. Interessante analisar que num mesmo local está presente a cultura açoriana/indígena e a italiana dividindo o mesmo espaço. Nos engenhos de cultura “açoriana/indígena eles eram movidos a boi. Técnica, habilidade fazia parte daqueles que trabalhavam nos engenhos no tempo da farinhada, momento da família e vizinhos se reunirem, pois se trata de um fazer coletivo que envolve muita gente, desde a retirada da mandioca da roça até o ensacamento. Nem mesmo as crianças eram poupadas nesse processo.

⁹⁰ “Vou contar em detalhes como funcionava a lida no processo da fabricação da farinha. O engenho era bem grande, tocado a água e é assim até hoje. Primeiro vinha o plantio da mandioca, onde limpávamos o terreno e depois plantávamos. O transporte da mesma era em carro de boi e depois de transportado começava todo o processo. A mandioca era separada em pequenas quantidades e colocada no raspador, ali ficava rodando embaixo de água corrente por pelo menos uma hora, depois eram tiradas e colocadas outras quantidades, assim sucessivamente até ficarem todas limpas, tirávamos as pontas [pê] uma a uma e com um balaio eram colocadas no seivador, em seguida ia para a prensa já transformada em uma massa. Passada então por uma peneira, essa massa já era comercializada para a fabricação de: biju, cuscuz, bejaíca e outros. A água que saía da prensa era aproveitada para a fabricação do polvilho que também servia para fazer: rosca, broa e bolos, tudo era aproveitado. Então a massa era colocada em um enorme forno, que funcionava até de madrugada, tocado a lenha, também cultivada na roça. A farinha já torrada era separada do carolo, ensacada e vendida para que com o dinheiro comprar os alimentos necessários para sobrevivermos no sertão. Lembrando ainda que todo esse processo era manual e tornava-se muito cansativo. A época da farinha ia de maio até o começo de setembro”.

ILUSTRAÇÃO 89 - Forneando. Trabalho que exigia e exige muita técnica, muito conhecimento



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Cabe ainda dizer com muita tristeza que esse tipo de indústria artesanal/familiar está acabando, restam poucos engenhos. Para se ter uma ideia, na comunidade de Ribeirão Grande de 25 engenhos de farinha e alambiques na década de 50, resta apenas um.

Com a construção da estrada geral a partir de 1962, as famílias foram abandonando os morros porque a mecanização da agricultura os expulsava de suas terras. Não havia como utilizar as novas tecnologias em suas propriedades, com terrenos íngremes e pedregosos. A saída foi vir morar nos núcleos das comunidades e dedicar-se a pesca ou migrar para as cidades grandes. Os que insistiram ficar e trabalhar na pesca, nas

décadas de 80 e 90 também foram obrigados a migrar pela decadência do pescado em virtude da pesca predatória aplicada na região.

Ainda tratando da economia do distrito, cabe lembrar o corte de pedra ferro, atividade mais forte entre os homens da comunidade *do Morro Grande*. Atividade que exigia a abertura de estradas nas poucas matas que restavam nos morros, degradando a natureza. Essa atividade também está em franca decadência em virtude da fiscalização que vem proibindo essa atividade. Novamente, famílias inteiras que sobreviviam dessa atividade tiveram que partir.

Outra atividade em franca decadência são as lavadeiras de roupa da comunidade do Ribeirão Pequeno para a cidade *da Laguna*, atividade que percorreu o século XX. Famílias do centro da cidade que acreditavam que a roupa lavada em água corrente ficava mais limpa. Semanalmente senhoras buscavam os sacos de roupas sujas na segunda-feira e devolviam limpas no final da semana. Essa atividade ajudava na renda familiar. Primeiro transportados em canoas e depois no ônibus⁹¹. Hoje, não passam de duas ou três senhoras que insistem nessa atividade, graças a famílias de idosos da cidade que ainda resistem à máquina de lavar roupas⁹².

⁹¹ A empresa de ônibus colocou o horário das seis horas da manhã nas segundas feiras, em direção ao centro, para essas senhoras transportarem os sacos de roupas. Os últimos carreiros de bancos do ônibus eram tomados por esses sacos. O horário continua até hoje, mas as lavadeiras já não existem mais.

⁹² Sobre as lavadeiras da cachoeira, nos escreveu o seu Manoel Irineu do Parobé: “As lavadeiras desciam do sertão para a cachoeira que em cada pedra tinha uma delas lá elas falavam fofocas sobre a vida dos outros enquanto lavavam roupa colocavam para quicar nos pastos e depois torciam e colocavam para secar nas árvores”.

História contada por dona Maura *do Ribeirão Grande*: “A tia Angélica do Manoel Ângelo era lavadeira, elas lavavam roupa na cachoeira, no lavador de madeira e minha avó Joana lavava roupa também. Um dia a tia Angélica e a D. Paulina foram lavar roupas de canoa, e a canoa virou no mar lá fora deu um vendaval muito forte que elas quase morreram, perderam a lavação toda, mais foram perdoadas pela dona da lavação, mas quem salvou elas foi outra canoa lá da Figueira”.

Escreveu-nos dona Dalvinha da comunidade *da Ponta do Daniel*: “Falamos das lavadeiras, as lembranças que eu guardei eram assim: ganhavam muito pouco, lavavam um dia todo, ajoelhados a beira da cachoeira. A noite retornavam com as roupas para entregar por muito pouco. Só podia pagar as mulheres os fazendeiros fortes, os donos de engenhos forte”.

ILUSTRAÇÃO 90 - Lavadeiras de cachoeira *do Ribeirão Pequeno*



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

E assim a modernidade foi lentamente, sem que se percebesse, expulsando nossa gente, da nossa terra. Essa deve ser a razão das 336 casas vazias em todo o distrito no início de 2011, sem falar nas que foram desmanchadas ou que caíram. Pouco se fez pouco se faz para conter a sangria do êxodo rural. Desde a década de sessenta, a cultura da cidade grande suga nossos jovens que sonham, que esperam, que se aventuram, que partem.

Dos que partiram há mais tempo, seus filhos e seus netos já romperam com o elo que os unia a esse lugar. Já não sentem vontade de comer a farinha ou de beber a cachaça do Ribeirão, de sentir o cheiro, a cor, o gosto do queijo que trás consigo a comunidade da Madre, de saborear um delicioso ensopado de cabeça de bagre da Figueira. Já não há entre essas novas gerações a saudade, a necessidade de manter-se ligado a uma terra que não lhes diz nada. E assim vamos trilhando pela história, com o coração em frangalhos, entre lágrimas e esperanças, fazendo parte desse universo dos que abanam aos que partem.

Quero fazer um parêntese aqui e trazer várias situações em que o povo viveu essa dor de quem tem que partir e a dor dos que tem que ficar ao longo da história do povo do distrito *do Ribeirão Pequeno*. Esse é um dos objetivos desse trabalho: mostrar a cultura enquanto movimento, assimilando, acrescentando e esquecendo manifestações da cultura.

Toda essa caminhada trabalhando com a cultura local me levou também a passar de ouvinte a narrador, talvez eu tenha me apropriado

do sentimento, da necessidade de narrar o passado e aqui me encontro na mesma posição dos velhos do distrito, no papel daquele que abana aos que partem. O que me consola é que muitos dos meus antepassados passaram pela mesma situação, exemplo, nossos ascendentes das nove ilhas dos Açores (Terceira, Corvo, Pico, Santa Maria, São Miguel, Flores, Faial, Graciosa, São Jorge) que a beira do porto, no século XVIII, abana aos parentes que partem em direção a Santa Catarina, que sabiam que jamais os veria novamente. Fico imaginando esses “parentes” chorando à beira do cais, a olhar a caravela até desaparecer por completo no horizonte. O mesmo sentimento vivido pelos imigrantes europeus - alemães, poloneses, italianos - que certamente nunca mais esqueceram o som provocado pelas caldeiras dos navios a vapor do final do século XIX e seu apito anunciando a partida em direção à Santa Catarina, levando os seus para sempre. Também, o mesmo sentimento vivido pelos nativos dessa terra, os carijós, que viram sua cultura dando lugar a outras culturas que chegavam reivindicando espaço.

Também os lagunenses mais bairristas, mais ligados à tradição, que ao longo da história de Laguna, viram sua cidade crescer e declinar economicamente, que presenciaram seu território ir se dividindo ao passar dos tempos através das emancipações políticas, como Tubarão emancipada em 1870; Araranguá em 1880, Imaruí em 1890; Imbituba em 1923 e em 2012, quando será a vez de Pescaria Brava. De um imenso território que fazia limites com Desterro ao norte e os Campos de Viamão ao sul, resta um pequeno território que dá quase que transitá-lo a pé num único dia.

E por fim, lembrar o sentimento das mães que viram seus filhos partirem para trabalhar como garçons em São Paulo nas décadas de 70 e 80, época em que eu estava na adolescência, que também desejava trilhar o mesmo caminho dos meus primos e amigos, que lembro o sorriso de dor de minhas tias e senhoras que ficavam olhando a estrada na esperança de vê-los retornar para visitá-los. Apenas visitá-los, porque sabiam que a terra não os oferecia sustento, sobrevivência a essa nova geração.

São sentimentos de ruptura, de perda, de partida. Aos que ficam, o sentimento da mais pura saudade, que sofrem, mas que entendem. E à medida que a velhice se aproxima mais e mais esses sentimentos vão aflorando. Por isso, que muitos filhos da terra querem retornar ao seu chão, ao seu ninho, mas muitos já não podem mais, porque tem filhos casados e netos e não querem se afastar deles, outros porque suas condições financeiras já não possibilitam a volta.

Mas ao mesmo tempo em que tenho esse olhar para o passado, uma motivação brota de dentro de mim enquanto pesquisador, um sorriso escancara em meu rosto, uma esperança encharca meu ser. E é nessa intersecção entre o ontem e o hoje que trilho enquanto educador e pesquisador. Por isso, a satisfação imensa ao ver a alegria dos velhos e ex-moradores do distrito com o lançamento do livro “Memória. Um Patrimônio Irrenunciável. Comunidades do distrito de Ribeirão Pequeno da Laguna, que narra um bocadinho de fragmentos da cultura dessa gente. Gente que diz: *“aquela pequenininha da foto, na primeira fila sou eu”* ou aqueles que vêm me criticar, dizendo *“você deixou de contar um monte de coisas”* ou ainda aquele que diz: *“se você escrever outro livro me avisa que eu tenho umas histórias pra ti contar pra ti colocar no livro”*. Só em ver que pessoas estão lendo o livro em outros lugares desses brasis, e que estão se vendo, se sentindo enquanto filhos dessa terra, minha missão está cumprida. Aqui o livro tem o mesmo papel da farinha, da cachaça, do queijo, do peixe. Ele é o elo necessário que os mantém ligados a nós. Como é bom trabalhar com esse universo da cultura, da cultura do povo simples, do popular, de um pequenino chão escondido atrás dos morros e de frente para o mar. E aí uma felicidade toma conta da minha essência e vejo o quanto é belo abanar, o quanto é belo receber, o quanto é belo contar e recontar.

Nesse momento não tenho como não lembrar a música de Roberto Carlos, “Meu Pequeno Cajueiro”:

Eu passo a vida recordando, de tudo quanto aí deixei. Cachoeiro, Cachoeiro, vim ao Rio de Janeiro p'ra voltar e não voltei! Mas te confesso na saudade, as dores que arranjei pra mim, pois todo o pranto destas mágoas, ainda irei juntar nas águas do teu Itapemirim

Meu pequeno Cachoeiro vivo só pensando em ti. Ai que saudade dessas terras entre as serras, doce Terra onde eu nasci! Meu pequeno Cachoeiro, vivo só pensando em ti. Ai que saudade dessas terras entre as serras doce Terra onde eu nasci!

Recordo a casa onde eu morava, o muro alto, o laranjal. Meu flambuaíã na primavera, que bonito que ele era dando sombra no quintal. A minha escola, a minha rua, os meus primeiros madrigais, aí como o pensamento voa, ao lembrar a Terra boa, coisas que não voltam mais!

(Falando)

- Sabe meu Cachoeiro, eu trouxe muita coisa de você e todas essas coisas me fizeram saber crescer e hoje eu me lembro de você, me lembro e me sinto criança outra vez! (CARLOS, 2011)

2.6.1. Economia do distrito *do* Ribeirão Pequeno por comunidade

2.6.1.1. Madre e Cortiçal

A Madre é a comunidade que possui a maior extensão de planície, por isso, sua vocação a criação de gado, sendo sua base econômica, com gado de corte e leite. Nessa comunidade encontra-se a cooperativa Coopersanto, associação de pequenos criadores de gado. A diretoria é formada na sua maioria por criadores da região, não elitizada. Certamente é uma das experiências mais interessantes que ocorre no distrito, pois se trata de uma cooperativa que por vários anos vem dando certo e prestigiando qualquer pessoa que deseja criar gado e que não possua terreno. Como as propriedades nos morros do distrito são pequenas, é comum as pessoas manterem seu gadinho no verão no Campo da Era enquanto o pasto cresce, para manter o gado no inverno. A propriedade é dividida em duas propriedades: uma na comunidade da Madre e a outra em frente às comunidades *do* Parobé e Ribeirão Pequeno⁹³.

⁹³ Eis alguns depoimentos de velhos dessa comunidade a respeito da economia:

Dona Dêlcia da Madre: “*Nós plantava aipim, batata doce, banana, milho, arroz e muita verdura. O problema era a enchente que volta e meia vinha e levava tudo o que haviam plantado. O jeito era começar tudo de novo*”.

Seu Pedoca da Madre: “*A vida era plantar e pescar. O rio Tubarão era muito bom pra peixe. Os peixes eram vendidos em Tubarão e as coisas que plantavam vendiam em Laguna, como tomate, repolho. Vendia-se até lenha. Nós pescava-se bagre, tainha. Não existia caminhão era só canoa grande*”.

Seu Marfísio: “*Hoje é refrigerante, naquele tempo era uma gasosa, né? Que gelada? Naquele tempo não existia geladeira, não existia nada. Era assim, se a gente ao mar e pegava um peixe né, que sobrava da diária, ia tudo pro sal, era tudo salgado. Dava uma enxugada no sol né. Era assim, as coisa naquele tempo era assim rapaz, era, se tornava-se difícil, mas também era muito bom, porque chegava de manhã, Laércio, a família era grande. Eu não fui das maior, mas criei onze filhos, dos meus amigos, teve algum que criou quinze. Só tenho um morto. Aí, era assim, chegava de manhã, Laércio, tava aquela filharada tudo em casa, tomava um café. O que era de homem, vamo pra roça. As filha mulher, ia trabalhar na casa com a mãe. Acordava cedo. O sol não tinha saído ainda. Naquele tempo não tinha um rádio, não tinha uma televisão, chegava a boca da noite, todo mundo naquele tempo não tinha um banheiro, mas tinha muita gamela de madeira de figueira*”.

ILUSTRAÇÃO 91 - Seu Pedoca e a pesca de bagre no rio Tubarão.



FONTE: Pedro Cardoso Filho

2.6.1.2. Ribeirão Grande

É muito complicado determinar a base da economia da comunidade *do* Ribeirão Grande, visto que a sua grande maioria é formada por pessoas idosas, portanto, aposentadas. No passado era reconhecida pela agricultura, pelo cultivo de hortaliças que eram vendidas no centro da cidade, mas essa atividade está em franca decadência. Não passam de três famílias que ainda vedem produtos orgânicos próximo ao mercado público para engrossar suas rendas. Essas verduras eram levadas, primeiro por canoas, depois no ônibus e hoje a prefeitura disponibiliza uma caçamba todas as sextas-feiras, quando ainda na madrugada vem até a comunidade buscar as verduras e seus feirantes.

ILUSTRAÇÃO 92 - Dona Maura e a feira no centro da cidade



FONTE: Maura Amorim dos Santos

A visita que fizemos a casa da dona Maura sintetiza a vida na roça dessa e das outras comunidades do distrito:

Menina, a nossa vida foi muito difícil. (pausa) que nós começamos lá no Sertão Grande, né? Naquela época a pobreza era muito grande. Havia muita fome. Então é onde nós ia (para a roça), eu e minha irmã mais velha e muitas irmã daqui, muitas família. Então nós levava o açúcar grosso, banana. Chegava lá nós ia, capinar, nós plantava cebola, plantava cana, plantava mandioca, plantava batata, plantava amendoim, plantava tudo, tudo que deveria pro consumo (pausa) matava um boi pra comer. Galinha era de casa, não existia galinha de fora, não existia essa comida poluída⁹⁴. (Ela pára e mergulha nas lembranças. Do nada começa a cantar): “Acordai se estás dormindo, levantai se estás doente, venha abrir a tua porta para o menino Deus. Levantai esta família, recebei aos teus amigos, que estão aqui chegando para fazer esta visita”. (para de cantar) “E aí ia indo sabe? Todos os versos ia cantando”. (Fez questão de cantar mais três canções da época). À noite os homens iam pescar na lagoa do Ribeirão ou na lagoa Santo Antônio, na região conhecida como mar de fora. Para ganhar dinheiro costumavam vender suas verduras na feira de Laguna. Vendiam as verduras de porta em porta até o Magalhães. O que não conseguiam vender trocavam por peixe. Muitas vezes dormiam nos barcos ou nos barracões com apenas uma manta por cima. Tinha muito

⁹⁴ Achei interessante o termo “poluída”, como quem diz: “No nosso tempo a comida era sem agrotóxicos, sem produtos químicos”. Como se dissesse ainda: “Podia-se comer sem medo”.

comerciante por aqui, além de engenhos e carneadores. Francisco de Bem era carneador e matou a fome de muita gente naquela época. No dia a dia a minha mãe e toda a gente daquele tempo sofriam muita dificuldade de dinheiro, só que o mantimento não faltava. A coisa era tão racionada que muitas vezes o café podia ser uma meia banana com açúcar grosso esquentado na chapa do fogão a lenha.

Nesse momento ela silenciou por um instante. Seu olhar ficou distante, mistura de saudade e tristeza. À medida que as lembranças iam sendo recuperada, ela ia falando. Foi um momento de recuperação de lembranças silenciadas, guardadas, esquecidas. Ela fitava a parede, não nos olhava. Seu olhar, seu corpo, sua alma estava no passado. Por várias vezes nos fez lembrar as dificuldades do tempo em que trabalhava na roça. Aqui me faz lembrar Bosi quando diz: “Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!” (2004, p. 16/17). Essa é a essência de se trabalhar com a oralidade junto aos velhos – a emoção, a sensibilidade flui. Já não é o corpo que fala, mas o espírito.

2.6.1.3. Ribeirão Pequeno

Na comunidade de Ribeirão Pequeno a base da economia era e é a agricultura familiar e a pesca. Também não podemos deixar de falar que nessa comunidade há o alambique mais famoso da comunidade. “Antigamente”, em todas as comunidades haviam alambiques, que fabricavam além da cachaça, o açúcar grosso e o melado, mas que foram lentamente acabando, restando apenas esse na comunidade do Ribeirão Pequeno, que está com seus dias contados, pois seu proprietário, seu Zizo, com idade avançada, ameaça a cada ano parar de fabricá-la. Sua cachaça é tão famosa na região que há uns três anos, os jovens dessa comunidade criaram um bloco carnavalesco chamado “H2Zizo”, com camiseta, bloco organizado. Na segunda feira de carnaval brincam pela comunidade, bebendo entre outras bebidas alcoólicas, a cachaça do seu Zizo⁹⁵.

⁹⁵ “A época de se fazer cachaça vai de junho até dezembro. Não há um tipo de cana especial, qualquer uma dá, desde que não esteja muito verde. Quanto mais madura, mais doce e mais aproveitada será. A gente trazia a cana em carro de boi até o engenho. Descarregava e depois moía na prensa. Antigamente os alambique daqui era movido a boi e tinha três pedras grandes uma do lado da outra. A cana era passada no meio delas e moía. Um mandava de cá e outra pessoa mandava de lá pra tirar bem a garapa que já caía no coxo. Depois se botava a garapa em outros coxos e deixava fermentar. A gente dizia azedá. Isso era por dia. Dali era colocado

Seu Favico, sempre com muito entusiasmo fala da economia da comunidade:

Antigamente, havia mais ou menos trinta engenhos de farinha, alambique e açúcar aqui no Ribeirão. Ainda hoje a fama da cachaça e da farinha de mandioca do Ribeirão Pequeno atrai pessoas de fora, que vem aqui pra comprar uma cachaça pura ou farinha com melhor qualidade”. Havia na comunidade uma tafona manual de moer milho, tocada à água, localizada na Coloninha. Havia uma pequena fábrica de fazer café, conhecida como “engenho de pilão”, localizava-se na propriedade dos “De Bem”. Eram três ou quatro pilões, movidos à água, que moíam o café. O café saía da fábrica prontinho – inclusive com embalagem – e era vendido para o centro da cidade. Na comunidade também havia olarias que fabricavam tijolos maciços, telhas de calha e chumbo de redes de pesca. Muitos homens, e até mulheres viviam da lenha que buscavam no mato e vendiam para pessoas do centro de Laguna. Durante o passar do século XX, o comércio, ou a “venda” mais forte da comunidade e que atendia toda à região foi a loja do senhor Gregório de Bem e de seu sucessor, Antônio de Bem. O nome do armazém era: “Irmãos de Bem. Secos e Molhados”. Vendiam de tudo: desde alimentos, terno completo para moços em véspera de casamento, calçados, “fazenda” (tecidos), materiais de construção e até tábuas para se fazer caixão de defunto. Além do armazém dos “De Bem”, “na década de 40 existiam mais duas casas comerciais de secos e molhados, a do seu Isaú e do seu Matias Paz.

no alambique. Se bota fogo embaixo e daí aquela garapa azeda, quando ferve começa a evaporar que passa pelo capacete e sai por um cano que passa num coxo d’água e se resfia e volta a ser líquido, que é a cachaça. Aí vem a ciência. O lambiqueiro tem que ir tirando a prova até ficar no ponto. Cada lambiqueiro tem o seu jeito, uns gostam de cachaça mais forte, outro mais fraco, e aí vai. A primeira lambicada, que a gente chamava de cachaça da cabeça é o álcool. Hoje é tudo na eletricidade. Pergunto como se fazia o açúcar e o melado. Não tinha açúcar industrializado, esse açúcar branquinho de hoje, ele era amarelado, grosso. Por isso, se dizia açúcar grosso, hoje eles dizem açúcar mascavo. O processo é o mesmo: se mói a cana e coloca a garapa no forno. Depois de uma a duas horas a garapa começa a ferver e aí com uma peneira vai se abanando pra evitar que a garapa continue a crescer. Numa vasilha, se tira um pouco da garapa e com uma colher vai mexendo até fazer uma “balinha”. É sinal que está no ponto. Se tira a garapa do forno e coloca num cocho e vai batendo com uma cuia até esfriar. No outro dia ele vai tá “coalhado”, açucarado. Se tira do cocho e se bota numa forma tipo tipiti para escorrer, o que escorre é melado, o que fica na forma é o açúcar grosso. Alguns costumavam botar no sol para secar e depois vender. Outra maneira de fazer o melado é tirar a garapa do forno antes de coalhar” nos contou seu Zizo do Ribeirão Pequeno..

2.6.1.4. Parobé

O que diferencia a comunidade *do* Parobé para além das outras comunidades foram as atividades desenvolvidas pelos italianos que aqui fixaram moradia, como a ferraria, da família Preve; a serraria, do Sr. Vicente Perito; e a tafona, do Sr. Paulo Perito, filho do seu Vicente Perito, onde moía-se a farinha de milho. “*Os italianos não eram de pesca*”, nos disse dona Rosalina que é descendente de italianos, assim como dona Hilda e seu Zezo. Sem sombras de dúvidas, a dona Rosalina era a mais “guardiã da cultura” italiana na comunidade. Além da alimentação, guardava outras manifestações culturais e também a mentalidade de que os “brasileiros” eram preguiçosos. Não entendiam, nem aceitavam o jeito de ser dos “açorianos” ou dos “guaranizados” da região.

*Na lavoura (os italianos) plantavam trigo, arroz, feijão, milho, e também criavam gado. Minha família (Evaristo Martins) abriu aqui na comunidade na década de cinquenta uma fábrica de café que era vendido nas vendas do lugar, em Laguna, Tubarão, Criciúma, Araranguá. O café geralmente era trocado: um quilo de café moído por dois quilos em grãos. Os moradores pagavam em café para o processamento do mesmo. O lucro era mínimo, mas dava para o sustento da família. Era comum em toda casa, atrás ter uma chácara de café com banana*⁹⁶, nos falou seu Zezo..

2.6.1.5. Ponta do Daniel e Figueira

Pelo fato da comunidade *da* Ponta do Daniel não ter Igreja Católica, muitos a consideram uma extensão da comunidade da Figueira, não a caracterizam como comunidade. Portanto, elas são muito parecidas. Viviam e vivem da pesca, são conhecidos como pescadores de bagre, o que é meia verdade. Como praticamente não há planície nessas duas comunidades, pois as montanhas chegam até a beira da lagoa, a vocação para a pesca foi e é inevitável.

⁹⁶ Lembrando que “chácara de café com banana”, trata-se de um pomar onde predominava o plantio de pés de bananas juntos a pés de café.

2.6.1.6. Morro Grande:

Certamente é a comunidade com a economia mais diversificada do distrito. Há os que vivem da pesca, mas também há muitos que trabalham fora e retornam à noite nas mais variadas profissões, sem esquecermos os cortadores de pedra e as inúmeras costureiras que trabalham nas diversas confecções espalhadas pelo município.

De tudo que ouvimos a respeito do trabalho realizado por nossos velhos e velhas, podemos concluir que foram tempos difíceis, de muito trabalho que exigia a força física humana aos extremos. Com o terreno íngreme, o esforço já começava da ida de casa até chegar ao local da roça que podia durar de meia à uma hora de caminhada, subindo e descendo morros: sol, chuva, borrachudo, calor, animais peçonhentos, alimentação precária, tudo exigia muito esforço e o retorno era mínimo – pouco dinheiro. Trabalhava-se visando o sustento da família. Na pesca não era diferente: noites a fio, no frio, na chuva em busca do pescado. Todos eram envolvidos desde as crianças em pequenas tarefas às mulheres que trabalhavam em pé de igualdade junto aos seus homens.

A fala da dona Vivile sintetiza o trabalho exercido por aqueles que nos antecederam no distrito:

Não havia economia, muito pouco, pois todos trabalhavam para comer. Os agricultores plantavam, mais pouco sobrava porque era tudo a braço, não podia fazer muita coisa, pouco sobrava, o povo era pobre, não tinha salário, trabalhava de dia na roça e a noite iam para o mar pegar peixe para comer. Existia muito engenho, mais caíram, de todos só existe dois mais pouco trabalham. Dona Vivile⁹⁷.

São dessas atividades desenvolvidas pelos nossos velhos e velhas no passado que devemos o distrito de hoje. Quero aqui trazer presente o último parágrafo do livro “Memória & sociedade: lembrança de velhos”, para concluir essa parte, quando Bosi diz:

A memória do trabalho é o sentido, a justificação de toda uma biografia. Quando o Sr. Amadeu fecha a história de sua vida, qual o conselho que dá? De tolerância para com os velhos, tolerância mesmo para com aqueles que se transviaram na juventude. “Eles também trabalharam” (1987, p. 399).

⁹⁷ Hoje resta apenas um engenho de farinha na comunidade do Ribeirão Grande.

Tolerância, respeito e reconhecimento a toda uma vida de trabalho, é o mínimo que podemos oferecer a esses velhos do distrito *do Ribeirão Pequeno*, que através principalmente da agricultura e da pesca criaram seus filhos, os educaram, os formaram homens e mulheres de bem. Sim, “Eles também trabalharam” e como trabalharam para a construção desse distrito. Nosso reconhecimento a esses marginalizados pela idade. Ah, apenas lembrar que dona Vivile, hoje, encontra-se num abrigo para velhinhos.

2.6.2. O trabalho

Nas entrevistas sempre presentes o discurso que se trabalhava muito e que o resultado do trabalho na roça e na pesca era a sobrevivência, pouco sobrava. Ouviu-se muito dizer que havia pouco dinheiro. Muita coisa era na base da troca, tanto de mercadoria, como de trabalho.

A mulher trabalhava “parelha” com os homens, mas seu trabalho era visto como “ajuda”. Elas levantavam antes que seus homens para o preparo do café. Após o café, dividiam-se: umas eram responsáveis pela lavagem das roupas nas cachoeiras, outras pelas tarefas da casa e dos filhos e outras que iam para a roça. Trabalhavam por igual, tanto na enxada, como na derrubada das árvores, no preparo da coivara, desde a semeadura até a colheita.

Sobre a importância do trabalho das mulheres, sejam do litoral, da mineração, do planalto ou do norte do Estado de Santa Catarina, cabe deixar registrado:

As mulheres, apesar de serem a metade da população, não aparecem nos livros de história como sujeitos. No entanto, seu trabalho muitas vezes silencioso, é responsável por grande parte da produção agrícola, artesanal, industrial e de serviços no Estado. Além disso, o trabalho doméstico, tão desconsiderado e, ao mesmo tempo, tão importante para a sobrevivência de todos, é quase totalmente realizado por elas. (WOLFF; RÉCHIA, 2000, p. 61).

Ainda dizer que:

Na roça plantava-se produtos variados e era uma atividade da qual participava toda a família. Os produtos eram para a subsistência, mas também

para atender ao mercado regional. O trabalho executado na roça pelas mulheres era igual ao dos homens, porém era considerado “leve”, porque, afinal de contas, mulher não trabalha, apenas “ajuda”. Se elas só “ajudavam” na roça, podiam muito bem ocupar-se do serviço da casa e do seu entorno, pois constituíam-se de tarefas fáceis e que tradicionalmente cabiam às mulheres. (WOLFF; RÉCHIA, 2000, p. 62).

Voltando da roça, iam bater feijão, torrar café, remendar roupas, fiar algodão, trabalhar nos teares. Dona Antônia *do* Parobé nos disse:

Naquela época era muito bonito. Faziam as almofadas de algodão e batiam para tirar as sementes. Se escutava de longe. Era depois enrolado e botava na roda para fazer tecido. Até roupa de cama se fazia em casa, no tear. De madrugada a gente se acordava com o som das batidas das taquaras. Era a mamãe batendo algodão. A batida produzia um som tipo de música. Quando a gente ia pegar o trem no Km 37, lá pelas quatro horas da manhã, passando pelos caminhos, se ouvia as mulheres batendo algodão antes dos maridos acordarem pra roça. As mães ensinava as filhas. No tear tinha uma peça chamada canelinha. Muitas mulheres também costuravam. As saias bem rodadas e franzidas na cintura. Os vestidos de chitão. As moças vestiam pela canela.

ILUSTRAÇÃO 93 - Mosaico mostrando as mulheres em diversas atividades



FONTE: Maria de Fátima Vechi

O seu Zezo nos disse que,

As mulheres compravam saco de sal “Mossoró” para fazer o enxoval: tolhas de prato, de banho, de mesa, etc., outras aproveitavam para fazer calção (cueca) para os homens que passavam a usar calças compridas entre quinze e dezoito anos. Os homens também usavam tamancos de pau seco. O salto era de madeira e em cima era de couro.

As mulheres do distrito *do* Ribeirão Pequeno além do manejo na roça e na lida da casa faziam trabalhos extras que lhes garantia uma ajuda no orçamento familiar, como: catar piri para fazer esteiras; catar pluma e marcela para fazer travesseiro; tirar lenha no mato para vender; vender ovos, doces, mantas, esteiras na cidade; muitas eram rendeiras, trabalhando com os bilros, além de outras atividades que lhes garantiam certa independência financeira em relação aos seus homens. Só não pescavam, mas escalavam o peixe, coziam o camarão e faziam tarrafas e redes para vender. *“Dormiam cedo para no outro dia acordarem às 4 horas para trabalhar na roça. Só não trabalhavam nos domingos porque era dia santo e nos dias considerados santificados pela Igreja Católica”* nos disse dona Rosalina do Parobé.

Na lida da roça, as mulheres usavam calças dos homens por baixo dos vestidos e mangas compridas, soltas, que enfiavam nos braços, além de lenço e chapéu por causa do sol e dos borrachudos.

Depois de um dia exaustivo jantavam, arrumavam a cozinha, rezavam e iam dormir. Nossa homenagem e nosso respeito a essas fantásticas mulheres que se fizeram história em nosso Distrito. Somos o que somos agradecemos a elas. (OLIVEIRA, 2010, p. 180).

Quanto aos homens era comum durante o dia, trabalhar nas roças e muitas vezes à noite ir para o mar pescar. Havia aqueles que mais pescavam e aqueles que mais trabalhavam na roça, na lida dos engenhos. As roças prioritárias eram as de mandioca e feijão, depois vinham as de milho, amendoim, cana de açúcar, café, banana, etc.

O meu bisavô passava a mão na enxada e ia para a roça fazer os trabalhos deles. Na volta eles descansavam um pouquinho passava a mão na tarrafa e na canoa e iam pro mar pescar peixe para sustentar a família porque naquele tempo não se falava de INSS as coisas eram tão difícil foi o que nos disse Antônio, o Careca de Ribeirão Pequeno.

Em dias de folga, era frequente as caçadas de ratão do mato, jacaré, macaco, capivara, aranguã, lebre, etc.

2.7. O QUE NOS FALAM SOBRE OS MEIOS DE TRANSPORTES

Há muitas famílias que possuem carro de passeio nas comunidades, mas o meio de transporte mais comum ainda é o ônibus e

na última década tem crescido muito o uso de motocicletas, para trabalhar e na lida com o gado. Antes se tocava o gado pelas estradas a pé, hoje, o mesmo serviço é feito por motos, incluindo as subidas aos pastos nos morros para verificação dos gados.

ILUSTRAÇÃO 94 - Durante décadas, esse foi o principal meio de transporte no distrito



FONTE: Décia Buss Cardoso

Mas nem sempre foi assim. Até a abertura da estrada geral, o meio de transporte mais comum era a canoa e os carros de boi. Ao centro da cidade ia-se de canoas, geralmente à vela, o que durava aproximadamente uma hora. Em todas as comunidades havia os canoieiros, homens responsáveis em fazer esse transporte, que era extremamente perigoso, pois o vento na vela pendia a canoa. As mulheres e crianças iam sentadas no fundo da canoa e os homens de pé ou sentados na proa. Em dias de “nordestão” ou “sulada” não dava para navegar, podendo ficar dias nessa situação. Para se viajar à Tubarão, Criciúma, etc., ia-se de trem. Tinha-se que sair muito cedo de casa, atravessar os morros em direção a comunidade do Km 37, onde o trem parava para embarque e desembarque. Havia o trem horário e o cargueiro⁹⁸.

O trem tinha todo um *glamour*. Era sinônimo de progresso, de novos tempos, de desenvolvimento. Na hora em que o trem parava no Km 37 havia um fluxo muito grande de pessoas “saltando” e

⁹⁸ O trem horário era o trem só de passageiros, que tinha hora certa para passar. Já o trem cargueiro, não tinha hora certa porque além de alguns vagões para passageiros, havia vagões que transportavam mercadorias.

embarcando. Eram pessoas daqui do distrito de Ribeirão Pequeno e do distrito de Pescaria Brava. Era um momento de encontros e desencontros. Havia o comércio ambulante e o comércio que fluía dentro do trem. (OLIVEIRA, 2010, p. 74)

Eu cheguei a andar de trem até a adolescência por várias vezes entre os municípios de Laguna, Jaguaruna e Imbituba. As viagens eram sempre realizadas em momentos de grande emoção. Lembro que os homens metidos em suas fatiotas⁹⁹ e chapéu e as mulheres em belos vestidos abaixo do joelho. Como essas viagens eram raras, planejadas com muita antecedência, momento ímpar na vida das pessoas, colocavam-se as melhores roupas, mas lembro que os banheiros eram muito sujos e que tinham vazão direta ao trilho, portanto, o xixi ou o cocô que se fizesse, caía direto sobre os trilhos. Outra coisa que faz parte da minha memória é a junção entre os vagões. Os homens passavam de um vagão a outro pulando essas junções, coisas que não eram feitas pela maioria das mulheres que permaneciam no vagão de embarque. Esse gesto representava masculinidade. Os homens tinham o direito de saber o que acontecia em todos os vagões e certamente observar as mulheres que viajavam. Enquanto rapaz fiquei com esse sonho não-realizado, pois minha mãe nunca permitiu que eu passasse de um vagão a outro com o trem em movimento.

Outro fato marcante era a fumaça expelida pela Maria Fumaça que conforme o vento e a curva tinha-se que fechar as janelas. Lembro que era uma correria, tentando baixar os vidros para impedir que a fuligem que vinha com a fumaça penetrasse o vagão. Muitos moradores desse distrito visitaram a cidades próximas como Tubarão, Criciúma, Imbituba, uma ou duas vezes durante toda a vida.

Mesmo ir ao centro da cidade era algo raro, talvez por isso, a cultura do distrito tenha permanecido pouco inalterada, resistindo ao tempo. O mais comum à época, era andar-se a pé pelos caminhos dos sertões entre as comunidades. Até a ida ao distrito de Pescaria Brava, bailes, vender peixe, farinha, por exemplo, eram feitos a pé, o que dá em média de duas a três horas para ir e voltar. Por isso, nas entrevistas muitos falaram que andavam descalços até próximo do local e só lá colocavam os sapatos. Quando era baile, deixavam os tamancos próximos ao salão, escondidos no mato e os pegavam na volta.

Cresci ouvindo de minha mãe, que seu pai dizia que o povo se iludia ao reivindicar a estrada, que ela traria progresso, que acabaria

⁹⁹ Fatiotas são os ternos.

com o isolamento. Segundo ele, de nada adiantaria, a abertura da estrada serviria para levar a população embora. E foi o que aconteceu. O êxodo rural, que é um processo natural da década de sessenta e setenta em todo o Brasil, torna-se intenso no distrito. A profecia se realizava: a estrada cumpria seu destino - serviu para levar embora muitos jovens em busca da cidade grande e muitas famílias inteiras que foram juntos. Sobrenomes que deixaram de existir na terra natal. As cidades mais procuradas foram Porto Alegre na década de 50 e 60 e Joinville e São Paulo nas décadas de 70 e 80.

Com a estrada veio o ônibus que foi avançando à medida que a estrada avançava em direção a Madre. Lembro que as pessoas no início tinham muito medo de viajar no ônibus que apelidaram de “siri cuzido”, porque suas cores lembravam realmente um siri pós cozimento. Ele tinha apenas uma porta e um “focinho” na frente onde ficava o motor. Muitos levaram anos para embarcarem nesse e em outros ônibus que foram sendo comprados ao passar dos anos. Tinha medo, porque até hoje a estrada tem fama de ser perigosa devido as curvas fechadas e os abismos que ficam em direção ao mar. Na minha época de adolescente havia um horário à tarde, às 17h, que saía do centro e ao chegar próximo a comunidade *do Parobé*, o motorista, chamado Miguelão, soltava a buzina anunciando a chegada. Quem estava na praça, nas vendas, já gritava “*ai vem o ônibus*” e a curiosidade era ver quem veio. Lembro que eu tinha vergonha, porque quando a gente descia no ponto, todos ficavam olhando para saber quem era.

Como esses ônibus não tinham a força que tem os de hoje, num morro na comunidade do Bananal, muitas vezes o ônibus não conseguia subir. Ia até o meio e tinha que voltar de ré, o que deixava quem estava dentro, em pânico. As pessoas eram então convidadas a saltar e subir o morro a pé e aguardar o ônibus mais adiante.

Dentro o ônibus, na parte de trás, o dono da empresa, Sr. Vinícius Uliano, que também era motorista, retirou os bancos para carregar verduras, roupas das lavadeiras e pás e enxadas, para desatolar os ônibus em dias de chuva.

As quartas e sextas feiras eram a vez das verduras e nas segundas e quintas feiras, era a vez das lavadeiras, que traziam as roupas sujas da cidade e retornavam com sacos de roupas limpas. O horário das 06h da manhã foi colocado à princípio nas segundas feiras justamente por causa das lavadeiras. Esse horário existe até hoje, só que sem a presença delas. Os ônibus eram pequenos,

em média trinta e quatro lugares. (OLIVEIRA, 2010, p. 76)

Apesar do medo da estrada somente um acidente grave com os ônibus que fazem a linha Centro – Ribeirão aconteceu durante os últimos cinqüentas anos e com uma vítima fatal. Ninguém esquece até hoje. Não há quem não lembre ao passar pela curva onde o ônibus rolou até o mar. Foi um domingo trágico, que marcou a vida de todos que moravam nesse distrito. O motorista era o próprio dono da empresa que nos contou como foi o acidente:

Havia chovido muito por aqueles dias. Era domingo, dia 10 de setembro de 1972. O ônibus saiu do Ribeirão Grande às 12h40min”. O ônibus que se Vinícius dirigia, o famoso “minissaia”, de 23 lugares. “Ao chegar na comunidade de Morro Grande, na curva da Pedra Chata, encontrei-me com o táxi dirigido por Celso Rosemblock. Como de costume, ao encontrar um carro conduzi o ônibus para a beira do barranco, para dar passagem e aí a tragédia aconteceu. A terra que estava encharcada cedeu e o ônibus tombou. Até chegar ao mar deve ter dado mais ou menos seis cambalhotas. Só parou na água, preso a uma pedra com as rodas para cima. Havia no ônibus na hora do acidente 37 passageiros. Na hora não ouvi gritos, apenas o barulho estardalhento do ônibus virando. Primeiro houve um silêncio e depois as pessoas começaram a gritar: uns feridos, outros tontos. Me machuquei, mas mesmo assim consegui junto com outros tirar muita gente de dentro do ônibus. Eu estava perdendo muito sangue porque cortei a cabeça, saí do ônibus e fui ajudando as pessoas a saírem colocando-as sobre uma pedra. Em um momento em que pulei de uma pedra para outra, vi uma criança na água. Eu e um policial que estava no ônibus o salvamos. Logo em seguida foi chegando pessoas, inclusive do centro de Laguna, ajudando-as a levá-las até a estrada. Dona Maria de Bem Cardoso, esposa do seu Brás Cardoso da Madre foi uma das que foram levadas para o hospital e por lá ficou exatamente durante vinte dias quando veio a falecer. O que todos dizem é que ela já era doente, mas esse acidente a fez vítima fatal.

Seu Vinícius decide ir ao velório. Havia o comentário de que o seu Brás queria matá-lo. Mesmo assim ele vai. Chegando lá, Brás Cardoso, a cavalo, pára bem na frente do carro onde estava o seu Vinícius. “O que você está fazendo aqui?” “Vim no enterro da tua mulher” “Eu não acreditava que tu tinha coragem de vir. Então Vamos”.

Depois na missa de 7º dia lhe falaram para ele não ir. Novamente ele foi e nada lhe aconteceu. Muitas pessoas diziam que foi barbearagem dele. Para ele, foi um procedimento normal manobrar o ônibus para dar passem ao carro. Aliás, nossos motoristas fazem isso até hoje. *“Mesmo depois do acidente as pessoas não tiveram medo de viajar comigo no volante”* disse seu Vinícius.

2.8. O QUE NOS FALAM SOBRE OS CHÁS E AS BENZEDEIRAS

Não havia médicos no distrito. Em casos graves, a solução era levar o doente de canoa até o hospital Senhor Bom Jesus da “cidade”, o que era raro. Na maioria das vezes se buscava a cura com farmacêuticos e principalmente através de chás e das benzedeadas que receitavam as famosas garrafadas, que eram uma mistura de vários matos que cultivavam ao redor da casa, garrafadas essas que nunca eram reveladas por quem as fazias. Cabe reforçar que as pessoas acreditavam mais nos farmacêuticos e benzedeadas que no médico propriamente dito. Seu Pedoca da comunidade da Madre nos disse: *“No nosso tempo não existia hospital. Nós íamos na farmácia do seu Hugo que dava remédio homeopático”*. Seu Hugo Boppré foi um dos homens em que mais se confiava na redondeza,

Hugo Júlio Boppré ensinava e preparava remédios em forma de chás, cozimentos de ervas, além de prescrever “suadores”, banhos mornos e, às vezes, gelados para tirar dores, reumatismo, febre, sinusite, cólicas, diarreia, vômitos e outros. Ensinava remédios para sífilis, furúnculo, para tifo e impurezas do sangue. Recomendava às puérperas tomar água Inglesa e Sedantol. Dizia que todos deveriam comer cebola e alho crus para fortalecer o corpo”. Para combater hemorragias, colocava, numa bacia limpa, cachaca e folhas de arruda; após queimá-las, dava meia xícara para a pessoa tomar e colocava, do umbigo para baixo (quando se tratava de mulher), uma toalha molhada com a solução. Os ferimentos eram lavados, diariamente, com água fria e sabão, dentro de uma gamela. Fazia bastante espuma e, com a ajuda de um pano, retirava cuidadosamente as crostas. (...) Não cobrava nada pelo trabalho. Até hoje, a comunidade nutre carinho e respeito

por esta nobre pessoa. Faleceu aos 87 anos, tendo sido pai de 23 filhos, frutos de dois casamentos. (VIEIRA, 2005, p. 129).

A maioria das benzedeiras era do sexo feminino, mas não raro, havia e há homens que benzem na comunidade, contra tudo que se possa imaginar. “É certo que entre a fala de um médico e de uma dessas pessoas os moradores do distrito ficariam com a opinião do último”. (OLIVEIRA, 2010, p. 185). É como se elas fossem dotadas de uma espiritualidade especial, um dom recebido, tanto é que antes de morrer, muitas passavam o dom a uma filha ou a uma pessoa em especial.

Em Ribeirão Grande, Antônio de Bem Silva destacou-se, no passado, por fornecer aos doentes remédios homeopáticos. Tratava de tudo: febre, congestão, dores em geral. Até para as puérperas, ele tinha em casa seus vidros preparados. Quem ia ‘consultar’, já levava vidros vazios para trocar. Ele também aplicava injeções e ensinava remédios caseiros. O povo costumava seguir a risca suas prescrições. Depois que faleceu, a filha Maria de Lourdes Silva de Bem deu continuidade ao seu trabalho. (VIEIRA, 2005, p. 132).

Benziam e benzem contra “zipra” (infecção), cobreiro, picadas de bichos, dores, crianças aniquiladas, as chamadas embruxadas. Exemplo de uma oração que se fazia durante a benzedura contra inveja e mal olhado:

Com dois olhos grandes te botaram e com dois eu te tiro em nome de Jesus da Virgem Maria, São Jorge Guerreiro, proteja esta família de todo mal de todo perigo de todos os inimigos de todos inimigos de todos invejosos de todos os invejosos de todos perseguidores, de todos perseguidores. São Jorge Guerreiro com tua linda espada dourada na tua mão esquerda contra força do mal não deixe cair por terra em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Reza ensinada por dona Bercides da comunidade de Morro Grande: “Salvo estou, salvo estarei. Onde Jesus Nazaré se batizou, São Pedro me fecha. E me guarde para sempre Amém”. Caso a pessoa esteja afogada deverá ser pronunciada a oração: “Senhor São Braz iluminoso, desafogai o desafogado que está atrapalhado o nome de Deus da Virgem Maria”, até a pessoa desafogar. Com mau olhado: “Salvo estou,

salvo estarei, Onde Jesus de Nazaré se batizou. São Pedro me feche, me guarde para sempre. Amém”.

Em caso de zipra, oração ensinada por dona Maria Cecília da comunidade *do Morro Grande*:

A zipra zipela, zipelona que desce na carne, que desce no sangue, que desce no osso, que desce no tutano. Do tutano vai ao mar sagrado. O mar sagrado o senhor encontrou com Pedro e Paulo. Volta Pedro e Paulo, vai curar aquela gente. Com que senhor? Com a pena da galinha preta, o óleo de Oliveira, e o nome de Deus e da Virgem Maria. Amém. Te benzo” (fala o nome da pessoa que responde) “*A zipra, zipela, zipelona.*

Também comum no distrito, pessoas que rezam “responso” por objeto perdido ou gado perdido no mato. Ainda hoje essa prática é comum nas comunidades do distrito. A reza também é segredo de quem as executa.

Por falta de médicos, de postos de saúde, volta e meia aconteciam epidemias responsáveis pela morte de muitas pessoas. O relato abaixo trata da epidemia que assolou a comunidade *do Ribeirão Pequeno*:

Por volta de 1908, uma doença horrível atingiu a população. O povo chamava-a de ‘câimbra’. Febre alta, feridas que evoluíam a partir de bolhas e queda de cabelo eram seus principais sintomas. Altamente contagiosa, matou muita gente. Fátima, buscou, no cemitério local, os túmulos das pessoas falecidas entre 1908 e 1910, para poder ter uma idéia mais clara da dimensão do problema. Constatou que, seguramente, foram mais de 40 as pessoas que faleceram por causa desta doença. Benta Miranda, uma velha senhora da comunidade, lembra-se que ‘*um homem de Florianópolis*’ esteve na região. Mandou isolar os doentes e forneceu às famílias diversos sacos de naftalina. O produto era para ser usado no nariz, especialmente pelas crianças, sempre que passavam por uma casa onde havia doentes, no caminho da escola. Na década de 20, foi a vez da febre tifóide (‘tifo negro’ ou ‘febre negra’) fazer suas vítimas, especialmente entre adolescentes e jovens. (VIEIRA, 2005, p. 133).

Seu Braz da comunidade *da Figueira* nos conta sobre essa epidemia que assolou a sua comunidade:

O salão São Bernardo onde a gente buscava alegria e fazia suas conquistas e muito namoro não se esperava que uma casa tão alegre fosse servir de hospital onde se via choro e morte e destruição das pessoas que ali eles colocavam para se isolar de uma doença chamada de câimbra. Era uma doença que era contagiosa e matava em até 24 horas. Dependendo como ela atacava tinha pessoa que morria em menos de 12 horas, então eles pegavam as pessoas e colocavam no salão para isolar e sempre tinha alguém para ajudar com remédio. A doença era assim: uma febre alta, o corpo gelado e dor de cabeça e uma dor forte de barriga e as pessoas obrava só sangue e chegava a botar a veia para fora e cada volta que dava na barriga era aquela guinchada de sangue que sua boca era só cascão e nada podia comer. A pessoa enfraquecia e morria. Morreu na época de 20 a 30 pessoas, ali jogadas a espera de cura alguns conseguiam sarar. Ao lado do salão um enorme buraco para colocar suas fezes que era só sangue as vezes não dava tempo para por o pinico e faziam suas necessidades no salão que já era só sangue puro seu Manoel Joaquim fez uma promessa que se Deus livrasse seus filhos ele ia ajudar os doentes. Ele socava folha de pitanga e tirava leite da vaca e dava a cada doente um copinho, pois o remédio tinha que ‘travá’ e assim ele conseguiu curar alguns, disse seu filho Gino. Os mortos eram levados para o Ribeirão Pequeno e as crianças não podiam acompanhar o caixão para não pegar a doença. Os que levavam os mortos eles mesmos faziam o buraco, não tinham a ajuda de ninguém, pois até as janelas e portas a onde se passava com os mortos eram fechadas, pois muitas vezes eles levavam os mortos nas costas, pois não tinha caixão.

Dona Nininha da comunidade do Parobé nos contou que muitos mortos da comunidade da Figueira foram enterrados no cemitério do Parobé nessa época da epidemia. Segundo ela, não era permitido enterrar duas pessoas ao mesmo tempo, que chegou a acontecer que enquanto uma família enterrava seu morto, outra ficava aguardando com seu defunto na porta do cemitério.

Diante dessas enfermidades que atingiam grande parte da população, as curandeiras eram de vital importância. Segundo Vieira, Maria de Fátima que foi técnica em enfermagem por muitos anos no distrito diz:

Por conta disso, três pessoas consideradas “curandeiras” assumiram papel importantíssimo na comunidade: Tereza de Bem, Eduardo de Bem e Hugo Júlio Boppré. Eles eram procurados para

atender, com seus medicamentos homeopáticos, qualquer tipo de doença: picada por animal peçonhento, “hepatite preta” (varíola), sarampo, coqueluche, poliomielite e tantas outras. Conseguiram curar muita gente, mas também é certo que muitos morreram em suas mãos, como as vítimas da febre tifóide que, entre 1920 e 1923, ceifou muitas vidas. (VIEIRA, 2005, p. 134).

Os chás receitados mais indicados foram: “chá de sabugueiro para quem esteja “enzabado”, ou seja, com sarampo; chá de eucalipto lima para gripe; chá de erva cidreira para gripe e tosse; chá de arnica, menstruz e cachaça para braço quebrado, batidas, machucados, etc; chá de losna, hortelã, marcela galega para dor de barriga; para dor de cabeça duas rodela de batata inglesa e chá de folha de batata doce para frieira; chá de urtiga para frieira; chá de ervão e de espinheira santa para dor de estômago; folha de chuchu e folha de manga para pressão alta; chá de folha de abacate, cabelo de milho e quebra pedra para os rins e laranja lima para gripe; para pé machucado, água e sal bento; chá de camomila para recém nascido com dor de barriga e também para adultos com problema de cólica e com problemas de órgãos internos; chá de erva cidreira para gripe; chá de cana cidreira para gripe e para os nervos; chá de guaco para gripe com tosse; chá de Miracilina para gripe e bronquite, ele também é antibiótico; chá de funcho para recém nascido com cólica; chá de transassem para gripe que é antibiótico; para tosse, chá de laranja, chá de óleo de rícino com erva doce e laranja para tirar canseira.

2.9. O QUE NOS FALAM SOBRE AS SUPERSTIÇÕES E AS HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÕES

Superstições, sortes, gíria, adivinhações, histórias de assombrações, faziam e fazem parte da cultura local das pessoas desse distrito. Dizer que trata-se de manifestações da cultura que estão morrendo com a infiltração das manifestações culturais urbanas de massa. Certamente os meios de comunicação e informação contribuíram e muito para que as pessoas deixassem de se encontrar nas rodas de conversa, locais esses onde fluíam esses desafios, essas contações de histórias. A intenção aqui é apenas deixar registrado um cadinho desse jeito de ser do homem ribeirinho, supersticioso, que gosta de desafiar a inteligência do outro, que gosta de botar medo através das histórias de assombração, que acredita em sortes.

Exemplos de superstições que mais apareceram nas entrevistas junto aos velhos foram: quando você vires um gato preto dê três pulos para traz; se encontrar um gato preto a noite dá azar; beija-flor entrar em casa é notícia boa que está chegando; borboleta preta quando entra dentro de casa é notícia ruim; quando a coruja canta perto de casa, traz tristeza pra família; o galo cantar na porta da casa é visita que está por vir; quando o pássaro de rabo longo canta perto da casa, está adivinhando batizado pra família; bem-te-vi cantando triste perto de uma casa é sinal de morte naquela família; não se passa por baixo de escada, dá azar; quando cair uma colher no chão é sinal que irá chegar alguém: de boca pra baixo é sinal de pessoa boa, de boca pra cima, é sinal de pessoa faladeira; quebrar espelho dá sete anos de azar; chinelo virado de sola para cima atrapalhava o parente que estivesse pescando; não deixar a tesoura aberta; não varrer a casa a noite porque se não perdia todo dinheiro; deixar derramar açúcar no chão dá dinheiro deixar cair sal também; quebrar copo em uma festa dá sorte; não colocar a ponta mais fina da lenha no fogo e sim a parte mais grossa, caso contrário dará azar; não varrer a casa em direção à porta da frente, caso contrário levará toda a fortuna da família; para a visita ir embora, bastava colocar atrás da porta uma vassoura virada de ponta cabeça ou começava a varrer a casa ou até deixar sal no fogo; quebrar espelho dá sete anos de azar; para dar sorte deve-se colocada uma ferradura na porta; medo de tormenta? se convoca Santa Bárbara. O bom é pegar um facão ou machadinha e benzer em forme de cruz três vezes em direção a tormenta que está se formando que desmancha a tempestade que está por vir; se um homem passar debaixo do arco íris o homem vira mulher e vice-versa; se andar de costas, a mãe morre; se alguém pular por cima de você, você não cresce mais; lua cheia, um homem se transformava em cachorro (lobisomem); quando chega visita numa casa, a visita tem que sair pela mesma porta que entrou se não levará toda a fortuna da família; se a mulher sonha com uma cobra ficará grávida; se uma mulher grávida passar por cima da corda do cavalo a criança nasce com o cordão umbilical enrolado no pescoço; o umbigo da criança quando cai deve ser bem guardado porque se perder o umbigo o filho não prestará; quando alguém caminha de ré, se diz que alguém da família ia morrer; bebê que caminha com a bunda pra cima é que a mãe terá outro filho; quando chamar uma pessoa e chamar o nome de outra pessoa é sinal de que essa outra pessoa está falando da gente. Quando a orelha está quente é sinal de que alguém está falando da gente; uma mão coçando é dinheiro; quando as crianças estavam pálidas, os antigos botavam uma tesoura aberta debaixo do travesseiro para espetar as bruxas; para não

fazer xixi na cama come-se crista de galo na chapa; sexta feira treze dá azar; não se pode dançar na quarta feira de cinzas porque se cria rabo; não se come banana grudada. Pode-se ter filhos gêmeos com cabeça grudada; o trevo de quatro folhas dá sorte.

Também frequente expressões usadas no dia a dia, como: Casa de ferreiro espeto de pau; aonde a vaca vai o boi vai atrás; quem muito quer pouco consegue; tanto o gato vai ao moinho, que um dia deixa o focinho; quem escolhe muito, pouco acerta; quanto mais alto o coqueiro, mais bonito é o tombo; pimenta nos olhos dos outros, é refresco; se correr o bicho pega, se ficar o bicho come; entre tantas que nos escreveram ou nos contaram.

A gíria também sempre fez parte da cultura local. As que mais apareceram foram: vamos nessa; fazer mexerico; cricri; língua de sabão; ficar “dando trela”; “não tem?”; língua de trapo; usava-se você no lugar do tu e mesmo do senhor e senhora que era mais usado somente as pessoas bem mais velhas. E antes do “você” era “vós mecê”.

Apelidos depreciativos ou não sempre fizeram parte da cultura desse povo, como: cabeça; cabeça de bagre; bira, papo amarelo, gancho, caneludo; dentuço. Comum também é fazer “troça”, ou seja, rir de expressões ditas pelas pessoas. Essas “troças” perpassavam a vida do sujeito. Coitado daqueles que caíam na boca do povo. Meu tio tinha o apelido de gancho. Era só ele entrar na venda que alguém já gritava “*Dá um gancho?*”

Também comum, principalmente entre os jovens, “fazer sorte” seja para arrumar um namorado(a), para casar, para atrair sorte, etc. As mais citadas foram: para atrair sorte algumas pessoas colocavam ferradura de cavalo pelo lado de dentro da casa em cima da porta da frente; para as moças ficarem com as pernas grossas toda sexta feira santa elas batiam na bananeira, mas tinha que ser antes do sol nascer; pegava-se uma bacia com água e um barquinho feito de papel e ao redor da bacia coloca nomes de rapazes ou de moças (se for homem) e soltava o barquinho na água e para o lado onde o barquinho fosse o futuro(a) namorado(a) moraria lá; botava-se o Santo Antônio de cabeça para baixo em uma bacia com água, para a moça casar cedo; na véspera da noite de Santo Antônio costumava-se cortar três bananeiras novas ao meio e no meio de cada bananeira escrevia-se o nome de três rapazes. No outro dia a bananeira que crescesse mais e o nome que tivesse ali era o rapaz que iria ser seu namorado; costumava-se pegar um copo com água uma agulha virgem com linha. Segura a agulha com a linha e quantas batidas a agulha der na beirada do copo, quer dizer com quantos anos a pessoa iria casar; fazia-se no dia de São João: as pessoas botavam

“enfincanda” a faca no pé de bananeira e se via a primeira letra do futuro parceiro; na noite de São João botava-se numa bacia d’água quatro nomes de rapazes e no dia seguinte via-se o nome que estava aberto e qual tivesse a moça se casava; a sorte da lesma: elas pegavam um pires colocavam por cima da fumaça do querosene o pires ficava preto, pegavam a lesma e colocavam no centro do pires eles faziam formato de letras, dependendo do formato era a inicial do nome do namorado. A direção que a lesma tomasse era a letra inicial do futuro esposo; etc.

As pessoas também se divertiam muito com perguntas “o que é, o que é”, uma forma de desafio, com o objetivo claro de testar a inteligência da outra pessoa. Essa brincadeira era frequente, podia acontecer na rua, em casa, na escola. Aqui apenas um exemplo das dezenas de perguntas que nos passaram: O que é o que é que têm barba como homem e dente, mas não come? Alho; uma caixinha ao bom parece, não há carpinteiro que possa fazer? Amendoim; O que é que trabalha para marmanjo? Relógio; por que o cachorro balança o rabo? Porque o rabo não balança ele; o que o boi faz no campo ao sair do sol? Sombra; o que é o que é que enche uma casa não enche uma mão? Botão; não pega sol nem chuva, mas vive sempre molhado? Língua; o que anda com o pé na cabeça? Piolho; Por que no Brasil chove? Porque o Brasil foi descoberto e não foi coberto; o que é o que é redondinho, redondoco, não tem fundo nem batoque? Ovo; verde foi meu nascimento, que de luto me cobri pra dar gosto a tanto que nesse mundo eu nasci: fumo; cinco vivos passeando. Seis mortos espichando. Os vivos não dizem nada, os mortos que estão falando. O que é? O violão; pra ver o dente se tira a camisa. Pra ver o corpo se tira o dente. O que é? O milho.

Ainda dentro dessa temática, sem sombras de dúvidas, que as histórias de assombração foram uma das manifestações culturais mais importantes. Hoje, vemos que muitas dessas histórias serviam para colocar medo nas pessoas para que não andassem à noite e principalmente aos jovens. Era uma forma de evitar encontros entre namorados no escuro. Era permitido as crianças participarem dessas rodas de conversa, sem falar. Logo após ia-s deitar e aí era um trabalho para dormir porque o medo tomava conta.

A contação dessas histórias, geralmente ocorria após a ceia (janta) à luz de pomboca (lâmparina) que dava todo um ar de suspense e medo. Reuniam-se na cozinha, as mulheres sentadas no banco da mesa ou sobre o baú feito índias, de colo, e os homens, acocados nas paredes, também feito índios. Essas histórias passavam de geração em geração.

Eram contadas de uma forma que todos acreditavam na sua veracidade, pois eram ditos por pessoas de respeito, muitos em idade avançada. Entre as dezenas que nos contaram ou que nos enviaram escritas, destacamos apenas algumas, por serem as mais comuns entre todas as comunidades. Depoimento meu à época das entrevistas aos alunos da Escola:

Eu adorava ficar ouvindo a conversa dos meus tios e tias quando eu os visitava no sertão do Parobé. A pouca luminosidade das pombocas por si só dava um ar de mistério, de assombroso nas conversas. À medida em que eles conversavam sobre as histórias de assombração eu as materializava em minha mente. Pouco piscava. O mais apavorante era a afirmação de que o fato que estavam contando era verídico. Não havia chance de ser mentira. Eu acreditava cegamente naquelas histórias. Nunca senti necessidade de interromper, de fazer uma pergunta. Só o fato de estar ali imóvel já era deslumbrante. Momento único, inesquecível que levarei eternamente em minha mente.

Em todas as comunidades havia lugares ditos mal-assombrados e que as pessoas tinham muito medo em passar. O estranho é que essas assombrações apareciam para mais de uma pessoa. (...) Havia também assombrações que apareciam em determinados dias e lugares. Por exemplo: ao sair de casa em noite de lua cheia, corria-se o risco de se deparar com um lobisomem ou com uma bruxa; em Dia de Finados, presenciar a procissão dos mortos. Esse era o mais temido. (OLIVEIRA, 2010, p. 193-194).

Umas das lendas mais repetidas é a lenda do dinheiro enterrado:

As pessoas idosas não colocavam dinheiro no banco, mas enterravam próximos das suas casas. Como não queriam ser roubadas não contavam para ninguém. Quando morriam, sua alma não descansava enquanto o dinheiro não fosse desenterrado. Então a alma penada escolhia uma pessoa de bem e vinha em sonho dizer o local exato em que havia enterrado o dinheiro. Esse sonho ocorria três dias consecutivos. A pessoa escolhida não poderia contar a ninguém o que estava sonhando. No final do terceiro dia, à meia noite, a pessoa deveria ir até o local e desenterrar o dinheiro. O problema eram as aparições que

surgiam na hora: ventos fortes, arrastar de correntes, gemidos, etc. A pessoa que estivesse cavando não poderia olhar para o lado e ficar ali firme. Se agüentasse encontraria o dinheiro e ficaria rico. (OLIVEIRA, 2010, p. 194).

Outra história que povoa o imaginário das pessoas do distrito é a lenda do homem vestido de branco:

Em todas as comunidades era freqüente a história de um homem vestido de branco que atravessava a frente da pessoa que passava pelo caminho. Muitas vezes a pessoa tinha que parar para o homem atravessar. Muitos, cheios de coragem, diziam “Boa Noite”, porém, em silêncio, o homem desaparecia no nada. Era sempre nos mesmos lugares. (OLIVEIRA, 2010, p. 194).

A lenda do boitatá certamente era a que mais assustava o povo:

Dezenas de entrevistados nos contaram histórias diferentes do boitatá, mas sempre envolvendo bolas de fogo. Uns nos disseram, que quando uma comadre e um compadre se envolviam sexualmente ao morrerem transformam-se em almas penadas. Então, eles voltam em forma de bolas de fogo, tentando queimar alguém com suas chamas na tentativa de salvarem suas almas. Se uma pessoa for queimada fica com a mesma sina. (OLIVEIRA, 2010, p. 194/195).

Também as bruxas estavam muito presentes no imaginário das pessoas. Acreditava-se que elas durante a noite faziam tranças nos rabos dos cavalos; que chupavam o sangue das crianças durante a noite, por isso a magreza e se uma mulher tivesse sete filhas seguidas a última seria bruxa e se uma mulher tivesse sete filhos o último seria lobisomem.

Outra lenda famosa era a lenda da procissão dos mortos. Relatamos aqui a contada por dona Maura do Ribeirão Grande:

Conta-se que no dia dois de novembro a meia noite os mortos saem em procissão cantando e rezando, cada um com uma vela acesa. Há muitos anos atrás uma senhora muito curiosa foi para a janela para ver a procissão. Ela queria ver seus parentes que já haviam falecido, quando de repente uma pessoa da procissão se aproximou e lhe entregou uma vela. No dia seguinte à vela havia se transformado em um osso.

Apavorada ela foi falar com o padre que a aconselhou no ano seguinte presenciar novamente a procissão e devolver o osso, caso contrário, no ano seguinte ela estaria na procissão. No ano seguinte a senhora novamente vai para sua janela presenciar a procissão. Todos tinham vela, menos a mulher que no ano anterior lhe havia presenteado com a vela. Com muito medo, ela lhe devolveu aquilo que era seu por direito.

Casas mal assombrada também estão no imaginário das pessoas. Escolhi a dona Nininha do Parobé:

Um senhor ao voltar a sua casa tarde da noite, encontrou um homem montado num cavalo que nunca tinha visto. Isso aconteceu lá para as “bandas” do sertão do Parobé. O homem a cavalo disse: - O senhor mora por aqui? Ele respondeu: -Sim; -Pois então o senhor se apresse, pois sua casa está pegando fogo. O senhor saiu correndo e chegando perto de sua casa, se arrepiou da cabeça aos pés, ao vê-la toda iluminada. A luz era tão forte que escapava pelas frestas das telhas. Cheio de coragem foi se aproximando e aí, a luz foi diminuindo. Ao entrar na casa não encontrou nenhum sinal de fogo. Conta o senhor, que acredita que até o homem a cavalo já seria uma “aparença”, isto é, uma aparição.

Outra história de assombração comum no Morro Grande é a do bebê contada por várias pessoas desta comunidade:

Dizem que uma mulher sem condições de criar seu filho ainda bebê, jogou-o num poço fundo embaixo de uma pedra conhecida como “Pedra do Calistro”. A criança morreu e em toda noite de lua cheia, a meia noite a criança chora”. Outra versão: “Certa vez um bebê brincava próximo a Pedra do Calistro, quando de repente a pedra caiu sobre ele. Algumas pessoas vieram correndo tentar retirar a pedra de cima da criança. Não conseguiram, pois a pedra era muito pesada. Então eles desistiram e deixaram a pedra em cima da criança que ali ficou até morrer. Toda lua cheia a meia noite a criança chora.

A Lenda do Forcada nos foi contada pelo seu Juca do Morro Grande, lenda que a maioria dessa comunidade conhecem: *É a história de um peixe grande parecido com uma miraguaia ou uma grande corvina. Vários pescadores do Morro Grande já tinham tentado pegar o bicho, mas ninguém conseguia. Jogavam a tarrafa em cima dele e quando iam puxar, cadê o bicho? Ele sumia. Ele nunca apareceu apenas para um pescador. Eram sempre para duas ou mais pessoas”. Eu não acreditava até que numa noite eu vi o bicho. Era um peixe*

grande. Não tive dúvidas, era o Forcada. Me arrepiei todo, mas não esmoreci. Eu mesmo tarrafeeí o peixe e não tinha como ele escapar. Fui puxando a tarrafa e quando vi, cadê o danado? O peixe havia desaparecido.

CAPÍTULO 3

A HISTÓRIA DO DISTRITO *DO* RIBEIRÃO PEQUENO DA LAGUNA

3.1. QUE LUGAR É ESSE?

No esforço de re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. (FREIRE, 1997, p. 14).

ILUSTRAÇÃO 95 - Mapa localizando o distrito *do* Ribeirão Pequeno da Laguna



FONTE: www.laguna.sc.gov.br em 15.07.2010

O distrito de Ribeirão Pequeno *da* Laguna é o lugar de onde parto para desenvolver esta pesquisa, que também é o meu lugar de vivência e de existência. Não nasci, nem me criei nesta terra, mas desde tenra idade

partilho desta cultura, convivo com esse povo. Minha mãe é natural do sertão *do* Parobé, aí moravam meus avôs, tios, primos. Os acontecimentos mais significativos vividos na minha infância e adolescência, registrados na minha memória, passaram-se nesse lugar. Tempos em que fui criando gosto pelas coisas e pessoas da terra. No meu imaginário de garoto, o belo era a roça, o engenho de farinha; a água tirada todos os dias da fonte; o ovo colhido no dia anterior e transformado em farofa no café do dia seguinte; as brincadeiras de carretilha; o andar de carro de boi; ouvir as histórias de assombração. Esse era o meu Éden, construído à medida que o tempo passava - tempos das férias escolares, momentos de felicidade eterna.

Já na adolescência, passei a frequentar os carnavais das comunidades *do* Parobé, Ribeirão Pequeno e Ribeirão Grande aprofundando ainda mais os vínculos com esse povo. O resto do ano vivia na periferia de Porto Alegre, sem muitos amigos¹⁰⁰, de casa para a escola, da escola para casa. Freire, em seu livro, *A importância do ato de ler*, (1997) inicia seu diálogo refletindo que nossa leitura de mundo, parte exatamente da leitura que temos do contexto infantil, do nosso lugar de vivência e existência:

Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras” as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – e se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (p. 12)

Há vinte anos, desde a efetivação no quadro do magistério estadual, moro na comunidade *do* Parobé. Cheguei não como imigrante, mas como alguém que retorna ao seu lugar de origem, lugar que sempre me pertenceu. Não é o paraíso de Adão e Eva, mas é meu paraíso, lugar como tantos, com suas belezas naturais, com suas manifestações culturais, com seu jeito e trejeito, com suas contradições, com seus

¹⁰⁰ Minha mãe selecionava meus amigos. Cresci em meio a violência, trancado em casa, brincando com meus personagens invisíveis. Não cheguei a assimilar a cultura do lugar. Mesmo morando tão longe, meu sotaque, minha alimentação, meu jeito de ser era catarinense, reconhecido por muitos que conviviam comigo. Nossas idas nas férias de julho e verão à Santa Catarina representavam momentos de felicidade, de liberdade.

acertos e erros, com sua religiosidade, com seus disse - me - disse, mas que me fazem mais feliz. Lugar onde todos se conhecem - se embarcasse no ônibus, certamente conheceria oitenta por cento ou mais das pessoas que aí estiverem, aliás, viajar de ônibus é uma festa, lugar de conversar com amigos, de fofocar, de desejar bom dia, de perguntar como vai fulano, como vai sicrano, de fazer negócio, em fim, lugar de encontro.

Em toda a extensão da estrada geral que liga todas as comunidades a BR 101 e ao centro da cidade, sei que posso contar com a solidariedade da maioria das famílias, em caso de furar um pneu de moto ou carro. Se estiver a pé, certamente conseguirei carona até em casa. É esse lugar chamado distrito *do* Ribeirão Pequeno que escolhi para viver com minha esposa e com meus quatro filhos, ainda não tão atingida pela violência, onde ainda se pode deixar a porta da casa aberta, roupa no varal, onde se pode caminhar à noite pela estrada de chão mal iluminada rodeada pela mata ou por casas dispersas, sem a neurose do medo.

Daquele contexto – o do meu mundo imediato – fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer suspeitar. (FREIRE, 1997, p. 13/14).

Cabe aqui a reflexão da Dra. Patrícia Guerrero, em sua tese de doutorado, a respeito do conceito de lugar, “como lugar de movimento: dos afetos, dos conflitos, das partilhas, dos diálogos, das experiências, da saudade” (2008, p. 56). Diria: lugar de permanência, lugar de partidas e de chegadas, lugar que eu chamaria de ninho, daí se aprende a olhar o mundo, daí se aprende a partir para o mundo. Lugar de raízes profundas, mas que são levadas para onde a necessidade os chama.

Nisso, o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo. (SANTOS, 2006, p. 114).

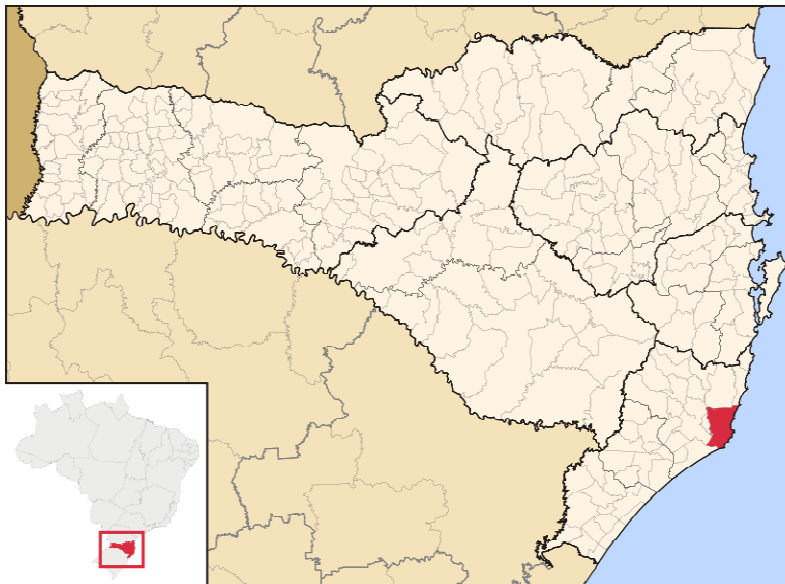
No caso do lugar dessa pesquisa, confunde-se com o conceito de sertão, lugar enquanto espaço rural, enquanto espaço do campo. Sertão no sentido de valorização das coisas da terra, do cheiro e dos verdes do mato, do gosto da comida feita no fogão a lenha, das danças de roda, das conversas que se bota fora em frente da casa, da farinha emprestada ao vizinho na hora do aperto. Como diria Brandão,

O sertão, ele cenário, útero, mundo, cosmo, tudo, lugar que vive a sua vida em nós, através de nós, mas também sem nós, se quiser, ele gera, cria e mata. Ele é a lição sem a precisão de ensino algum, dando que vida que se vive nele, perigosa, provisória e imprevisível, já é a lição que se aprende nem antes nem depois, como véspera ou como memória, mas no viver mesmo, em si, a cada passo, em cada página. (BRANDÃO, 1998, p. 157).

É deste lugar chamado distrito *do* Ribeirão Pequeno da Laguna é que falo dos diálogos estabelecidos entre os velhos e os jovens estudantes de uma escola pública do interior do município de Laguna sobre a cultura local.

3.1.1. Começando pela Laguna

ILUSTRAÇÃO 96 - Mapa localizando Laguna no Estado de Santa Catarina



FONTE:

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/4e/SantaCatarina_Municip_Laguna.svg/800px-SantaCatarina_Municip_Laguna.svg.png em 21.05.2011

Não tem como falar do distrito *do* Ribeirão Pequeno sem antes ter um conhecimento mínimo sobre o município de Laguna, visto que este distrito está inserido no contexto sociopolítico, ambiental, histórico e cultural dessa cidade.

O município de Laguna está situado no litoral sul de Santa Catarina, localizado na latitude de 28° 28' 54" ao Sul e longitude 48° 46' 56" à W de Greenwich e possui uma altitude média de 4 metros¹⁰¹. Fica a 110 km de distância da capital, Florianópolis. São 352 Km², sendo 129 Km² de zona urbana. Possui dois distritos: a da Pescaria Brava e o distrito *do* Ribeirão Pequeno. Está entre as cidades mais pobres do Estado de Santa Catarina. Seu IDH, em 2007, era de 0,793¹⁰²,

¹⁰¹ <http://www.laguna.sc.gov.br/paginas.php?pag=dados-gerais> em 30.03.11

¹⁰² http://pt.wikipedia.org/wiki/Laguna_%28Santa_Catarina%29, em 19.03.2011.

portanto, seus mais de trezentos anos de existência oficial, não garantiram até aqui um alto desenvolvimento humano.

São 28 Km de praias, entre as mais procuradas estão a do Mar Grosso, Gi, e a do Farol de Santa Marta, mas não podemos esquecer as praias do Sol, Itapirubá, Gravatá (praia que o acesso só pode ser feito a pé, totalmente agreste, em estado virgem), Iró, Tamborete, Manelome, Tereza, Galheta, Ipuã, Cardoso e Cigana, e as praias de “mar manso”¹⁰³, que são as praias que se localizam a beira das lagoas Santo Antônio e Imaruí, destacando-se a praia da Cabeçuda. Essas praias de mar manso são procuradas quase que exclusivamente pela população que vive nas regiões ribeirinhas a essas lagoas.

¹⁰³ O nome do bairro “Mar Grosso” é para distinguir das inúmeras praias que são chamadas de “mar manso”, as que ficam a beira da laguna Santo Antônio dos Anjos, Imaruí e Mirim.

ILUSTRAÇÃO 97 – Mapa localizando algumas praias do município de Laguna.



FONTE: <http://mapasblog.blogspot.com/2011/02/mapas-do-farol-de-santa-marta-sc.html> em 15.10.2011

Além das praias, a cidade respira cultura através de suas festas religiosas, como a do Padroeiro Santo Antônio dos Anjos, a festa dos Navegantes e a do Divino Espírito Santo, além do carnaval, considerado um dos melhores do sul do Brasil, e das festas culturais como boi de mamão e a do teatro ao ar livre “República em Laguna”, contando a saga da tomada da cidade pelos farroupilhas gaúchos, entre outras manifestações culturais menores.

Os pontos turísticos mais visitados são: o **Marco de Tordesilhas**, que fica próximo a rodoviária da cidade; a **Casa de Anita**, onde se acredita que ela vestiu-se de noiva no dia do seu casamento com Manuel Duarte de Aguiar - portanto, não se trata da casa onde ela morou; o **Morro da Glória**, com 126 metros de altura, sendo um dos morros mais

alto do município e que abriga a belíssima imagem de Nossa Senhora da Glória; a **Igreja Matriz**, construída a partir de 1696, com as mais variadas formas do estilo barroco, guardando em seu interior, seu padroeiro, Santo Antônio dos Anjos da Laguna; o **Museu Anita Garibaldi**, construído em 1747 para abrigar a Câmara Municipal no piso superior e a cadeia no térreo; a enigmática **Pedra do Frade**. Não há quem não vá até esse monumento e não se perca em imaginações diversas sobre como essa pedra foi parar ali, e como ela se sustenta sem cair. Há forte indício de tratar-se do primeiro monumento marcando os limites meridionais do Tratado de Tordesilhas; a **Fonte da Carioca**, centenária, que distribui água considerada mineral, desde os tempos dos primeiros navegadores que aqui ancoravam suas caravelas para abastecerem-se de comida e água. Até hoje, muitos moradores abastecem-se de água em suas casas a partir dessa fonte, além dos turistas que segundo a lenda, ao tomarem da água da Carioca certamente retornarão à cidade; o **Farol de Santa Marta**, o primeiro em alcance no mundo, em média 92 quilômetros, construído em 1891; a **Docas**, no centro da cidade, onde ancoram pequenas embarcações; **Casa Pinto D’Ulysea**, réplica de uma “Quinta de Portugal”, foi construída em 1866, também conhecida como “Casa dos Azulejos” e o tradicional **Mercado Público** que fica ao lado das Docas.

ILUSTRAÇÃO 98 - Principais pontos turísticos da Laguna



FONTE: www.laguna.sc.gov.br em 25.03.2010

Todos esses pontos turísticos são visitados por inúmeros turistas oriundos de várias partes do Brasil e do exterior, mas pouco visitada e valorizada pelos moradores da cidade. Não valorizam porque não conhecem e não conhecem porque pouco se fala da cidade nas escolas ou nos movimentos sociais da cidade. Exemplo, a maioria da população não sabe do que trata os inúmeros monumentos espalhados pelo centro histórico, muito menos dos estilos arquitetônicos presentes nos casarios. Grande parte da população lagunense é contra o tombamento da cidade. “A Lei de Tombamento Federal, aplicada em 1985, conseguiu preservar a paisagem construída deste bairro que já se encontrava em processo de “renovação urbana”” (LUCENA, 1998, p.2)¹⁰⁴. Para esses, o melhor seria “*botar tudo abaixo*”, “*essas casas velhas*”, “*é um atraso para o município*” é o que dizem. Recai sobre o tombamento, o atraso econômico¹⁰⁵ em que a cidade se encontra. E o pior é que esse discurso além de perpassar as mentes dos moradores mais velhos também faz parte do discurso entre os mais jovens. “Além disso, escolas municipais trabalham, timidamente, no sentido de sensibilizar a valorização do patrimônio, através de projetos educativos formais”. (CAMPOS, 2007, p. 2). O mesmo presencio nas escolas estaduais.

Em geral, os moradores relutam em conservar os traços originais das construções, adornos, assoalhos, forros de madeira, reboco à cal, ritmo das aberturas, coberturas de cerâmica, e outros. Pedidos de demolição e substituição de elementos originais são frequentes. Além do custo de manutenção, e da idéia de progresso, onde o que é novo é o melhor, atribuímos à falta de conhecimento acerca do valor da originalidade dos materiais, e estilos arquitetônicos, causa da baixa preservação¹⁰⁶. (CAMPOS, 2007, p. 14)

Nem mesmo a história de vida de Anita Garibaldi, escapa ao desconhecimento de grande parte da população. “O mito Anita Garibaldi, foi construído pelo povo italiano, depois transplantado para o

¹⁰⁴ A decisão de Tombamento da cidade em 1985, pouco foi discutida com a população local, por isso a rejeição por grande parte da população.

¹⁰⁵ O discurso de “atraso econômico” é forte na população local, que vê, por exemplo, nas cidades de Tubarão e Criciúma, desenvolvimento, oferta de emprego. Essas cidades representam o belo. Laguna é sinônimo de atraso, de falta de oportunidade. Ela representa o feio.

¹⁰⁶ Para maior aprofundamento sobre essa temática, ver Campos, Gizely Cesconetto de. **Patrimônio Edificado de Laguna**: Conhecer, interpretar e preservar. Dissertação de mestrado. http://busca.unisul.br/pdf/90654_Gizely.pdf em 22.03.11

Brasil” (VITTORETTI, 2004, p. 58). Por décadas, a sua história foi considerada uma vergonha para cidade, por deixar seu marido honrado para juntar-se a Joseph Garibaldi. Ainda está no imaginário das pessoas mais velhas que Anita não passou de uma prostituta. A história dela é vista como o mal necessário para a cidade¹⁰⁷, que só ficou conhecida porque se uniu ao chefe da revolução.

É provável que algumas mulheres tenham acompanhado os soldados como sempre acontece nestas mobilizações militares. Naturalmente ficaram no anonimato. Para os lagunenses Anita e Garibaldi estavam incluídos no mesmo procedimento dos demais. Quanto à Anita, ela acompanhou um herói e vencedor e com ele gerou filhos. Aí está a diferença. (VITTORETTI, 2004, p. 84).

Também nas escolas Anita Garibaldi passa quase que despercebida. Foi o teatro ao ar livre, primeiro conhecido como “A Tomada de Laguna” e hoje como “A República em Laguna” quem mais popularizou a história de Joseph, Anita Garibaldi e os revolucionários farroupilhas.

Também não podemos deixar de citar as belezas naturais formada pela região lagunar-marítima, através de suas belas lagunas de águas salobras e rasas, ricas em crustáceos e peixes, e pelas belas praias de beleza ímpar, singular, somadas aos morros que ladeiam essas lagunas, cabos e restingas que ao pôr do sol oferece uma imagem extraordinária, admirada por quem a visita.

E para finalizar essa apresentação da cidade, cabe ressaltar ainda que os mais de três séculos de fundação oficial, somados aos fatos históricos e as personalidades aqui nascidas que marcaram a história catarinense, elevam o orgulho dos habitantes desta terra, a começar pelo hino da cidade:

Minha Laguna, contarei tua história e os feitos de glória que ofertaste ao Brasil. E falarei das belezas sem par, deste céu, deste mar, destas praias sem fim. Minha Laguna,

¹⁰⁷ Não cabe nessa dissertação a discussão dessa visão da população local sobre a sua personalidade mais ilustre, mas nas rodas de conversas, mesmo entre pessoas consideradas da “elite da cidade”, não há exaltação desse fato histórico envolvendo a tomada da cidade pelos farroupilhas, nem na Proclamação da República em 1839, e muito menos no romance que envolve Anita e Joseph Garibaldi.

falarei do teu povo que adora o que é novo, em matar o passado. E mostrarei, o valor desta gente, nesta canção dolente, que orgulhosamente eu fiz pra te ofertar. Laguna amada, sob este céu que é tão azul, foi que a Pátria deslumbrada, deu a grande caminhada em direção ao sul¹⁰⁸.

O orgulho por Laguna caminha junto à crítica feroz de uma população que não se conforma com a estagnação econômica em que se encontra a cidade. Esse inconformismo de uma cidade do “já foi” a capital de uma República, do “já foi” a cidade mais importante do estado, do “já teve” um porto promissor e centro econômico do sul do Brasil e “palco” de grandes personalidades, faz com que seus habitantes a olhem como “um passado glorioso” que talvez não tenha sido tão glorioso assim, do que olhar para o futuro. Esse discurso do “já teve”, do “já foi” criou uma cultura de descrença nas potencialidades da cidade que leva a maioria da juventude partir por “melhores condições de vida”. *“Fazer o quê, aqui não tem emprego”* é o que mais se ouve entre os adultos e entre os jovens. Esse discurso é fortíssimo passando por praticamente todos os segmentos sociais da cidade. Trata-se de um sentimento que vai do orgulho à descrença. Há pouco tempo atrás eu ouvia de um político bem conhecido por todos dizer: *“essa cidade não tem solução”*.

Percebo na população do distrito *do Ribeirão Pequeno*, incluindo os velhos e os jovens, a respeito desse “sentimento de orgulho e de descrença” sobre a cidade, diferente dos moradores do centro. Há sim, um sentimento de pertença à cidade, isso é inegável, mas o fato do isolamento do distrito até a década de sessenta, sem acesso à cidade por terra, apenas por água ou trem, fez com que seus moradores tivessem uma visão diferenciada sobre a cultura e sobre a história da cidade, como se fossem dois lugares distintos. A grande maioria da população, raramente¹⁰⁹ ia até o centro, portanto, desconhecendo sua história, suas manifestações culturais. Exemplo disso, é que ainda hoje há vários alunos que nunca foram até a Pedra do Frade, ao Farol de Santa Marta, ou raramente participaram da festa mais tradicional da cidade, que é a Festa de Santo Antônio dos Anjos ou ainda raramente vão à praia do

¹⁰⁸ Hino da cidade de Laguna, que sintetiza o pensar do morador nascido nessa cidade, que se orgulha da sua cidade. Ver em: www.laguna.sc.gov.br em 26.03.2010

¹⁰⁹ Esse “raramente”, significa uma, duas, três viagens por ano ao centro da cidade. Aos mais “ricos”, umas dez vezes ao ano, nos disse dona Nininha.

Mar Grosso no verão. A história de Anita Garibaldi, da presença dos farroupilhas, das personalidades catarinense naturais dessa terra, sempre foram presenças distantes, como se fossem de outro lugar. Portanto, não vejo esse “orgulho” pelo passado do município entre os moradores do distrito. Já quanto ao sentimento de “descrença” nas potencialidades da cidade, talvez seja maior ainda que em relação aos moradores do centro e dos bairros periféricos. O sentimento de migração pelos jovens é do distrito para outros municípios maiores.

3.1.2. O distrito do Ribeirão Pequeno da Laguna

O distrito *do* Ribeirão Pequeno situa-se a sudoeste do município *da* Laguna, considerado zona rural, região ribeirinha, espremida entre a laguna¹¹⁰ Santo Antônio dos Anjos e os morros, com uma área aproximada de 126 Km²¹¹¹. Trata-se de uma região de difícil acesso. Há somente uma estrada geral que liga as oito comunidades a BR 101, estreita, cheia de pontas de pedras em toda a sua extensão e muitas curvas. Ainda há pontos nesta estrada, onde dois veículos não passam um pelo outro, sendo que sempre um dos veículos tem que dar ré até encontrar um lugar de passagem. Para os moradores do distrito que possuem carro, esses pontos de ultrapassagem são conhecidos, mas para quem “é de fora” isso é um transtorno.

A estrada foi aberta a partir de 1962, por etapas, chegando hoje até a comunidade da Madre. Sua extensão da BR 101 até o rio Tubarão é de aproximadamente 22 km, passando pelas comunidades de Bananal¹¹², Morro Grande, Figueira, Ponta do Daniel, Parobé, Ribeirão Pequeno, Ribeirão Grande, Cortiçal e Madre. A comunidade da Madre situa-se às margens do rio que separa os municípios de Laguna e Tubarão.

A estrada nasceu de antigos caminhos de carro de boi, o meio de transporte mais usado até a década de sessenta. Na sua maior extensão esse caminho chamava-se **Caminho do Rei**. Na época da abertura, usaram traçados dos caminhos de carro de boi já existente, adaptando-os, evitando curvas e subidas abruptas, mas mesmo assim, a estrada é

¹¹⁰ Laguna é uma lagoa de água salobra, rasa e que tem ligação direta com o mar. O nome da cidade faz jus a essa região lagunar no sul do Estado de Santa Catarina.

¹¹¹ <http://www.laguna.sc.gov.br/paginas.php?pag=dados-gerais>, em 19.03.2011.

¹¹² A comunidade do Bananal não pertence ao distrito *do* Ribeirão Pequeno e sim ao distrito *da* Pescaria Brava. Como o distrito *da* Pescaria Brava está em processo de emancipação, é provável que a comunidade *do* Bananal venha fazer parte do distrito *do* Ribeirão Pequeno, caso contrário, o distrito *do* Ribeirão Pequeno fica sem acesso por terra ao resto do município de Laguna, ou seja, teria que passar dentro do município *da* Pescaria Brava para chegar ao centro da cidade.

carregada de curvas, subidas e decidas. É conhecida como uma estrada perigosa pelas curvas fechadas e pelos abismos entre os morros e o mar. Nesses cinquenta anos de Estrada Geral, o que se viu e se vê é apenas a sua manutenção, que ocorre de forma precária. A maior reclamação da população local, sempre foi o abandono da estrada pela maioria dos governos municipais. Em sua extensão, há pequenos calçamentos, de péssima qualidade, em frente às comunidades. O atual prefeito na época das eleições apelidou a estrada de “calça de jeca”, cheia de remendos - trechos calçados com paralelepípedo. Há sete anos no poder, o que pôde fazer até agora foi colocar mais dois remendos, ou seja, mas dois pedaços de calçamentos, um com paralelepípedos e um com lajotas.

As comunidades, na sua maioria, nasceram nas únicas baixadas - pequenas planícies - que existem entre os morros e a lagoa, locais próprios para portos, portanto, suas populações têm o olhar voltado para o mar e as costas para os morros, que não são apropriados à agricultura, devido à grande quantidade de pedras e por serem íngremes. Por isso, a maioria dos meninos, desde cedo sabem remar e tarrafejar. A pesca artesanal, mesmo em decadência, faz parte da cultura local.

Antes da mecanização do campo, entre as décadas de sessenta e setenta, a maioria das famílias ainda moravam em pequenas propriedades espalhadas pelos morros das comunidades do distrito, os chamados sertões: sertão do Parobé, Coloninha, sertão dos Vitoras¹¹³, sertão dos Aniba, sertão dos Marias, trabalhando em pequenas roças, onde se produzia tudo o que necessitasse para a sobrevivência familiar, utilizando-se de instrumentos de trabalho rudimentares. Com a chegada da tecnologia, não houve mais espaço para esses trabalhos manuais e devido à impossibilidade do uso do trator por causa dos declives nos morros, o jeito foi abandoná-los e virem morar nos núcleos habitacionais dedicando-se mais a pesca.

A vegetação nativa constituía-se de mangues, mata ciliar e mata atlântica, porém, com a presença humana, praticamente toda a vegetação foi substituída, primeiro pelas roças, e agora pelos pastos, “por uma espécie de *Brachiaria* sp., gramínea africana muito agressiva, influenciando diretamente no volume de água disponível e na dinâmica do ecossistema”. (REBELO, 2006. p. 19). Mas como a natureza resiste, ainda é possível encontrar oásis de espécies características dessas matas

¹¹³ Dependendo do número de pessoas de uma mesma família, era comum chamar o sertão pelo sobrenome dessas pessoas, como no caso “sertão dos Vitoras” da família de minha mãe. Meu avô chamava-se Vitorino João de Jesus, tinha o apelido de Vitora. A maioria dos filhos homens foi casando e permanecendo nas terras do meu avô. O sertão com o tempo passou a ser conhecido como o “sertão dos Vitoras”.

nativas espalhadas pelo distrito, porém, das madeiras nobres, nada sobrou.

A preservação ou reabilitação dos fragmentos ciliares nas áreas rurais é de vital importância para garantir a melhoria da qualidade de vida das populações destas comunidades, além de possibilitar uma melhor integração delas com o meio ambiente. (REBELO, 2006, p. 19)

Quanto aos animais, infelizmente a natureza pouca coisa pode fazer. Animais como macacos, tamanduás, onças, gatos e cachorros do mato, já não existem mais. Animais como lebres, capivaras, lontras, jacarés, ainda podemos com raridade encontrá-los. Vejo na população local, uma preocupação crescente com a preservação do meio ambiente, prova que houve mudanças de hábitos, são raras as caçadas nos dias de hoje¹¹⁴. Uma espécie de ave, que havia desaparecido e que hoje retornam com força, são as araquãs, que voltam a povoar as matas do distrito.

Uma curiosidade no que se refere ao clima da cidade *da Laguna* é a presença constante dos ventos: ora o vento nordeste e o “nordestão”, ora, o vento sul, mais conhecido por essas redondezas como “rebojo”. Os ventos no distrito determinavam antigamente, o deslocamento das pessoas, já que o trajeto entre as comunidades do distrito e o centro “a cidade”, era realizado por canoas a vela. Dependendo da força do vento, muitas viagens tinham que ser canceladas. Há os que reclamam do vento. Há os que veem nos ventos a possibilidade de um verão “mais fresquinho”. A temperatura média anual é de 19,70c, máxima absoluta em torno de 36,30c e mínima de 16,50c¹¹⁵. A proximidade com o mar faz com que a cidade não tenha verões tão quentes, nem invernos tão frios.

3.1.3. As comunidades

O distrito *do Ribeirão Pequeno* foi criado como distrito no dia 09 de março de 1911¹¹⁶, desmembrado do distrito de Pescaria Brava que é distrito desde 1857. O nome dado ao novo distrito foi de São Braz,

¹¹⁴ Cabe ressaltar que as caçadas acabaram porque mudou a cultura. Há outras atividades atualmente que despertam sua atenção dos jovens, para alívio da natureza.

¹¹⁵ <http://www.laguna.sc.gov.br/paginas.php?pag=dados-gerais> em 30 de março de 2011.

¹¹⁶ Os dados sobre a instituição do distrito foram pesquisados junto ao Cartório *do Ribeirão Pequeno* em entrevista com o Sr. Gabriel Félix Alves, funcionário do mesmo.

nome do padroeiro da comunidade, mas segundo Pe. Carlos, que é natural desta comunidade, “*por influência da maçonaria de Laguna, passou-se a chamar distrito do Ribeirão Pequeno. A maçonaria, procurava diminuir a influência do catolicismo na região*”.

Sempre tive a curiosidade em saber por que Ribeirão Pequeno foi escolhido como sede e não outra comunidade. A resposta mais convincente veio do seu Nizo do Ribeirão Pequeno:

Havia uma disputa entre as comunidades do Ribeirão e Parobé para se tornar a sede. Eu lembro que o padre Gregório, pároco de Laguna na época, e que depois se tornou bispo em Joinville, comentava que a escolha foi porque nossa comunidade ficava no meio, entre o leito do rio Tubarão e os trilhos do trem no Bananal.

Talvez por isso, há uma disputa acirrada entre essas duas comunidades, que disputam entre si, quem é a melhor. À medida que os velhos dessas duas comunidades forem falando ao desenrolar dos capítulos, percebe-se esse “*quem é a melhor*”, seja no futebol, no carnaval, nas manifestações culturais. Veja o exemplo do futebol segundo nos narra dona Nininha da comunidade do Parobé:

“Os moços jogavam e nós apreciava torcendo pelo time da nossa comunidade. E como a gente torcia. A gente ia para ver as pernas, os peitos, os braços dos moços que como estava sempre tapada, porque naquela época todo homem só usava calça e camisa comprida. O futebol era a oportunidade de se ver como era. Depois a gente ficava comentando uma com as outras. Tinha moças que terminava o namoro quando descobria que o namorado era peludo”. Ela dá uma gargalhada. “Quando tinha jogo entre o Ribeirão Pequeno e o Parobé havia muita rivalidade, a gente ficava louquinha, louquinha. A moita comia. A gente jogava moita de mato nas moças do Ribeirão e elas em nós. A Deus, como era divertido. Mas depois não. A disputa era ali, naquele momento”.

Mas não é só entre essas duas comunidades que há disputa. Também acontece entre as comunidades de Figueira e Morro Grande e entre Ribeirão Pequeno e Ribeirão Grande. Essas “disputas” se materializam nas rodas de conversa entre os alunos na escola. Nas salas de aula é visível esse discurso que “*a minha comunidade é melhor*”. Todos se dão bem, formam grupos de amigos de comunidades diferentes, mas quando se trata de defender a sua comunidade há união entre os seus. Por isso, nas duas disciplinas que leciono na EEB Gregório Manoel de Bem, História e Geografia, me utilizo, por vezes,

em trabalhar em grupos por comunidade, temas que requerem um olhar a partir da comunidade onde moram. “Perceber a existência do outro nos faz perceber a nós próprios e o grupo que representamos” (GONÇALVES, 2006, p. 85). E essas particularidades são visíveis tanto no conjunto físico¹¹⁷ dos alunos quanto cultural.

Portanto, dentro da “homogeneidade” cultural do distrito *do* Ribeirão Pequeno há todo um conjunto de comunidades com características culturais próprias e que merecem e que querem ser reconhecidas em suas particularidades, ou seja, “múltiplas comunidades coexistem no interior” (GONÇALVES, 2006, p. 85) de cada uma delas. Exemplo: a comunidade da Madre costuma-se brincar chamando-os de “papa queijo”; a comunidade de Ribeirão Grande de “papa-carapicu” e os figueiranos de “papa-bagre”, identificando-as a partir de atividades econômicas específicas de cada uma delas. Também costumamos identificar a comunidade da Madre pela criação de gado; a comunidade *do* Ribeirão Grande pelas hortaliças; a comunidade *do* Ribeirão Pequeno pelo boi de mamão; a comunidade *do* Parobé, pelo carnaval; a comunidade da Figueira pela pesca e a comunidade de Morro Grande, pelo corte de pedra. E dentro de cada comunidade vamos encontrar vários grupos sociais e religiosos específicos. Para Max Weber, “A atitude na ação social se inspira no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo” (1973, p. 140). No conceito de comunidade, supõe-se a existência de bens e valores que são comuns aos seus partícipes criando um sentimento de “pertencimento” a um território específico.

O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer “aquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. (SANTOS, 2006, p. 96).

Guerreiro se baseia no conceito de território de Paula et al (op.cit, p. 6):

¹¹⁷ Por exemplo, os alunos da Madre, na sua maioria são descendentes de alemães, os do Ribeirão Grande são de pele e olhos claros, na maioria da família “dos de Bem”. Os do Ribeirão Pequeno, mais morenos, descendem em grande parte da família dos “Figueiredo”, “Wechi”, Duarte, etc. Os da comunidade da Figueira, dos “Patrícios” e do Morro Grande dos “Espíndolas”. Esses grupos sociais e familiares carregados de uma cultura própria acabam por identificá-los na comunidade por suas particularidades.

(...) território enquanto espaço vivido pelas percepções que os indivíduos, nos grupos, em sociedades têm dos lugares nos quais estabelecem relações singulares e fazem o processo de construção das representações de imagens do espaço geográfico. (2008, p. 56).

Para concluir meu pensamento sobre o conceito de comunidade, gosto do conceito proposto pela Igreja Católica, construída a partir dos primeiros cristãos, que está ligada a ideia de “comunhão”, “aqueles que tinham tudo em comum”. Essa ideia do comum, de partilha, de ajuda mútua em cada comunidade do distrito *do* Ribeirão Pequeno ainda é forte. Fica evidente essa ideia de pertencimento a um grupo específico principalmente nas festas religiosas, com destaque para as festas dos padroeiros, onde as diferenças são amenizadas e todos se abraçam pela causa comum. Essa causa comum é mostrar o que há de mais belo entre os seus. Durante os festejos que geralmente duram de três a cinco dias, comunidades irmãs são convidadas a compartilhar, se solidarizar, se confraternizarem juntas desses momentos.

Ainda falando sobre as particularidades das comunidades, há vinte anos trabalhando e convivendo com o povo *do* Ribeirão Pequeno percebo um orgulho exacerbado, que segundo meu olhar, vem do fato de serem sede de distrito, o que não se percebe na população das outras comunidades. Vejo esse “orgulho” de forma positiva, pois é nessa comunidade que se percebe a maior organização comunitária, maior número de lideranças, de pessoas preocupadas com o coletivo, com a imagem da comunidade perante o município. Essa “postura”, visível principalmente nos mais velhos, acaba provocando certa repulsa pelas outras comunidades, diria, inveja.

Portanto, o distrito é formado por oito comunidades. A partir da BR 101, a primeira comunidade chama-se Morro Grande, seguida *da* Figueira, Ponta do Daniel, Parobé, Ribeirão Pequeno – sede do distrito –, Ribeirão Grande, Cortiçal e Madre, porém, por opção particular, enumerarei as comunidades sempre no sentido contrário, da Madre à comunidade *do* Morro Grande, caminho certamente feito pelos índios, visto que é na comunidade da Madre que encontramos o maior sambaqui da região.

3.1.4. O nome das comunidades

Nas pesquisas e mesmo nas rodas de conversa é frequente os velhos frisarem bem de onde nasceu o nome da comunidade onde

vivem, nomes justificados a partir de lendas criadas pelos mais antigos, mas que estão no imaginário dessa gente, enquanto verdades absolutas. Para o povo há necessidade em explicar a origem do nome do lugar, isso cria uma identidade, um rosto, a ideia de pertencimento a um território específico.

Historicamente não existe a comunidade da Madre dentro do município de Laguna, e sim no município de Tubarão. O que os separa os dois municípios é o rio Tubarão, conhecido por muitos dessa comunidade como Rio Grande. Após a enchente de 1974 que assolou a região, o rio, foi retificado. Tiraram as curvas, e o fizeram mais largo e profundo o que dividiu várias famílias que pertenciam a Tubarão e que acabaram ficando do lado de cá. Seu Marfísio desta comunidade, conta que foi um padre que ao se referir as pessoas que frequentavam a Igreja do lado de Tubarão dizia: *“que bom que o pessoal da Madre de Baixo chegou para a missa”*. O apelido pegou. Hoje, a parte que pertence a Laguna é conhecida como Madre, mas na realidade antigamente era conhecida como Campestre, a parte próxima ao rio e Sambaqui em direção ao Cortiçal.

ILUSTRAÇÃO 99 - Comunidade da Madre



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Já a comunidade do Cortiçal praticamente existe apenas o nome. Poucas famílias moram nessa “antiga” comunidade. Na época da pesquisa com os alunos, eles ficaram surpresos, porque nem sabiam que existira uma comunidade com esse nome, porque hoje, toda essa localidade é conhecida como Madre. Segundo seu Sebastião, o nome

originou-se pela quantidade de cortiça que existia nas redondezas. Ainda segundo seu Sebastião,

(...) a sequência correta dos nomes das comunidades seria: “Ribeirão Grande até o Morro do Cipó. A partir daí seria o Cortiçal até o Morro do Pedro Bentinho. Do Morro do Pedro Bentinho até o rio Velho, conhecido como rio das Conchas seria a comunidade de Sambaqui. A partir do Sambaqui até o rio Tubarão seria Campestre”. “No município de Laguna não existia a Madre”, confirma seu Marfísio. (OLIVEIRA, 2010, p. 43).

Ribeirão Grande e Ribeirão Pequeno recebem esses nomes devido as suas cachoeiras, sendo a *do* Ribeirão Grande maior que a cachoeira *do* Ribeirão Pequeno. O que a maioria da população não entende é que em número populacional a comunidade *do* Ribeirão Pequeno é mais numerosa que Ribeirão Grande. Portanto, o nome das duas comunidades está relacionado ao Ribeirão¹¹⁸, ao seja, as suas cachoeiras.

¹¹⁸ Segundo o dicionário Aurélio, Ribeirão significa “Curso de água menor que um rio e maior, que um riacho. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro, 1ª Ed., Editora Nova Fronteira, p. 1236.

ILUSTRAÇÃO 100 - Comunidade *do* Ribeirão Grande



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

ILUSTRAÇÃO 101 - Comunidade *do* Ribeirão Pequeno



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Por longa data, os moradores da comunidade do Parobé procuraram explicar a origem do nome da comunidade de maneira bem simples, através da lenda do barco chamado Bé e do cabrito berrão. Na narrativa, dona Nininha explica:

A comunidade tem esse nome porque há muito tempo atrás, tinha um barco de nome bé, e aí ele veio pela lagoa e entrou aqui no rio. Veio, veio até que o marinho que tava na proa viu uma pedra bem do lado, no rio, coberto pela água. Quase não dava pra ver. A pedra tá lá até hoje, só que como todo pescador conhece ela, não tem perigo. Aí, quando o marinho viu a pedra, começou a gritar: Pára, pára, pára o Bé, porque se não ele ia bater na pedra e aí botaram o nome de Parobé na comunidade. Há aqueles que também tentam explicar o nome da comunidade, a um homem que morava nos morros e que tinha um cabrito muito berrão. Quanto mais ele dizia para o cabrito parar de berrar mais ele berrava. “Para!”, e o cabrito: “béééé”. Para!, béééé, e aí ficou Parobé.

Na verdade, o nome desta comunidade está associado à língua tupi guarani. Segundo o dicionário “Vocabulário Tupi Guarani/Português” “Ypá-roba-é” significa lagoa de sabor amargo ou “Ypé-roba-é”, a casca amarga do Ypê. Ainda aparece no dicionário a palavra “Paroby” significando a lagoa azul ou verde (BUENO, 1986, p.245).

ILUSTRAÇÃO 102 - Comunidade do Parobé



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Quanto ao nome da comunidade *da* Ponta do Daniel, segundo os moradores mais antigos dessa comunidade, está associado a um senhor de nome Daniel que morava a beira da lagoa. Os canoeiros, em dias de ventos fortes, esperavam a calmaria do vento, outros paravam nesse local onde vivia esse homem para descansar e depois continuar remando. Não há provas da existência desse senhor, apenas o nome da comunidade.

O nome da comunidade Figueira, segundo os velhos dessa comunidade está ligado à existência de uma figueira. O seu Braz desta comunidade nos escreveu dizendo:

Por ter uma enorme figueira bem em frente à Igreja, pois na época a Igreja não existia, por ser um lugar bom e favorável para a pesca e por ter duas cachoeiras fortes, local ideal para atracar canoas, veio na época Jeremias Domingos Patrício e fizeram suas tendas e formaram famílias. A terra era fértil e havia muitas casas. Existiam muitos índios, pois quando abriram a estrada, bem em frente à Igreja, existia um pasto de grama, baixa e ao passar o trator foi achado ossos humanos. Talvez fosse de índio, pois na beira da mata virgem existia uma figueira com quatro metros de grossura, talvez a mais velha do nosso município ou até do sul do nosso município, ou do estado, pois ali é que o índio fazia sua melhor caçada. A figueira está viva para quem quiser ver dá para a gente subir nela, pois ela se encontra meio deitada, nela existe várias orquídeas”. Portanto, “o nome da comunidade está associado a uma dessas figueiras, locais onde atracavam os barcos, onde os pescadores deixaram suas redes, os namorados paqueravam na sua sombra.

ILUSTRAÇÃO 103 - Comunidade *da Figueira*

FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

E por fim a comunidade *do Morro Grande* recebeu esse nome, com certeza pela existência do maior conjunto de morros do município *da Laguna*.

ILUSTRAÇÃO 104 - Comunidade *do Morro Grande*

FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Esses primeiros diálogos a respeito do tema “lugar” têm como objetivo, além de situar o objeto de pesquisa, dizer que o sentimento de pertença dos moradores do distrito *do Ribeirão Pequeno*, seja ele jovem ou velho, é muito mais local que distrital, ou seja, pertence-se a uma

comunidade: Madre, Cortiçal, Ribeirão Grande, Ribeirão Pequeno, Parobé, Ponta do Daniel, Figueira ou Morro Grande, que o sentimento de pertencimento a um distrito de nome Ribeirão Pequeno. Se você encontrar um jovem nativo dessa região, ou um morador que esteja fora do município, dirá por exemplo, que é *da* Figueira, Laguna, Santa Catarina. Não dirá que é do distrito *do* Ribeirão Pequeno. Mesmo nos encontros políticos com objetivo de discutir os problemas da região, as reivindicações raramente são distritais. Pedem-se a arrumação das ruas da comunidade, lâmpadas públicas para a comunidade, melhorias na praça da comunidade, etc., e não reivindicações em nível de distrito, a não ser a manutenção da Estrada Geral. Essa mentalidade me incomoda, é muito reducionista, enfraquecedora, pois a união faz a força frente aos órgãos políticos do município e do estado.

O Grupo de Cultura Casa da Dindinha caminha na contramão desse pensamento, pois se trata de um grupo cultural em nível de distrito e não de uma comunidade. Nele há a presença de alunos, pais, avôs de várias comunidades do distrito, mas mesmo assim, a ideia que fica é que somos um grupo da comunidade *do* Ribeirão Pequeno pelo fato de pertencermos a escola desta comunidade, que recebe alunos das oito comunidades. Mesmo a escola não é vista como de todas as comunidades, por exemplo, a APP (Associação de Pais e Professores) onde a maioria esmagadora é da comunidade sede, Ribeirão Pequeno.

3.2. COMO FOI A OCUPAÇÃO DESSE LUGAR?

Laguna respira história em todos os cantos por onde você passar, desde o centro histórico às comunidades rurais mais longínquas: os casarios com seus estilos arquitetônicos; as manifestações culturais presentes no centro e no interior do município; os fatos históricos ocorridos nesta cidade.

Sua história remonta alguns milhares de anos antes de Cristo com a formação dos sítios arqueológicos deixados pelos sambaquianos e tupis guaranis; pelas marcas da assinatura do Tratado de Tordesilhas de 1494; pelos primeiros navegantes espanhóis e portugueses em busca de reconhecimento da região do Brasil e do sul do continente entre os séculos XIV e XVI; pela presença, primeiro dos bandeirantes vicentinos e depois pela chegada dos açorianos, entre os séculos XV e XVIII; pela tomada do porto da cidade pelos farroupilhas envolvendo personagens como Anita e Joseph Garibaldi no século XIX. Laguna é parte da história do Brasil, de Portugal continental e insular, da Espanha e da Itália. Diria que a cidade é um livro de história a céu aberto. O

tombamento da cidade ocorrido em 1985 e protestada por muitos moradores até hoje, é uma verdadeira aula de arquitetura, de cultura material e imaterial, não só para Santa Catarina, como para parte do mundo Ocidental.

3.2.1. Os primeiros a chegarem

Sobre os primeiros que desbravaram, que ocuparam, que se fizeram história nessa região lagunar, o que sabemos sobre eles, são a partir dos vestígios deixados nos sambaquis presentes em praticamente todo o litoral catarinense, mas com presença marcante entre Imbituba, Laguna e Jaguaruna de hoje, certamente por causa da presença das inúmeras lagunas, ricas em peixes, crustáceos e pequenos animais mamíferos, além de aves, répteis e outros, que serviam como fonte alimentar¹¹⁹.

ILUSTRAÇÃO 105 - Trabalhando com os alunos a cultura sambaquiiana



FONTE: Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

Embora conchas de moluscos de variadas espécies formem o maior volume de restos desses chamados “concheiros”, os estudos mais recentes indicam que o peixe fornecia a subsistência básica, em volume e qualidade. São peixes de todo tipo, tamanho e periculosidade, pescados nos costões, no mar aberto e nas lagoas costeiras, com

¹¹⁹ Para saber mais sobre a cultura desse povo, ver: CARUSO, Mariléia M. Leal. **Índios, baleeiros e imigrantes: a aventura histórica catarinense**. Tubarão: Editora Unisul, 2000. “O Enigma dos sambaquis e dos índios de SC antes de 1500, p. 30 a 42.

uso de anzol, de rede, de arpão, a partir da terra firme ou embarcados em canoas com as quais podiam alcançar ilhas distantes. Além de mamíferos como o lobo marinho e a baleia, aves marinhas, especialmente o pingüim, os crustáceos dos mangues podiam ser um complemento bem vindo. A caça na mata atlântica e os frutos da vegetação de restinga tão pouco eram desprezados. (SCHMITZ, 2005, p.46).

No distrito há um sambaqui na comunidade da Madre. Os moradores dessa região pouco sabem sobre a história, sobre a cultura desse povo. Todos os artefatos encontrados, para eles, são artefatos deixados pelos índios, sem distinguirem a diferença entre sambaquianos e tupis-guaranis.

O sambaqui da Madre está coberto por pastagem, o que torna difícil identificar seus limites. Por diversas vezes levei alunos para visitarem esse sambaqui, até que a proprietária, dona Bebê, sem jeito, ou melhor, com muito jeito, confessou-me o medo em perder suas terras caso muita gente venha saber que sua propriedade está sob um sambaqui. Disse-me que várias ossadas humanas foram encontradas em sua propriedade, principalmente quando tinham que fincar mourões. Desse dia em diante, evitei em levar alunos até lá, devido sua idade avançada, percebendo que nossas visitas as deixava preocupada.

Sobre os tupis-guaranis,

No Estado de Santa Catarina, vivem aproximadamente 1.250 guarani, divididos entre *Nhandeva* e *Mbya* e estão distribuídos em 20 aldeias ao longo do litoral e interior do Estado. A denominação *Mbya* guarani é assumida pelo indígena como identidade desse grupo. Essa autodenominação os distingue dos demais grupos indígenas existentes, como também de toda a sociedade nacional. (SOUZA, 2010, p. 21/22)¹²⁰

Segundo Rodrigo Lavina (2000), os Cários, como são conhecidos os tupis- guaranis no litoral catarinense, teriam migrado do Rio da Prata

¹²⁰ Lembrando que *Nhandeva* significa parcialidade guarani e *Mbya* significa Guarani conforme SOUZA, Alexandra Serafim de. **As narrativas como estratégia(s) de construção identitária dos índios guarani da aldeia Tekoá Marangatu em Imaruí (SC)**. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em educação – PPGE – UNESC – Criciúma/Santa Catarina, 2010, p. 10.

a mais ou menos mil anos atrás, “absorvendo ou expulsando outras populações mais antigas” (p. 76).

Os estudos sobre a presença dos Guaranis, ou dos Carijós “guaranizados” em nossa região, correm a passos largos. Muitos equívocos, interpretações errôneas estão caindo por terra a partir de estudos recentes que só vem acrescentar o aprofundamento dessa cultura existente nesse complexo lagunar. Conhecer a cultura desse povo é conhecer grande parte da nossa cultura, dos nossos fazeres e saberes, por exemplo, que,

(...) na época do Descobrimento do Brasil, o que observamos é a presença do *Guarani* nessa área. E quando ele chega, vai encontrar quem? O *Xokleng* lá em cima, e o *pescador* aqui em baixo. E quando vem o europeu quem é que ele vai achar? Vai achar o *Carijó*, que provavelmente é uma soma do *pescador* com o *Guarani*, que migrou anteriormente para cá. (...) Mas, e os *pescadores* daqui do litoral? Qualquer pessoa que estuda demografia sabe que é impossível dizimar uma população completamente. Ficam grupos pequenos mas sobrevivem, apesar de toda aquela tecnologia européia de cavalos e canhões. Por isso penso que é impossível que o *Guarani* chegue no litoral e dizime o *pescador* que está aqui, ou mesmo o *Ge*. Acredito que termos que repensar o *Carijó* não como essencialmente *Guarani* mas como uma população que foi guaranizada. Ao contrário do que se divulga, o *Carijó* não é um mestiço de índio com o branco europeu, porque simplesmente já existia antes do Descobrimento. Na verdade, *Carijó* seria o indivíduo provindo desse encontro do *Guarani* com o *pescador-coleto*r do litoral. (CARUSO, 2000, p. 33).

A presença material e imaterial desses índios *Carijós guaranizados* na nossa região lagunar é tão marcante que se torna difícil dizer que a cultura desse distrito é açoriana. Por isso utilizarei a terminologia, de “base” açoriana¹²¹.

¹²¹ Lembrando que a população local foi se afastando da matriz açoriana, se “abrasileirando”. No início do projeto quando pedia que os alunos perguntassem aos pais as possíveis origens da família, a resposta que vinha era que eles descendiam de brasileiros. A palavra Açores, açoriano, açorianidade, não existia no vocabulário local. Hoje, após dez anos de projeto já se fala dessa descendência que foi esquecida ao passar dos séculos.

Quando eu era pequeno, nas rodas de conversa dos adultos, principalmente à noite, após a ceia, falava-se e muitos dos diversos artefatos de índios que encontravam nas tocas de pedras e nas roças. Ia desde ponta de lanças a potes de barro. Esses artefatos eram trazidos e guardados nos paióis, o que acabava indo embora com o tempo. Sempre digo, que se tivessem sido guardados todos os artefatos deixados pelos índios, teríamos material suficiente para a construção de um imenso museu, mas infelizmente o que sobrou é muito pouco, mas volta e meia ainda se encontra algumas peças. Nesse momento, há pessoas que se lembram de mim e me chamam e assim peço a doação e levo para a escola onde estamos a passos lentos montando uma “Casa da Dindinha”, espécie de museu com objetos doados pelos moradores do distrito¹²².

Mas a presença mais marcante deixada por eles está na cultura, nos fazeres, como balaio, tipiti, na técnica da coivara¹²³, na alimentação, em objetos como o aguidar, o boião de café, a esteira, o pilão, e até mesmo nas técnicas de produção da farinha de mandioca. Também nas palavras de origem tupi guarani como sambaqui, Parobé, Imaruí, Mirim, Aratingaúba, Samambaia, Rio D’una, entre outras tão comuns em nossa região.

Sobre a presença dos índios na região, seu Nizo da comunidade do Ribeirão Pequeno fala:

Meu avô comentava que havia índios por esses morros. Quando eu era pequeno tive curiosidade em saber por que o nome da mata do meu avô se chamava Matutu e aí ele respondeu por causa dos índios que pegavam das roças o que eles plantavam e isso dava muito prejuízo. Ele dizia que muitos homens brancos depois de tomar “umas pingas” nas vendas, se enchiam de coragem e com espingardas iam até onde os índios moravam e matavam eles. Esses ataques surpresa aconteciam na calada da madrugada.

História contada por Dona Terezinha do Ribeirão Grande:

O cachorro de um menino de nome Miguel, num dia latiu sobre umas pedras. Era uma menininha índia que os portugueses diziam ser bugra. O menino Miguel a levou para a casa, pois estava muito assustada, toda suja, pelada, com as unhas bem grande e toda arranhada. Seus pais a esconderam num quarto com medo dos bugres. A menina cresceu, aprendeu a língua portuguesa depois casou com o menino Miguel que a

¹²² Tratamos desse assunto no capítulo 1.

¹²³ Coivara consiste na técnica de derrubar o mato, colocar fogo para depois plantar.

salvou. Quem contou esta história foi meu avô materno, já falecido (Joaquim Miguel de Bem) que nasceu em 1895 mais ou menos no Sambaqui, próximo ao Ribeirão Grande.

Assim, lentamente os brancos vão expulsando os índios que aqui moravam e formando as “aldeias de brancos” que são nossas atuais comunidades.

3.2.2. A chegada do homem branco

3.2.2.1. Os vicentinos

Depois veio o homem branco, primeiro os marinheiros espanhóis e portugueses a partir das Grandes Navegações. Paravam na futura Laguna para abastecer seus barcos com comida e água, abundantes nesse complexo lagunar. Já nessa época, naufragos e aventureiros passaram a fixar moradia junto aos índios Carijós da região. Com o passar do tempo, lá pelo século XVII, foram chegando os bandeirantes vicentinos e posteriormente, os açorianos, ambos contribuindo para a miscigenação da região, dizimando os Carijós, que

(...) foram incessantemente exterminados pela escravidão a que foram submetidos durante os séculos XVI e XVII. As crônicas dos jesuítas contam que no porto de Laguna, em meados do século XVII, embarcavam, anualmente, cerca de 12.000 índios aprisionados pelos bandeirantes paulistas. (FLORES, 2000, p. 36)

Os vicentinos, provenientes da Vila de São Vicente, litoral paulista, primeiro vinham em expedições exploradoras, às chamadas Bandeiras de Apresamento, reconhecendo a região, procurando ouro e caçando índios para vendê-los como escravos no centro-sul do Brasil, entre os séculos XVI e XVII. Depois, vinham através de expedições de povoamento, as chamadas Bandeiras Colonizadoras. “Como resultado destas incursões paulistas, quer pelo interior, quer pelo litoral, vamos ter as primeiras fundações vicentistas do litoral catarinense” (PIAZZA, 2003, p. 32).

Essas expedições vicentinas de povoamento, a partir da segunda metade do século XVII, representam a efetiva colonização da região, que serviam como pontos estratégicos contra os espanhóis, visto que os limites no sul da América ainda não estavam bem definidos apesar do Tratado de Tordesilhas. Havia ainda muita controvérsia quanto às

fronteiras entre as duas Coroas (portuguesa e espanhola). A cultura da política do *uti possideti* (a terra é de quem usa), impulsionava as ambições de conquistas de “terras alheias”. O alvo dessas expedições de povoamento eram os portos naturais do litoral catarinense que serviam como entrepostos entre a Espanha e o sul do continente americano. Esses portos, portanto, interessavam a Coroa Espanhola, pois lhes servia como reabastecimento de água e comida nas longas viagens entre a Espanha e o sul do continente americano.

Já para a Coroa Portuguesa, a presença espanhola nessas áreas era uma ameaça aos seus interesses. Esses portos eram pontos estratégicos tanto para garantia dessas terras, como base para conquista do delta do rio da Prata que lhes serviam como caminho para o interior do Brasil. Portanto, era tensa a relação entre portugueses e espanhóis em relação ao sul.

A Ilha de Santa Catarina e território frontal passam a ter valor estratégico. A Política do *uti possidetis* não havia ainda tomado contornos definitivos quando Portugal, valendo-se do espírito expansionista dos desbravadores (bandeirantes) paulistas, rompeu lentamente a linha de Tordesilhas, estabelecendo núcleos populacionais em territórios legalmente pertencentes à Espanha. Esta ocupação ousada resultou na fundação da Colônia de Sacramento em 1680, no atual Uruguai, marcando a chegada dos portugueses ao Rio da Prata. (FARIAS, 1998, p. 109).

Na segunda metade do século XVII a coroa portuguesa decide povoar o litoral catarinense convidando bandeirantes vicentinos a iniciarem o povoamento da região com o objetivo de afugentar os espanhóis.

Nessas povoações, os vicentistas não viviam apenas da mineração e da agricultura de subsistência. Um viajante assim descreveu, no final do século XVII a povoação de Laguna: “Na primeira parte de pedra, que se avistar da praia a que chamam de Santa Marta, se entrará por dentro e, pelo rasto do gado, se vai dar ao povoado, e logo acharão cavalos e ovelhas do capitão Domingos de Brito Peixoto, que é o capitão povoador desta terra”. (PIAZZA, 2003, p. 38).

Em 1658 foi fundado a póvoa de Nossa Senhora das Graças do rio de São Francisco pelo bandeirante Manoel Lourenço de Andrade. Em 1672, a fundação por Francisco Dias Velho de Nossa Senhora do Desterro, atual capital catarinense, a cidade de Florianópolis e em 1684, foi a vez da fundação de Santo Antônio dos Anjos da Laguna por Domingos de Brito Peixoto. (PIAZZA, 2003, p. 36/37). “Deitou, então, Domingos de Brito Peixoto, os fundamentos de uma póvoa que colocou sob a invocação de Santo Antônio dos Anjos”. (CABRAL, 1987, p. 43).

Na primeira fase de povoamento, Laguna ficou registrada na História de Santa Catarina como principal base de apoio dos interesses portugueses, porque sua localização geografia era considerada um ponto estratégico, o último ancoradouro seguro para as tropas militares portuguesas que se locomoviam para o extremo sul. (LUCENA, 1998, p. 11).

3.2.2.2. Os açoriano-madeirenses

Como os resultados da ocupação do litoral sul do Brasil não davam resultado satisfatório em número populacional e a ameaça espanhola era uma realidade, a coroa portuguesa decide trazer para essa região os açorianos e madeirenses.

O edital do rei, estimulando as famílias a emigrarem, deixava claro o propósito da ocupação do território, através de uma colonização de base estável. O rei queria famílias jovens e numerosas, com homens experientes no amanho das terras e na criação de gado, e mulheres habituadas às lides domésticas e destros na arte de fiação. A legislação estabelecia as idades máximas de 30 anos para as mulheres e de 40 anos para os homens. (FLORES, 2000, p. 39).

A “Saga Açoriana” ou a “Epopéia Açórico-Madeirense” ocorreu entre os anos de 1748 e 1756 (PIAZZA, 1992). Talvez aí resida o porquê da Laguna nunca ter se desenvolvido como era de se esperar, justamente porque ela não foi pensada para ela mesma, mas sempre com olhar externo. Os açorianos¹²⁴ foram trazidos primeiro, para proteger a

¹²⁴ Os motivos que levaram os açorianos a se aventurarem no oceano Atlântico em busca de novas terras são por ordem econômica e devido aos fenômenos naturais, como erupções

região contra os espanhóis e em segundo como base de conquista do sul. “É a partir desta povoação que os portugueses se lançam à conquista dos territórios mais ao sul, como é o caso dos Campos de Viamão”. (PIAZZA, 2003, p. 37).

Quase sempre, a decisão de emigrar significa uma escolha dolorosa entre ficar e permanecer na pobreza, ou ir, movido pela esperança de melhorar a vida, mas sujeito a desilusões e a novas dificuldades, sem possibilidade de volta na maioria das vezes. É um drama presente em toda a história dos Açores, contada em verso e prosa, tema que inspira os poetas, retratado pelo artista, evocado no discurso político. Uma cultura migratória já faz parte dos Açores: partir ou esperar por alguém que volta, trazendo notícias, riquezas ou novos parentes que falam outra língua e vestem trajes diferentes. (FLORES, 2000, p. 19/20).

Sempre que vou até os Molhes da Barra¹²⁵, no Bairro do Mar Grosso, olhando para o mar e a entrada da barra, me perco em pensamentos imaginando as caravelas entrando com os nossos ascendentes provenientes dos Açores. Primeiro, imaginando a dificuldade em se conduzir um barco movido a vento por mares revoltos e a apreensão de seus ocupantes ao entrar na barra, o perigo em jogar a embarcação contra as pedras ou em direção a praia. Por fim, fico imaginando os homens, quem sabe com suas mulheres agarradas a seus

vulcânicas, terremotos e tempestades como a falta de terra concentrada nas mãos de poucos. Também, “o sistema econômico português não favorecia a abertura de manufaturas. Então, emprego na indústria não existia. Assim, principalmente em época de crise na agricultura, havia um excedente de mão-de-obra que via na migração uma saída para a ruína em que se encontrava”. (FLORES, 2000, p. 8). “Além dos crônicos fenômenos vulcânicos e sísmicos, devastadores de vidas e bens, há ainda a história dos piratas, que até os fins do século XVII infestavam os mares dos Açores, na perseguição às naus que atravessavam o oceano Atlântico carregadas de mercadorias das Índias. Há também a explicação psicológica para as razões que levam as pessoas a querer ir embora. Diz-se que a visão cotidiana do mar, com seus horizontes infinitos, é um eterno convite para a aventura”. (FLORES, 2000, p. 22).

¹²⁵ “Os trabalhos da barra, iniciados em junho de 1903, foram feitos contrariando as recomendações do Capitão – Tenente Calheiros da Graça” (JÚNIOR, 1994, p. 15) trata sobre a polêmica na construção do dique, “os molhes da Barra”, obra desejada, aspirada por anos pelos lagunenses diante da dificuldade das embarcações em penetrar pelo canal até o porto no centro da cidade. Há os que alegam o declínio das atividades portuárias justamente pelo baixo calado existente nesse canal impossibilitando a entrada de embarcações maiores, a partir da década de quarenta, que levou esses navios a ancorarem no porto de Imbituba, contribuindo em muito com a decadência portuária da cidade.

filhos, na proa¹²⁶, mergulhados em sentimento de euforia, medo, desconfiança, expectativa - um mundo novo se descortinando diante de seus olhos. Somos, em parte, resultado dessa gente que cruzaram o oceano Atlântico, e aí uma emoção me toma conta, num sentimento de agradecimento, de orgulho de também ser um pouquinho de algum deles.

Os pobres, alimentados pelo sonho de melhorar a vida, de ter o que é seu, uma casinha e um pedaço de terra; os ricos, pelo sonho da aventura, da fortuna e do poder. Os nobres decadentes, pela tentação de recuperar o estado perdido. (...) Muitos eram recrutados, às vezes forçados; outros, aliciados com promessas de enriquecimento; tantos outros, movidos por iniciativas individuais, levados pela utopia da terra e da fartura nos trópicos. (FLORES, 2000, p. 26).

Ainda segundo Flores (2000): “Na época, a população de Santa Catarina era de 4.194 habitantes e recebeu, entre 1748 e 1756, 6.071 açorianos, aumentando em 140% o índice populacional (p. 49).

Muitos dos que abandonaram as Ilhas, na esperança de melhores dias no Brasil, morreram pelo caminho. A viagem de 3 meses, em média, nas precárias galeras, a falta de água e de alimentos frescos, o desconforto pelo excesso de viajantes por embarcação debilitavam os passageiros. As pesquisas mais recentes calculam uma mortandade de 6,5%. (FLORES, 2000, p. 49).

O risco de naufrágio era auto, somado ao desconforto da viagem, principalmente as mulheres e seus filhos, que viajavam em pequenos compartimentos nos porões dos navios separadas de seus homens. Aos homens lhes eram permitidos a viagem no convés, as mulheres, só saíam desses cubículos na hora da missa. “Somente em duas oportunidades, outros homens, além do comandante, poderiam entrar nos compartimentos femininos. O médico parar tratar as mulheres doentes e o capelão para dar o sacramento na hora da morte”. (FLORES, 2000, p. 53). Os mortos eram atirados ao mar.

¹²⁶ Lembro que durante a viagem, mulheres e crianças viajavam no porão do navio.

Para Laguna teriam sido despachados 40 casais com 215 pessoas. Ao chegarem no lugar, os colonos revoltaram-se contra as condições de assentamento, recusando-se a permanecer no sítio destinados a eles. (...) Os colonos, então, foram removidos e depois estabelecidos ao norte de Laguna, onde surgiu a Vila Nova de Sant'Ana. (FLORES, 2000, p. 57/58).

Desembarcados no porto de Laguna, na sua maioria, não fixaram moradia na área urbana da cidade, mas nas regiões ribeirinhas das lagunas, hoje conhecidas como Santo Antônio, Imaruí e Mirim. Nessas regiões fundaram as freguesias da Vila Nova, do Mirim, do Imaruí e Pescaria Brava. É desses povoados que certamente migram para onde estão localizadas as comunidades *do* Ribeirão Pequeno e Parobé e daí para as comunidades *do* Ribeirão Grande, Figueira e Morro Grande¹²⁷.

A Ilha de Santa Catarina e seu entorno continental até Laguna foi o espaço geográfico selecionado para implantar a base do ambicioso esquema colonizador açoriano do Sul do Brasil (...) Em apenas oito anos (1748-56), surgiram seis novas comunidades organizadas (freguesias) na Capitania de Santa Catarina, número duas vezes maior que as fundadas nos 150 anos anteriores. (FARIAS, 1998, p. 243).

O que me impressiona nessa “saga açoriana”, é capacidade de adaptação que esse povo teve com a nova terra. A alimentação básica deles no arquipélago dos Açores era o trigo, portanto, o pão. Porém, o solo arenoso e o clima da nossa região lagunar, não favoreceram o plantio desse cereal, levando-os a mudar radicalmente sua base alimentar da farinha de trigo para a farinha de mandioca, do pão para o pirão. E essa mudança foi apagada da memória de tal forma que os descendentes de açorianos até fins do século XX, pouco se alimentavam de pão. Ao invés de alimentos provenientes da farinha de trigo, a alimentação tinha e ainda tem como base a farinha de mandioca. Eu sou

¹²⁷ Ainda hoje se percebe que a população da cidade de Laguna não reconhece a sua açorianidade, apesar de que manifestações culturais açorianas estejam presentes em seus fazeres, donde se conclui que os nativos na época veem os açorianos recém-chegados como subcultura portuguesa, “os portugueses inferiores”, relação perceptível também entre os moradores de Florianópolis com os açorianos que lá chegaram e fixaram moradia no interior da ilha. O que chega não é reconhecido como igual em direitos e deveres. É o invasor, o que vem dividir o espaço e o trabalho.

exemplo disso. Só fui aprender a comer pão, diariamente, depois de casado. Até o casamento, meu café da manhã era à base de farofas: de ovo, carne, banana. “Os imigrantes e seus descendentes reelaboraram a cultura, adaptaram, incorporaram, abandonaram, inventando uma cultura própria para a nova experiência histórica”. (FLORES, 2000, p. 73).

3.2.2.3. Os imigrantes europeus

Depois da saga açoriana em direção ao litoral catarinense na segunda metade do século XVIII, foi à vez dos imigrantes alemães, poloneses e italianos, entre outros, a colonizarem partes do Estado de Santa Catarina a partir de meados do século XIX. Com base em Caruso,

A Europa da segunda metade do século XIX é excludente e plena de violências sociais. Apesar das luzes e do otimismo da Revolução Industrial, as populações rurais – 80% do total – vivem ainda sob regimes semifeudais. E nas cidades as famílias trabalham dezesseis horas por dia, moram em favelas e morrem de fome. Essas seriam as principais causas da emigração de mais de 40 milhões de pessoas para a América. No Brasil do café, o imigrante irá substituir a mão-de-obra escrava, enquanto que em SC os italianos, alemães e poloneses deverão povoar as terras entre o litoral e o planalto (2000, p. 188).

Dessas emigrações da Europa do final do século XIX ao Estado de Santa Catarina, poucas famílias vieram para o distrito *do* Ribeirão Pequeno, mas significativas. Seus descendentes estão aí, talvez engolidos pela cultura local, mas que sobrevivem através dos sobrenomes, de pequenos fragmentos culturais que seus antepassados trouxeram do além mar.

3.2.2.3.1. Os poloneses

A emigração polonesa para Santa Catarina começou em 1869, e intensificou-se em 1890, sendo encaminhada para a proximidade de colônias já formadas, principalmente por alemães e italianos, o que significou, quase sempre, o acesso às piores terras. A viagem desses emigrantes também foi diferente porque, sem um

governo soberano – o país estava invadido desde 1795 – tiveram de organizar-se por conta própria. E depois de desembarcar em Desterro ou Laguna, foram conduzidos para o interior, principalmente para Blumenau, Brusque, Indaial, Orleães, Turvo e Guaramirim. (CARUSO, 2000, p. 281).

Sobre a vinda de poloneses para o distrito, há muita controvérsia. Tudo leva a crer que a família “de Bem” tenha sua ancestralidade na Polônia. Eles encontram-se espalhados pelas comunidades *do* Ribeirão Grande, Ribeirão Pequeno, Cortiçal e Parobé. Há os que defendem que esses “de Bem” são descendentes de um general polonês chamado Jozef Zacarias Bem, mas também encontramos o sobrenome “Bem” nos Açores. Trata-se de pessoas de pele clara e de olhos azuis, diferente das demais famílias do distrito. A verdade é que, hoje, todos os que têm esse sobrenome, não tem ligação nenhuma com a cultura polonesa, pelo contrário, a maioria nem tem conhecimento dessa possível ligação com a Polônia, exceto alguns mais interessados com a ascendência.

3.2.2.3.2. *Os alemães*

Ocorre que no século XIX a Alemanha passava por profundas transformações, saindo do sistema feudal para o industrial. (...) Em 1862 e 1863 (...) o território alemão ainda não possuía a configuração de Estado Nacional, já que era constituído de vários principados, condados, marquesados e bispados que, mesmo diante dos diversos dialetos, tinham em comum, apenas o idioma alemão. A unificação da nação alemã somente veio a ocorrer mais tarde, em 1870, através de Bismark, o Chaceler de Ferro. Antes deste marcante evento, era aguda a escassez de terras no meio rural, pois as mesmas haviam sido excessivamente retalhadas, ou então, dominadas pelos senhores feudais. O desemprego se generalizava, fustigando principalmente os homens do campo, face à implacável e crescente ociosidade de mão de obra, em decorrência do progressivo avanço da revolução industrial. (...) A alternativa que lhes restava era reunir a família e emigrar, levando apenas o essencial, à procura de melhores condições, o que lhes parecia factível nas TERRAS DA ESPERANÇA, no sul do Brasil, onde já

estavam muitos de seus conterrâneos. (JOCHEM, 2003, p. 9/10)¹²⁸.

Em Santa Catarina, segundo Piazza (2003), os emigrantes alemães fixaram moradia no Vale do Itajaí, região de São Pedro de Alcântara e região de Braço do Norte no sul do Estado em meados do século XIX.

Algumas famílias, descendentes de alemães, vindos de Braço do Norte, cidade ao norte de Tubarão, fixaram-se nas comunidades da Madre - família Boppré, Buss e Ló -, e na comunidade da Figueira - os Caemerer. Os de assinatura Caemerer têm consciência de que são descendentes de alemães, mesmo porque são de pele clara, mas não tem vínculo algum com a cultura de origem. Está na memória dessa família que um avô fugiu da Alemanha escondido num navio e que veio parar nessa região. Já os Buss, Ló e os Boppré, que foram em maior número para a comunidade da Madre, por muitos anos cultuaram fragmentos da cultura, sendo que algumas famílias até falavam em alemão em casa. Há na comunidade uma senhora, dona Délcia, que fala um pouquinho a língua de origem. Contou-nos que:

Meus pais vieram da Alemanha da cidade de Westfália. Escolheram o Brasil como nova pátria porque depois da guerra havia muita fome e miséria. Não falavam a língua portuguesa. Frequentaram uma escola de alemães na Madre de cima. Depois da guerra foi proibido falar em alemão. Eles tinham medo de falar alemão. Uma vez minha mãe estava na beira do rio lavando roupa e estava conversando com os filhos em alemão. Um canoeiro que passava pelo rio viu e chamou a atenção dela. Ameaçou ela, disse que ia denunciá-la.. Ele disse: “Você não sabe que é proibido falar em alemão?”. Minha mãe se recolheu e chorou muito.

Dona Délcia é mulher de fala mansa, carismática ao falar, fala com profundidade. Emocionamo-nos quando ela contou essa história, que foi narrada de tal forma que não tinha como não materializarmos o fato. Ela termina a história dizendo: “*eu nunca esqueço essa história contada por minha mãe*”.

¹²⁸ O livro “Terras da Esperança: A Trajetória dos Irmãos Buss em Santa Catarina” com bom embasamento teórico, traz a saga dos alemães que deixaram sua pátria em busca de melhores condições de sobrevivência, tendo como pano de fundo a emigração de famílias de sobrenome Buss.

ILUSTRAÇÃO 106 - A família de dona Dêlcia: seus pais e seus irmãos. Ela está no centro de fitinha no cabelo



FONTE: Dêlcia Buss Cardoso

3.2.2.3.3. *Os italianos*

Os terrenos ocupados no norte da Itália eram montanhosos, com encostas íngremes, penhascos, paredões, espigões e somente pequena parte estava drenada. Isto dificultava o trabalho do agricultor que por estas circunstâncias era todo manual com instrumentos agrícolas primitivos. Além disto, as terras estavam concentradas nas mãos de poucos latifundiários. (...) Estas populações eram vistas, em fins do século XIX, com uma grande massa artesanal e agrária sem oportunidades de empregos na indústria nascente. Portanto, é essa massa de trabalhadores sem perspectivas que optou pela emigração. (LUCA, 2007, p. 58).

Os italianos chegaram à região sul de Santa Catarina a partir de 1877, desbravando terras ao longo do vale do rio Urussanga, fundando a Colônia de Azambuja. Disputaram essas terras com os índios, os chamados bugres. Os primeiros tempos foram tempos de abandono, de medo, de arrependimento, de esperança.

Nos pequenos lotes, cultivavam de forma tradicional o milho, o arroz, a uva, habituados que estavam a alimentar-se de pão, polenta e vinho.

Com a mesma técnica utilizada no norte da Itália, os colonos tornaram-se grandes produtores de arroz. (...) A paisagem catarinense alterou-se com a presença das casas de madeira, sem varanda, altas, com largos porões onde eram guardadas as carretas. (PIAZZA, 2003, p. 121).

Diferente dos alemães que vieram para a região “aonde os colonos chegaram acompanhados de professores, médicos naturalistas e engenheiros” os italianos foram largados a própria sorte. Segundo texto de Giuseppe Caruso MacDonald, Regente Geral do Consulado Italiano em Florianópolis em 1906,

(...) Enquanto se contam às dezenas as publicações sobre a colonização alemã em Santa Catarina, não existe uma sequer a respeito da colonização italiana. (...) Os primeiros anos foram bastante tristes para nossos colonos. (...) No sul, absolutamente nada. Tudo devia ser feito. E aqui creio oportuno trazer a narrativa das primeiras vicissitudes, feitas por um velho colono de Urussanga: ‘Chegamos no Desterro no dia dois de maio de 1878, depois de 29 dias de travessia. Ali nos alojaram por alguns dias na Casa de Imigração, e, em seguida, aos poucos, nos enviaram em iate à cidade de Laguna. De Laguna nos fizeram subir o rio por cerca de 40 quilômetros, isto é, à Vila de Tubarão, que então era formada por uma dúzia de ranchos. As barcas onde nos haviam amontoados, completamente descobertas, apesar de um sol abrasador, eram puxadas a braço, com longas e robustas cordas, desde a margem. De Tubarão para diante começou nosso calvário. Para chegar aos lotes que nos haviam destinados, a 50 quilômetros de distância, empregamos três dias. Nada de estradas, nada de carros, nada de cavalgadas. Caminhava-se a pé, cada um seguido pela própria familiazinha, com fardos sobre as costas, procurando, da melhor maneira, abrir-nos estradas através da floresta. (CARUSO, 2000, p. 312/313)¹²⁹.

¹²⁹ Para ler o texto na íntegra, ver CARUSO, Mariléa M. Leal. **Índios, baleeiros e imigrantes: a aventura histórica catarinense**. Tubarão, Editora Unisul, 2000 entre as páginas 311 e 318.

ILUSTRAÇÃO 107 - Família do seu Paulo Perito



FONTE: Rosalina Perito dos Santos

Certamente por estas condições inóspitas, levaram famílias a abandonarem as colônias italianas e aventurarem-se por outras terras em busca de melhores condições de sobrevivência, como foi o caso das famílias italianas que fixaram moradia nas comunidades *do Parobé* e *do Ribeirão Pequeno*, terras de cultura diversa da deles.

Escreveu-nos dona Fátima da comunidade *do Ribeirão Pequeno*:

A história que vou contar é igual a tantas que conheces. Vou relatar o que ouvi dos meus tios. Não é fácil buscar histórias perdidas no tempo. Os meus bisavós Silvestre Wechi e Maria Gavioli Wechi chegaram aqui com seis filhos, mas saíram de lá com sete. Esse, uns dizem que se perdeu no porto de Santos, outros que morreu no navio e foi atirado no mar. A 2ª versão faz mais sentido, pois Maria Gavioli não gostava que falasse em mar. Após a viagem de vinte e oito dias ela não quis mais olhar o mar. Verdade? Não sei. Quem chegou primeiro? Préves, Perito ou Wechi? A primeira versão é que meu bisavô conhecendo os colonos ou seus conterrâneos em “Rancho dos Bugres”, Azambuja falou dessas terras no litoral onde viviam os Prevês que se juntaram aos Peritos e fixaram moradia em Parobé. Meu bisavô veio conhecer as instalações dos Peritos e Préves, trouxe consigo um mascate, seu filho José Silvestre, popular Zezé que se apaixonou por uma moça da região e fincou pé por aqui, novo ainda, pois quando serviu o quartel com 18 anos já escrevia cartas para ela. Os Wechi instalaram-se em Tubarão. A primeira balsa que fazia travessia no rio era da família. Na lembrança de meus tios está sempre o trabalho duro e incansável do meu avô,

sempre junto aos Peritos, é tão verdade que ele e seu Paulo Perito eram compadres. Sempre ouvi da minha mãe que as amizades das filhas do meu avô sempre foram do Parobé. Como meu avô era evoluído com uma cultura diferente dos açorianos, tudo o que ele fazia ou idealizava, eles duvidavam. Quando ele falou que iria fazer aparecer energia da água da cachoeira, teve gente inteligente da cúpula ribeironense que afirmava que se isso acontecesse viraria um macaco, mas acabou se beneficiando com o feito. A sorte que era um homem muito caridoso e com isso conquistava amigos. Foi ele que construiu a gruta hoje existente e os meios fios da praça do Ribeirão foram colocados com a ajuda desses amigos. Até árvores que embelezam nossa pracinha foram plantadas por suas mãos, mas o seu meio de sobrevivência era mesmo o sertão onde tirava madeira nobre para fazer bolas de pau, bóias de redes, etc. Grandes amigos ele fez no sertão dos Vitoras. Era caçador e lavrador, pesca não fazia muito seu estilo. Uma das lembranças que gosto de lembrar é que conversando com pessoas mais velhas eles me garantem que gostavam muito de ir na casa do vovô Zezé porque era casa de fatura, polenta, carne, salame, queijo. Convivi muito com meu avô, mas lembro pouco se ele falava da viagem de seu pai para o Brasil. Talvez por ser tão sábio quis nos passar apenas as lembranças boas e o exemplo do seu trabalho. Infelizmente trocaram várias vezes o nosso sobrenome, de Vichi passou para Wechi, Weckky, Wek, Wecki. Éta Brasil brasileiro.

O que os atraiu foram os morros e seus vales, o que possibilitaria a construção de engenhos movidos à água. Fizeram-se história no distrito porque trouxeram novas tecnologias desconhecidas pelos nativos.

(...) dona Antônia lembra quando os italianos chegaram na comunidade. Segundo ela, o Parobé cresceu com a chegada deles e diminuiu depois que eles foram morrendo. “Vicente Perito, quando chegou, construiu sua casa onde hoje é a casa do Zeca da Rosalina. Os filhos Paulo, Hemenergildo e o Natal construíram suas casas no sertão para baixo do meu avô. Tinham ferraria, serraria, marcenaria. Trabalharam muitos anos. Os filhos foram crescendo, descendo e saindo. Os casamentos eram com brasileiros e foram perdendo o jeito de italiano. Da família Bez não ficou ninguém. Hoje restam poucos na comunidade”. (OLIVEIRA, 2010, p. 37 e 38).

A fala da dona Antônia dá a noção exata da importância e o respeito pelos italianos. Eles construíram na comunidade *do* Parobé uma tafona, para moer milho, uma serraria, para fazer tábuas e uma ferraria, para fazer todo tipo de instrumento de trabalho de ferro. Esses engenhos eram movidos à água. De toda região vinham pessoas em busca de seus produtos, com isso, conquistando respeito e admiração. Esses italianos não se importavam que suas filhas e filhos casassem com “brasileiros”, o que permitiu a miscigenação cultural rápida. Hoje, até o sobrenome dos italianos está acabando a cada geração e seus descendentes. Na sua maioria, nem se sentem mais descendentes de italianos. “*Que importância tem isso?*”, dizem alguns, mais preocupados com o presente e com o futuro¹³⁰.

E para concluir a saga dos povoadores e imigrantes europeus, selecionei duas histórias contadas a respeito da vinda dos imigrantes e que fazem parte do imaginário das pessoas do distrito:

Minha mãe contava que o bisavô dela era embarcado. Ele era marinheiro de navio a vela. Um dia ele foi pra Portugal e nunca mais voltou. Ninguém sabe o que aconteceu. Minha mãe dizia que a bisavó dela teve que terminar de criar os filhos sozinha. Eles nunca souberam se ele morreu no mar, porque naquele tempo não era fácil de ser marinheiro ou se ele formou outra família por lá. Dona Nininha do Parobé.

Estou falando apenas da origem da minha família. Os antecedentes da minha família são da França e da Espanha. A bisavó era francesa e o bisavô espanhol. Ela veio para o Brasil com apenas cinco anos de idade. Ela veio com um barco a vela e levaram três meses de viagem. Minha bisavó contava esta história principalmente aos domingos quando nós ía na casa dela. O bisavô espanhol fugiu de seu país porque estavam guerreando. Escondeu-se em um barco no porão e quando chegaram em alto mar descobriram que ele e mais um alemão não faziam parte da tripulação e queriam jogá-lo na água. Um dos marinheiros pediu para que deixasse eles continuar e que ele os levaria

¹³⁰ Não é objeto de estudo deste trabalho, mas me intriga o fato de que os italianos que para cá vieram, segundo depoimentos cedidos nas entrevistas, não faziam questão de que seus filhos casassem com descendentes de italianos. No distrito, somos em grande parte parente um dos outros, devido aos intensos casamentos entre famílias, o que não ocorreu entre os italianos. Segundo conversa com Dona Hilda e dona Fátima, ambas, descendentes de italianos, não houve um sequer casamento entre as famílias Perito, Wechi, Préve e Bez. Por quê? Também não foram frequentes as visitas aos italianos que ficaram nas colônias italianas da região. Por que se distanciaram de seus antepassados?

de volta. Porém, quando chegaram em Laguna eles fugiram e vieram parar aqui na Ponta do Daniel e na Figueira. Aqui a bisavó francesa e o bisavô espanhol se conheceram e casaram. História escrita por dona Doracy da Ponta do Daniel.

3.2.3. Os negros

O número de escravos negros em Santa Catarina comparado aos estados do sudeste e nordeste foi pequeno, porque aqui se instaurou uma economia de subsistência familiar em pequenas propriedades, pois o tipo de relevo de Santa Catarina dificultou a formação de latifúndios. Portanto, a mão de obra escrava esteve mais restrita a atividades domésticas, mas não podemos desconsiderar a presença e a importância da cultura deixada por esses homens e mulheres vindos à força de várias partes do continente africano.

O elemento escravo em Santa Catarina não teve, como em outras regiões do país, largo emprego nas fainas agrícolas, só muito raramente, aqui, nelas empregado. As principais fainas a que foram destinados prendiam-se ao trabalho nas Armações das Baleias e sua pesca e nas do tráfego marítimo, sendo numerosos os que, marinheiros, eram empregados pelos seus senhores nas embarcações que existiam na Província. Como empregados domésticos e das casas de negócio de seus senhores se ocupava a maioria – carregadores, estivadores, jornaleiros, serventes, encarregados da limpeza das casas, lavadores de vidros e de casas, vendedores ambulantes, operários de várias classes, como pedreiros, carpinteiros, pintores, etc. (CABRAL, 1987, p. 167).

Laguna, não foi diferente do resto do Estado. Aqui também se apresentava com baixo número de escravizados. “Não era grande o número de escravos. Os homens de mais recursos geralmente possuíam menos de dez”. (ULYSSEA, 1943, p. 88).

Já a presença de afro-descendentes no distrito *do* Ribeirão Pequeno é praticamente inexistente. Pouquíssimas famílias se fixaram nessas terras. Há os que digam que são descendentes de ex-escravos de uma fazenda situada na Estiva, comunidade que fica na divisa entre os municípios de Laguna e Capivari de Baixo. Faz sentido, porque nessa região a contingência de negros é maior.

Disse-nos seu Nizo *do* Ribeirão Pequeno:

Os negros da região tinham o costume de enterrar o dinheiro que conseguiam para os brancos não pegarem. Muitos morriam e o dinheiro ficava esquecido. Meu pai, Agenor Francelino Santana, já encontrou um pote contendo moedas, entre elas a moeda que na época chamavam de paca. Ela foi doada para a Casa de Anita.

Dona Délcia nos falou de uma família de pretos que moravam na comunidade da Madre, destacando o chefe dessa família, o Sr. João Pedro Cardoso. Todos migraram para Tubarão.

Ele era muito sabido”. “Eu e meu irmão Nelson gostávamos muito de escutá-lo. A família vivia da lavoura, tinham engenho de farinha e de açúcar. Plantavam muita cebola e milho, vendiam muito leite. Divertimento para eles só em Tubarão, pois eles não podiam se divertir junto com os brancos no mesmo salão. Havia muito racismo. Uma tarde ele foi ao boteco, bebeu até tarde da noite, ao voltar de canoa caiu no rio e morreu, só foi achado três dias depois, daí em diante a mãe e os filhos foram embora para Tubarão.

Seu Braz nos escreveu sobre a presença de um preto que morou na comunidade da Figueira.

O Tio Moisés, era um homem de cor preta de grande estatura e bem forte morador de Figueira. Meu pai contava que ele era bom, engraçado e bagunceiro. Ele pegou um filhote de urubu e criou até adulto e aonde ele ia era só chamar, o urubu vinha atender. Naquela época existia muito comentário de que o mundo ia se acabar mais em fogo, tinha até a data. Pois bem, Moisés pegou um pano e ensopou de querosene, amarrou no pé do urubu e esperou que anoitecesse. Ele botou fogo no pano que ficava um metro atrás do urubu e o soltou. O bicho se espantou e saiu voando para cima e para baixo, e em direção do mar. As pessoas viram aquela tocha de fogo no ar; só se ouvia gritos e via desmaios. E bem no dia que falavam que o mundo ia se acabar! Tio Moisés morreu e deixou uma pedra na frente da Igreja que leva o seu nome pois era a pedra que ele mais pescava. Adeus tio Moisés que Deus te ilumine.

Com a miscigenação cultural e com os casamentos que foram acontecendo, a maioria nem se sente descendentes de negros, pela perda até mesmo dos traços físicos.

Nossos velhos são descendentes dessa miscigenação entre os nativos, verdadeiros donos dessa terra - os carijós, e dos povoadores vicentinos e açorianos e posteriormente dos imigrantes europeus e dos

negros africanos delineando-se o podemos chamar de “paisagem cultural”, resultado provocado pelas transformações desses povos que escolheram esse cantinho do Brasil para morarem. Esse é o distrito *do* Ribeirão Pequeno hoje.

A paisagem cultural possui uma visão integrada do patrimônio que engloba os bens naturais e os bens culturais e atinge as dimensões materiais e imateriais, cujo valor patrimonial é explicado por DELPHIM (2004): Na paisagem cultural, o constante processo de envolvimento do homem com seu meio natural torna o conceito ainda mais complexo do que uma paisagem em estágio primitivo. Aliando as duas vertentes do patrimônio cultural, a material e a imaterial, a dimensão imaterial constitui a singularidade da paisagem cultural, sendo esta a que determina ou condiciona a paisagem, constituindo uma unidade singular e infinitamente mais rica, sendo tão dignas de registro e proteção quanto a fauna, a flora e o patrimônio edificado (LUCA, 2007, p. 16).

São esses os velhos, um com feições mais indígenas, outro mais português, outros ainda com traços mais africanos que nos receberam em suas casas para nos contar, relembrar sobre o passado. Eles, os narradores, nós, alunos e professor, seus ouvintes. Ora, eles nossos ouvintes e nós seus narradores.

3.3. COMO SE DISTRIBUI ESSA POPULAÇÃO NESSE LUGAR?

Segundo o IBGE, a cidade de Laguna conta com uma população beirando os 47 mil habitantes¹³¹, o que pode triplicar no verão com a chegada dos turistas¹³², que buscam na cidade além das praias, a cultura, os pontos turísticos, a história e as belezas naturais. Desses 47 mil, mil setecentos e cinquenta e uma pessoas encontram-se no distrito de Ribeirão Pequeno¹³³, num total de 353 famílias assim distribuídas:

¹³¹ Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a população do município em 2007 era de 46.990 habitantes. A população da cidade cresceu 7,11% em relação a 1996. http://www.lagunainfoco.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2192&Itemid=2 em 17.03.2011.

¹³² Laguna recebe turistas de vários lugares, principalmente gaúchos, paulistas e argentinos.

¹³³ Censo realizado junto as agentes de saúde do PSF (Programa da Saúde Familiar) do distrito.

As comunidades da Madre e Cortiçal somam juntas 73 famílias, sendo 56 do sexo masculino e 51 do sexo feminino totalizando **107 pessoas**. Entre as duas comunidades há 29 casas vazias e 14 pessoas moram sozinhas. Em 2001 eram 162 pessoas, o que mostra o quanto as comunidades tem diminuído nos últimos anos. Em dez anos ela diminuiu 34%. Para se ter uma ideia do quanto a comunidade vem diminuindo, há mais ou menos três décadas atrás, o time de futebol masculino dessa comunidade era famoso na região, chamado Real Madri. Hoje, restam apenas três rapazes entre quinze e trinta anos. Esperam apenas completar o ensino médio em nossa escola para migrar para outras regiões.

Na comunidade *do Ribeirão Grande* são 71 famílias, sendo 71 do sexo masculino e 78 do sexo feminino totalizando **149 pessoas**. Nesta comunidade há 36 casas vazias. Em 2001, eram 198 pessoas. Essa comunidade em dez anos diminuiu aproximadamente 24%. Nessa comunidade há 21 pessoas até os vinte anos; 50 entre os vinte e os sessenta anos e 78 pessoas acima dos sessenta anos de idades, lembrando que 20 pessoas moram sozinhas nessa comunidade.

Na comunidade *do Ribeirão Pequeno* são 155 famílias, sendo 192 do sexo masculino e 188 do sexo feminino totalizando **380 pessoas**. Nesta comunidade há 98 casas vazias e 33 pessoas moram sozinhas. Em 2001, eram 537 pessoas. Em uma década a comunidade diminuiu aproximadamente 29%.

Na comunidade *do Parobé* são 129 famílias, sendo 153 homens contra 171 mulheres, totalizando **324 pessoas**. Em 2001 eram 431 pessoas, diminuindo aproximadamente 25% em uma década. Na comunidade são 58 casas vazias e 34 pessoas moram sozinhas.

Na comunidade da Figueira, são 141 famílias, sendo 203 do sexo masculino e 192 do sexo feminino num total de **395 pessoas**. Em 2001, eram 420 pessoas, diminuindo o contingente populacional em aproximadamente 6%. Na comunidade são 45 casas vazias e 28 pessoas moram sozinhas. São 102 jovens até 20 anos; 218 adultos contra 75 velhos acima dos sessenta anos.

E na comunidade *do Morro Grande* são 196 famílias, somando **396 pessoas**, distribuídas entre 190 homens e 206 mulheres. São 71 casas vazias e 14 pessoas morando sozinhas. Em 2001, eram 367 pessoas, aumentando aproximadamente 7%. Esse aumento dá-se pelo fato que é a comunidade mais próxima da BR 101. Essa comunidade vem crescendo pela migração de pessoas de fora. A maioria dos novos moradores não tem vínculo familiar com a população local.

Os “nativos” do distrito, os da “cultura do pirão com peixe” não estão percebendo essa troca, que vem se intensificando na última década. De um lado, o êxodo rural praticado pelos jovens e por outro, a entrada de “pessoas estranhas”¹³⁴, ou seja, pessoas que desconhecemos suas origens.

Cabe dizer que é costume no distrito, quando você encontrar pela primeira vez uma pessoa ou uma criança e imediatamente perguntar: “*tu é filho de quem?*” ou “*de que família tu és?*”. Basta a pessoa ou a criança dizer de quem é filho ou filha ou identificar o parente que já se sabe de “quem se trata”. Essa pergunta já não faz mais sentido a essas pessoas que vem morar aqui, principalmente nas comunidades próximas a BR 101. O que se sabe é que são empresários, que compraram a casa ou o lote para morar ou para passar fins de semana, que são pessoas aposentadas que estão em busca de sossego.

Nesses vinte anos trabalhados neste Estabelecimento de Ensino, venho incansavelmente alertando os alunos que seremos amanhã o que é hoje a Lagoa da Conceição e o Ribeirão da Ilha em Florianópolis ou a Enseada de Brito na Grande Florianópolis, ou seja, pessoas vindas dos grandes centros econômicos do país, que tem outro olhar sobre o lugar, outras necessidades, outras relações com o meio. Não se trata de profecia, mas fato. O nativo, geralmente tem o olhar para fora, achando que o belo está na cidade grande, enxerga o feio em seu lugar de vivência. Esse é um pensamento construído ao longo do século XX no Brasil e também em Santa Catarina, e mais ainda nos interiores de Santa Catarina que sempre sofreram e sofrem desse mal. É a assimilação do Jeca Tatu. Nós somos o Jeca Tatu. E o povo do distrito *do* Ribeirão Pequeno não foge a essa mentalidade. Já para aquele que vive as violências das cidades grandes, o belo está no interior, está nessa região ribeirinha, por exemplo.

Como já introduzi neste trabalho é difícil mudar essa cultura do Jeca-Tatu. O que infelizmente vemos é que o nativo do distrito *do* Ribeirão Pequeno vende suas terras, principalmente as que estão à beira da lagoa, por preços irrisórios e vão engrossar os bairros periféricos das grandes cidades iludidos pela oferta de emprego, por qualidade de vida. Trata-se de um processo lento, imperceptível num primeiro olhar. Nesses lotes ou casas compradas, os migrantes constroem suas mansões, descaracterizam o meio, a cultura, o que não possibilita a volta desses

¹³⁴ Essa expressão “Pessoas estranhas” não se trata de preconceito, mas para dizer que são famílias que vem de outras regiões de Santa Catarina e mesmo de outros estados que escolhem a região para morar, sem vínculo familiar com moradores das comunidades do distrito.

moradores que muitas vezes desiludidos com a cidade grande não tem mais como voltar ao seu pedacinho de terra, porque o que vendeu tornou-se muito valorizado ou porque não se reconhece mais naquele ambiente.

Esse processo de “invasão” a partir da comunidade *do Bananal* que fica a beira da BR 101 e da comunidade *do Morro Grande*, só não chegou “ainda” com intensidade as outras comunidades do distrito pelo péssimo acesso. A má conservação da estrada geral tem “salvado”¹³⁵ essa região ribeirinha da especulação imobiliária. Mas acredito, mesmo sem ser profeta, por pouco tempo¹³⁶. Daí minha intenção em colocar o número de casas vazias, na sua maioria casas simples, num total de 336 casas abandonadas, para um total de mais ou menos 765 casas ocupadas, supondo que cada família more em uma casa. Os proprietários dessas casas vazias são famílias que retornam em épocas de festas de padroeiros, carnaval e no dia de finados, quando retornam. Muitas dessas casas abandonadas necessitam de uma boa reforma, caso seus antigos moradores queiram retornar. Outras ainda são de famílias que dependendo das crises econômicas, quando perdem seus empregos, retornam porque viver no interior é mais barato.

Esse êxodo rural iniciou discretamente nas décadas de 50 e um pouco mais intensamente na década de 60, em direção principalmente a Porto Alegre, época da abertura da estrada geral.

Muito interessante a visão de futuro que tinha o pai de dona Nininha, analfabeto e morador do sertão *do Parobé*:

Meu pai dizia que as pessoas se enganavam achando que a construção da estrada traria benefício às pessoas. Ele dizia que a estrada ia servir para as pessoas irem embora. E dito e feito. Com a estrada famílias

¹³⁵ Quero deixar claro que esses termos aqui usados “invasão”, “ainda”, “salvado”, não são preconceituosos, porque sei que a migração, a vinda e ida de pessoas ao longo da história da humanidade é um processo natural. Não vejo como negativo. Minha preocupação está no olhar daquele que vende sua terrinha por preços muito abaixo do mercado, porque não valoriza o que é seu. Só vai se dar conta do que fez anos depois, quando já apropriado da mentalidade urbana, passa a enxergar o meio rural com outros olhos.

¹³⁶ Ver: FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida:** Dilemas e Disputas Simbólicas em Florianópolis. Florianópolis, Cidade Futura, 2000 que faz uma belíssima análise antropológica sobre os nativos (moradores de Florianópolis) e os de fora (os migrantes a partir do final do século XX) que escolhem a capital catarinense para investimentos, procura por qualidade de vida. Trata-se do confronto entre o nativo que se sente invadido e o forasteiro que passa a se sentir dono da terra, que vem com outra cultura, com outros olhares.

*inteiras abandonaram suas casas e foram morar fora, principalmente na Cabeçuda*¹³⁷.

O êxodo rural tornou-se intenso nas décadas de setenta e oitenta, quando houve uma verdadeira febre migratória em direção ao estado de São Paulo. Jovens que partiram em busca de melhores condições de vida trabalhando de garçom na capital paulista. Muitos voltaram, mas não mais para o distrito e sim para as cidades de porte médio de Santa Catarina.

A fala do seu José Garcia, morador há mais de 40 anos em Joinville, hoje chegando próximo aos 70 anos de idade, sintetiza o pensamento de muitos jovens da época no distrito:

Eu tinha muito sentimento, porque as moças daqui não davam bola pra gente, só porque a gente era do sertão, trabalhava na roça. Elas só queriam saber dos moços que vinham de fora. Ah, aquilo me mordida. Mas eu dizia: Deixa um dia Deus vai me ajudar e eu vou trabalhar fora e quando voltar quero ver se essas (aqui um palavrão) não vão olhar pra mim. Eu fui pra Joinville, fiquei dois anos lá sem vim em casa. Quando eu vim, tinha baile no Parobé e aí eu tava com um terno bonito, cabelo bem penteado, eu tava bem ajeitado. Botei uma mesa e enchi de cerveja. Aí aquelas (palavrão) só ficaram de olho em mim, o tempo todo, mas eu não tirei elas pra dançar. Fiquei a noite toda com uma moça que tinha vindo de Tubarão. Ah suas (palavrão) agora vocês se danam comigo.

Sua fala, portanto, são falas de muitos. Lágrimas misturadas de raiva ainda povoam a memória desse senhor. Eu apenas o escutei, porque sei que jamais conseguiria mudar seu pensamento e nem poderia. Mas posso, talvez, construir uma mentalidade diferente, de orgulho pela cultura, pelas coisas pequenas da Terra nos meus jovens estudantes. São jovens que em sua grande maioria apenas esperam completar o Ensino Médio para também partir. Faço meu papel de formiguinha, enquanto educador, tentando mudar esse pensamento. Há momentos que me sinto vencido pela “cultura da cidade grande”, mas a missão continua. Daí nasceu o projeto que culminou nessa dissertação.

Hoje, através do Grupo de Cultura Casa da Dindinha, saímos por aí e por aqui, cantando e dançando nossa cultura, semeando os fazeres, os saberes, os cheiros, os sabores, as cores desse cantinho do Brasil. Se

¹³⁷ Cabeçuda é uma das comunidades do município de Laguna para onde migraram. Hoje, grande parte das famílias desse bairro é descendente de famílias do distrito do Ribeirão Pequeno.

nossos jovens têm que ir embora, pelo menos que vá reconhecendo o valor desse ninho chamado distrito *do* Ribeirão Pequeno, que os acolheu e que os fez crescer enquanto humanos. Que não se envergonhem das suas origens, que levem um pouquinho de cada um de nós que aqui ficamos.

Não são apenas os pais que sofrem com a partida de seus filhos, por falta de emprego na cidade e na região, mas também nós, professores efetivos da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem, que os acolhemos ainda criança, que criamos laços de amizade e por que não dizer de paternidade com eles e com elas. São filhos de nossos parentes, de nossos amigos, de nossos vizinhos que aprendemos a amar ao longo dos estudos, além de conviver com eles nas comunidades freqüentando os mesmos espaços sociais e religiosos.

A formatura no terceiro ano do Ensino Médio é esse momento de ruptura, da partida. Sofremos com os pais, pois sabemos que logo, logo não os veremos mais, a não ser quando retornam para visitar seus pais, parentes e amigos, e aí também nos visitam. Muitos fazem questão de nos dizer onde estão trabalhando, deixando demonstrar gratidão por nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto de estudo desta pesquisa são os diálogos entre os velhos do distrito *do* Ribeirão Pequeno *da* Laguna e os jovens estudantes da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem sobre a valorização da cultura local. Nossa proposta não está centrada em apontar caminhos, propor modelos, tão-somente descrever uma experiência que está dando certo, dentro de um contexto ou de determinadas crenças.

Enxergamos a cultura a partir do velho, enquanto “guardião da tradição”¹³⁸, pois eles e elas, puderam exaustivamente contar e recontar a sua cultura. E à medida que foram narrando e repetindo fatos - que é uma característica dos velhos, contar e recontar uma mesma situação, dialogamos paralelamente com autores que compartilhavam a mesma ótica, que possibilitaram uma reflexão da nossa *práxis* enquanto educadores.

Este trabalho só terá cumprido seu objetivo, se ao lê-lo, possamos pensar em outras possibilidades enquanto atividades de aprendizagem que partam do entorno do educando, pois, foi da vontade de conhecer os saberes do entorno da escola, que nasceu o projeto de pesquisa que teve como objetivo, naquele período, identificar, registrar, valorizar e cultivar os aspectos mais significativos da cultura do distrito *do* Ribeirão Pequeno entre os anos de 1930 e 1960.

Posteriormente esta pesquisa resultou na publicação do livro “Memória. Um Patrimônio Irrenunciável.” Comunidades do distrito *do* Ribeirão Pequeno *da* Laguna, publicado em outubro de 2010 e na formação do Grupo de Cultura Casa da Dindinha.

O projeto foi pensado e desenvolvido no campo da história com o desejo de “salvar” aspectos da cultura que estariam se perdendo na história com a morte dos velhos. Percebemos nosso engano com a execução dos trabalhos, já que fragmentos da memória cultural de um povo permanecem em quem fica.

Ao longo desta dissertação além de retomar esses aspectos da cultura local, narradas pelos velhos, o foco esteve nos diálogos que ocorreram e que ocorrem entre os velhos do distrito, guardadores de memórias e experiências e os jovens estudantes sedentos de modernidade.

As pesquisas e produções desenvolvidas até aqui possibilitaram o encontro entre gerações com olhares aparentemente descontraídos: um

¹³⁸ BURKE, 1989, p. 116.

com o olhar mais para o passado – saudosista, os velhos – e, o outro com o olhar mais para o futuro, aparentemente renegando o passado, os jovens estudantes. Apesar da contradição dos olhares, percebemos também durante as pesquisas os velhos atentos ao pensamento dos jovens estudantes, e estes curiosos diante dos saberes e das experiências dos velhos. Por ambas as partes, no decorrer da caminhada, houve desconfiança, negação, mas também encantamento no *ser* cultural do outro, gerações que se cruzam, que ensinam e que aprendem.

Nesses encontros entre gerações há a possibilidade de intercambiar experiências, o que é riquíssimo para a formação humana. Buscando compreender a intersecção que ocorre nesses diálogos, pelos entendimentos desses cruzamentos.

Outro ponto importante a ser ressaltado é o novo significado que passa a ter para o jovem aquilo que o idoso relata, pois os sentidos se constituem para quem ouve conforme seu entendimento de mundo, de cultura, hoje. E é esse movimento de olhares diferentes sobre uma mesma cultura que nos faz enriquecer enquanto seres culturais. “Existe uma linha que nos atravessa e que nos faz perceber que existe algo aquém e além de nós mesmos. Isso dá um sentido de pertencimento e de continuidade/mudança¹³⁹”.

É evidente a necessidade do “novo” para que o “velho” se mantenha e vice-versa, porém há velhos que ficam mais ligados ao passado e que têm dificuldade de adaptar-se ao mundo moderno, urbano. Ouvimos muito durante as entrevistas, frases do tipo “*aquele tempo era melhor*”, “*não havia violência*”, “*as pessoas se respeitavam mais*”, “*as pessoas eram mais religiosas*”.

O que os faz acreditar que seu tempo de juventude era melhor, que havia menos violência, que se respeitavam e que eram mais religiosos? Ora, vivemos o tempo do belo, do sarado, do descartável, do consumismo. E nesse mundo pós-industrial, rápido, mutável, que nega a tradição, pouco espaço há para as memórias vivenciadas pelos velhos. O que há é uma negação de seus tempos. É nessa aparente negação que se perde a identidade do distrito. Na valorização da cultura urbana, da cultura de massa nega-se a cultura, os saberes e fazeres dos velhos. Nesse contexto, o velho sente-se desprestigiado, não-valorizado, descartado. Talvez por isso as frases citadas por eles “*aquele tempo era melhor*”.

Nesses dez anos de caminhada, dialogando com os velhos e com os jovens estudantes da escola, fomos percebendo que a cultura local

¹³⁹ Professora Dra. Patrícia Guerreiro, em 21.09.2010.

está imbricada em todos. Ela penetra pelas frestas dos espaços instituídos da escola, mesmo que os velhos e os jovens estudantes não percebam. A escola pode nos parecer dura, formal, não reconhecer, não estar inserida no conteúdo, mas as culturas locais estão ali. Como diz Paulo Freire, “encharca”, molha, derrama, escorrega, escapa por todos os cantos. De alguma forma ela está lá dentro, porém, ela não está sistematizada. Este foi o meu trabalho enquanto pesquisador, esse é o nosso trabalho enquanto educadores que temos uma responsabilidade social com o popular, que enxerga na cultura uma possibilidade de atividade de aprendizagem.

A intenção central, ou podemos assim dizer o pano de fundo, do projeto era chamar a atenção dos educadores para a riqueza em trabalhar com a cultura, de trabalhar com a cultura local, trazer o entorno da escola para dentro do espaço escolar. Somos apenas um pequeno exemplo desse exercício de ir falando nesses dez anos de projeto da cultura do “pirão com peixe”, sistematizando esses fragmentos da cultura com a participação dos velhos.

Esse olhar para o presente embalado pelos aspectos do passado nos ajuda a compreender e a viver melhor, além do fato que, trazer essa discussão para dentro do campo pedagógico também seja uma valorização *do e para* o velho. É nos saberes dos velhos que centralizamos o que há de particular nas pessoas deste distrito, a sua cultura. Ora, esses saberes podem transformar-se em conhecimento capaz de formar/transformar as sociedades desse lugar a partir da escola, como podemos observar no depoimento a seguir:

Esse tipo de coisa que tu faz a gente nunca viu e agora está vendo. De primeiro os jovens não ligavam os idosos. No nosso tempo a gente ligava. Nós não “chamava” os velho pelo nome, era tudo de tio. Tinha aqueles velhinhos da Figueira, eles me adoravam porque eu “adorava eles”. Naquele tempo a gente apanhava café, “né”, e eu ia lá pros cafezeiros, tinha lá nos morros umas velhinhas, onde tinha uma bem velhinha com o umbigo quebrado, era bem grande, bem saltado, ela tinha bronquite, era bem cansada, era bem velhinha, elas vinham sentar perto de mim. Eu ficava apanhando café e elas ficavam conversando comigo. E pra mim era tudo tia. No meu tempo ligava, mas “depois”, o povo não ligavam mais. E agora ta “vortando”, com o tempo. (Dona Bercides, Morro Grande).

Estabelecemos diálogos entre os jovens estudantes de uma escola pública com seus velhos, entre a escola e seu entorno sobre a cultura local, entre os próprios jovens e entre os próprios velhos e entre os

educadores da escola¹⁴⁰. Essa caminhada foi se traduzindo em conhecimento, abrindo novos campos de pesquisa, questionamentos, intervenções que realimentam minha esperança numa educação emancipadora, construída, embebida do fazer coletivo e do fazer educativo, numa perspectiva Freiriana.

Dez anos se passaram desde o início do projeto. Dezenas de alunos embarcaram nele aprendendo saber-fazer das coisas pequenas da terra. Jovens estudantes que entrevistaram, escreveram e reescreveram o que ouviram de seus velhos. Jovens que acreditaram e que descreditaram. Outros que embarcaram depois, que hoje cultivam o trabalho que seus colegas deixaram registrado, que cantam e que dançam. Jovens que partiram em busca de outros sonhos em outras cidades, mas que talvez tenham levado a semente do ser, do fazer pequeno, da sua terra¹⁴¹.

Aprendo com abelhas do que com aeroplanos. É um olhar para baixo que eu nasci tendo. É um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo. (...) Ainda não entendi porque herdei esse olhar para baixo. Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas. Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão – antes que das coisas celestiais. (BARROS, p. 1)

¹⁴⁰ Depoimento da professora Carla de Educação Física da escola EEB Gregório Manoel de Bem: *“Através do grupo tu mostras a importância da cultura e a importância das pessoas mais idosas na sociedade, na comunidade. Eu percebo quando a gente conversa, tipo nas reuniões ou quando a gente pega os alunos para conversar. Quem está no grupo percebe a importância da cultura e valorização das coisas mais antigas, dos idosos. Eles respeitam mais através do grupo. E aí os amiguinhos dos que estão no grupo, convivendo a partir dali percebem isso e começam levar isso para o dia a dia. Eu percebo isso até no ônibus, eles levantam para o mais velho sentar. É aí que eu vejo a importância do grupo, o resgate da cultura, das coisas mais antigas, para as crianças que não estão mais vendo isso. Só estão modernidade e tecnologia. O grupo traz isso pra eles. Eles dão um valor diferente. Até mesmo eu, não dava valor pra isso porque não tinha conhecimento. Convivendo com os alunos do grupo fui, vendo esse resgate, vamos dizer que, vamos nos tornando um ser humano melhor, mais completo. É isso que eu vejo. Agora, para a comunidade escolar, eu penso que este trabalho esbarra na disputa pelo poder, o poder pela direção. E por essa disputa acaba barrando coisas legais, projetos legais que não acontecem. Ali, os teares¹⁴⁰, foram doados para o grupo, para ser usado dentro da escola. Quem é que vai querer mandar ali dentro? É complicado. Essa coisa que eu que mando, que derruba os projetos aqui dentro da escola”*.

¹⁴¹ Uma árvore que se destaca em meio a uma praça por sua beleza, por sua grandiosidade, primeiro tem que conquistar a terra, firmando-se nela pelas raízes, que quanto mais profundas, mais sustentabilidade. A esses alunos que participaram do projeto, e partiram em busca de novos espaços levam consigo a semente da terra, que é a sua cultura e que é a base para não se perder nas selvas de pedra desses Brasis.

Velhos que participaram contribuindo com suas mentes históricas, outros que já partiram, mas que se perpetuaram nesse trabalho. Pessoas que observaram, que criticaram e que torceram pelo sucesso ou pelo fracasso do projeto.

Trilhamos nas entrelinhas da cultura. Falamos da cultura como âncora, como identidade, como movimento político contra a política neoliberal, que procura globalizar a cultura. Apresentamos o respeito pelas diversidades culturais como bandeira para a paz¹⁴². Mostramos a cultura do povo do distrito *do Ribeirão Pequeno*, como simples grão de areia que junto com tantos outros milhares de grãos-culturas que ladeiam os oceanos, constrói o homem em ser cultural.

E assim vamos indo e voltando na ação, na reflexão, nas escolhas, ora cabisbaixos, ora descrentes, revoltados, ora animados, motivados, acreditando que podemos fazer nossa parte, aprendendo com os velhos, com os alunos, com o fazer do Grupo Pandorga¹⁴³.

É um desafio. Fazer educação com mais alegria no ato de conhecer; um pouco mais de coerência com o processo histórico – emancipatório da humanidade como afirma Chauí; um jeito diferente de colar forma e conteúdo de maneira brincante, provocadora, permeados de diálogos guardadores de memória em nossas práticas cotidianas; ainda podemos dizer “jeitos diferentes” de alicerçar conhecimento-pesquisa, sabedorias, éticas, práticas frente à natureza, ao outro e ao espaço público. (RELATÓRIO, 10 anos de Grupo Pandorga, 2009, p. 4/5).

Podemos afirmar que o projeto despertou uma série de discussões que estavam silenciadas, entre elas o sentimento de pertença à cultura local. Venho no decorrer desses anos socializando esses fazeres junto à comunidade, aprofundando ainda mais a temática do projeto. Meu objetivo maior é que esse trabalho dê embasamento teórico para continuarmos o trabalho com mais clareza, que ultrapasse as fronteiras da defesa da dissertação, tornando-se, quem sabe, num movimento anual

¹⁴² Durante o desenvolver do projeto sempre houve a preocupação de se estar discutindo o conceito de cultura a partir do respeito às diversas culturas presentes em nosso entorno e fora dele, mostrando que é o não-respeito a cultura do outro que gera conflitos, guerras, de que precisamos conhecer a nossa cultura para respeitar a cultura do outro.

¹⁴³ O Grupo Pandorga me ensina a valorizar os pequenos movimentos, os pequenos fazeres e saberes. O Grupo Pandorga me ajuda a ter esse olhar da perspectiva do homem do campo, que olha seus fazeres, que se vê atropelado pela cultura urbana.

através da Festa da Cultura, como momento de discussão, de reflexão, de visualização, de cultivo dos fragmentos da cultural local.

Em 2005 eu e o aluno, Guilherme Florentino de Bem, membro do Grupo de Cultura Casa da Dindinha, a convite, fomos divulgar nosso trabalho na Faculdade Anhanguera em Joinville às turmas de pedagogia daquele Estabelecimento de Ensino. Ao final da explanação, uma professora levantou-se e disse mais ou menos assim:

“Enquanto vocês falavam do projeto, desse diálogo que vocês estabelecem com os velhos, eu fiquei pensando o que eu poderia fazer enquanto educadora popular em uma escola indígena. Vocês me possibilitaram pensar num monte de possibilidades.”

A fala dessa professora sintetiza meu pensar. Eu encontrei meu jeito de trabalhar com cultura popular do distrito *do* Ribeirão Pequeno, mas existem tantas outras maneiras de se estudar cultura e tantos outros contextos populares espalhados por esse Brasil. O importante é o amor que estabelecemos na *práxis* que acreditamos. Com amor, com respeito ao outro, o diálogo se estabelece. “Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” já dizia Freire (2006, p. 92). E continuando a falar de amor, diz ele: “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”. (FREIRE, 2006, p. 92).

O diálogo entre os envolvidos no processo de aprendizagem é a essência do processo educativo. “Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidárias, em que uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentida, imediatamente, a outra”. (FREIRE, 2006, p. 89). Dona Lucinda da Ponta do Daniel disse: “*O teu trabalho foi uma forma da gente relembrar. Tu e os alunos faziam a pergunta e a gente relembrava. Eu gostei bastante de passar essas coisas para os jovens*”.

E assim estamos caminhando a mais de dez anos. Esse é o meu olhar – voltado às coisas da terra, voltada ao povo simples do sertão. É do sertão que enxergo o Brasil enquanto cultura brasileira resultado de centenas, porque não arriscar, de mais de um milhar de culturas que foram se entrelaçando, ensinando e aprendendo, construindo esse país. Eu, particularmente, parti da cultura local do distrito *do* Ribeirão Pequeno de um pequeno fazer dialógico entre jovens estudantes e seus velhos do entorno. Aprendemos, aprendo com esses velhos. Aprendo e ensino com os jovens estudantes da escola pública Gregório Manoel de Bem. Provoco e sou provocado pela história, pela cultura dos meus antepassados, pela cultura dos antepassados desse povo. Aqui entendo quando Freire nos provoca dizendo – “Não há docência sem discência,

as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 2007, p. 23).

O tempo passou, o tempo está passando. Nesse tempo que passa velozmente percebe-se que trata-se de um tempo em transição, talvez em crise, que caminha a passos largos e que nesse caminhar tem esquecido de trazer o passado para compor o futuro, tem se perdido na ânsia da busca do novo.

Diante desse novo tempo, a exigência de novos olhares, de novas percepções nos chama a reflexão. Esse trabalho teve esse olhar de parar, de voltar o olhar aos fazeres e saberes dos velhos – e continuar. ““Eu não sabia”, diz uma criança a um escultor, “que dentro daquele bloco de pedra estava esse cavalo que você tirou””. (BOSI, 1987, p. 49). São os saberes e fazeres de seus velhos que os jovens estudantes, foram e estão esculpindo a partir do conhecimento dos seus próprios velhos.

Trata-se de um caminhar inacabado. E enquanto vou caminhando vou me percebendo também como sujeito inacabado, inconcluso. “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”. (FREIRE, 2007, p. 50). Todo esse trajeto mostrou-me que somos seres em pleno processo de aprendizagem, que podemos sempre avançar enquanto educadores. A teoria, portanto, passa a ser o lugar de onde olho o meu trabalho.

E na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. (FREIRE, 2007, p. 58).

No processo fomos descobrindo que a cada entrevista não apenas a história daquele sujeito estava sendo narrada, mas a história de todos. Não apenas a história local, mas a história do Brasil, a história do mundo. Cada ser é produto da caminhada de toda a humanidade. E nesse fazer-se humano a cada encontro provocado entre os velhos, os jovens estudantes e eu Freire foi-nos sinalizando caminhos.

Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidade e não de

determinismo. (...) Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. (FREIRE, 2007, p. 53).

E assim vamo-nos constituindo enquanto ser histórico e cultural, deixando marcas através dos nossos fazeres, de nossas provocações, de nossas crenças “afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História”. (FREIRE, 2007, p. 54). Podem ser tempos de transição, mas nessas incertezas provocadas pela modernidade fomos e estamos deixando nossas marcas.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Milton José de. O Triunfo da Escolástica, a Glória da Educação. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, v.26, n. 90, Jan./abr., 2005.

ARANTES, Antonio A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BARBOSA, Letícia Rameh. **Movimento de cultura popular: impactos na sociedade pernambucana**. Recife: Ed. do autor, 2009.

BARROS, Manoel de. **O intelectual, o professor, o militante: um encontro com o pensamento de Victor Valla**. Citado por Maria Tereza Goudard Tavares em **A contribuição de Victor Valla ao pensamento da Educação Popular: Diferentes olhares**. GT: Educação Popular nº 6. (mimeo).

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível

em:<http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JO_RGE_LARROSA_BONDIA.pdf> Acesso em: 21 set. 2011

BORDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. **Les héritiers: les étudiants et la culture**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: TAC/EDUSP, 1987.

_____. **O Tempo Vivo da Memória**. 2ª ed. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 1985.

_____. **Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Memória/Sertão**. São Paulo: Editorial Cone Sul e Editora UNIUBE, 1998.

_____. **Pesquisa Participante**. (org.) 8ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1990.

BUENO, Francisco da Silveira. **Vocabulário Tupi Guarani/Português**. São Paulo: Ed. Brasil livros Ed. E. Distribuidora, 1986. 4ª revisão, pág. 245.

BURKE, Peter. **A Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. 3ª Ed., Florianópolis, Lunardelli, 1987

CAMPOS, Gizelly Cesconetto de. **Patrimônio Edificado de Laguna: Conhecer, interpretar e preservar**. Dissertação de mestrado, UNISUL, 2007.

CARDOZO, Liane Moraes. **Ciranda da Saudade**. Tubarão, Gráfica e Editora Copiart, 2000.

CARLOS, Roberto. **Meu pequeno Cachoeiro**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/roberto-carlos/82949/>> Acesso em: 11 Out. 2011.

CARUSO, Mariléia M. Leal. **Índios, baleeiros e imigrantes: a aventura histórica catarinense**. Tubarão: Editora Unisul, 2000

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

_____. **Filosofia**. Série novo ensino médio. 2ª Ed. São Paulo. Ed. Ática, 2009.

CLETISON, Joi. **Festas do divino espírito santo**. Disponível em: <<http://nea.ufsc.br/artigos/artigos-joi-cletison/>> Acesso em: 15 Out. 2011.

CORREA, Carlos Humberto P. **História Oral** (Teoria e Técnica). Florianópolis: UFSC, 1978.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. Ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FANTIN, Maristela. **Construindo Cidadania e Dignidade: Experiências Populares de Educação no Morro do Horácio**. Florianópolis: Insular: 1997.

_____. Marginalidade social e o processo de construção de cidadania. In: FLEURI, Reinaldo Matias. (org.). **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: Mover, NUP, 1998.

_____. **Tempo de Abraçar:** educação e arte: a estética de um fazer coletivo. Florianópolis: Cidade Futura, 2005.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil meridional:** uma viagem no tempo: povoamento, demografia, cultura, Açores e litoral catarinense. Florianópolis, Ed. do Autor, 1998

FEITOSA, Sonia Couto Souza. Educação e sujeitos dialéticos. **Revista Viver – mente & cérebro:** Coleção memória da pedagogia. São Paulo, vol 4, p. 30-37, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 1ª Ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **Nós não temos origem:** populares de ascendência açoriana e africana numa freguesia do Sul do Brasil (1780 – 1960). Tese (Doutorado) CFH/Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Povoadores da fronteira:** os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil Florianópolis, Ed. da UFSC, 2000.

FLORES, Zilá Gomes de Moraes. **A criança em Walter Benjamin e Florestan Fernandes. Disponível em:** Endereço eletrônico: www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt07/gt07397int.rtf em 15.03.2010

FREIRE, Ana Maria Araújo. Utopia Peregrina. **Revista Viver – mente & cérebro:** Coleção memória da pedagogia. São Paulo, vol 4, pp. 16-29, 2005

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 35ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1965.

_____. **Educação e atualidade brasileira.** São Paulo: Cortez/ IPF, 2001.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 44ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GADOTTI, Moacir. O Plantador do Futuro. **Revista Viver – mente & cérebro**: Coleção memória da pedagogia. São Paulo, vol 4, pp. 06-13, 2005

GHIRARDELLI JR, Paulo. **Filosofia e História da Educação Brasileira**. São Paulo, Ed. Manole, 2003.

GONÇALVES, Reonaldo Manoel. **Cantadores do Boi de Mamão**. Velhos cantadores e educação popular na Ilha de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências da Educação –UFSC – Florianópolis/Santa Catarina – nov.2000.

_____. **Educação Popular e Boi-de-Mamão**: Diálogos Brincantes. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

GUEDES JUNIOR, Valmir. **Porto de Laguna**: a luta de um povo traído. Florianópolis: Editora do Autor, 1994.

GUERRERO, Patrícia. **Casa de Saberes**: cultura e educação em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha. Tese de Doutorado Centro de Ciências da Educação –UFSC – Florianópolis/Santa Catarina – agosto. 2008.

GURGEL, Luiz Henrique. **Uma experiência humanizadora**. Revista: Na ponta do lápis, ano V, número 11, agosto de 2009, p. 24 e 25.

HERMANN, Nadja. Razão e sensibilidade: notas sobre a contribuição do estético para a ética. In: **Revista Educação e Realidade**, v.27 n.1, Porto Alegre, jan./jun. 2002 (p.11 a 26).

HOBSBAWN, Eric J. **Mundos de trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JOCHEM, Toni Vidal. **Terras da esperança**: A trajetória dos irmãos Buss em Santa Catarina. Rio Fortuna (SC), Ed. dos Autores, 2003.

JONES, David Martin. Foucault e a Possibilidade de Uma Pedagogia sem Redenção. In: Silva, Tomaz Tadeu da, (org.). **Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis, Vozes, 1994. (p. 111 a 126).

LAPONTE, Luciana Gruppelli. Do Nietzsche trágico ao Foucault ético: sobre estética da existência e uma ética para docência. In: **Revista e Realidade**, v. 28, n.2, Porto Alegre, jul./dez. 2003, (p.69 a 82).

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 18 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

LAVINA, Rodrigo. Indígenas de Santa Catarina: História de povos invisíveis. In: BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina:** estudos contemporâneos. 2ª Ed. Florianópolis, Livraria e Editora Obra Jurídica, 2000

LE GOFF, Jacques. **Memória – História.** Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LIVRO TOMBO. Paróquia Santo Antônio dos Anjos da Laguna.

LOMBARDI, José Claudinei e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação.** Campinas/SP: Autores Associados, 2004.

LUCA, Virgínia Gomes de. **O Patrimônio Arquitetônico e a Paisagem Cultural em Sítios Históricos Rurais de Imigração Italiana.** Dissertação, 2007, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

LUCENA, Liliane M.F. **Laguna: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana.** Dissertação, 1998. (Mestrado em Geografia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), Universidade Federal de Santa Catarina.

MARCONI, Marina de Andrade. **Cultura.** Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/23210993/CULTURA>> Acesso em: 2 Jul. 2011

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: _____. **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. 28ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio.** Trad. Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo, Ed. UNESP, 2003. Cap. 1 (p. 21 a 47) e Cap. 2 (p. 49 a 76).

MIRANDA, Marília Gouveia de; RESENDE, Anita C. Azevedo. **Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo.** Revista Brasileira de Educação, v.11, nº 33, set./dez. 2006.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e memória:** a cultura popular revisitada. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 1994.

NASCIMENTO, Augusta Geremias do. **A socialização do escravo em tempos de transição à liberdade:** Júlia Chrispina do Nascimento, mulher negra e professora (Laguna, SC – 1884/1947). Dissertação de mestrado. Centro de Ciências da Educação –UNISUL – Tubarão/Santa Catarina – 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra.** Trad. e notas explicativas da simbólica nietzscheana de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, Ed. Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Laércio Vitorino de Jesus. **Memória: um patrimônio irrenunciável.** Comunidades do distrito de Ribeirão Pequeno da Laguna. Palhoça, Ed. Unisul, 2010.

OLIVEIRA, Paulo S. **Vidas compartilhadas:** cultura e co-educação de geração na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1999.

PERALVA, Angelina. O Jovem como modelo cultural. Juventude e Contemporaneidade. São Paulo. ANPED, Revista Brasileira de educação / No. 5-6. 1997

PEREIRA, Nereu do Vale. **Contributo Açoriano Para a Construção do Mosaico Cultural Catarinense:** Coletânea de trabalhos do autor versando a presença do português açoriano na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, Papa-Livro, 2003.

PEREIRA, Potiguara Acácio. **O que é pesquisa em educação?** São Paulo: Paulus, 2008.

PESSANHA, **Filosofia e Modernidade: racionalidade, imaginação e ética.** Revista Educação & Realidade. Jan./jun. 1997. (p. 13 a 32).

_____. Platão: as várias faces do amor. In: **Os sentidos da paixão.** São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

PIACENTINI, Telma Anita. **Fragments de Imagens de Infância.** Tese de doutorado. USP, São Paulo, - julho 1995.

PIAZZA, Walter Fernando. **A Epopéia Açórico-madeirense 1748-1756.** Florianópolis, Ed. da UFSC, Lunardelli, 1992.

_____. **Santa Catarina:** história da gente. 6ª Ed., Florianópolis, Lunardelli, 2003.

PIGNATELLI, Frank. “Que Posso Fazer? Foucault e a Questão da Liberdade e da Agência Docente”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da, (org.).

Sujeito da Educação: estudos foucaultianos. Petrópolis, Vozes, 1994. (p.127 a 152).

RAIZER, Dione. **Boi-de-Mamão: uma brincadeira de rua no chão da educação infantil.** Diálogos com a cultura popular. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências da Educação –UFSC – Florianópolis/Santa Catarina – ago/2008.

REBELO, Marilda Alexandre. **Florística e fitossociologia de um remanescente florestal ciliar:** subsídio para a reabilitação da vegetação ciliar para a microbacia do rio Três Cachoeiras, Laguna, SC. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em ciências ambientais PPGCA – UNESCO – Criciúma/Santa Catarina, 2006.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky. Uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação.** 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 1997.

RELATÓRIO 10 anos do Grupo Pandorga. (mimeo).

SANTA CATARINA, **Proposta Curricular de Santa Catarina.** Estudos Temáticos. Florianópolis, IOESC, 2005 (p. 69 a 110).

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Tempo de aprender:** subsídios para as classes de aceleração de aprendizagem nível 3 e para toda a escola. Florianópolis: DIEF, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, S. C. dos. **Nova história de Santa Catarina.** 5. ed.rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004. 118p.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. O Povoamento Indígena do Sul do Brasil. IN: FARIAS, Deisi Scunderlick de. (org). **Maracajá.** Pré-história e Arqueologia. Tubarão, Ed. UNISUL, 2005.

SILVA, Rosimeri Jorge da. **Parque da Luz:** Fazer pequeno, forte e enraizador. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências da Educação – UFSC – Florianópolis/Santa Catarina – 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Dr. Nietzsche, curricularista – com uma pequena ajuda do Professor Deleuze. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24. **Programa e resumos.** Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2001 (p. 1 a 16).

SINGER, P. **Economia Política da Urbanização,** 14ª. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

SOUZA, Alexandra Serafim de. **As narrativas como estratégia(s) de construção identitária dos índios guarani da aldeia Tekoà Marangatu, em Imaruí (SC)**. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em educação – PPGE – UNESC – Criciúma/Santa Catarina, 2010.

ULYSSEA, Saul. **A Laguna de 1880**. Florianópolis: IOFISC, 1943.

WEBER, Max. Comunidade e sociedade como conceitos analíticos. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicações**. São Paulo: Editora Nacional/Editora da USP, 1973.

VETTORETTI, Amádio. **A Estação da Piedade**. Tubarão, Copiart, 2004. 172p.

VIEIRA, Cínthia Ferreira Corrêa. **Trajetória da enfermagem em Laguna**. / Cínthia Ferreira Corrêa Vieira, Maria Heloísa Fernandes, Regina Ramos dos Santos – Tubarão: edição do autor, 2005.

WOLFF, Cristina Scheibe e RÉCHIA, Karen Christine. Mulheres de Santa Catarina: vidas de Trabalho. In: BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. 2ª Ed. Florianópolis, Livraria e Editora Obra Jurídica, 2000.

Referências on-line

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/4e/SantaCatarina_Municip_Laguna.svg/800px-SantaCatarina_Municip_Laguna.svg.png em 21.05.2011

<http://www.laguna.sc.gov.br/paginas.php?pag=dados-gerais> em 30.03.11

http://pt.wikipedia.org/wiki/Laguna_%28Santa_Catarina%29, em 19.03.2011.

<http://mapasblog.blogspot.com/2011/02/mapas-do-farol-de-santa-marta-sc.html> em 15.10.2011

www.laguna.sc.gov.br em 25.03.2010

<http://www.laguna.sc.gov.br/paginas.php?pag=dados-gerais>, em 19.03.2011.

<http://www.laguna.sc.gov.br/paginas.php?pag=dados-gerais> em 30 de março de 2011.

http://www.lagunainfoco.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2192&Itemid=2 em 17.03.2011.

ANEXOS

CONVITE DA FEIRA CULTURAL HISTÓRIA - 2001

20ª CRE

Venha participar conosco deste evento, quando queremos lembrar para cultivar, momentos históricos vividos por nossa gente do Distrito de Ribeirão Pequeno (Morro Grande, Figueira, Parobé, Ribeirão Pequeno, Ribeirão Grande e Madre) entre os anos de 1900 e 1950.

Haverá minipalestras proferidas por alunos, exposição cultural, histórica e religiosa, dança, teatro, pratos da época, painel de fotos antigas....

"Você é nosso convidado"!

C
O
N
V
I
T
E



**MULTISOLUÇÕES
INFORMÁTICA**

Multisoluções é a Solução!

Cursos, vendas de equipamentos,
Papeleria, Xerox,
Maneja ment telefônicas,
Digitação de trabalhos, Curriculum
Vitae

Rua: José Johanny (rua da carioca),
107 - Centro - Laguna - SC
Fone: (48) 646 - 0089

Feira Cultural Histórica

*"Nossa gente se
fazendo história"*



1900 a 1950

20.ª CRE

E.E.B.

Gregório Manoel de Bem
Ribeirão Pequeno
- Laguna - SC -

PROGRAMAÇÃO

DATA: 22, 23/11/01
22/11: das 13:00 às 17:30h
23/11: das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 17:30h

1.ª Parte: Salão Paroquial

13:00 - Abertura
13:30 - Objetivos do Evento
13:45 - 5.ª Série: "O HOMEM PRIMITIVO SE FAZENDO HISTÓRIA NA FUTURA LAGUNA".
14:30 - 6.ª Série: "O HOMEM BRANCO CHEGANDO EM NOSSA REGIÃO: DOMINAÇÃO, EXPLORAÇÃO, DESAFIOS DE SOBREVIVÊNCIA".
15:15 - 7.ª Série: "O HOMEM NEGRO CHEGA À FORÇA, DOMINADO, EXPLORADO".
16:00 - 8.ª Série: "LAGUNA HOJE: PROBLEMAS E SOLUÇÕES".

16:30 - Os participantes serão convidados a visitar a exposição preparada pelos alunos sobre o cotidiano das comunidades.

Obs.: As apresentações serão intercaladas com danças e teatros referentes aos temas, e serão repetidas no dia 23/11 matutino e vespertino

**CONVITE PARA PARTICIPAR DA CONSTRUÇÃO DO LIVRO
MEMÓRIA: UM PATRIMÔNIO IRRENUNCIÁVEL.
COMUNIDADES DO DISTRITO DO RIBEIRÃO PEQUENO DA
LAGUNA - 2001**

**E.E.B. GREGÓRIO MANOEL DE BEM
RIBEIRÃO PEQUENO –LAGUNA-**

CONVITE

Vimos por intermédio deste convidá-lo a participar da construção do livro que registrará a memória do povo do Distrito de Ribeirão entre os anos de 1900 a 1950.

Tudo o que você lembrar: receitas de doces ou salgados, lendas, contos, histórias de assombrações, blocos carnavalescos, pereira, terno de boi, boi de mamão, terno de reis, ratoeira, personalidades: pessoas que se destacaram na comunidade; economia: histórias referentes a lavadeiras, agricultores criadores de gado, pecuária, pescadores, comerciantes, donos de engenhos, etc; histórias referentes á religião, frases ditas com frequência, enfim, tudo o que você lembrar sobre a sua comunidade entre os anos de 1900 a 1950.

Se você quiser participar escreva numa folha de caderno e entrega a um aluno(a) da nossa escola até o dia 31 de maio.

Participe! Os autores do livro serão os alunos e as pessoas que derem entrevistas.

Contamos com você

Um abraço

Profº de História - Laércio Vitorino de Jesus Oliveira

FOLDER CURSO DE DANÇA FOLCLÓRICAS AÇORIANAS PROMOVIDO PELO NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) UFSC

CURSO DE DANÇA FOLCLÓRICAS AÇORIANAS

Objetivo: Capacitar professores da rede pública ou privada e coordenadores de grupos folclóricos e agendes culturais com técnicas, coreografias e passos das danças folclóricas açorianas. Com este curso pretendemos também qualificar os grupos existentes e formar novos grupos de danças do Folclore Açoriano no litoral do Estado de Santa Catarina.

O Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC tem recebido inúmeras solicitações do litoral do Estado para realizar um curso específico de Danças Folclóricas Açorianas e para atender esta grande clientela convidamos a coreógrafa do Grupo Mistura de Bombinhas para ministrar este curso.

O Curso de Danças terá a duração de 40 horas e será realizado sempre aos sábados das 8 às 12 e das 13 às 17 horas. Terá direito ao certificado de conclusão do curso expedido pela Universidade Federal de Santa Catarina quem cumprir a carga horária de 90% do programa, será distribuído material de apoio para continuidade dos trabalhos em sua comunidade (partituras, CDs com músicas folclóricas, apostilas e bibliografia de apoio). Durante o curso serão repassadas danças folclóricas originárias das nove ilhas do arquipélago dos Açores.

O curso será ministrado pela coreógrafa e pesquisadora do folclore açoriano Vera Eli Pereira Pires e terá apoio do grupo de dança da Associação Folclórica Mistura de Bombinhas. (anexo texto sobre o Grupo Mistura). Acontecerá em três cidades diferentes do litoral catarinense para evitar um grande deslocamento dos interessados (veja as datas abaixo). Realizaremos os cursos nas cidades de Itajaí, Sombrio e São José.

O curso tem vagas limitadas e as inscrições serão oficializadas por ordem de chegada, pretendemos trabalhar com um número mínimo de 12 inscritos e o número máximo para o bom andamento dos trabalhos será de 24 pessoas.

Conteúdos (prático e teórico)

1º Encontro	2º Encontro	3º Encontro	4º Encontro	5º Encontro
Ilha do Faial -Lira -Vacas -Rema -Manjerição	Ilha do Pico -Padeirinha -Carinhosas -Mané Chiné -Eu Cá Sei	Ilha Terceira -Pai do Ladrão -Balancê -Fado de Estudante -Chamarita da Terceira	Ilhas: S. Jorge, Corvo Flores e Graciosa -Chamarita de S. João -Vacas Lavradas -Pezinho das Flores -Francisquinha	Ilhas Stª Maria S. Miguel -Bela Aurora -Baiho da Povoação -Baiho de Stª Maria e Erró

DATA DOS CURSOS:	SERVIÇOS:
ITAJAÍ - 28/04 a 26/05/2007 SOMBRIÓ - 02 a 30/06/2007 SÃO JOSÉ - 04/08 a 01/09/2007 INFORMAÇÕES: (48) 37218605 ou www.nea.ufsc.br	Inscrições: 28 de março a 27 de abril de 2007 - VAGAS LIMITADAS Ficha de inscrição: www.nea.ufsc.br ou pelo telefone 48 37218605 Taxa de inscrição: R\$ 50,00 (taxa única pelo curso) depósito na conta bancária da FAPÉU – Banco do Brasil/agência 3582-3 e conta corrente 203142-6. Fax para confirmação da inscrição: 48 37219325

FICHA DE INSCRIÇÃO CURSO DE DANÇAS FOLCLÓRICAS AÇORIANAS

Indique o local onde pretende fazer o curso: () Itajaí () Sombrio () São José

NOME _____ IDADE _____

Endereços _____

Cidade _____ telefone _____ e mail _____

CPF _____ RG _____

Atua em algum grupo folclórico? () Sim () não - Caso a resposta for afirmativa qual o grupo?

Está ligada a alguma instituição de educação ou cultura? () Sim () não - Caso a resposta for afirmativa qual ? _____

ATENÇÃO: Você deverá encaminhar para o FAX (48) 37219325 esta ficha de inscrição preenchida e o comprovante de depósito bancário, só assim você efetivará a sua inscrição. (FAPEU/Banco do Brasil/agência 3582-3/ conta 203142-6) **INFORMAÇÕES:** www.nea.ufsc.br ou via telefone 48 37218605.

CONVITE PARA ENTREGA DOS CERTIFICADOS DO PRÊMIO TESOUREOS DO BRASIL

*"Não sei se agrada as minhas histórias,
mas as que guardei foram essas."*

Dona Dalvinha - Figueira

"A coisa era tão racionada
que muitas vezes o café
podia ser uma meia banana
com açúcar grosso esquentado
na chapa do fogão à lenha."

Maria S. Cardoso - Ribeirão Grande

*"Foi bom (...) saber das brincadeiras
que eles faziam (...)"*

Débora F. de Oliveira - aluna 2005

A Escola de Educação Básica
Gregório Manoel de Bem

Convida

Para o lançamento do livro: **Memória** um patrimônio Irrenunciável:
Comunidades do Distrito do Ribeirão Pequeno da Laguna

Local: Salão Paroquial do Ribeirão Pequeno
30 de outubro

Com apresentação de dança folclórica **15 horas**
e café típico açoriano

CERIMONIAL DE ENTREGA DOS CERTIFICADOS DO PRÊMIO TESOUREOS DO BRASIL - 2004

Cerimônia

Acolhida: Boas vindas e agradecimento a presença de todos que vieram prestigiar a cerimônia de premiação do Concurso Tesouros do Brasil – patrocinado pela FIAT

Composição da Mesa de Autoridades

Hino Nacional

Abrir a palavra para as autoridades estaduais e municipais para brevemente fazer uso da palavra

Passar a palavra para o Representante do Concurso Tesouros do Brasil: Sr. Erick Krulikowski

Passar a palavra para a Diretora da Fundação Bradesco Sra Amine Mourad Hoffmann que depois ela mesma passará a palavra para a Profª Adriana Valgas Guedes

Passar a palavra para o Profº Laércio

Passar a palavra para o representante dos alunos da Escola de Educação Básica Gregório Manoel de Bem: _____

Iniciar a entrega da premiação: leitura dos nomes dos alunos

Fechamento com novos agradecimentos - e encerra com o Hino a Laguna cantado em capela pelos alunos e convidados (acompanhar a letra no telão)

JORNAL DIÁRIO DO SUL: 08.05.2005

GERAL redacao@diariosul.com.br

Resgate histórico em LG recebe premiação

Grazielle Cristina/DS

LAGUNA - Ninguém acreditava que uma escola do interior de Laguna fosse chegar lá, mas a persistência de um professor e seus alunos deram certo. Eles foram um dos quatro contemplados do projeto "Tesouros do Brasil", patrocinado pela Fiat Automóveis com apoio da Unesco, Ministério da Cultura, Ministério da Educação e do Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O professor Laércio Vitorino de Jesus Oliveira, juntamente com seus alunos, sentiu "satisfação profissional imensa e a sensação de que as pessoas acreditam no meu potencial e nas minhas loucuras", brinca.

Distantes 22 quilômetros do Centro Histórico de Laguna, a partir da BR-101, margeando a Lagoa de Santo Antônio, até o Rio Tubarão, os povoados de Morro Grande, Figueira, Parobé, Ribeirão Pequeno, Ribeirão Grande e Madre formaram-se a partir da imigração de açorianos, em meados do século 18.

Estas comunidades desenvolveram usos e costumes próprios que foram deixados no tempo. Dispostos a registrar a memória



ALUNOS e professor festejaram muito a premiação do projeto

viva dos moradores remanescentes, 163 alunos da 5ª à 8ª série da Escola Estadual Gregório Manuel de Bem, orientados pelo professor Laércio Vitorino de Jesus Oliveira, colheram o depoimento de moradores do lugar, abrangendo cerca de 20% da população, e registraram aspectos da economia comunitária, como a pesca, a produção de farinhas e cachaca, a roça de hortas e pomares, o artesanato, e a memória cultural de lendas e "causos" de bruxas e assombrações.

A proposta a ser executada é a publicação de um livro que contenha o registro histórico dessas comunidades na primeira metade do século 20, resgatado atra-

vés do relato oral dos entrevistados sobre a economia, as personalidades, o folclore e a culinária, entre outros aspectos dos povoados. Os estudantes propõem ainda o tombamento do único engenho movido a água da região.

Dos 51 projetos selecionados, além de Laguna, foram premiados o do Museu Casa da Providência, de Mariana (MG), a das Lavadeiras do Piauítinga, de Estância (SE), e da Igreja Ortodoxa Grega, de Lins (SP). As equipes premiadas recebem uma verba de R\$ 7 mil para custear a implantação da proposta apresentada junto ao projeto. Cada professor responsável também receberá um prêmio de R\$ 3 mil.

LAGUNA



A equipe visitou Ribeirão Pequeno no interior do município, onde fez cenas dos "Bois de Mamão" Mirim e Adulto. As lavadeiras (foto) também estão no roteiro e em Parobé foram gravadas cenas do único engenho ainda movido a água.

Programa de TV divulga potencial lagunense

A TVBV esteve em Laguna nos dias 11, 12 e 13 de junho gravando imagens turísticas e culturais da cidade. O programa "Nossa Terra, Nossa Gente" será exibido no próximo domingo (19), às 11h, com duração de 30 minutos.

CARTA DE UM EX-ALUNO

Ilmo Sr (a) Diretor (a)
E.E.B.Gregório Manoel de Bem

Nesta terra de poucos recursos financeiros onde muitos de seus filhos imigram deixando para trás no esquecimento do tempo, um valor riquíssimo de histórias, lembranças e memórias onde um dia tudo isso se perderia.

Parabéns diretor (es), professores, alunos e voluntários pela iniciativa do resgate do patrimônio histórico, cultural e folclórico desse povo.

Sucesso na edição do livro



João Carlos machado
Ex-aluno per.1985

(48) 443-2996 / 99555515
e-mail : barac@bol.com.br

Criciúma, 10 de maio de 2005

■ **Literatura regional**

Livro conta a história comunidade de Ribeirão Pequeno

Trabalho inédito, feito por alunos da escola Gregório Manoel de Bem, será lançado no sábado da próxima semana

Laguna

A memória das comunidades que formam o Distrito de Ribeirão Pequeno, em Laguna, corria o risco de ficar perdida para sempre, não fosse um trabalho inédito desenvolvido por 106 alunos da escola municipal Gregório Manoel de Bem.

Empenhados em resgatar a sua própria história, eles entrevistaram 82 pessoas das comunidades para escrever o livro *Memória de um patrimônio irrenunciável: comunidades do Distrito de Ribeirão Pequeno da Laguna*. A cada linha captada com as pessoas que construíram a pequena região, o livro começava a ganhar forma. Depois, coube ao professor Laércio Vitorino de Jesus organizar tudo.

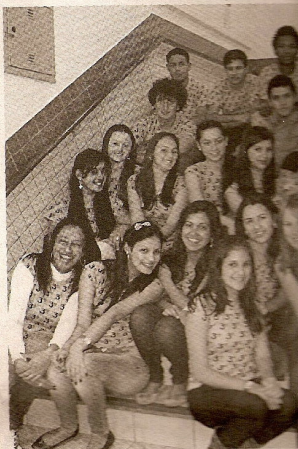
Agora, este trabalho será lançado, no sábado da próxima semana, às 15 horas, na escola. Um espetáculo diferente é

produzido para dar ainda mais ênfase. Apresentação de dança folclórica e um café especial, baseado na culinária típica açoriana, está programado.

A ideia do livro começou por meio de um projeto escolar. Foram anos de pesquisa e aventuras em campo. Apesar da evolução dos tempos, a obra mostra que o distrito ainda conserva crenças e hábitos seculares. Um exemplo são as lavadeiras que quaram a roupa na grama e fabricam o sabão a partir de gordura animal.

Por meio de fotografias, os alunos também conseguiram fazer com que o leitor visualize a vida simples: as mulheres tecem tarrafas, a farinha de mandioca moída e torrada no moinho e a cachaça feita nos alambiques, o fogão à lenha, as procissões religiosas, cantorias de reis e a brincadeira pagã do boi de mamão. Tudo escrito dentro de um contexto histórico orientado pelo professor.

■ **A leitura enobrece a alma!**



A Escola Santo Anjo da Guarda, no bairro Guarani, move este mês o terceiro Quiz Literário. O evento reúne diversas atividades afins como o livro específico. O evento é um grande exemplo de unir o aprendizado com o lazer e a cultura. Na próxima semana, a escola espera ansiosa pelo dia do quiz.

JORNAL A VERDADE – 29/07 a 04/08/2011

História de Laguna

Cultura açoriana valorizada



Uma parte do público reviveu o passado, outros lembraram dos avós, outros conheceram um pouco da cultura açoriana presente no interior do município. O Grupo de Cultura Casa da Dindinha, do Ribeirão Pequeno, apresentou ao público da primeira noite da Semana Cultural, as danças, cantigas, utensílios domésticos e rurais, brinquedos e religião dos descendentes de portugueses que chegaram em Laguna, a partir do século 16. O grupo é formado por jovens, crianças e adultos da comunidade numa forma lúdica ao som de cantigas da época.



No final da apresentação, a Casa da Dindinha mostrou a quadrilha da farinhada, onde ensinou ao público como se prepara o farinha de mandioca, tradição em Laguna. O público foi presenteado com amostras do típico produto do interior. Em

seguida, os convidados ouviram o quarteto Opus 4, com músicas clássicas, italianas, passando pela MPB e encerraram a apresentação com músicas de compositores lagunenses e a tradicional “Saudade de Laguna”, de Pedro Raymundo.

AS MARAVILHOSAS ADOLESCENTES DO RIBEIRÃO

As crianças que integram o Grupo de Cultura Casa da Dindinha, de Ribeirão Pequeno, presentes na reinauguração da Casa Pinto D'Ulysséa, não só voltaram a dar um show de danças como de muita beleza. Seleccionamos duas mas, todas as adolescentes são maravilhosamente lindas.



Duas integrantes do grupo, na terça-feira (30) no Largo da Carioca.